

Historia das Expedições  
Cientificas no Brasil

1171

C. DE MELLO-LEITÃO

# Historia das Expedições Cientificas no Brasil

★

1941

COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre

*A meus filhos:*

*Ce nom de Brésil rappelle tout ce que la nature a de plus beau et de plus fécond.*

QUOY & GAIMARD

*A quoi sert de vivre, vivons pour être utiles, dût-on mourir plus tôt; on mourra plus tranquille si l'on a fait un peu de bien.*

OLYMPE COUDREAU

*I can truly say, that I have never in my life relished a keener pleasure, than whilst gazing on some of these charming views.*

CHARLES DARWIN

## INDICE

Prefacio .....	7
----------------	---

### PARTE I — A TERRA

#### CAP.

I — O descobrimento e a exploração da costa	11
II — As fronteiras .....	55
III — Os rios — O planalto .....	111
IV — O solo e as suas riquezas .....	154

### PARTE II — A VIDA

V — Expedições botânicas .....	197
VI — Expedições zoologicas .....	250
VII — Expedições etnologicas .....	296
Indice onomastico .....	349

## PREFACIO

O ASSUNTO do presente livro foi um dos temas do Congresso de História do Brasil reunido no Rio de Janeiro em outubro de 1938, e do qual fui o relator. Apenas nessa tese, segundo os propósitos desse Congresso, o assunto devia ser tratado tão somente até 1900, deixando-se de lado todo o século XX. Tive, portanto, de completar o que aí escrevera, acrescentando o que se fez durante estes quarenta anos do século atual e juntei aos capítulos já escritos algumas notas elucidativas. O assunto é o mesmo e por isso me permito transcrever os dois últimos períodos da introdução da minha tese, períodos que justificam e explicam o plano seguido. Dizia eu então:

Limitei-me a estudar exclusivamente as expedições científicas, isto é, as que percorreram o Brasil com o mandato expresso de o reconhecer e estudar, deixando portanto, todas as achegas, por mais interessantes que sejam, trazidas pelos velhos cronistas (ou curiosos viajantes que hoje seriam classificados entre simples turistas), os roteiros de bandeirantes e sertanistas, as impressões dos visitantes que aqui vieram com outros propósitos. É preciso distinguir uma expedição científica, realizada com determinado fim e executada por um grupo, sob a orientação de um chefe e obedecendo a um plano de estudos, das viagens feitas por um só homem, mesmo cientista, com o simples fim de colheita de material ou pesquisas pessoais. Se tivéssemos que fazer o histórico de todos esses em-

precdimentos isolados, excederia o presente volume a medida do razoavel, sem grande vantagem nem para o leitor nem para o perfeito conhecimento do que se tem realizado.

Estudando as Expedições scientificas apresentavam-se tres critérios: apreciar cronologicamente as explorações feitas, desde o século XV até ao momento actual, critério certamente imperfeito, por não permitir uma visão de como se chegou ao conhecimento da nossa terra, perdendo-se as grandes linhas diretrizes no esmiuçar de datas; dividir as expedições pelas respectivas nacionalidades, considerando as que foram enviadas por nossas metrópoles — Portugal, Espanha, Batávia —, as organizadas pelo Governo Brasileiro e as que aqui vieram, mandadas por diversas nações ou instituições estrangeiras, com o fim de estudar a flora, a fauna, o selvícola, mas ainda aqui haveria o defeito não pequeno de repetições, espalhando-se o mesmo assunto, várias vezes tratado, pelos diversos capítulos. Preferi, por isso, considerar de preferencia os fins das expedições, estudando separadamente os descobrimentos, o estudo e fixação dos limites, o conhecimento da nossa geografia fisica, o estudo do sólo e das riquezas minerais, a classificação da nossa flora e da nossa fauna, as condições ecobióticas e sociais dos nossos incolas.

## PARTE I

---

# A TERRA

O DESCOBRIMENTO — A EXPLO-  
RAÇÃO DA COSTA — AS FRON-  
TEIRAS — OS RIOS — AS MONTA-  
NHAS E PLANALTO — AS RIQUE-  
ZAS MINERAIS.

## CAPITULO I

# O DESCOBRIMENTO E A EXPLORAÇÃO DA COSTA

**P**RÍNCIPE dêsse pequeno reino “onde a terra se acaba e o mar começa”, dêsse reino apertado entre a Castela hostil e o imenso mar oceano, criara-se D. HENRIQUE (1) na austera côrte portugûsa (2), entre os conselhos do santo Condestavel e a rijeza, a quasi insensibilidade de D. FILIPA DE LENCASTRO, sua mãe.

---

(1) Nasceu o Infante D. HENRIQUE, cognominado o SCIPIÃO portugûs, em 1394, quarto filho de D. JOÃO I e de D. FILIPA DE LENCASTRO. Dele, aos 24 anos, dá OLIVEIRA MARTINS o seguinte retrato: “Alto e corpulento, de largos e fortes membros, com a pele tostada pelos sóis e ventanias, os cabelos negros, espessos, rijos e empinados, um bigode farto, negro, também hirsuto, não era belo. Faltava-lhe na fisionomia o encanto da bondade. A dureza do seu olhar era antipática. A primeira vista o seu aspecto era temeroso e, arrebatado em sanha, o semblante tornava-se-lhe esquivo. Mas não era expansivamente colérico, não tinha acessos nem fúrias: era, pelo contrário, esquivo e reservado. Amodorrava, franzia a testa, empinava as sobranceiras e com a palavra mansa e o gesto comedido, mandava passear quem o desgostava: “Dou-vos a Deus, sejais de boa ventura!”

(2) Era a rainha severíssima no julgar dos costumes, talvez horrorizada pelo que no lar paterno presenciara. Não admitia nem requebros nem amôres. Os enlacs eram combinados, de forma que um dia um, outro dia outro, recebia a ordem terminante: “Manda-vos El-rei dizer que vos façais prestes para desposar de manhan”. — Quem? — “Não importa, lá o sabereis”. E assim se casou toda a côrte.

Mas lhe corria nas veias o sangue do MESTRE DE AVIZ, trazendo-lhe a mesma febre de aventuras, o desejo de heroísmos, o sonho de façanhas. E por isso, apesar das pazes de 1411, apesar das terras e maninhos por aproveitar, rompeu o povoado, fazendo-se trazer moradores estrangeiros, e parecia ter sempre consigo, colado às oíças, um búzio, cantando a canção longinqua do oceano cheio de mistérios.

De menino devera ter ouvido a lenda dos almogarrins (3), cuja memória ainda se conserva em uma das ruas de Lisboa, e as insídias do *mar tenebroso*, dessas ilhas as-

---

(3) Eis a lenda dos Al-mogarrins (que quer dizer aventureiros), segundo a tradução francêsa de DOZY e GOEZE, do livro de EDRISI:

“Reuniram-se oito primos irmãos, e depois de construída uma nau de carga, nela embarcaram água e víveres suficientes para uma travessia de alguns meses. Saíram a barra do Tejo ao primeiro sopro do vento leste. Depois de cerca de onze dias de viagem, chegaram a um mar cujas ondas espessas exalavam mau cheiro, ocultavam numerosos recifes e eram escassamente iluminadas. Temendo o naufrágio, mudaram a direção das velas, rumaram para o sul durante doze dias e chegaram a Gezirath-al-Genem ou ilha dos Carneiros, onde inúmeros rebanhos pastavam sem pastor. Aí desembarcando, encontraram cristalina fonte, à sombra de uma figueira selvagem. Apanharam e mataram alguns carneiros, mas a carne era tão amarga que ninguém a podia tragar. Guardando as peles, continuaram sua rota para o sul por mais doze dias, avistando afinal uma ilha que parecia habitada e cultivada. Aproximaram-se para ver como era, mas logo se viram cercados de barcos e, feitos prisioneiros, foram conduzidos a uma cidade situada à beira-mar. Aí foram levados para uma casa onde viram homens de elevada estatura e côr de cobre, que tinham pouco pêlo e os cabelos lisos, e mulheres de rara formosura. Durante tres dias aí ficaram e ao quarto viram aparecer um homem falando o árabe, que lhes perguntou quem eram, por que tinham vindo e donde vinham. Contaram-lhe toda a sua aventura, e o homem lhes deu boas esperanças, dizendo que era intérprete do rei. No dia imediato

sombrosas onde “os homens eram vermelhos, altos, de cabelos lisos e as mulheres maravilhosamente formosas”. Os Algarves d'além-mar ali estavam, quasi à mão, aticando os seus desejos de reconquista, e a costa que se estendia, ainda inexplorada, acendiam-lhe a cubiça de adolescente. Parece que foi ele quem insinuara a JOÃO AFONSO DE AZAMBUJA a ideia de Ceuta, como empreza digna em que se armasse cavaleiro com D. DUARTE e D. PEDRO.

Mostra-nos OLIVEIRA MARTINS a D. HENRIQUE “votando-se à castidade, por obediência aos planos que lhe

---

foram apresentados ao rei, que lhes repetiu as mesmas perguntas, a que responderam como na véspera, e que se tinham aventurado ao mar com o intuito de descobrirem o que nele haveria de singular e curioso e verificar quais os seus limites extremos. Quando o rei os ouviu falar assim, poz-se a rir e disse ao intérprete: “Explica a estes homens que meu pai, tendo ordenado a alguns dos seus escravos que reconhecessem este mar, eles o percorreram durante um mês, até que, sendo completa a escuridão, se viram forçados a desistir dessa empreza vã”. Ordenou mais o rei que o intérprete tranquilizasse os aventureiros sobre sua benevolência, para que os mesmos fizessem dele um bom conceito. Voltaram para a prisão e aí ficaram até à monção de oeste; vendaram-lhes então os olhos, meteram-nos numa barca que foi posta a navegar. “Corremos”, disseram eles, “por tres dias e tres noites, quando nos abandonaram, de mãos atadas nas costas, em uma praia. Aí ficamos até ao amanhecer, no mais lamentavel estado, graças aos laços que nos apertavam e muito nos incomodavam. Tendo, afinal, ouvido vozes humanas, puzemo-nos a gritar. Então alguns habitantes da região acorreram e, encontrando-nos em tão miseravel situação, nos desamarraram e fizeram várias perguntas a que respondemos, contando as nossas desgraças. Eram bérberes. Um deles nos disse: “Sabem qual a distância que os separa de sua pátria?” E diante da nossa negatíva, acrescentou: “Entre o ponto em que se acham e a sua terra há dois mezes de caminho”. O chefe dos aventureiros disse então: “*Va asafi* (ai de nós); eis porque ainda hoje esse logar se chama Asafi, que é o porto extremo do ocidente”.

enchiam o cérebro, sonhando cavalarias magníficas e empresas estupendas, de um gênero inteiramente novo, com a secura, com a dureza, com a deshumanidade que as ideias fixas impõem”.

Teria sido nesse sábado, 26 de julho de 1415, ao ver a esquadra mesurar as velas em frente ao Promontório Sacro, que nascera na alma do Infante o desejo de aí estabelecer o seu ninho de ave marinha? o poiso de onde partisse a sua gente no glorioso sacrifício dessa missão de descobrir o mundo?

Talvez fosse. Como talvez fosse a vista do mapa improvisado do prior do Hospital (4), que lhe mostrasse as vantagens da cartografia.

O certo é que de volta da segunda viagem a Ceuta, em 1418, contando apenas 24 anos, começa a realizar o seu plano, cujos “grandes trabalhos quebrantavam as altezas dos montes”.

---

(4) Voltando o Prior do Hospital da sua viagem à Sicília, durante a qual duas vezes parara em Ceuta, pediu ao rei, para dizer do que vira, que lhe dessem duas cargas de areia, um novelo de fitas, meio alqueire de favas e uma escudela. E, fechando-se num quarto, lá dentro esteve um certo tempo maquinando. Conta Oliveira Martins:

“O rei, os infantes, numa curiosidade benévola esperavam. Por fim, tornou o prior a chama-los. Entraram todos, e dobrados em volta examinavam, num primeiro silêncio de espanto, o mapa em relevo que o prior fizera no chão com areia. Era o estreito de Gibraltar: a baía de Algezira de um lado e a serra Ximêira, e em frente o promontório de Ceuta, coroado ao fundo pelas eminências do monte Musa e da Almina, para onde em tempo os árabes tinham querido transportar a cidade. Um breve istmo separava-a da costa. Por aqui estendia-se a casaria indicada por favas, e em volta por além, desenrolava-se com uma fita o traçado dos muros. O infante D. HENRIQUE, de braços cruzados sobre o peito, e com a mão segurando a barba, observava a lição de cartografia em relevo”.

“A casa do Infante”, escreve OLIVEIRA MARTINS, “patente a quantos havia bons e valiosos no reino, era, porém, sobretudo o asilo dos estrangeiros que cooperavam com ele na sua empresa absorvente. Dava-lhes mais acolhimento ainda do que aos nacionais; chamava-os, premiava-os, para que viessem iniciar-nos em todos os seus segredos, e armar-nos com todos os recursos necessários à missão que via desenhar-se no mapa inenso do mar desenrolado diante de Portugal”.

Conta AZURARA que um dia, levantando-se da cama num ímpeto de decisão terminante, mandou armar as barcas e aos escudeiros que partissem para o sul: queria saber que terras se escondiam, encobertas nesse manto azul de ondas.

Acossada pelas tempestades, arrostada pelas correntes marinhas, vai dar a fragil nau a Porto Santo. A descoberta dessas ilhas a oeste vinham dar realidade à lenda do xerife EDRISI. Coincidia com a volta de Porto Santo a chegada de JOÃO GONÇALVES ZARCO, com a historia de ROBERTO MACIIN, perdido na praia de uma ilha encoberta. 1420! Nova joia é arrancada ao mistério das ondas: de Porto Santo, ao observarem o horizonte para o sul, apparecia um nevoeiro constante a assinalar a existência da terra: — era a Madeira.

E ali, daquelle promontório onde estava como embarcado, quasi via o Infante as praças de Marrocos, o seu império, e para o sul ir descendo, ao longo do mar a costa, sua esperança, e a oeste, entre brumas, alteando-se das ondas como sereias, as novas ilhas — a sua tentação.

Foi depois da descoberta da Madeira, que D. HENRIQUE se instalou naquelle ponto “*onde combatem ambollos mares, scilicet, o grande mar Occano com o mar Mediterraneo*”. Na enseada fundeavam as caravelas, “os melhores navios de vela que andavam sobre o mar”; na praia ar-

rumavam-se os armamentos e equipações da tercena; na península estava a escola náutica e cartográfica, com o maiorquino mestre JAIME e o pintor cartógrafo mestre PEDRO.

“E assim como os seus mareantes iam marcando a passagem ao longo da costa africana, levantando cruces de madeira, sinais simbólicos de suzerania, assim no seu espírito insaciavel cada passo andado ficava impresso como um vaticínio. De 1434, com GIL EANNES a 1455, com CADAMOSTO, descem-se quatorze graus na costa africana. Pelas bandas de oeste apenas GONÇALO VELHO desencanta os Açores em 1435-1436.

Ao cerrar os olhos, aos 66 anos de idade, na atalaia do seu querido Portugal, deixava o Infante pesado e glorioso legado: o da expansão marítima e dos novos descobrimentos. Quasi trinta anos se passam até que recommencem as caravelas a desvendar os segredos do oceano. Teriam sido, porém, todos esses lustros de abstenção e de silêncio, de desprezo pelo impulso magnífico do Infante? Seriam, como quer OLIVEIRA MARTINS, um parêntese na história portugêsa, parêntese violentamente cerrado com a ascensão de D. JOÃO II ao trono, vingando com o cutelo e o punhal a memória do avô, esmagando as resistências anárquicas da nobrêsa?

Nada parece menos certo.

A paz entre Castela e Portugal era instavel, escondendo insídias e traições. A descoberta das Canárias, tão cubiçadas pelo Infante D. HENRIQUE, as emprêsas dos dois povos rivais da Península ameaçavam a cada momento romper esse equilíbrio e, por isso, sem a guerra aberta e leal dos campos de batalha, procurava cada qual assenhorear-se do melhor quinhão.

Na Lisboa cosmopolita do crepúsculo da Idade Média cartógrafos e náuticos, vindos de Biscaia, de Cádiz, de

Veneza, aí se deixavam ficar, mesmo depois da morte do seu real Mecenas, fosse à míngua de melhor acolhida nos outros reinos, fosse atraídos pela sedução do Oceano misterioso. Caída em declínio a Vila do Infante, abandonada essa tercena em que D. HENRIQUE puzera as melhores esperanças, pululavam nas ruelas denegridas e tumultuosas da Mouraria e da Alfama os astrônomos e matemáticos, os mestres de astrolábio e do quadrante, aí refugiados entre a gente do seu credo, olhados ainda com benevolência pelos cristãos.

Os cosmógrafos portuguezes eram os mais famosos do século XV e é um deles, o FERNÃO RORIZ, a quem se dirige TOSCANELLI, propondo a rota das Índias pelo ocidente, em carta tão discutida e contestada (5).

Certo, por mais de uma vez, nautas destemidos se teriam aventurado além dos Açores, em busca dessas terras estranhas e misteriosas do ocidente. Simples façanhas de mercadores e aventureiros? Missões enviadas em sigilo até que se pudesse pedir o reconhecimento da posse, apoiada na bula de 1456? desejo de verificar até que ponto

---

(5) A carta de TOSCANELLI foi considerada por muitos apócrifa, uma simples invenção de COLOMBO. Mas, como diz MALHEIROS DIAS, "a coincidência da data de 1474, na carta de TOSCANELLI, com a nomeação do príncipe para o cargo em que se estreava, num auspicioso tirocínio, o maior gênio político da realeza, abre diante do historiador as mais vastas perspectivas e permite a suposição de que um eclesiástico escreveu a TOSCANELLI, solicitando em nome do rei, o parecer do sábio sobre o ináximo problema com que se defrontava o programa dos descobrimentos marítimos". Esse FERNÃO MARTINS a que se refere COLOMBO é identificado por VARNHAGEN com ESTEVÃO MARTINS, achando mais acertadamente MALHEIROS DIAS que se tratasse de FERNÃO RORIZ, cônego da Sé, de Lisboa, que assina com TOSCANELLI o testamento do cardeal de CUSA, falecido a 6 de agosto de 1464.

eram reais a narração e o mapa-mundi de MARCO POLO? (6).

E o Príncipe Perfeito, desprezando embora os conselhos do sábio Florentino ao cônego da sua sé de Lisbôa, não deixaria de atender, intrigado e curioso, para esses mapas nos quais a *Antilia* e a *ínsula de Brasil*, de contornos e localização pouco precisos, apareciam desafiando a curiosidade e a cubiça. Comparando talvez a coincidência dessa ilha incôgnita, tal como aparece nas iluminuras toscas do mapa de ANDREA BIANCO (1448), com a terra marcada no que fora desenhado por PERO VAZ BISAGUDO, tão ciosamente escondido a profanas vistas, é quasi certo que lhe viesse a convicção dessas plagas ocidentais (ilhas ou mesmo terra-firme) "mui proveitosas e mais ricas que todas as outras". (7).

---

(6) Na Bula de 13 de março de 1456 CALIXTO III renova as concessões feitas ao rei de Portugal por NICOLAU V e acrescenta a jurisdição da Ordem de Cristo "*dominum et potestas in spiritualibus dunt axat in insulis, villis, portubus, terris et locis a capitibus de Boador et de Nam usque per totam Guincam, et ultra meridionalem plagam usque ad Indos acquisitis et acquirendis...*"

De acordo com a narração de MARCO POLO e com o mapa-mundi que a acompanhava, presentes da Senhoria de Veneza ao Infante D. Pedro, a costa oriental da Ásia deveria prolongar-se até onde se encontra hoje a Califórnia, a ilha de Cipango ficando na longitude do México.

(7) O mapa-mundo de BECARIO (1435) assinala a Antilia e outras ilhas a oeste dos Açores, com a inscrição *Insulae de novo repertae*. O primeiro mapa de ANDREA BIANCO, do ano seguinte, reproduz a Antilia e indica o mar dos sargaços, e o segundo, do mesmo autôr, feito em 1448, regista, a sudoeste das ilhas de Cabo Verde (só descobertas em 1456), em frente da costa africana, de uma ilha que ocupa (simples coincidência?), a latitude e, aproximadamente a longitude da terra descoberta por CABRAL meio século mais tarde. Do outro mapa, em que figuraria o Brasil em sua justa longitude, só se tem conhecimento pela carta

Tal convicção, quiçá fortalecida pelo relato de algum piloto da sua confiança, transparecia nas instruções dadas aos embaixadores portuguezes na pendência originada das búlas de 3 e 4 de maio de 1493, pendência só terminada um ano mais tarde, com o Tratado de Tordesillas (8).

---

do Bacharel mestre JOÃO: “*Quanto Señor al sytyo desta terra, mande vosa alteza traer un mapamundi que tiene pero vaaz bisagudo e por ay podira ver vosa alteza el sytyo desta terra, em pero aquel mapamundi non certifica esta terra ser habytada, o no: es mapamundi antiguo e ally fallara vosa alteza escrita tan byen la mina*”.

(8) As Bulas de ALEXANDRE VI (papa espanhol) profundamente prejudicavam a Portugal. “Com a tenacidade característica dos principes da *Inclita Geração*”, escreve MACEIO SOARES em seu esplêndido livro *Fronteiras do Brasil no Regime Colonial*, “D. JOÃO II entendeu mandar nova Embaixada aos reis de Espanha. Escolheu desta vez RUI DE SOUSA, senhor de Sagres, seu filho JOSÉ DE SOUSA, almotacér-mór e o licenciado AIRES DE ALMADA, todos do conselho real. Os Reis Católicos aceitaram o alvitre da tentativa diplomática para dirimir o dissidio, e mandaram que se encontrassem em *Tordesillas* com os Embaixadores de Portugal, os seus representantes D. ENRIQUE ENRIQUEZ, mordomo-mór, e o Dr. RODRIGO MALDONADO, todos do seu conselho. *Despues de averlo mucho platicado y oydo a cosmógrafos diferentes que intervenieron en aquella junta*, chegaram a um acordo os representantes de Espanha e Portugal, e foi negociado o Tratado de Tordesillas. Este Tratado que se rotulou *Capitulación del mar Oceano*, foi assinado em 7 de junho de 1494, e ratificado em Setubal, aos 5 de Setembro de 1494. Pelo Tratado de Tordesillas o mundo foi dividido em hemisférios, por um meridiano distante 370 léguas das ilhas de Cabo Verde, deixando à Espanha tudo o que ficasse ao Ocidente e a Portugal o que se contivesse no Oriente. Por solicitação del-Rei D. MANUEL de Portugal, o Papa JULIO II, pela Bula *Ea quoe*, de 24 de Janeiro de 1506, ordenou ao arcebispo de Braga e ao Bispo de Vizeu que examinassem o que existia em relação à concórdia feita entre D. JOÃO II de Portugal e D. FERNANDO de Castela e Leão, para a repartição dos descobrimentos, e que sendo a concórdia como o que el-rei D. MANUEL representara, a confirmem e a aproveem para seu maior vigor”.

Preparava-se D. JOÃO II a tornar publico, depois dessa sua grande vitória diplomática, o que então conservara oculto e mandaria assinalar com os mesmos marcos de pedra essas terras austrais dentro das 370 milhas do tratado firmado em Arévalo? teria ele conhecimento desses lhos aí instalados desde 1491? (9).

Sua morte prematura (outubro de 1495) e a política de mistério, aplicada sistematicamente pela Coroa portugêsa à exploração das terras ocidentais deixam sem resposta esta série de perguntas.

Em 1495, por um conjunto quasi incrível de acasos e coincidências, sobe ao trono D. MANOEL, de natural fraco, caprichoso e desmedida vaidade. No tumulto dos projetos que se sucedem e desfazem na sua mente, nessa séde de domínio que o empolga até ao desvario, mais lhe sorri a conquista da Índia, com as suas fabulosas riquezas, e o encontro da terra do PRESTE JOÃO, que a poste dessa afastada terra ocidental "da qual não há certeza mas suspeita".

Mas nessa entrevista, de uma solenidade macabra, com o cadaver do seu antecessor, diz JAIME CORTEZÃO, "revendo a imagem torva na grandeza de outrora, calava-se o resentimento acerbo, de novo acobardado; aquela trágica presença por certo o excitou por longo tempo e lhe acendeu um desejo imenso de exceder-se (10).

(9) Segundo curioso e interessantíssimo documento publicado por JORDÃO FREITAS in *Lusitania*, pp. 315-327.

(10) Eis como refere GARCIA DE REZENDE a macabra visita: "E como assi foi posto, se sahiu El Rey con todos los senhores e Prelados e se recolheo; e tanto que foy noite já depois da cea deu El Rey boas noites e foyse com alguns ao mosteiro, e meteo-se dentro da capella, onde o santo Rey jazia e com o Provincial e outro Frade mandou abrir o taude, em que o corpo estava, e vio que tinha muito pó de cal, e mandou aos Frades que com canudos de cana lha assoprassem, e êle mesmo lha alimpava e beijou-lhe

Não era decorrido ainda um ano da partida de VASCO DA GAMA e já ordena a DUARTE PACHECO que vá a descobrir aquelas terras de sudoeste, das quais já teria conhecimento, pois era um dos capitães da confiança de D. JOÃO II, e na qualidade de *continuo* da sua casa assinara como testemunha o Tratado de Tordesilhas (11).

Dessa missão dá ele notícia no capítulo segundo do *Esmeraldo*: “E além do que dito é, a experiência, que é madre das cousas, nos desengana e de toda a dúvida nos tira; e portanto, bem-aventurado Principe, temos sabido e visto — como no terceiro ano do vosso reinado do ano de

---

as mãos e os pés muitas vezes, e achou o santo corpo inteiro com cabelos e barba... e depois que o esteve olhando, sempre com o barrete na mão, o mandou embrulhar em olanda muy fina”.

(11) DUARTE PACHECO era descendente de DIOGO LOPES PACHECO, um dos matadores de D. INÊS DE CASTRO, e que, foragido em Espanha, voltou a Portugal a servir na batalha de Aljubarrota, com seu filho JOÃO FERNANDES PACHECO, mais tarde alcaide-mór de Santarém. Já o seu avô, GONÇALO PACHECO, iôra criado do Infante e JOÃO PACHECO, seu pai, morreu no desastre de Tanager. Nasceu DUARTE PACHECO em meados do século XV, tendo sido um dos capitães da confiança de D. JOÃO II, que o mandou descobrir “muitos lugares e rios da costa da Guiné”. Acompanhou, ou antes guiou CABRAL no descobrimento do Brasil. Em 1503 voltou para a Índia onde, como capitão-mór, sustentou no rio Cochim duros combates em que foi sempre vencedor. Concedeu-lhe o rei de Cochim o braço d’armas onde se vêem os oito castelos que desbaratou, as sete bandeiras que tomou ao rei de Calicut e as cinco corôas dos cinco reis que venceu. Em 1511 o mandou D. MANUEL em socorro de Tanager, sendo nomeado mais tarde (1519) capitão-governador de S. Jorge da Mina, cargo do qual, dando ouvidos à inveja e à felônia, o despojou D. JOÃO III em 1522, a ele se referindo CAMÕES quando diz que viu

“Morrer nos hospitais, em pobres leitos  
Os que ao rei e à lei servem de muro!  
Isto fazem os reis cuja vontade  
Manda mais que a justiça e que a verdade”.

Nosso Senhor de mil quatrocentos e noventa e oito, donde nos Vossa Alteza mandou descobrir a parte ocidental, passando além a grandeza do mar Oceano, onde é achada a navegada uma tam grande terra firme, com muitas e grandes ilhas adjacentes a ela” .

Foi, portanto, essa viagem de DUARTE PACHECO a primeira expedição científica ao Brasil. Se dela nos ficou apenas esta sumária menção, que vimos de transcrever, dela resultou, sem dúvida, o descobrimento oficial, pelo apresto da grande expedição de CABRAL, preparada com o fim declarado de ir à Índia, mas trazendo, sem função determinada na esquadra (por ter na mesma a precípua missão de guiar as naus no roteiro só dele conhecido) a DUARTE PACHECO.

Apesar dos laços de íntimo parentesco, teria motivos D. MANUEL para não confiar muito nos reis de Castela ou talvez não desejasse que o tratado de Tordesilhas, ainda tão recente, parecesse uma deslealdade da coroa de Portugal.

Havia já DUARTE PACHECO percorrido grande trecho do litoral brasileiro, pois doutra maneira não se explica a carta de DOMENEGO PISANI, datada desse mesmo ano de 1500, falando numa terra firme, cuja costa “percorreram por mais de duas mil milhas sem achar-lhe um fim” quando os tres outros documentos que se referem à chegada de CABRAL apenas aludem a pouco mais de cem.

A viagem de PEDRO ALVARES CABRAL, que nos fez oficialmente conhecidos na Europa, deve ser considerada como a segunda expedição científica ao nosso país, despresados os supostos descobrimentos dos hipotéticos precursôres. E mesmo que fosse real a visita de nossas costas, antes de abril de 1500, por ALONSO DE OJEDA e VICENTEZ YAÑEZ PINZON, por DIEGO DE LEPE e ALONSO VELLEZ DE MENDOZA, não poderíamos dar a semelhantes

aventuras o cunho de expedições científicas por isso que, de todas elas, nada nos ficou senão umas vagas conjeturas, fábulas ou suposições, sem qualquer contribuição ao conhecimento da geografia ou da natureza do Brasil (12).

---

(12) Na *História da Colonização Portuguesa do Brasil* escreve DUARTE LEITE exaustiva monografia sobre *os falsos precursores de CABRAL*. Demonstra ele que ALONSO DE HOJEDA quando muito chegou até ao Maroni, vindo de Pária, descobrindo a *Aldea Vencida, Puerto Frechado*, ilha dos Gigantes (Curaçao), golfo de Venecia (Venezuela) ou Maracaibo e a pequena península de Cuquibacoa (Guaira). Guiando-se exclusivamente pela tramontana no cálculo das latitudes podiam os pilotos imaginar erradamente que estavam aquém ou além da equinocial, e é possível que VESPUCCI partilhasse de semelhante ilusão. Ele, que erra 3 ou 4 graus na determinação da latitude, com a Polar à vista, bem pode ter errado mais de cinco onde a estrela lhe faltava, com a agravante de operar a bordo. O exame do planisfério de JUAN DE LA COSA demonstrou que ALONSO DE HOJEDA não ultrapassou o Orenoco e que os seus rios de la Pasió, del Obispo e de la Holganza são tres braços do delta deste rio.

À viagem de PINZON se referem as capitulações de 5 de setembro de 1501, nas quais os reis de Castela o nomeiam capitão e governador “*de las dichas tierras de suso nombradas desde la dicha punta de Santa Maria de la Consolación siguiendo la costa hasta el dicho rio que vos posiste nombre Santa Maria de la mar dulce con las islas que estan a la boca del dicho rio que se nombra Marinalubare*”.

Saiu PINZON de Palos a 18 de novembro de 1499, na intenção de visitar novos países. Foi às ilhas Canarias e depois às de Cabo Verde, donde a 13 de janeiro se fez vela pelo sudoeste, navegando por este rumo 300 léguas. Conta que perdeu a tramontana e foi assaltado por temporais, chuva e vento, navegando mais de 240 léguas no mesmo rumo, avistando terra a 26 de janeiro, a esse cabo de Santa Maria de la Consolación que nas *probanzas* (1513) diz ser “*en la parte de Portugal e agora se llama cabo Sant Agustin*” e que DUARTE LEITE, depois de larga argumentação, conclue ser “*um dos muitos cabos existentes entre o Amazonas e o Orinoco*”, presumindo que seja o de Orange. Quanto ao rio Santa Maria de la Mar Dulce, que PINZON em 1501 diz entrar pelo mar 15 léguas, e em 1513 já eleva esse

Na Lisboa desse crepúsculo do século XV a ventura da gloriosa expedição de VASCO DA GAMA, que vinha de terminar com proveito sua segunda viagem, confirmando a segurança do anterior roteiro (13), punha uma exultante febre de construção naval (14) e o Tejo golfa armada sobre armada. No domingo, 8 de março de 1500 dirigiu-se D. MANUEL com toda a sua côrte ao Restelo para, com

---

número a quarenta, é identificado pelo mesmo autor como sendo o Orinoco.

A descoberta do Amazonas cabe a DIOGO DE LEPE na sua viagem de 1501 ou 1502.

(13) A oito de julho de 1497 tornava VASCO DA GAMA à Índia com quatro naus, ele na *S. Gabriel* e as outras tres comandadas por seu irmão PAULO DA GAMA, NICOLAU COELHO e GONÇALO NUNES (este na nau de mantimentos). NICOLAU COELHO chegou de volta a Lisboa a 10 de julho de 1499 e VASCO DA GAMA a 20 de Agosto do mesmo ano.

(14) Da Lisboa de 1500 dá-nos JAIME CORTESÃO esta magnífica agua-forte: "Era a Lisboa ardente e sequiosa, de escassos chafarizes, à beira dos quais o povo e os escravos brigavam pela vez; dos açacais com seu asno e os quatro cântaros engradados, apregoando a água pelas calçadas ingremes; e das mocinhas negras, quasi nuas, que a transportavam e serviam com as aïrosas quartas. Era a Lisboa honrada e mesteirosa dos mesteres esquecidos, — atafoneiros, regatões, gibeteiros, esparaveleiros, e desses escrivães do Pelourinho Velho que, abancados às mesas, redigiam ao sabor dos freguezes, cartas de amor, requerimentos, versos, discursos, epitáfios, *coisa que en parte alguma da Europa eu vi jamais*" —, diria o viajado DAMIÃO DE GOIS. Era a Lisboa polícroma dos faustosos mercadores de toda a Europa, entre os quais predominavam os elegantes florentinos, reluzente das armas cavaleiras e negrejante dos hábitos monásticos; e ainda a Lisboa dos moiros — alvaneis, azulejadores e ceramistas, que nas tardes de festa bailava e ondulava aljubas alvas, ao som de alaúdes e pandeiros. O marítimo burgo falazava desvairadas linguas. A veniaga cosmopolita disputava os produtos dos descobrimentos, dentre os quais àquella época avultavam o oiro da Mina e o açúcar da Ilha. Mas Lisboa via-se e revia-se mais na Ribeira das Naus, nas Taracenas, Almazém da Mina, nos espalmadoiros

as gentes de mar e de armas, ouvirem missa na ermida de Nossa Senhora de Belém. Celebra a missa pontifical o bispo de Ceuta, D. DIOGO ORTIZ, matemático e cosmógrafo, ao par dos altos segredos de D. JOÃO II. No dia seguinte a arrogante frota de treze naus, navios e caravelas, a terceira que partia em demanda da Índia, ia engolfar-se no Atlântico.

“Portugal”, escreve LOPES DE MENDONÇA, “nesta expedição que ia firmar no Oriente o prestígio do seu nome, renunciava aos seus antigos, modestos e eficazes instrumentos de exploração geográfica — barchas, bari-neis, fustas, caravelas — e entrava resolutamente na senda, mais estreitamente ambiciosa, e não menos arriscada, de grande potência comercial e marítima”.

É sob os mais felizes augúrios, com vento de feição, parecendo ecoar ainda a reboada de tambores e atabaques, o clangor das trombetas, a música estrídula das flautas e charamelas, que haviam transformado o dia anterior em festiva verbena, que brancas aves desafiando as tormentas, se fazem ao largo as gloriosas naus.

Contavam-se entre os capitães os nomes mais ilustres e da mais alta linhagem, a começar pelo almirante, senhor

---

e estaleiros: aí, sim, mais que em alhures inconfundível, era a glória dos seus e pasmo dos alheios. Por todo o longo, desde as portas do Mar até a Cataquefaras e a Santos se construíam navios novos ou varavam os velhos, para compor as obras vivas, limpar os limos ou queimar o gusano. Ali verieis as carcassas das naus contra os esteios arrumados, e ora apenas erguendo o encavernado, ora ajustando as trilhas e costados, logo alevantando os arvoredos, ou retonando e estremecendo com as derradeiras marteladas desde o cadaste ou a duneta airosa até ao beque recurvado. Pela Ribeira em fóra, à luz do sol, os remolares afusavam e tendiam os remos, os petintais carpintejavam os navios, os bragueiros entreteciam redes e calafates, tanoeiros, artilhadores, cordoeiros de calibre, oficiais de cartas, mestres, pilotos e grumetes, todos borborinhavam, afanosos, com as fainas do mar”.

de Belmonte, alcaide-mór de Azurara, cuja nobreza vinha de origens tão remotas como as da própria monarquia (15). SANCHE DE TOVAR, o imediato de CABRAL, pertencia a velha e sadia estirpe castelhana. Era SIMÃO DE MIRANDA descendente de AFONSO PIRES DA CHARNECA, irmão de armas do santo Condestavel e SIMÃO DE PINA neto de VASCO ANES DE PINA, alcaide do Castelo de Vide. Os avoengos de AIRES DE GOMES DA SILVA surgem, desde os primeiros tempos da monarquia, cumulando altos cargos e assinalados feitos. NICOLAU COELHO era dessa geração illustre dos COELHOS, de quem cantava JOÃO ROIZ DE SÁ, que

“o coração lhes tirarem  
não lhes tira o coração”.

De menos nobre estirpe mas nem por isso menos famosos como peritos navegantes e leais servidores da monarquia, estão BARTOLOMEU DIAS e seu irmão DIOGO, VASCO DE ATAIDE, NUNO LEITÃO DA CUNHA, GASPAR DE LEMOS e LUIS PIRES (16).

---

(15) JOÃO ROIZ DE SÁ canta nestas trovas o escudo de CABRAL:

“De púrpura celestial,  
sobre prata mui luzente,  
a geração mui valente  
que delas se diz Cabral  
traz sem outro diferente.  
E para que estas aponte  
escrito trazem na fronte  
seu esforço e lealdade  
naquela gran liberdade  
do Castelo de Belmonte”.

(16) Perderam-se com tormenta, da esquadra de CABRAL, as naus de que eram comandantes AIRES GOMES DA SILVA, VASCO DE ATAIDE, BARTOLOMEU DIAS e SIMÃO DE PINA. Tratando dos sucessos desta armada escreve SIMÃO FERREIRA PAIS: “O temporal com que as quatro naus acima perderam lhes deu na tra-

Como feitor geral da armada vinha AIRES CORREIA, da illustre vergôntea dos CORREIAS, ordenando expressamente D. MANUEL que CABRAL, em todas as coisas não apontadas em seu regimento tomasse sempre “em tudo conselho dos capitães e do feitor”.

Sem função expressa na armada, numa obscuridade tal, que a carta de CAMINHA nem sequer (ou antes, muito de caso pensado) a ele se refere, viajava DUARTE PACHECO. E devemos considerar esse silêncio como intencional, porque o escrivão da feitoria de Calecut devia estar ao par dos intuitos não declarados da expedição, tanto que não transparece na célebre missiva o menor espanto pelo insólito roteiro. É que tal rumo seria determinado pelo futuro autor do *Esmeraldo*, de acordo com o almirante que, em tal conjuntura, não tomara conselho dos capitães e do feitor. O outro escrivão da feitoria era GONÇALO GIL BARBOSA. Ele e o bacharel mestre JOÃO serviriam como cosmógrafos e matemáticos, o que nos mostra a sem razão da censura de VESPUCIO (17).

Acompanhavam aos capitães, como diretores espirituais da equipagem e missionários para os infiéis, FREI

---

vessia do Brasil para o Cabo de Boa Esperança, com o qual a nau de SIMÃO MIRANDA deu pela de PEDRO ALVARES CABRAL e milagrosamente se salvou; com o mesmo temporal esgarrou PERO DIAS e foi ter a Magadaxo, junto do cabo de Guardafui, e na tornada encontrou com PEDRO ALVARES no Cabo Verde. LUIS PIRES arribou a Portugal. SANCIO DE TOAR, já tornado para Portugal, se perdeu com vento rijo travessão em um baixo perto de Melinde, e depois de toda a gente salva, puzeram fogo à nau. GASPAR DE LEMOS tornou de Santa Cruz, terra do Brasil, para este Reino com novas do descobrimento dela — diz Brasil. PEDRO DE ATAIDE arribou a Lisboa ao outro dia depois de partido”.

(17) VESPUCCI, encontrando-se com a frota de CABRAL já de regresso, escreve em uma de suas famosas cartas, nas quais tanto se vangloria: “.....perché non fu in essa frotta cosmógrafo né matematico nessuno, che fu grande errore”.

HENRIQUE DE COIMBRA e sete frades franciscanos além de oito clérigos para as capelanias do Oriente.

Da travessia nenhuma narração existe mais minuciosa que a celebrada carta de PERO VAZ CAMINHA, primeiro marco da nossa história, documento princeps das expedições científicas ao Brasil, primeira página da nossa etnografia, embora não assinasse essas linhas preciosas nenhum matemático ou cosmógrafo, naturalista ou etnógrafo.

Embora tantas vezes publicada e comentada, desde a transcrição pudicamente truncada de AIRES DO CASAL até o comentário erudito de CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS, não é sem interesse que para aqui se passem os seus principais períodos, segundo a versão de tão abalisada filóloga.

Começa o escrivão excusando-se por não dar conta “da marinhagem e das singraduras do caminho”. E continua:

“A partida de Belém foi — como Vossa Alteza sabe — segunda feira 9 de março. E sábado, 14 do dito mês, entre as 8 e 9 horas nos achámos entre as Canárias, mais perto da grande Canária. E ali andámos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de tres a quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às 10 horas mais ou menos, houvesmos vista das ilhas de Cabo Verde, a saber da ilha de São Nicolau, segundo o dito PERO ESCOBAR, piloto. Na noite seguinte à segunda-feira, quando amanheceu, se perdeu da frota VASCO DE ATAIDE com sua nau, sem haver vento forte ou contrário para isso poder ser! (18) Fez

---

(18) Lê-se em geral que a nau desgarrada na altura de Cabo Verde voltou a Lisboa e vimos mesmo que no livro *As famosas Armadas Portuguezas* se dá VASCO DE ATAIDE como arribado a Lisboa no dia seguinte da sua partida. Mas até 28 de agosto de 1501, quando D. MANUEL escrevia aos reis de Castela, ainda ela não regressára, dando-a o soberano por perdida. Na

o Capitão suas diligências para o achar em umas e outras partes. Mas... não apareceu mais!

“E assim seguimos nosso caminho por esse mar de longo, (19) até que terça-feira das oitavas da Páscoa, que foram 21 dias de abril, topámos alguns sinais de terra, estando distante da dita ilha — segundo os pilotos diziam, obra de 660 ou 670 léguas — os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho e assim mesmo outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topámos aves a que chamam furabuchos (20).

carta de 26 de junho de 1501, enviada de Lisboa a DOMENEGO PISANI escreve LA FAITADA: “.....a l'andata, de qui lontano 80 lige, una de queste nave del rese perdete, che de lei non s'è saputo mai novela...”

(19) No *Fabordão* explica JOÃO RIBEIRO: “Para os antigos e ainda até aos alvares da idade moderna, o rumo leste-oeste era considerado de *longo*, porque até então as maiores distancias extremas eram do oriente ao ocidente ou vice-versa, atenta a configuração do mundo antigo que era apenas uma zona do planeta alongada, pois, naquele sentido”. E adiante: “CABRAL abandonou o sul por oeste, no mesmo momento de navegação em que VASCO DA GAMA, pouco antes, abandonara o rumo do sul pelo de leste, demandando a terra africana até a angra de Santa Helena. Antes desse desvio ambos, um com a certeza, outro com a fantasia, demandavam a terra firme.

(20) Procurando identificar as ervas (algas) e as aves referidas na carta de CAMINHA, há em LOPES DE MENDONÇA o grave senão de as querer identificar com os naturalistas portugueses, julgando-as as mesmas das costas da Europa. Nada menos exato. Se os rudes mareantes do século XV podiam dar como suas conhecidas algas e aves de aspecto mui parecido com as do seu país, tal não se permite a um anotador do século XX. Tanto quanto é possível ajuizar da simples referência de nomes vulgares, que não raro se aplicam a muitas especies, parece-me que as plantas e aves referidas devem ser:

Botelha — *Sargassum bacciferum*, com os seus conceptáculos apresentando a fórma de pequenas botijas;

“Neste mesmo dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, mui alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chan, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o Capitão pôs o nome *O Monte Pascoal*, e á terra *A Terra de Vera-Cruz!*

“Mandou lançar o prumo. Acharam a 25 braças. E ao sol-posto, umas seis léguas de terra, surgimos âncoras, em 19 braças — ancoragem limpa. Ali jouvemos toda aquela noite. É quinta-feira, pela manhã, fizemos vela e seguimos em direitura à terra, indo os navios pequenos adiante — por 17, 16, 15, 14, 12, nove braças — até meia legua de terra, onde todos lançámos âncoras, em frente da boca de um rio. E chegaríamos a esta ancoragem às dez horas, pouco mais ou menos.

“E dali avistámos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos, que chegaram primeiro.

“Então lançámos fora os botes e esquifes. E logo vieram todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mór. E ali falaram. E o capitão mandou em terra a NICOLAU COELHO para ver aquele rio (21). É tanto que

---

Rabo-de-gato — provavelmente uma ou mais das setenta ou oitenta espécies de *Caulerpa*, tão comuns nos mares tropicais;

Furabucho — este nome vulgar é identificado por OLIVERIO PINTO como correspondendo às aves do género *Pterodroma*. É, porém, mais provavel que nas proximidades de Porto Seguro tenham visto os marinheiros de CABRAL uma outra procelária, a *Pachyptila forsteri keyteli* ou mesmo a nossa comuníssima gaivota (*Larus cirrocephalus cirrocephalus*) nunca esse pássaro (?) da fantasia de LOPES DE MENDONÇA, “de plumagem negra no dorso, colo pardacento, cabeça mosqueada de branco”.

(21) Muito se discutiu sobre o segundo ancoradouro das naus, do dia 23 de abril, sobretudo sobre o rio de que fala CAMINHA, explorado por NICOLAU COELHO. Seria o *picolo fiume* do piloto anônimo o rio do Frade (MOUCHEZ, VIDAL, OLIVEIRA

ele começou a ir-se para lá, acudiram pela praia homens, aos dois e aos tres, de maneira que, quando o batel chegou à boca do rio já lá estavam 18 ou 20. Pardos, nós, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos e suas setas.

“A noite seguinte ventou tanto sueste com chuvaceiros que fez caçar as naus. E especialmente a Capitânia, E sexta pela manhã, às oito horas, pouco mais ou menos por conselhos dos pilotos, mandou o capitão levantar âncoras e fazer velas. E fomos de longo da costa, com os bateis e esquifes amarrados na popa, em direção norte, para ver se achávamos alguma abrigada e bom pouso, onde nós ficássemos, para tomar agua e lenha. Fomos ao longo e mandou o Capitão que os navios pequenos fossem mais chegados à terra e, se achassem pouso mais seguro para as naus, que amainassem.

“E velejando nós pela costa, na distância de dez leguas do sítio onde tínhamos levantado ferro, acharam os ditos navios pequenos um recife com um porto dentro, muito bom e muito seguro, com uma mui larga entrada. E meteram-se dentro e amainaram. E as naus foram-se chegando, atrás deles. E um pouco antes de sol posto amainaram também, talvez a uma légua do recife e encontraram a 11 braças.

---

FREITAS), o Caraminuum (MOUCHEZ, AIRES DO CASAL, SALVADOR PIRES) ou o caí (BEAUREPAIRE ROHAN)? Consultando o antigo oficial da marinha de guerra portuguesa CARLOS MARTINS DE CARVALHO, considera MALHEIROS DIAS como mais acertada a opinião de BEAUREPAIRE ROHAN, pois só em frente à barra do Caí se reúnem todas as condições apontadas na carta de CAMINHA: fundo aproximado de 9 braças, costa próxima muito arborizada, fundeadouro desabrigado dos ventos de S.E., estar ao sul das barreiras vermelhas entre os rios Trancoso e Patativa e de Juriquara e as barreiras brancas de Joacema e de Caí.

“E estando AFONSO LOPES, nosso piloto, em um daqueles navios pequenos, foi, por mandado do Capitão, por ser homem vivo e destro para isso, meter-se logo no esquite e sondar o porto dentro (22).

“Sábado pela manhã mandou o Capitão fazer vela, fomos demandar a entrada, a qual era mui larga e tinha 6 a 7 braças de fundo. E entraram todas as naus dentro e ancoraram em cinco ou seis — ancoradouro que é tão grande e tão formoso de dentro, e tão seguro que podem ficar nele mais de 200 navios e naus. À tarde saiu o Capitão-mór... em um ilheu grande que está na baía, o qual, aquando baixamar, fica mui vasto. Contudo está de todas as partes cercado de agua, de sorte que ninguém lá pode ir, a não ser de barco ou a nado. Ali folgou ele, e todos nós, bem uma hora e meia. E pescaram lá, andando alguns marinheiros com um chinchorro; e mataram peixe miudo, não muito. Ao domingo de Pascoela pela manhã determinou o Capitão ir ouvir missa e sermão naquele ilhéu. Aí espraia muito a agua e descobre muita

---

(22) Sobre os ancoradouros de 24 e 25 de abril escreve o mesmo MALHEIROS DIAS: “O que pode considerar-se apurado é que no dia 24, ao sol posto, as naus fundearam à vista da Coroa Vermelha, em cuja enseada entraram no dia 25. De qualquer modo, a ancoragem no lagamar de Porto Seguro, inesperadamente defendido por VARNHAGEN, está excluído das cogitações dos atuais historiadores. Contrariam-na irrefutavelmente as referências peremptórias de GANDAVO, de ANCHIETA, de GABRIEL SOARES, de CARDIM, do autôr de *Razão do Estado do Brasil*, do piloto-mór PIMENTEL, de AIRES DO CASAL; os dados descritivos, orográficos e hidrográficos, de espaço e de tempo, contidos na carta de CAMINHA, as verificações dos modernos hidrógrafos, o testemunho inalteravel da geografia física dos logares. BEAUREPAIRE ROHAN decisivamente provou, reunindo numa lúcida síntese os argumentos históricos e geográficos, a ancoragem de 24-25 na Corôa Vermelha”. Aquele “Porto Seguro da vossa Ilha da Vera Cruz”, donde CAMINHA assina a sua carta é a enseada sul da atual baía Cabralia.

areia e muito cascalho. Enquanto lá estávamos foram alguns buscar mariscos e não os acharam. Mas acharam alguns camarões grossos e curtos, entre os quais vinha um muito grande camarão e muito grosso; que em nenhum tempo o vi tamanho. Também acharam cascas de berbigão e de ameijoas, mas não toparam com nenhuma peça inteira (23).

“Andámos por aí vendo o ribeiro, o qual é de muita agua e muito boa. Ao longo dela há muitas palmeiras, não muito altas, e muito bons palmitos. Colhemos e comemos muitos deles. E fomos pela praia, de longo, ao passo que os bâteis iam rentes à terra. E chegámos a uma grande lagoa de agua doce que está perto da praia, porque toda aquella ribeira do mar é apaulada por cima e sai agua por muitos lugares.

“Enquanto andávamos nessa mata a cortar lenha, atravessaram alguns papagaios essas árvores: verdes uns, e pardos outros, grandes e pequenos, de sorte que me parece que haverá muitos nesta terra. Todavia os que vi não seriam mais que nove ou dez, quando muito. Outras aves não vimos então, a não ser algumas pombas seixei-

---

(23) Dava CAMINHA, naturalmente, os nomes comuns portuguezes aos animais que via em mãos dos marinheiros e que aos mesmos parecia idênticos com os das suas praias. Ainda hoje, sob a influência das colônias de pescadores, em sua maioria poveiros, esses nomes lusos persistem entre os nossos praieiros. Os herbigões nossos são principalmente *Cryptogramma brasiliana* e *Chione pectorina*; as ameijoas ou ameixas são os mariscos *Lucina jamaicensis*. Mais difíceis de identificar são esses “camarões grossos e curtos”. Se a pesca se realizou no “ribeiro de muita agua e muito boa”, tais camarões seriam certamente *Pitús Macrobrachium acanthurum*, mas se provinham da praia do mar talvez fossem lagostas ou, mais provavelmente, tamburutacas (dos gêneros *Squilla* e *Lysiosquilla*), estranhas por seu feitio, e às quais mais tarde chamariam os pescadores de origem lusa mães-do-camarão.

ras, e pareceram-me maiores bastante do que as de Portugal. Vários diziam que viram rolas, mas eu não as vi. Todavia, segundo os arvoredos são muitos e grandes e de infinitas espécies, não duvido que por esse sertão haja muitas aves!

“E hoje que é sexta-feira, primeiro dia de maio, pela manhã saímos em terra com a nossa bandeira e fomos desembarcar rio acima, contra o sul, onde nos pareceu que seria melhor arvorar a cruz, para melhor ser vista. Plantada a cruz, com as armas e a divisa de Vossa Alteza, que primeiro lhe haviam pregado, armaram altar aos pés dela.

Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até outra ponta que contra o norte vem, de que nós neste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem 20 ou 25 léguas de costa. Traz ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, umas vermelhas, e outras brancas; e a terra de cima toda chan e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia muito chan e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender olhos não podíamos ver senão terra e arvoredos — terra que nos parecia muito extensa.

“Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela ou outra cousa de metal, ou ferro, nem lhe vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares, frescos e temperados como os de Entre-Douro e Minho, porque neste tempo d’agua assim os achávamos como os de lá. As aguas são muitas, infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por causa das aguas que tem!”

Outro documento chegado até nós, dessa primeira expedição, é a carta do bacharel MESTRE JOÃO. Como diz muito bem MALHEIROS DIAS, se “CAMINHA é o etnógrafo

que se esmera em transmitir uma descrição fiel do habitante de Vera Cruz, MESTRE JOÃO é o narrador do céu austral”.

Foi no dia 27 de abril, quasi uma semana passada do descobrimento, que o médico cosmógrafo baixou à terra com os pilotos do capitão-mór e do imediato, para tomar a altura do sol ao meio dia, tendo encontrado a latitude de 17.º austrais. Dá RODOLFO GARCIA esta observação como a primeira, de natureza científica, feita em nosso país, certamente por não considerar como tais as de CAMINHA sobre a nossa gente, o que significa, sem dúvida, uma grande injustiça para com o pai da nossa etnografia.

Junto com a latitude de Cabrália realiza o cosmógrafo grego o batismo da nossa linda constelação, comunicando a D. MANUEL as suas observações sobre o céu austral: “Somente mando a Vossa Alteza como estão situadas as estrelas do sul, mas em que grau está cada uma o não pude saber. Estas guardas nunca se escondem, antes sempre andam em derredor sobre o horizonte, e ainda estou em dúvida que não sei qual de aquellas duas mais baixas seja o polo antártico; e estas estrelas, principalmente as da Cruz, são grandes quasi como as do Carro, e a estrela do polo antártico, ou sul, é pequena como a do norte e muito clara, e a que está em cima de toda a Cruz é muito pequena”. (24).

---

(24) Quizeram ver uma primeira alusão ao cruzeiro nos versos do *Pulcatório*:

*“Io mi volse a man destra e posi mente  
All’ altro polo e vidi quatro stelle  
Non viste mai fuor che alla prima gente”.  
Goder pareva il cicl di lor fiammelle:  
O settentrional redovo sito  
Poi che privato sci di veder quelle!”*

Comentando estes versos diz IMBELLONI: “En verdad no es lícito oponer la menor duda al hecho que DANTE describió la

Ha ainda um terceiro documento, sempre citado, referente à viagem de CABRAL: é a narrativa do piloto anônimo, publicada pela primeira vez em 1507, na coleção MONTALBOLDO *Pacsi nuovamente ritrovati*, e que nenhum outro esclarecimento nos traz além dos que de maneira tão minuciosa nos refere CAMINHA (25).

Na manhã de dois de maio partia GASPAR DE LEMOS de regresso a Lisboa, levando ao *Porturoso* a alviçarcira nova do resultado feliz da expedição a estas terras austrais do ocidente, e os primeiros documentos científicos sobre o nosso abençoado Continente do Cruzeiro do Sul. Do glorioso feito da sua esquadra, ingênua e manhosamente

---

Cruz del Sur. DANTE, altísima autoridad en astronomía, como en todas las ciencias de su tiempo, conocia perfectamente la existencia de la constelación que luego sería bautizada por VESPUCCI con el término "almendra" o cuadrilátero" y por el florentino ANDREA CORSALI (1517) con el nombre de "Cruz maravillosa", cuya visibilidad se extiende en África hasta la Guinéa, tierra que ya fuera conocida por la antigüedad clásica. Esa constelación ya estaba mencionada por TOLOMEO en el *Almagesto*, que Dante conoció en la traducción latina de 1230".

VESPUCCI, em uma de suas cartas (por muitos considerada apócrifa) diz que, procurando a constelação dos versos do vate florentino, observou "quatro stelle figurate come una mandorla, que tenevano poco movimento".

Em 1455 refere-se CADAMOSTO a uma cruz de "seis estrelas claras, luzentes e grandes..... direitas ao sul". E' no *Tratado da agulha de marear* de JOÃO DE LISBOA (1514) que primeiro se fala no *Cruzeiro do Sul* com "suas quatro estrelas de segunda grandeza e uma de quinta, mortificada em respeito às outras".

(25) E' muito pouco provavel que essa narrativa fosse de um piloto; é mesmo quasi certo que o não fosse. Mas não resta dúvida que a devemos a um tripulante da frota, pois até naquele estranho peixe reconhecemos o mesmo tubarão de CAMINHA. Aí estão, para identificação do grande seláquio: a *parte inferior com vários buracos* (as fendas branquiais), a cauda do tamanho de um braço, a pele da grossura de um dedo, a carne gorda e branca e *as compridas orelhas* (as barbatanas peitorais).

informaria D. MANUEL aos Reis Católicos que o seu capitão descobriu a terra que chamou de Santa Cruz," a qual pareceu que Nosso Senhor quiz que se achasse porque é mui conveniense e necessária à navegação da Índia". Mas... continúa a mesma real missiva, PEDRO ALVARES CABRAL "pelo caminho grande que tinha para andar não se deteve para se informar das coisas desta terra".

É desde logo vieram novas expedições: corsários, piratas, aventureiros, na pilhagem dessas "gentes, como na primeira inocência, mansas e pacíficas", no tráfico da madeira preciosa, no sonho do ouro aqui chegaram, encontrando muitos o justo castigo do oceano enraivecido ou de selvagens não tão pacíficos como os de CAMINHA e D. MANUEL.

Também El-Rei fazia preparar novas naus que lhes levassem, de retorno, mais seguras noticias da terra e da gente, com o conhecimento mais profundo das costas da terra recentemente achada, ou contratava com cristãos novos o arrendamento da terra que vinha de ser descoberta e o tráfico do brasil (que, segundo a carta de RONDINELLI, "não tinge com a perfeição com que o faz o do Levante), com a condição de serem reconhecidas, em cada viagem, duzentas léguas de costa e construidos fortes, de cuja conservação se responsabilizavam por tres anos.

Foram sem conta estas expedições exploradoras, umas oficialmente reconhecidas, outras clandestinas, contando-se entre as derradeiras não só as organizadas por aventureiros e contrabandistas, como as que tanto da parte de Portugal como de Castela, eram enviadas com o fim de espionagem e reconhecimento das terras situadas fora dos limites que lhes haviam sido impostos em Tordesilhas. De muitas de tais viagens não nos resta nem a mais remota reminiscência, ou cautelosamente escondidas em seus

fins e seus propósitos, ou guardadas no fundo do oceano as provas dos seus malogros. O BACHAREL DE CANA-NEIA, RAMALHO e CARAMURU são apenas os mais felizes no seio de uma grande massa anônima e ignorada.

Quais desses cristãos novos, arrendatários do nosso estimado brasil e das nossas essências ainda desconhecidas, cumpriram essa cláusula do reconhecimento das duzentas léguas de costa do vasto continente austral? Raríssimos, por certo. E destes não chegaram até nós os nomes, sabendo-se apenas do cumprimento do estabelecido pelo que foi registrado nas cartas e portulanos da escola de REINEL ou da mesma compilados.

O sistema econômico de conceder a particulares ou a companhias privilégios de exploração e comércio de determinados produtos em troca da obrigação de descobrir *léguas de costa* e estabelecer feitorias de defeza não era uma novidade em Portugal nem iniciativa de D. MANUEL. Já em 1469 AFONSO V arrendava o comércio da Guiné a FERNÃO GOMES com a obrigação para o arrendatário de descobrir quinhentas léguas de costa. E a FERNÃO DE NORONHA, a quem mais tarde seria dado o arrendamento do pau brasil, já outros privilégios tinham sido dados em África, pois em 26 de março de 1498 tinha ele quitação do real erário por ter prestado boas contas dos seus compromissos.

Continuaria Portugal a sua política de mistérios, mesmo depois da notificação oficial da sua descoberta? Está-  
rá nisso o mistério que envolve as expedições dos primeiros lustros do século XVI? Parece mais provável que a verdade esteja em atribuir essa inópia ou ausência de documentos à retirada intencional, feita por FILIPE II, dos documentos da Torre do Tombo para os arquivos espanhóis.

No *Tratado dos Descobrimentos antigos e modernos* de ANTONIO GALVÃO se lê que “neste mesmo ano de quinhentos e um, e mez de maio, partiram tres navios da cidade de Lisboa por mandado de El-rei D. MANUEL, a descobrir a costa do Brasil e foram a ver vista das Canarias, e daí a Cabo Verde, tomaram refresco em Beziguiche, passada a linha do lado do Sul, foram tomar terra em cinco graus de altura, e foram por ela até trinta e dois pouco mais ou menos, segundo a sua conta, donde se tornaram no mez de abril por haver já lá frio e tormenta, puzeram neste descobrimento e viagem quinze mezes, por tornarem a Lisboa na entrada de setembro”.

Que expedição seria essa da qual não falam OSORIO, CASTANHEIRA, JOÃO DE BARROS e o próprio DAMIÃO DE GOIS, que lera o manuscrito de GALVÃO? Quem a comandava?

Não são ainda acordes e pacíficos os historiadores sobre este ponto. Infelizmente a carta de FRANCISCO CREMONENSE, dando conta da volta dessa expedição a Lisboa, a 22 de julho de 1502, nem uma palavra diz do seu comando. Atribuem-na muitos a AMERICO VESPUCCIO, baseados nos dizeres da famosa *Lettera* a PIETRO SODERINI, segundo a qual D. MANUEL o chamara de Sevilha para descobrir novas terras.

Na *História da Colonização Portuguesa no Brasil* estuda MALHEIROS DIAS, esmiuçadamente, esta expedição de 1501, concluindo que da mesma fazia realmente parte AMERICO VESPUCCIO, mas não como capitão-mór ou sequer como comandante de qualquer das naus, mas como simples contratado dos MARCHIONI (26).

---

(26) “Parece-nos evidente”, diz MALHEIROS DIAS, “que VESPUCCIO embarcou na armada de 1501 na mesma qualidade em que embarcara na de OJEDA e possivelmente a convite dos mer-

Tornou-se celebrado VESPUCIO pela publicação, já em 1503, do *Mundus Novus*, na versão latina de GIOCONDO, e logo traduzido para o alemão (1505) e o holandês (1508). A carta a SODERINI é de 14 de setembro de 1504, e por muitos considerada como a única autêntica. Nesta carta, um sem número de vezes transcrita e comentada, diz ele, textualmente, que o rei de Portugal “pediu que eu fosse em companhia de tres dos seus navios, que estavam prontos para partir a descobrir novas terras”. São, portanto, as próprias palavras de VESPUCIO que nos demonstram que a expedição de exploração das costas brasileiras já estava pronta para partir, e que ele apenas veio *em sua companhia*.

O que o piloto florentino revelou nessa missiva (como no *Mundus Novus*) sobre a geografia brasileira se reduz a determinar a latitude de 5.<sup>o</sup> graus austrais do primeiro fundeadouro (onde se puzeram as naus em contacto com indios antropófagos, muito diversos dos inocentes e pacíficos indígenas observados por VAZ CAMINHA), sua chegada ao cabo Santo Agostinho, a oito graus, donde seguiram, “navegando sempre para sussudoeste, à vista de terra, fazendo muitas escalas e vindo à fala com infinita gente”, até 32 graus de latitude sul.

Mas o cabo Santo Agostinho, único ponto do litoral percorrido, cujo nome é referido na carta a SODERINI, aparece nos mapas coevos com as designações de Cabo de

---

cadores seus compatriotas, que o chamaram de Sevilha”. Ainda mais severo com o feliz preposto é ISPIZUA: “Hoy está probado concluyentemente que no se debe a VESPUCCI ni el descubrimiento de un peñon del continente que lleva injustamente su nombre. Nunca figuró como jefe; y en lo que la expedición LA COSA y OJEDA se refiere no es mencionado su nombre por los testigos que tomaron parte en ella, cuando sabemos hasta los de los mozos y criados que llevó el capitán de la flota”.

São Jorge (em CANTINO) e de Santa Cruz (em CANERIO), havendo neste último, aos cinco graus, marcado o cabo de São Roque.

“A tríplice nomenclatura do hipotético cabo de Santo Agostinho”, escreve MALHEIROS DIAS, “assinala tres viagens, pelo menos, entre 1500 e 1505. A primeira poderia ser a de retorno de GASPARD DE LEMOS; a segunda refere-se á frota de JOÃO DA NOVA; a terceira à mencionada por LA FAITADA na carta a PASQUAGLIO, como tendo entrado no Tejo a 22 de julho de 1502 de volta da *Terra dos Papaios*.”

É indiscutível que AMÉRICO VESPÚCIO veio nesta expedição de 1501, mas não foi o seu comandante nem teve conhecimento das designações que aos vários postos da escala e aos acidentes da costa ia registrando o capitão-mór, no esboço que mais tarde seria entregue aos cartógrafos de sua Magestade. Se assim não fosse, por que os calaria VESPÚCIO, já longe de Portugal, já sem receio da pena de morte que impunha o rei a quem mandasse para fora as cartas de viagens, silenciando sobre estes pontos descobertos?

O comando da expedição de 1501 caberia a GASPARD DE LEMOS, ao mesmo alviçareiro capitão a quem, na viagem de volta a Portugal, recomendara CABRAL “que fosse correndo a costa sempre, enquanto pudesse e trabalhasse por lhe ver o cabo” e que tornasse à nova terra achada, trazendo agora os padrões com que assinalasse “os muitos bons portos e rios” dos quais já descrevera a D. MANUEL “as sondas e sinais”?

Tal é o que se deixa depreender deste trecho de CASPAR CORREIA (*Lendas da Índia*), embora troque, no comando da nau de mantimentos, GASPARD DE LEMOS por ANDRÉ GONÇALVES: “...e logo armou navios com que

tornou a mandar A. G. a descobrir esta terra, porque mandou experimentar o pau e acharam que fazia mui fina côr vermelha, com que logo fez contrato com mercadores que lhe compraram o pau a peso, que foram carregar este brasil, de que houve grande trato e muito proveito". E certamente mui gostosamente tornaria GASPAR DE LEMOS a carregar de novo as suas naus daqueles *paus vermelhos aparados e mui pesados*, que, com os papagaios, eram as alviçaras da nova terra descoberta.

Teria sido CONÇALO ALVARES, que CAPISTRANO DE ABREU dá como o mestre do *São Gabriel*?

Muito menos certo parece que fosse CONÇALO COELHO, citado por GABRIEL SOARES DE SOUZA e aceito por AIRES DO CASAL, ou D. NUNO MANUEL, advogado por VARNHAGEN. Vemos que MALHEIROS DIAS fala em JOÃO DA NOVA, que partiu de Lisboa, em demanda da Índia, aos 15 de março de 1501, com quatro naus, tornando a Portugal "a salvamento a 11 de setembro de 1502". Na sua frota havia um piloto florentino, FERNÃO VINET, e não parece que ele tenha tocado no Brasil, tendo no seu ativo a descoberta das ilhas da Conceição e Santa Helena (27).

O exame do mapa de CANTINO parece demonstrar uma expedição entre a de CABRAL e a de AMERICO VESPUCCIO, estendendo-se desde o cabo S. Jorge (o Santo

---

(27) Partiu JOÃO DA NOVA para a Índia, com quatro naus, a 15 de março de 1501. Vinham como capitães, além do capitão-mór, alcaide de Lisboa, mais DIOGO BARBOSA, FRANCISCO DE NOVAIS e FERNÃO VINET, florentino. Escreve SIMÃO PAIS: "Sendo oito graus da banda do sul, achou uma ilha a que poz o nome da Conceição, e tornando para o Reino, achou a de Santa Helena; e tornaram a salvamento a 11 de setembro de 1502". Essa ilha da Conceição foi por muitos tida como sendo a nossa Trindade, apesar da grande diferença de latitude.

Agostinho do mercador florentino) até ao cabo Frio ou mesmo ao de São Tomé (os dois não muito ao sul do primeiro ancoradouro de CABRAL) e que, segundo HAFKEMEYER "seria obra de particulares, pois nem sombra dela aparece nos documentos oficiais".

Na viagem de VESPUCCIO, tudo o que ele refere de pois de se ter afastado das costas brasileiras, parece pura fantasia, demonstrando DUARTE LEITE que ele compuzera a sua narrativa, impressionante e romântica, sobre uma carta plana.

E' menos segura e feliz a argumentação do mesmo crítico lusitano de *O mais antigo mapa do Brasil* quando procura invalidar as deduções de VARNHAGEN de que essa primeira expedição tivesse explorado a costa desde o cabo S. Roque até São Vicente, dando aos diversos acidentes da costa os nomes do agiologio. As datas ai têm uma seqüência tão lógica e tão de acordo com o calendário cristão, que nos parece quasi pueril a objecção de que um mesmo santo ou santos de igual nome são festejados em dias diversos.

Podemos, pois, considerar como resultando dessa primeira expedição exploradora a descoberta dos seguintes pontos, registados no mapa de FERNÃO VAZ DOURADO (1568) alguns dos quais já assinalados nos mapas occultamente copiados pelos cartógrafos italianos ALBERTO CANTINO e CANERIO:

cabo de São Roque ....	16 de agosto
rio Santa Helena .....	18 de agosto
cabo Santo Agostinho ..	28 de agosto
rio São Jacinto .....	11 de setembro
rio São Miguel .....	29 de setembro
rio São Jerónimo .....	30 de setembro
rio São Francisco .....	4 de outubro
rio das Virgens .....	21 de outubro
baía de Todos os Santos	1 de novembro

rio de Santa Luzia ....	13 de dezembro
cabo de São Tomé ....	21 de dezembro
Rio de Janeiro .....	1 de janeiro de 1502
angra dos Reis .....	6 de janeiro
rio Santo Antônio .....	7 de janeiro
ilha de São Sebastião ..	20 de janeiro
porto de São Vicente ..	22 de janeiro
cabo de Santa Maria ...	23 de fevereiro.

Este último ponto da primeira expedição é localizado pela imensa autoridade de CAPISTRANO DE ABREU (contra a qual se sente a inópia da objeção aérea e sem base de MALHEIROS DIAS) em Santa Catarina, bem próximo dos 32 graus austrais alegados por VESPUCCIO.

D'aí, fazendo-se ao mar, não para sueste, como quer fazer crer o florentino, mas para nordeste, tornando a Portugal, descobre-se ainda a ilha da Quaresma, avistada num dos últimos dias da quaresma do ano de 1502 ou mesmo já na Semana Santa (nesse ano entre 20 e 27 de março), parecendo mais provável, quanto à data do seu regresso a Lisboa, que esteja a verdade na carta de LA FAITADA, na qual comunica a PIERO PASQUAGLIO que as caravelas, enviadas no ano anterior, "*ouver di Santa Croce, a di 22 luo erano ritornate; et il capetanio referiva aver scoperto piu di 2500 mia di costa nova, ne mai aver trovato fin dita costa, et dite caravale é venuta carga di vergi et di cassia.*"

A expedição de 1503, composta de seis naus e comandada por GONÇALO COELHO era organizada pelo consórcio de cristãos novos, a frente dos quais estava FERNÃO DE NORONHA, preferindo o Venturoso mandar as frotas oficiais em demanda da Índia em busca das preciosas especiarias do Oriente, das quais ele se fazia o primeiro mercador, e a construir os fortes que afirmassem

a sua suzerania (28). Voltava às nossas plagas, e desta vez como capitão de uma das naus, AMERICO VESPUCCIO. A 10 de agosto “avistaram uma ilha alta e deserta no meio do mar”, em cujo reconhecimento se perdeu a capitânea contra um cachoupo: era a ilha Fernando de Noronha (ou de São Lourenço). Aí, por motivos até agora não elucidados, se dispersaram as cinco naus restantes. VESPUCCIO, que fora à ilha ver se achava algum surgidouro, lá se deixou ficar sem dar sinais de si. “Passados oito dias”, escreve CAPISTRANO DE ABREU, “viu navegando uma nau, com a qual se juntou e foi à baía de Todos os Santos, ponto marcado para a reunião de todos os navios. Aí esteve algum tempo. Depois fundou mais para o sul uma fortaleza em que deixou 24 cristãos com mantimentos para seis mezes, 12 bombardas e muitas outras armas; acompanhado de 30 homens penetrou umas 40 léguas pelo sertão; carregou de pau-brasil e chegou a Lisboa em 18 de junho de 1504”. E as outras naus? Supõe VARNHAGEN que GONÇALO COELHO (dado por morto no naufrágio em um baixio em frente a Fernão de Noronha na *Quarta Viaggio*) tivesse navegado para o sul até ao Rio da Prata, regressando a Portugal em 1506. Conjetura CAPISTRANO DE ABREU que alguns dos navios dessa expedição tenham seguido para o norte, explorando a costa até ao Amazonas.

---

(28) Nesse ano de 1503 deixavam o Tejo em demanda do Oriente, logo ao vir da primavera, nada menos de tres expedições: a 6 de abril AFONSO DE ALBUQUERQUE, com tres velas, a 14 de abril FRANCISCO DE ALBUQUERQUE, o “Albuquerque terribil” de CAMÕES, e a quem chama SIMÃO PAIS de “açoite de toda a Asia e Pai das façanhas”, com outras tres; a 3 de maio ANTONIO DE SALDANHA, com o mesmo número de naus. FRANCISCO DE ALBUQUERQUE e o seu capitão PEDRO VAZ DA VEIGA se perderam, tornando para o Reino, “sem se saber donde”. DIOGO FERNANDES PEREIRA, da esquadra de ANTONIO SALDANHA, homem usado no mar, descobriu a ilha de Socotorá e nela invernou.

Em 1506, a 6 de março, partiam de Lisbôa TRISTÃO DA CUNHA e AFONSO DE ALBUQUERQUE com uma grande armada de 16 velas em direção à Índia que durante largos anos seria o sorvedouro de vidas e capitais portugêses, até que chegasse o desencanto das miragens miríficas do Oriente. Trazia essa armada a determinação de fazer escala no Brasil, pois nos conta SIMÃO FERREIRA PAIS que TRISTÃO DA CUNHA, capitão-mór das onze naus que deviam trazer a carga da especiaria, “na travessia do Brasil para o cabo de Bôa Esperança descobriu as ilhas a que ora chamam do seu nome”. (29)

Naus trás naus partiam para a Índia. Enquanto isso a exploração do Brasil ficava a cargo de particulares e as vastidões da sua costa entregues à cubija dos corsários que aqui se vinham prover do precioso pau-de-tinta, tão despresado dos reinos. (30) Sempre renovado o

---

(29) São do precioso opúsculo de BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA — *O pau brasil na História Nacional* os seguintes informes: A expedição de JOÃO DIAS DE SOLIS, ao escalar no cabo Santo Agostinho, os seus tripulantes cortaram certa de 500 quintais de pau-brasil”. DAMIÃO DE GOIS “fala de dois navios espanhóis que em 1517 voltaram carregados de pau-brasil...”. Desde 1504, com a *Espoir de Honfleur*, vinham os francêss contrabandeando em nossas costas “e tal foi a insistência de sua prática que certo foi ela uma das causas que levaram D. JOÃO III a olhar mais detidamente para o Brasil”. Sabemos como FRANCISCO I, “não tendo visto a cláusula do testamento de Adão que repartia o mundo entre os seus primos o rei de Portugal e o de Castela”, favorecia os corsários de Dieppe e de Honfleur.

(30) Essa esquadra que deixou o Tejo a 6 de março de 1506 foi uma das maiores e mais famosas, sendo constituída por 16 velas com dois capitães-móres — TRISTÃO DE CUNHA e AFONSO DE ALBUQUERQUE. Sobre os sucessos desta armada escreve SIMÃO PAIS: “TRISTÃO DA CUNHA, na travessia do Brasil para o cabo da Boa Esperança, descobriu as ilhas a que ora chamam de seu nome. O famoso AFONSO DE ALBUQUERQUE, que podemos dizer

contrato de FERNÃO DE NORONHA, é este um dos armadores da *Nau Bretôa*, juntamente com o opulento BARTOLOMEU MARCHIONE, seu sobrinho BENEDITO MORELLI e FRANCISCO MARTINS. Sob o comando de CRISTOVAM PIRES parte ela de Lisboa a 22 de fevereiro de 1511, alcançando as nossas costas, pela altura do rio S. Francisco, a 6 de abril, velejando sempre para o sul, com alguns dias de demora em Todos os Santos, até Cabo Frio onde completam a sua cargação do precioso ibirapitanga. Mas os resultados científicos de tais expedições puramente comerciais, despresada a cláusula do descobrimento das 300 léguas de costa, são praticamente nulos. (31)

JOÃO DE LISBÔA, que já tocara no cabo de Santo Agostinho em 1505, na armada de TRISTÃO DA CUNHA explorou costa brasileira em 1514, parecendo ter vindo desde os 3 graus de latitude sul até ao cabo de Santa

---

que conquistou nestes tempos todo o Oriente, morreu, vindo de Ormuz, estando já à vista de Goa, domingo, 16 de dezembro de 1515. Foi esforçado como Alexandre, e mais; tão sábio e mais que Nestor”.

(31) Lê-se na *História do Brasil*, de JONATAS SERRANO, que na expedição da *Nau Bretoa*, “vieram os arrendatários do pau-brasil MARCHIONE, MORELLI e FRANCISCO MARTINS, em demanda da ilha da enseada do Cabo Frio”. Deve ser equívoco, pois os MARCHIONI, tendo várias naus em tráfico pela Índia (tanto que já aprontaram uma que viera com a frota de CABRAL) nunca embarcaram em qualquer delas. ANTÔNIO RAIÃO, estudando de maneira exaustiva o comércio de pau-brasil em começos do século XVI, assim descreve a partida da *Nau Bretoa*: “Em um sábado, 22 de fevereiro de 1511, defronte do morro de Santa Catarina do Monte Sinai, partiu o navio de foz em fora, caminho das Canárias. Conhecemos-lhe já os proprietários, que do alto a seguiriam com a vista alanceada de cuidados, e o experimentado capitão, adestrado nas lides do oceano, que ha de guiá-la com segurança a porto de salvamento”.

Maria, aos 35°. Nos atlas de VAZ DOURADO, das Necessidades e de LAZARO LUIO, nos quais estão compendiados os conhecimentos geográficos do Novo Mundo em fins do século XVI, se encontra um pequeno rio, naquela baixa latitude austral (3.º) com o nome de rio de João de Lisbôa; no *Livro de Marinharia* se refere, como da autoria deste mesmo piloto, em 1514, a latitude de 36 logares da costa do Brasil, desde a embocadura do rio Maranhão até à foz do Prata.

Antes dessa expedição de JOÃO DE LISBÔA merece citada a de D. GARCIA DE NORONHA, que a oito de abril de 1911 partiu do Tejo com seis naus em demanda da Índia. Uma das suas naus, *São Pedro*, do comando de MANUEL DE CASTRO ALCOFORADO, na travessia do cabo de Santo Agostinho para a costa de Guiné, "se perdeu em um penedo que acharam no meio daquele golfão, e do nome da nau que deu no penedo, ele houve o que hoje tem de S. Pedro, como ainda na carta de marear, que é uma rara maravilha ver em tanta profundidade de mar um rochedo aparecer sobre as aguas", como escreve o livro das *Famosas Armadas Portuguezas*. Trata-se dessa ilhota de S. Pedro que tão familiar se tornou com a viagem de SACADURA CABRAL e GAGO COUTINHO.

Na mesma armada de TRISTÃO DA CUNHA andara como piloto JOÃO DIAS DE SOLIS, mais tarde obrigado a omiziar-se em Espanha, por seus delitos passíveis da pena de morte, como informa D. MANUEL ao rei FERNANDO de Castela. Em Madrid, de volta da sua viagem á América com PINZON, em 1509, é encarcerado por mais de dois anos. Mas em 1512 é nomeado piloto mór e em 8 de outubro de 1515 parte de S. Lucar, como capitão-mór de uma pequena frota de tres caravelas, "porque era o mais excelente homem do seu tempo na sua arte".

Da sua viagem dá-nos conta ALONSO DE HERRERA. Saindo de S. Lucar, diz HERRERA, "encaminhou-se para o porto de Santa Cruz da ilha de Tenerife, nas Canárias; saiu dali em demanda do cabo Frio, que está em 22º e meio deste lado da equinocial; viu a costa de São Roque em 6 graus, navegando para o sul quarta de sudoeste; e os pilotos diziam que iam a barlavento do cabo de Santo Agostinho a noventa léguas; e eram tantas as correntes que iam para oeste, que os lançaram a sotavento de Santo Agostinho dois graus. E do Cabo Frio ao de Santo Agostinho acharam treze graus e tres quartos. Chegaram ao Rio de Janeiro, na costa do Brasil, que acharam em 22 graus e um terço; e desde este rio até ao cabo da Natividade é costa nordeste-sudoeste, e a acharam terra baixa que vai bem ao mar; não pararam até ao rio dos Inocentes, que está em 23 graus e um quarto; foram logo demandar o cabo de Cananéa, que está em 25 graus escassos; daqui tomaram a derrota para a ilha que chamaram da Prata, fazendo o caminho de sudoeste, e surgirem em uma terra que está em 27 graus, à qual JOÃO DIAS DE SOLIS chamou Baía dos Perdidos. Passaram o cabo das Correntes e foram surgir em uma terra em 29º e correndo dando vista á ilha de São Sebastião de Cadiz, onde estavam outras ilhas, que chamam dos Lobos, e dentro o porto de Nossa Senhora da Candelaria, que acharam em 35 graus, e aqui tomaram posse para a corôa de Castela; foram surgir ao rio dos Patos em 34 graus e um terço; entraram logo em uma agua, que por ser tão espaçosa e não salgada, chamaram o Mar Doce, que pareceu depois ser o rio, que hoje chamam da Prata, e então disseram de Solis".

Procurando entrar em contacto com os indios que via na praia, desembarcou SOLIS com alguns companheiros, sendo morto e devorado pelos charruas.

Entre a expedição de SOLIS e a portuguesa de MARTIM AFONSO DE SOUSA veio ás costas do sul do Brasil DIEGO GARCIA, partido de la Coruña em 15 de janeiro de 1526. Demorou-se em São Vicente alguns mescs, seguindo depois para o sul, indo até à lagôa dos Patos, onde encontrou a SEBASTIÃO GABOTO, que saíra de Espanha em abril de 1526, com quatro navios, a tentar a viagem à India pelo caminho do sul, seguindo sempre para oeste.

Baldados os protestos diplomáticos da corôa portuguesa junto aos reis Cristianíssimos pelas incursões das naus de Honfleur e Dieppe às costas desocupadas da possessão americana, "resolveu D. JOÃO III agir em som de guerra". Escreve BERNADINO DE SOUZA: "Em 1527 CRISTOVAM JACQUES, que-antes estivera no Brasil (1516) onde fundara uma feitoria junto a Itamaracá, vinha na expedição denominada de *guarda-cosia*. CRISTOVAM JACQUES cumpriu exatamente a sua missão: aprisionou naus inimigas que carregavam pau-brasil; combateu os contrabandistas, principalmente tres naus bretôas, num dos recôncavos da baía de Todos os Santos, pertencentes aos armadores YVON DE COETUGAR, FRANÇOIS GUERET, JEAN BURCAN, MATHURIN TOURNEMOUCHE e JEAN JANET; e de volta levou a Portugal cerca de 200 prisioneiros que escaparam aos golpes da luta".

Proseguíam, apesar disso, as conquistas francêsas ao longo da estirada costa. Resolveu D. JOÃO III enviar o seu amigo de juventude, o grande capitão MARTIM AFONSO DE SOUSA, esse de quem disse CAMÕES, era

"Tanto em armas ilustre em toda a parte  
quanto em conselho sábio e bem cuidado".

Trazia MARTIM AFONSO DE SOUSA (a quem onze anos mais tarde caberia a glória de levar consigo para a India a São FRANCISCO. XAVIER) a tríplice missão de

“escorraçar os francêses das costas e litoral do Brasil, despejando-o de corsários *que iam tomando nelas muito pé*; descobrir terras e explorar alguns rios, entre os quais indubitavelmente o Rio da Prata; estabelecer núcleos de povoamento e de domínio político e administrativo. Saiu ele a barra do Tejo a 3 de dezembro de 1530. A 24 de janeiro de 1531 passou por Fernando de Noronha e na altura do cabo Santo Agostinho a 31 do mesmo mez, reunindo-se as naus no porto de Pernambuco a 17 de Fevereiro. Aí apresou tres naus francêsas, carregadas de pau-brasil, numa das quais despachou a JOÃO DE SOUZA com cartas para D. JOÃO III e enviou a DIOGO LEITE com as duas caravelas *Princêsa* e *Rosa* explorar a costa norte até ao rio Maranhão. DIOGO LEITE chegou até à foz do Gurupí (abra de Diogo Leite). O restante da frota seguiu para o sul, chegando a Todos os Santos a 13 de março, passando pelos Abrolhos a 27 do mesmo mez, reconhecendo o cabo Parcel e o cabo Frio nos dias 21 e 29 de abril. Os mêses de maio a julho passou a expedição no Rio de Janeiro, donde levantou ferros a primeiro de agosto; reconheceu a ilha da Cananéa (12 de agosto) e uma ilha que estava pegada com este cabo (16 de agosto). A nau capitânia naufragou junto ao Chuí, perto da ilha das Palmas, a 22 de outubro. A 23 de novembro seguiu PERO LOPES DE SOUSA, irmão de MARTIM AFONSO, a explorar o Rio da Prata. A expedição retrocedeu para norte a primeiro de janeiro de 1532, desembarcando o capitão-mór em São Vicente a 22 desse mesmo mez, cabendo a São Paulo ter a célula mater da nossa nacionalidade, com a fundação da primeira povoação, pelo Primeiro Governador das Terras do Brasil, nessa plaga acolhedora e mansa.

É da confusão de DIOGO LEITE, tomando a baía do Maranhão (presumivelmente a boca de los Leones da

viagem espanhola de 1500) que surgiu a pretensão francesa à Guiana brasileira.

Apesar da argumentação cerrada de DUARTE LEITE em contrário, aceitam quasi todos os autores a descoberta do Amazonas como devida a VICENTE YANÊS PINZON, que o chamou de Santa Maria de la Mar Dulce, com as ilhas de Mariñatabalo na foz.

Em sua defêsa dos direitos do Brasil na questão da Guiana brasileira, escreve RIO BRANCO: "A descoberta do litoral norte do Brasil, do rio das Amazonas e das costas da Guiana é devida aos espanhóis".

De 1502 a 1513 varios portuguezêses visitavam estas costas, quer oficialmente encarregados da sua exploração, quer como simples traficantes. Faltam pormenores sobre tais expedições, talvez pela proximidade da linha de Tordesilhas, não convindo que a coroa de Castela soubesse dessas excursões, nas quais não seria difficil ou improvavel a invasão dos seus domínios.

Sabe-se que por lá andaram JOÃO COELHO (1502 ou 1503), JOÃO DE LISBOA, DIOGO RIBEIRO, FERNÃO FROIS (que se fizera acompanhar dos pilotos FRANCISCO e PERO Cosso). Em contrário, a rota de PINZON e SOLIS em 1508, o que motivou as representações do embaixador de Espanha.

Parece mesmo que eram os portuguezêses habituais visitantes dessa porção litigiosa, pois ORELIANA, querendo voltar ao Amazonas (que de maneira tão dramática descera), pede permissão a Carlos V para contratar pilotos portuguezêses, como sendo os únicos que conheciam as costas do rio, "*que tienen gran noticia della por la continua navegación que por alli tienen, y así por esto, como por que navegan en piezas ligeras y bien aderezadas*".

Tendo despacho favoravel, trouxe consigo, nessa sua desasturada aventura, ao piloto luso GIL GOMES.

Pouco se sabe das expedições mandadas pela coroa de Portugal para explorar e descobrir a costa ao norte do cabo de Santo Agostinho, delas havendo conhecimento mais pelos mapas e portulanos da segunda metade do século XVI, entre os quais avultam os dois de DIOGO HOMEM (1558 e 1568), o de BARTOLOMEU VELHO (1561), o de LAZARO LUIS (1563) e os dois de VAZ DOURADO (1568 e 1580). Sabem-se apenas, por seguras, a de DIOGO LEITE, que não passou além do Gurupi, e as de JOÃO DE SANDE e de SEBASTIÃO GABOTTO, ambas de 1544. No atlas de JEAN VAN DOET, de 1585, já apparecem as costas do norte do Brasil até ao cabo Norte, assim como na carta de VAN LANGEREN, de 1595, que, segundo o seu autor, é "*ex optimis Lusitanicis cartis hydrographice delineata atque emendata*".

LAWRENCE KEYMIS, enviado por WALTER RALEGH, em 1596, explorou o estuário do Amazonas, desde a confluência do Araguari até ao cabo Norte, continuando a sua rota até à foz do Orenoco, mencionando os nomes indígenas dos rios, desde o Araguari até ao Oiapoque, que ele foi o primeiro a tornar conhecido. Este rio, que marca o nosso extremo limite norte, foi alguns anos mais tarde (1604) explorado por CHARLES LEIGH.

Por sua pouca importância, aspecto desolado e difficilissimo fundeadouro, pouco chamaram a atenção a ilha da Trindade e o nosso pequeno arquipélago de Martim Vaz, antes marcados no mapa como escolhos a temer do que pontos de possivel refúgio. A descoberta da Trindade tem sido erroneamente attribuida a JOÃO DA NOVA, em 1501, quando de vela para a India. Para CAPISTRANO DE ABREU coube tal descobrimento a ESTEVAM DA GAMA, filho de AIRES DA GAMA, primo co-irmão de VASCO DA GAMA, no

dia 18 de maio de 1502, em demanda da Índia, entendendo EDUARDO PEIXOTO que a primeira referencia a essa *ilha que não tinha nenhum valôr* cabe a JOÃO EMPOLI, que fora para a Índia com AFONSO DE ALBUQUERQUE (1503).

Visitadas em 1822 por DUPERREY, este escreve a respeito: “As Martim Vaz são rochedos de repelente nudez; são em número de tres, a pequena distância, na direção norte-sul. A ilha da Trindade é uma terra alta que, nos dias claros, pode ser vista a umas 16 ou 18 léguas; é quasi toda pedregosa e estéril, tendo apenas algumas árvores, coroando os cumes, principalmente na porção meridional. Ha nove léguas de Martim Vaz à Trindade. Um veu tenebroso cobre a história da descoberta destas ilhas, marcadas nas cartas antigas sob as designações diversas de Martim Vaz, Ascensão, Trindade, Santa Maria d’Agosta”.

## CAPITULO II

### AS FRONTEIRAS

“**H**ONRANDO o compromisso assumido em Tordesillas cuidaram os Reis Católicos de nomear os astrónomos, pilotos e mais pessoas incumbidas de traçar, de acordo com os agentes de Portugal, a linha divisória das navegações e conquistas de um e outro reino”. Assim começa MACEDO SOARES o terceiro capítulo desse seu magistral estudo das *Fronteiras do Brasil no Regime Colonial*. E continua: “El-Rei D. JOÃO II não lhes ficou atrás, nomeando logo, também, os seus representantes”.

As comissões e expedições que ficam no papel são, portanto, velha herança que recebemos dos nossos avós ibéricos.

Marcava o Tratado de Tordesillas que a célebre linha acordada em 7 de junho de 1494 fosse dentro de dez meses contados, a partir dessa data, devidamente demarcada. Passam-se os primeiros dez meses, pede-se novo prazo para a medição das famosas tresentas e setenta léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde e tudo continua na mesma, ou porque os cosmógrafos não tivessem consciência nítida do meridiano a traçar na esfera ou porque, muito mais interessados pelo oriente, de onde voltavam as naus pejadas de preciosas especiarias, dos aromatas e donde poderiam trazer, no sonho dos governantes e armadores, ouro e pedrarias, desprezassem esse ocidente, a princípio misterioso e depois tão pobre em resultados práticos. Já vimos que a exploração das riquezas deste lado do Atlântico era deixada a particulares mais afoitos ou menos ambiciosos.

É doze anos depois de Tordesillas que D. MANUEL obtém do Papa JULIO II a Bula *Ea quoc* pela qual o Arcebispo de Braga e o Bispo de Vizeu são encarregados de estudar e aprovar aquele Tratado. Passam-se mais seis anos até que o soberano português envie à Espanha o embaixador JOÃO MENDES DE VASCONCELOS para cuidar da fixação do referido meridiano.

Em 1518 FERNÃO DE MAGALHÃES se oferece aos Reis Católicos para alcançar as Molucas, navegando sempre para oeste, chegando ao Levante pelo Poente, dentro dos limites desse hemisfério que lhes tinha sido outorgado em Tordesillas.

A chegada da nau *Vitória* às Molucas vinha suscitar a questão se tais ilhas caíam ou não sob a jurisdição de Portugal ou de Castela e em 1524 eram de uma e outra parte nomeados os plenipotenciários, matemáticos e cosmógrafos que assentassem em Badajós a posição real do famoso e discutido meridiano (1). Malgrado o encon-

---

(1) A princípio exigia D. João III que lhe fossem entregues imediatamente as Molucas e que, depois de feita a entrega, se verificasse que as ditas ilhas caíam no domínio espanhol, pedisse Castela a sua restituição. Indeferida esta pretensão, e depois de larguíssimos debates, convieram as duas partes em nomear número igual de jurisperitos, astrónomos e nautas, os quais, reunidos nas fronteiras de Portugal e Castela, entre as cidades de Badajós e Elvas, fixassem definitivamente a linha de demarcação, até 30 de maio desse ano de 1524. Escreve BAUZÁ: "Reunida la Junta, su primera sesión tuvo lugar en el puente de la ribera de Caya, instaurandose paralelamente dos procesos, el uno para averiguar quién tenia más antigua posesión de las Molucas, y el otro para determinar a quién correspondia su propiedad. Después de preliminares y recusaciones que modificaron el personal de la asamblea deliberante, empezó a litigarse el caso de la posesión". Estiveram muitos dias mirando globos, cartas e relações, discutindo a quem cabia primeiro alegar os seus direitos e sem que chegassem a um acordo, chegaram até ao dia 31 de maio, prazo fatal para resolver o assunto. "En el proceso de propiedad aconteció idéntica cosa.

tro de Badajós (1524) continuam as coisas no mesmo pé até que CARLOS V, *precisando dinheiro para ir à Itália coroar-se*, empenhou as Molucas por 350 mil ducados, deixando, todavia, sem demarcação o meridiano das 370 léguas a oeste de Cabo Verde. (2)

A linha de demarcação de Tordesillas, apesar de válida durante dois séculos e meio, nunca foi traçada, embora mais uma vez, na escritura de Saragoça (3) se determi-

---

Reunidos los comisários en Badajoz, absorbieron sus primeras sesiones preliminares de poca importância. Por fin el día 23 de abril planteóse la cuestión dentro de los siguientes términos: 1.º en que sujeto había de hacerse la demarcación? — 2.º como situarian y colocarian en su proprio lugar las islas de Cabo Verde? — 3.º de cual de dichas islas habian de comenzarse a medir las 370 leguas, establecidas como distancia máxima entre ellas y el punto de arranque de la Línea divisória? Resolvido que a demarcação se faria nos portulanos, sem prescindir totalmente das cartas, propuzeram os espanhois que a medida fosse feita a contar da ilha de Santo António e os portuguezes alegaram que, estabelecendo o Tratado de Tordesilhas que a medida fosse a contar das *ilhas* no plural, devia començar-se de um meridiano onde houvesse mais de uma ilha, sendo este justamente o das ilhas do Sal e Boa Vista que eljs propunham. E com isto chegou o 31 de maio sem nenhum resultado.

(2) CARLOS V, o flamengo, esbanjava com os seus validos as rendas da coroa, vendo-se em apuros para ter os meios para preparar a suntuosa embaixada com que pretendia apresentar-se ao Santo Padre, para coroar-se. Escreve ANTONIO ULLOA: "I no se descuidando el Rey de Portugal en los médios de quedar dueño del trato de la Especiaria y Islas Molucas, se valió de la necesidad y falta de dineros, en que se hallaba el Emperador el año de 1529 y ofreciendo 350 mil ducados por su empeño, se concertaron ambos Principes en que por dicha cantidad quedasen las islas al rey de Portugal, otorgandose de ello la Carta de venta correspondiente en Zaragoza, a 22 de abril de aquel año con el pacto de retrovendendo para quando quisiese el Rey de Castilla".

(3) "E para se saber como a linha deveria ser lançada, se fizessem dois padrões iguais ao que estava na Casa da Contração das Indias, em Sevilha, pêlo qual navegam as armadas

nasse que se fizessem dois padrões iguais, pelos quais fossem traçadas as cartas de navegar *com a dita linha*, nomeando cada qual dos soberanos, para tal fim “tres astrólogos, tres pilotos e tres marinheiros experimentados”. (4).

A linha de Tordesillas, tal como aparece nos mapas, não representa, portanto, um trabalho científico, o resultado de estudos por expedições ou comissões para esse fim designadas, por isso “varia a sua colocação ao sabor das noções contemporâneas e individuais da circunferência da terra e da dimensão da légua marítima, tendo ainda no século passado VARNIAGEN sido obrigado a justificar a sua linha, dando para cada grau dezesseis léguas e dois terços. Se referirmos todas estas interpretações individuais, como fez HARRISSE, ao meridiano de Greenwich, como linha zero, vemos que ela varia desde 42°30 a oeste com CANTINO até 49°46 com DIOGO RIBEIRO (1529), havendo as soluções intermediárias de JAIME FERRER (1495) com 45° 37', ENCISO (1519) e FALLEIRO (1535) com 45° 38' e a Junta de Badajóz (SEBASTIÃO GABOTO, JOÃO VESPÚCIO e TOMÁS DURAN, (1524), com 46° 36'.

---

d'el-Rey de Castela. Esses padrões seriam feitos por comissões adrede nomeadas; e depois de assinados e selados pelos dois monarcas, seriam entregues a cada qual o seu. Logo, pelos mesmos padrões, se fizessem cartas de navegar com a *dita linha*, consoante fôra decidido”.

(4) “Cada um dos soberanos nomearia tres astrólogos, tres pilotos e tres marinheiros experimentados. Reunidos estes, ver-se-ia se realmente pertenciam a um ou outro monarca; caso pertencessem ao rei de Castela, nada se executaria, antes de ser devolvida a quantia paga por el-Rei de Portugal; caso, porém, pertencessem à coroa portugêsa, igualmente se devolveriam os 350.000 ducados ao rei de Portugal (ou seus sucessôres) no prazo de quatro anos contados do dia da sentença”.

Se pelo lado do mar as nossas lindes vão sendo bem determinadas pelos navegantes para esse fim expressamente expedidos, tanto que nos cartógrafos do século XVI as encontramos já delineadas com pasmosa fidelidade, a fronteira seca ficava apenas sabida e determinada por aquele tratado que em 7 de junho de 1494, em nome dos seus soberanos, firmavam de um lado D. HENRIQUE HENRIQUEZ, D. GUTTIERRE DE CARDENAS e o DR. RODRIGO MALDONADO e do outro RUI e D. JOÃO DE SOUSA e AIRES DE ALMADANA, jamais demarcada.

A sêde do ouro, a falta de braços para as culturas que se iniciavam na terra moça e fertilíssima, o sonho de aventuras ou o desejo de posse e liberdade dos que, entre os homens do seu país natal só encontravam desilusões e dissabôres, tais foram os múltiplos factores que arrojarão para o Oeste, descendo os rios e varando campos e florestas, os primeiros povoadores. Muito de propósito dizemos *descendo rios*, porque o Amazonas, o rio cheio de encantos e seduções, que ainda hoje enfeitiça cientistas e aventureiros, aparece desde o seu início como uma preocupação quasi constante das metrópoles, que o procuram descobrir e explorar. É ele, portanto, um caso à parte, esmagando na sua desmedida grandeza a pequenez do homem civilizado, tesouro que ainda permanece quasi intacto, pelo desprezo dos conselhos com tanta previdência e sabedoria já expostos pelo padre ACUÑA desde 1641 (5) como pela miragem falaz das indústrias extrativas e pela impotência do homem para dominar a natureza hostil.

---

(5) Escreve CRISTOBAL DE ACUÑA: "Ha neste grande rio das Amazonas quatro gêneros que, cultivados, serão sem dúvida suficientes para enriquecer não a um mas a muitos Reinos. O primeiro são as madeiras, que além de haver muitas de tanta curiosidade e estima como o melhor ébano, ha tantas que, por muito que se tirem, nunca se poderão exgotar. O segundo gênero

Os malogros na subida do grande Rio, apenas percorrido perto da sua foz pelos portuguezes que, no dizer de ORELLANA o navegavam "*en piezas ligcras y bien aderesadas*", traziam o desânimo aos mais destemidos. Não assim os outros rios que se apresentavam aos aventureiros, aos desbravadores desses invios sertões como quasi regatos, mansos, cantantes, sedutores, fluindo misteriosamente para o interior tão cheio de tentações e de promessas, para esse interior onde abundavam os Indios a escravizar, de onde chegava de quando em vez o ouro em pó ou em grãos, colhido nas areias desses recônditos pactolos, arrastado de roldão com o cascalho inutil.

Com a criação das capitánias hereditárias, estabelecimento na América de um regimen medieval, cessava a obrigação dos traficantes de essências de explorarem e descobrirem as trezentas léguas de costa, repartida a Terra de Santa Cruz em fatias iguais, distribuidas pelos validos de D. João III, fatias que deviam ir da costa até a raia de Tordesilhas, que no entanto se deixava indeterminada

---

é o cacau. Esse fruto beneficiado é de tanto proveito, que a cada pé de árvore corresponde de renda todos os anos, fóra todos os gastos, oito reais de prata. O terceiro é o tabaco. Se se cultivasse com o cuidado que pede esta semente, seria dos melhores do mundo. O quarto gênero, o mais nobre, mais proveitoso, mais seguro e de maiores rendimentos para a Coroa Real é o açúcar. Não só estes gêneros podia prometer este novo mundo descoberto, com que enriquecer a todo o Orbe, mas também outros muitos que, embora em menor quantidade, não deixariam de auxiliar com o seu quinhão para o enriquecimento da Coroa Real, como são o algodão, que se colhe em abundância, o urucú, com que se obtém um vermelho perfeito, que os estrangeiros estimam grandemente; a canafístula, a salsaparrilha, os óleos que competem com os melhores bálsamos para curar feridas, as gomas e resinas perfumadas, a pita, de que se tira o mais estimado fio, e da qual há grande abundância, outras muitas coisas que cada dia a necessidade e a ambição virão trazendo à luz".

(como os limites do norte desta "*Terra de Santa Cruz pouco sabida*"), "em parte", lembra CLOVIS BEVILACQUA, "porque o país não estava suficientemente explorado para o levantamento da linha geodésica norte-sul, e em parte porque essa indeterminação convinha à política dos povos interessados".

Essa *Idade Média Brasileira*, aliás de tão curta duração, nada oferece que possamos considerar como expedição científica. E o próprio relato dos cronistas do século XVI, trazendo achegas ao conhecimento da nossa natureza (flora, fauna, selvícola), não pode nem deve ser tido como pesquisa científica (pois há em todos eles apenas a impressão do viajante pasmado ou o panegírico um pouco exagerado pela terra mal conhecida). Aliás todos esses relatos são já do tempo dos Governadores Gerais.

É sobejamente conhecido o destino das Capitâneas, umas prósperas, outras malogradas, para que aqui insistamos sobre essa fase. A nenhum dos Donatários cabia uma exploração científica do quinhão que lhe coubera, nem era do feitio da própria doação carregar com esse pesadíssimo onus a obrigação de colonizar a nova conquista. Tão pouco se preocuparam os Governadores Gerais com o conhecimento da terra sob a sua jurisdição, tais eram as preocupações em manter a zona livre dos piratas e corsários pelo lado do Atlântico e, pelo lado de terra, das insídias dos Índios que a fereza das primeiras entradas transformara em inimigos.

Apenas os Jesuitas, cujo labor na formação do Brasil," a sua melhor obra", nunca será suficientemente enaltecida, aliavam à missão evangelizadora a incumbência de observar a região com as suas riquezas, os seus frutos, a sua fauna, os seus habitantes, os seus rios navegáveis e os caminhos para esse vastíssimo desconhecido a evangelizar, de modo que os podemos classificar ao mesmo tempo

como expedicionários da fé e missionários da ciência (6). Infelizmente, porém, ficaram nos códices selados da Companhia quasi todos os minuciosos relatórios dos filhos de Santo Inácio (7).

Até fins do século XVI era tido o Brasil como desprezível quinhão das gloriosas conquistas portuguesas, terra que dava mais trabalhos e canseiras que vantagens, tanto que o Prior do Crato propunha vender a CATARINA DE MEDICIS o Brasil em troca do auxílio das armas francesas para que ele reconquistasse a coroa de Portugal a que tinha direito, como neto do VENTUROSO.

Nesse 1581, morto o CARDEAL DON HENRIQUE, as côrtes reunidas em Tomar, diante da pressão do exército do DUQUE D'ALBA, aclamavam rei de Portugal a FILIPE II de Espanha. Reunida toda a península Ibérica sob o mesmo cetro, cessava a razão de ser de Tordesilhas. Escreve com razão MACEDO SOARES "Durante sessenta anos, até 1640, esteve o Brasil sob o domínio de Espanha e, em consequência, indistintas as fronteiras portuguesas e espanholas na América do Sul. E essa circunstância foi indubitavelmente favorável à atual formação territorial do Brasil. É possível que Portugal tenha perdido com a do-

---

(6) O padre SERAFIM LEITE, nessa obra notável e benemérita que é a *História da Companhia de Jesus no Brasil*, dá em anexo ao tomo primeiro um "Catálogo das expedições missionárias de Lisboa para o Brasil" expedições iniciadas em 1549, com a que veio sob a chefia de MANUEL DA NÓBREGA, com o primeiro Governador Geral, contando-se até 1604 vinte e oito expedições.

(7) Só agora SERAFIM LEITE, tendo como fontes principais "as próprias cartas e relações dos que são atores nela, fontes escritas, em geral, sem miras na posteridade", traz a lume esses códices, dizendo dos trabalhos e méritos dos Jesuítas, "as primeiras manifestações artísticas, literárias e científicas, as primeiras entradas ao sertão, os primeiros choques de raças".

minação espanhola, mas o Brasil, não há duvida, lucrou e não pouco, com os reinados dos tres Filípes". (8)

Cessa a preocupação da linha de Tordesilhas, já sem razão de ser quando os domínios dos Felípes abraçavam todo o orbe, de modo que em terras espanholas nunca se punha o sol. Despreocupada e sem temor de ser ultrapassada a discutida linde, a Metrópole estende para o norte a colonização, creando mais tres capitánias (Ceará, Maranhão e Pará), que vão constituir o grande Estado do Maranhão em 1621. Foi ainda sob o domínio espanhol, cioso de defender o território brasileiro das freqüentes incursões dos francêses, que se creou a capitania do Cabo Norte em 1637.

Sujeita toda a América do Sul à Coroa de Espanha, foi mais fácil e sem tropeços a arremetida das bandeiras. Verdade é que foi apenas a sêde de ouro que as lançou, em meia rosa dos ventos, para os pontos mais diversos e afastados do nosso interior. Por um que voltava, havia dezenas que marcavam o caminho da aventura com as cruces das próprias sepulturas, e não eram poucos os que, desanimados da conquista da riqueza sonhada e do metal que fugia como uma miragem, vergonhosos de tornar ao convívio dos seus com as mãos vazias ou enfeitiçados pela terra pródiga ou pelos encantos das mulheres sadias de outra raça, por lá se deixavam ficar, sementes anônimas de futuros

---

(8) Esta opinião de MACEDO SOARES é corroborada por SERAFIM LEITE, S. J. Diz ele: "A fatalidade que uniu as duas coroas de Portugal e Castela na mesma cabeça real, quasi não teve repercussão no Brasil senão no sentido de aporuguesar ou abrasilcicar mais a Colônia e alargar as suas fronteiras. Concitou também contra ela os ódios dos inimigos de Espanha. Mas isto foi ainda um elemento de robustecimento da consciência luso-brasileira, repelindo com os próprios recursos a agressão estranha. O sentimento nacional português, malferido na Europa, lançou raizes livres na América. Lá não houve solução de continuidade"

povoados. Em FERNÃO DIAS PAIS LEME resume OLAVO BILAC o símbolo desses “violadores de sertões, plantadores de cidades”. Foram eles marcando aos poucos os pontos em que se ouvia a doce fala lusa, os núcleos remotos dos fieis às bandeiras das quinas, os cômodos de terra onde

“os colmados de palha aprumavam-se, e clara a luz de uma clareira espancava o arredôr”.

Para referirmos soamente o período do domínio espanhol, aí vemos alcançando Mato Grosso ANTÔNIO CASTANHO DA SILVA (1622), PEDRO DA COSTA SIQUEIRA (1637), ANTÔNIO RAPOSO TAVARES (1635), ANDRÉ FERNANDES (1630).

Mais sólida que a das bandeiras era a obra iniciada em 1610 pelos Jesuítas organizando as *reduções* civilizadoras.

1640. O filho de D. CATARINA DE BRAGANÇA, o neto de D. DUARTE, o heroico representante desses BRAGANÇAS; “grandes demais para vassallos”, é aclamado rei de Portugal (8). Passam-se, porém, vinte e oito anos até que Espanha reconheça a independência lusitana. Nem nesse

---

(9) Tem a beléza de uma agua-forte este Quadro da *Historia de Portugal* de CHAGAS FRANCO: “E a caminho do solar de Vila Viçosa, taciturnamente FELIPE II ia pensando nêsse grande povo português, tão predestinado, tão gloriosamente heroico; ia pensando nessa poderosa DUQUESA DE BRAGANÇA, tão altiva, tão inteligente, que quasi o suplantara, neta do mais opulento, do mais venturoso rei da Cristandade. Fôra correto, extremamente respeitoso o encontro dos dois rivais. Amavelmente FELIPE II ia trajado de fidalgo português; D. CATARINA DE BRAGANÇA era deveras senhorial no seu toucado preto, nas suas rendas e espiguilhas castelhanas. A pompa verdadeiramente régia de todo o paço, os móveis encimados por dosseis magníficos, as almofadas de brocados de ouro, os arrás que revestiam as paredes, os perfumes que subiam de incensórios preciosos tinham-no constrangido... Decididamente eram muito grandes para vassallos aqueles BRAGANÇAS!”

interregno, durante o qual esteve quasi todo o tempo preocupado em rechassar os bátavos (pois o tratado de Háia é de 6 de agosto de 1661), nem nos primeros lustros que se lhe seguiram, tomados pela consolidação do reino, ainda não curado da febre da Índia que continuava a absorver vidas e capitais, cuidou Portugal de explorar cientificamente o Brasil.

Espanha, que demasiadamente se hipertrofiara com os Filipes, via-se agora cercada de inimigos e ambiciosos, sendo muitos os que se julgavam com direitos à posse de tão pingue legado. Entre os pretendentes estava LUIZ XIV e lembrado, talvez, que já FRANCISCO I apelara para D. JOÃO III, nos momentos de adversidade (10), procura obter as boas graças de D. PEDRO II, firmando com ele o tratado de 4 de março de 1700, que considerava provisoriamente neutras as terras entre o rio Amazonas e o Oiapoque. Os corsários e flibusteiros dos seculos XVI e XVII tinham deixado nesta América do Sul, que a Bula papal dividira entre Castela e Portugal, sinais de suas proesas e a Holanda, a Inglaterra e a França obtinham os seus quinhões. Além das contendidas com Castela, o inimigo de sempre, apareciam as novas dúvidas a resolver: os limites com as possessões de Holanda, França e Inglaterra.

O baixo Amazonas, regularmente percorrido pelos marujos da Lusitânia, começava, desde fins do século XVI, a despertar a cubiça dos flamengos, que já em 1594, faziam viagens directas entre Antuérpia e o Brasil, e em

---

(10) Preso em Pavia, em fevereiro de 1525, foi FRANCISCO I encerrado no Alcázar. Frustradas as suas tentativas de fuga, dirige-se em carta a D. JOÃO III e a 23 de outubro desse mesmo ano já agradece "*des autres choses qui ont esté puis naguères offertes et mises en avant à l'empereur pour notre delivrance et liberté*".

carta de 16 de janeiro de 1599 se queixava ALVARO MENDES DE CASTRO ao seu Governo de que um enxame de navios holandêses visitava o norte do País. Zelandêses de Vliessingen, por volta de 1600, construíram dois fortes no Xingú, o que demonstra um bom conhecimento da região e as suas intenções de conquista.

Procurava a Companhia das Índias Ocidentais instruir-se das possibilidades e riquezas da América e, com o rompimento das hostilidades com Espanha, instalava-se em Pernambuco a Nova Holanda que aos poucos se ia dilatando. Mesmo como prisioneiros de guerra não esqueciam os vencidos de estudar a nova terra e informar aos seus, sendo notáveis as descrições, vivamente coloridas, que do Maranhão e da Amazônia fazem GIDEON MORRIS DE JONGE, JOHN MAXWELL, JACOB VAN DER VEERE e DU GARDIN em 1637 e 1638, dando conta da feracidade do solo, da riqueza da fauna e da flora, e até de como realizar a travessia de Lima ao Pará.

Com a paz de 1661 ficara à Holanda, além da indenização de oito milhões de florins, apenas Suriname. Ainda assim essa pequena Guiana se apresentava como uma ameaça à tranquilidade da coroa portuguesa, que, pela voz dos Governadores das províncias e capitânicas do norte, não se descuidava de mandar averiguiar os casos que lhe pareciam mais graves para a defesa da colônia.

Com a França os limites eram marcados pelo tratado de Utrecht, de 11 de abril de 1713, assinado, em nome do "muito poderoso príncipe LUIS XIV, pela graça de Deus Rei Cristianíssimo de França e de Navarra" pelo MARQUES DE HUXELES e por NICOLAU MESNAGER, e em nome do "muito poderoso príncipe D. JOÃO V, pela graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves", pelo mestre de campo General JOÃO GOMES DA SILVA, Conde de Tarouca, e por D. LUÍS DA CUNHA. Aí se determinava que as "Terras

chamadas do Cabo do Norte e situadas entre o rio das Amazonas e o Iapoc ou Vicente Pinzon” passavam a pertencer à coroa de Portugal, podendo “Sua Magestade Portuguesa fazer reedificar os fortes de Araguari e Camaú ou Passapá e os mais que foram demolidos em execução do Tratado provisional, feito em Lisbôa em 1700”.

Todo esse século XVIII transcorre entre rusgas e reconciliações das casas reinantes de Portugal e Castela, vai-vém de que nos dá bem uma idéia o caso da Colonia do Sacramento, a representar, até certo ponto, o pomo de discórdia e que, em menos de oitenta anos foi quatro vezes espanhola e outras tantas portuguesa (11).

Descobertas em fins do século XVII as minas de ouro que iam dar para os esbanjamentos e faustos do reinado de D. João V, o mais faustoso e pródigo rei de Portugal, continuava, contudo, a febre das bandeiras, a faina dos faiscadôres a catar palhetas e pepitas do ouro de aluvião; seguiam o seu destino os “semeadores de povoados”. Muitos sertanistas escreveram os seus diários e roteiros, quasi todos, infelizmente, conservados inéditos na poeira

---

(11) Fundada em 1680 por MANUEL LOBO em frente das ilhas de S. Gabriel, foi a nova colonia do Sacramento tomada pelos espanhois, a mando de D. JOSÉ DE GARRO e de D. ANTONIO DE VERA MUJICA logo no ano seguinte. O tratado de 7 de maio de 1681 mandava restituir Colônia a Portugal e castigar a JOSÉ DE GARRO, tratado confirmado pelo de 18 de junho de 1701. Em março de 1705 volta Colônia ao domínio espanhol, com o embarque de VEIGA CABRAL para o Rio de Janeiro. Em 11 de novembro de 1716 entregava D. BALTASAR GARCIA ROS novamente Colonia ao representante de Portugal MANUEL GOMES BARBOSA, em obediência ao tratado de Utrecht. Pelo tratado de Madrid de 1750 ficava Colônia com Espanha e em 1777 pelo de Santo Ildefonso considerando-se que “um dos principais motivos das discórdias ocorridas entre as duas corôas tem sido o estabelecimento portuguez da Colônia do Sacramento, ilha de S. Gabriel e outros portos e territórios” foram os mesmos entregues à Espanha.

dos arquivos, de onde só muito mais tarde foram trazidos a lume. Chegaram ao nosso conhecimento os que traçaram DIOGO PINTO GAYA (explorando o Tocantins em 1720), FRANCISCO PALHETA (que esteve no Madeira em 1722), os padres jesuitas, matemáticos DIOGO SOARES e DOMINGOS CAPASSI (que vinham em 1730 com uma provisão real, dando-lhes todas as facilidades), LUIS FAGUNDES MACHADO (que viajou por Mato Grosso em 1741), JOSÉ MONTEIRO DE NORONHA (que, como vigário geral do Rio Negro, escreveu, um roteiro ou taboada itinerária desse rio em 1756), FRANCISCO XAVIER RIBEIRO DE SAMPAIO, intendente da Agricultura da Capitania do Rio Negro e seu ouvidor geral (que escreveu uma relação geográfico-histórica do Rio Branco da América Portuguêsa e dois diários das viagens realizadas em sua capitania, com os respectivos roteiros).

Com a obra colonizadora mantida pela fibra e destemor dos brasileiros, os limites da América portuguêsã iam aos poucos tomando uma configuração precisa e duradoura. Foram os brasileiros que fizeram o Brasil: BENTO RODRIGUES DE OLIVEIRA, ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS, ALEIXO GARCIA cimentavam os alicerces nos quais ia ser construído esse monumento soberbo da obra genial desse grande, desse imenso ALEXANDRE DE GUSMÃO. Era, depois de Utrecht, o Tratado de Madrid, de 13 de Janeiro de 1750. Surge então, quasi perfeito, o contorno do Brasil: século e meio depois completaria Rio BRANCO *as linhas* da nossa pátria, estabelecidas todas, como desejara ALEXANDRE DE GUSMÃO, mantida a paz com toda a América Meridional, vivendo os seus filhos “sem fazer-se a menór hostilidade”.

Aos poucos tinham vindo os espanhois, “com pés de lan”, para não despertar os portuguêses, que nesse tempo dormiam profundo sono, sem fazerem apreço ao Brasil”, povoando a margem direita do Rio da Prata. Os jesuitas

espanhois “cômo mais intrépidos, entraram pelo Uruguai a estabelecer as suas reduções defronte da ilha de S. Gabriel.” Começavam as disputas do Sacramento que, fundada em 1680, era tomada por D. JOSÉ GARRO, depois restituída a DUARTE TEIXEIRA (com a promessa de ser castigado GARRO). Floreciam as feitorias de Castela e o governo de Lisboa começava a preocupar-se, fazendo percorrer o sul, em segredo e às escondidas, como fôra sempre do seu feitio, pelos seus engenheiros e cosmógrafos, conservando-se nos arquivos, longe de profanas vistas, os mapas do litoral (12). Em suas insuperaveis razões, em defeza dos nossos direitos, consegue RIO BRANCO tirar cópias desses mapas manuscritos, feitos na primeira metade do século XVIII, demonstrando os conhecimentos geográficos perfeitos da região. Em um deles vemos figuradas as lagoas Mirim e dos Patos, com os territorios adjacentes, assim como o litoral sul, desde o cabo Santa Maria até Santa Catarina, segundo um esboço rapidamente feito em 1737 pelo general SILVA PAIS, repetidos os mesmos dados no Mapa das Côrtes, de 1749, no qual parece ter sido principal colaborador o nosso grande ALEXANDRE DE GUSMÃO.

Chegamos assim a 1750, inicio das expedições científicas para a demarcação das nossas fronteiras, expedições

---

(12) Já por ocasião das reclamações de D. JOSÉ DE GARRO pela povoação de Colônia do Sacramento por familias portuguezas, lhe mostrou DUARTE TEIXEIRA um mapa feito em Lisboa por JOÃO TEIXEIRA ALBORNOZ, o qual estendia os domínios portuguezes na América até Tucuman, compreendendo 300 léguas de costa. Ao estudar a nossa questão de Missões, fez RIO BRANCO copiar várias cartas, que eram ciosamente conservadas nos arquivos portuguezes e que demonstravam um conhecimento perfeito de toda essa região contestada a principio por Portugal e Castela, e sobre a qual queria então fazer valer a Argentina os seus supostos direitos.

que iam começar com o CONDE DE BOBADELA e o MARQUEZ DE VAL DE LIRIOS e que iam prosseguir, sem solução de continuidade na linha de retidão e de probidade até aos trabalhos do Capitão de Mar e Guerra BRAZ DE AGUIAR, ainda em vias de execução. Este tratado de Madrid merece, portanto, mais uma vez ser transcrito em seus artigos, explicitamente revogado o Tratado de Tordesillas, reconhecendo o esforço dos bandeirantes e sertanistas, estabelecendo a doutrina do *uti possidetis*, graças à qual “o Brasil conseguiu resolver pacificamente todas as suas questões do limites”.

Dizia o artigo III: “*Pertencerá à Coroa de Portugal* tudo o que tem ocupado pelo rio das Amazonas, ou Maranhão acima e o terreno de ambas as margens deste rio até às paragens que abaixo se dirão; como também tudo o que tem ocupado no distrito de Mato Grosso, e dele para a parte do Oriente, e Brasil, sem embargo de qualquer pretensão, que possa alegar-se por parte da Coroa de Espanha, com o motivo do que se determinou no referido Tratado de Tordesillas”.

E o artigo IV: “Os confins do Domínio das duas Monarquias, principiarão na barra, que forma na costa do mar o regato, que sai ao pé do monte de Castilhos Grande, de cuja falda continuará a fronteira, buscando em linha reta o mais alto, ou cumes dos montes, cujas vertentes descem por uma parte para a costa, que corre ao norte do dito regato, ou para a lagoa Mirim, ou del Meni; e pela outra parte para a costa, que corre do dito regato ao sul, ou para o rio da Prata; de sorte que os cumes dos montes sirvam de raia do domínio das duas coroas: e assim continuará a fronteira até encontrar a origem principal, e cabeceiras do Rio Negro; e por cima deles continuará até à origem principal do rio Ibicuí, prosseguindo pelo álveo do rio abaixo, até onde desemboca na margem oriental do Uruguai; fi-

cando de Portugal todas as vertentes, que baixam à dita lagoa, ou ao Rio Grande de S. Pedro; e de Espanha as que baixam aos rios, que vão unir-se com o da Prata.”

E o artigo V: “Subirá desde a boca do Ibicuí pelo álveo do Uruguai, até encontrar o do rio Peipiri ou Pequirí, que deságua na margem ocidental do Uruguai; e continuará pelo álveo do Peperí acima, até à sua origem principal; desde a qual prosseguirá pelo mais alto do terreno até à cabeceira principal do rio mais visinho, que desemboque no Rio Grande de Curitiba, por outro nome chamado Iguacú. Pelo álveo do dito rio mais vizinho da origem do Pepiri, e depois pelo Iguacú, ou rio Grande de Curitiba, continuará a raia até onde o mesmo Iguacú desemboca na margem oriental do Paraná; e desde esta boca prosseguirá pelo álveo do Paraná acima, até onde se lhe ajunta o rio Iguareí pela sua margem ocidental.

E o artigo VI: “Desde a boca do Iguareí continuará pelo álveo acima até encontrar a sua origem principal; e dali buscará, em linha reta pelo mais alto do terreno a cabeceira principal do rio mais visinho, que deságua no Paraguai pela sua margem oriental, que talvez será o que chamam de Corrientes, e baixará pelo álveo deste rio até à sua entrada no Paraguai, desde a qual boca subirá pelo canal principal, que deixa o Paraguai em tempo seco; e pelo seu álveo até encontrar os pântanos, que forma este rio, chamados a Lagoa dos Xarais, e atravessando esta lagoa até à boca do rio Jaurú.”

E o artigo VII: “Desde a boca do Jaurú pela parte Ocidental prosseguirá a fronteira em linha reta até à margem austral do rio Guaporé defronte da boca do rio Sararé, que entra no dito Guaporé pela sua margem setentrional; com declaração que se os commissários, que se hão de despachar para o regulamento dos confins nesta parte, na face do país acharem entre os rios Jaurú e Guaporé

outros rios, ou balizas naturais, por onde mais comodamente, e com maior certeza se possa assinalar a raia naquella paragem, salvando sempre a navegação do Jaurú, que deve ser privativa dos portuguezes, e caminho que eles costumam fazer do Cuiabá para o Mato-Grosso; os dois Altos Contraentes consentem, e aprovam, que assim se estabeleça, sem atender a alguma porção mais ou menos no terreno, que possa ficar a uma ou a outra parte. Desde o logar, que na margem austral do Guaporé fôr assinalado para o termo da raia, como fica explicado, baixará a fronteira por todo o curso do rio Guaporé até mais abaixo da sua união com o rio Mamoré, que nasce na provincia de Santa Cruz de la Sierra, atravessa a missão dos Moxos, e formam juntos o rio chamado da Madeira, que entra no das Amazonas ou Marañon, pela sua margem austral.

E o artigo VIII: "Baixará pelo álveo destes dois rios, já unidos, até à paragem situada em igual distância do dito rio das Amazonas, ou Marañon, e da boca do dito Mamoré; e desde aquella paragem continuará por uma linha Leste-Oeste até encontrar com a margem oriental do Javari até onde desemboca no rio das Amazonas ou Marañon, prosseguirá por este rio abaixo até à boca mais occidental do Japurá, que desagua nele pela margem setentrional."

E o artigo IX: "Continuará a fronteira pelo meio do rio Japurá, e pelos mais rios, que a ele se ajuntam, e que mais se chegarem ao rumo do Norte, até encontrar o alto da cordilheira de montes que mediam entre o Orinoco e o das Amazonas ou Marañon; e prosseguirá pelo cume destes montes para o oriente, até onde se estender o dominio de uma e outra Monarquia. As pessoas nomeadas por ambas as Côrtes para estabelecer os limites, conforme é prevenido no presente artigo, terão particular cuidado de as-

sinalar a fronteira nesta parte, subindo pelo álveo da boca mais ocidental do Japurá: de sorte que se deixem cobertos os estabelecimentos, que atualmente tiverem os Portuguêses nas margens deste rio e do Negro, como também a comunicação ou canal, de que se servem entre estes dois rios; e que se não dê logar a que os espanhois com o pretexto, ou interpretação alguma possam introduzir-se neles nem na dita comunicação. . . .”

E o artigo X: “Todas as ilhas que se acharem em qualquer dos rios por onde ha de passar a raia, conforme o prevenido nos artigos antecedentes, pertencerão ao domínio a que estiverem mais próximas em tempo seco”.

E o artigo XI: “Ao mesmo tempo que os commissários nomeados por ambas as Coróas forem assinalando os limites em toda a fronteira, farão as observações necessárias para formar um mapa individual de toda ella; do qual se tirarão as cópias, que parecerem necessárias, firmadas por todos, que se guardarão pelas duas Côrtes”.

E o artigo XXII: “Para que se determinem com maior precisão, e sem que haja lugar à mais leve dúvida ao futuro nos lugares, por onde deve passar a raia em algumas partes, que não estão nomeadas e especificadas distintamente nos artigos antecedentes, como também para declarar a qual dos dominios hão de pertencer as ilhas que se acharem nos rios que hão de servir de fronteira, nomearão ambas as magestades, quanto antes, commissários inteligentes: os quais, visitando toda a raia, ajustem com a maior distincção e clareza as paragens, por onde há de correr a demarcação, em virtude do que se expressa neste Tratado, pondo marcos nos logares que lhes parecerem convenientes.”

Por esse artigo XXII do célebre e louvabilíssimo tratado que, como já vimos, estabelecia sãbiamente o *uti pos-*

*sidetis* e a paz entre as colônias da América, mesmo se a guerra “chegasse a romper entre as duas coroas”, (13) por esse artigo eram taxativamente estabelecidas as nomeações de *comissários inteligentes*; creadas portanto, verdadeiras expedições científicas, para o estudo das nossas lindes e colocação dos respectivos marcos.

Passara-se um ano, quasi dia por dia, da assinatura do tratado de Madrid, no qual o VISCONDE TOMAZ DA SILVA TELES firmara com o seu nome o que ALEXANDRE DE GUSMÃO tão sábia e pacientemente preparára. Aos 17 de janeiro de 1751 foi ajustado em Madrid que se formassem duas comissões demarcadoras, uma para o Norte e outra para o sul. Para a demarcação do sul foram nomeados, por parte de Espanha, o MARQUÊS DE VAL DE LÍRIOS e por parte de Portugal o Capitão General do Rio de Janeiro GOMES FREIRE DE ANDRADE, futuro CONDE DE BOBADELA. Encontraram-se os dois comissários em setembro de 1752 em Castilhos Grande, ponto de partida da demarcação, em

---

(13) Diz o artigo XXI do tratado de Madrid: “Sendo a guerra ocasião principal dos abusos, e motivo de se alterar as regras mais bem concertadas, querem *Suas Magestades Fidelissima e Católica* que se (o que Deus não permita) se chegasse a romper entre as duas Coroas, se mantenham em paz os vassallos de ambas, estabelecidos em toda a América Meridional, vivendo uns e outros como se não houvera tal guerra entre os soberanos, sem fazer-se a menor hostilidade, nem por si sós, nem juntos com os seus aliados. E os motores e cabos de qualquer invasão, por leve que seja, serão castigados com pena de morte irremissivel; e qualquer presa que fizerem será restituída de boa fé e inteiramente. E assim mesmo nenhuma das duas nações permitirá o cômodo dos seus portos e menos o trânsito pelos seus territórios da América Meridional, aos inimigos da outra, quando intentem aproveitar-se deles para hostilizá-la; ainda que fosse em tempo que as duas nações tivessem entre si guerra em outra região”.

busca daquele regato de que falava o artigo III do Tratado de Madrid. (14).

O resto de setembro se gasta nos preparativos das duas comissões que a nove de outubro realizam a sua primeira conferência, com apresentação das respectivas credenciais, dando-se conta das ordens recebidas e acordando

---

(14) Chegara VAL DE LIRIOS a Montevideo, a bordo do *São Peregrino*, a 27 de janeiro de 1752, trasladando-se depois para Buenos Aires, de onde partiu a encontrar FREIRE DE ANDRADE em fins do mesmo ano. Eis como BAUZÁ descreve o encontro dos dois comissários: "Em 1.º de Septiembre se avistaron unos y otros, en las inmediaciones del cerro de Navarro, abriéndose la conferencia con un acto de suma cortesia por parte de los portugueses. Dividia los dos campamentos un arroyo, en cuya opuesta orilla estaba designado el local para encontrarse los negociadores. VALDELIRIOS, puntual a la cita, pero poco hecho a usos militares, se transportaba a la hora indicada en una pelota por médio del aroyo, cuando GOMES FREIRE, que estaba a caballo en el sitio convenido, lo vé, y mettiendo espuelas hácia la corriente, fué a alcanzarle, obligándole con mucho donaire a retroceder al punto de partida, donde al fin tuvieron la conferencia preliminar que duró tres horas.

"Siguieronse luego algunas manifestaciones de culta caballeridad, en que uno y otro de los comissários lucharon a porfía por mostrarse dádivosos y galantes. VAL DE LIRIOS correspondió a las demostraciones de GOMES FREIRE enviándole un espadín de oro y várias prendas de valor; mientras que el português regaló su propio reloj al portador del obséquio, y de allí a poco retribuyó al marqués con prendas equivalentes en costo y lujo. Hubo también bailes y serenatas, confundiendo en las diversiones y banquetes, españoles y portugueses sobre el mayor pié de fraternidad. La ocasión de reunirse tanta gente distinguida, incitaba de suyo a estas expansiones; porque incluso GOMES FREIRE, los concurrentes, aunque soldados casi todos, eran hombres de ilustración y buenas letras. VAL DE LIRIOS agregaba a la espectabilidad própria, el contingente de su estilo irreprochable, adquirido en la que entonces pasaba por la mas cumplida de las cortes europeas. Así, pues, en medio de seductores agasajos, comenzaba a redizarse el tratado de limites, semejando el aspecto exterior de las reuniones de los comisários y sus acompañantes, aquellos festinos asiáticos donde los predestinados bebían el veneno en copa de oro".

sobre as providências a tomar. Convieram VAL DE LÍRIOS e BOBADELA em colocar o primeiro marco de mármore, que de antemão vinha lavrado, sobre um penhasco junto à praia e próximo do monte de Castilhos Grande. Escreve o VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO: “Foi ali assentado em direção norte-sul; da parte do norte viam-se as armas de Portugal, e por baixo esta inscrição: *Sub Joanne V Lusitanorum Rege Fidelissimo*; e da parte do sul as armas de Castela, com a seguinte: *Sub Ferdinando VI, Hispaniae Rege Catholico*; do lado de léste a legenda: *Justitia et pax osculatae sunt*; e do oéste: *Ex Pactis finium regulatorum, conventis Matrili Idibus Januarii 1750*.

E continua o mesmo historiador: “Assentou-se o segundo marco no sítio da *Índia morta*; e assim se foi prosseguindo a demarcação, abrindo-se em todas as pedras grandes, que se encontraram, as letras iniciais, da parte de Portugal R. F.; da de Espanha R. C. A 6 de janeiro de 1753 levantou-se o terceiro marco em uma das serras de Maldonado, a cinco léguas deste porto, a qual em veneração à festividade do dia se ficou denominando Serra dos Reis. D’aqui expediram os dois principais comissários a primeira partida destinada a continuar a demarcação até à foz do Ibicuí, e se recolheu GOMES FREIRE à nossa praça de Colônia e o marquez de VAL DE LÍRIOS a Montevideo. Constava aquela de duas divisões: à testa dos Portuguezes se achava o primeiro comissário FRANCISCO ANTONIO CARDOSO DE MENEZES e astrônomo o jesuita veneziano BARTOLOMEU PANIGAL, geógrafo ALEXANDRE CARDOSO, além de um capelão, cirurgião e uma escolta de 50 dragões ao mando do tenente coronel JOSÉ INÁCIO DE ALMEIDA. Da Espanhola era comissario o capitão de navio D. JOÃO DE ECHAVARRIA, astrônomo o tenente de navio D. INÁCIO MENDIZABAL, geógrafo D. ALONSO PACHECO, e mais capelão, cirurgião e uma escolta de 50 dragões, comandados

pelos capitães D. JOSÉ MARTINEZ FUENTES e D. FRANCISCO BRUNO DE ZAVALA.”

A segunda divisão devia demarcar um trecho mais para o norte, estudando o Paraná desde a foz do Iguacú até à boca de Santa Tereza. Era principal comissário por parte de Portugal o sargento-mór engenheiro JOSÉ CUSTÓDIO DE SÁ E FARIA; acompanhavam-no como astrónomo o DR. MIGUEL CIERA e como geógrafo o capitão BENTO PITHON. Por parte de Castela era comissário o conselheiro D. MANUEL ANTONIO FLORES, que se fazia acompanhar do astrónomo D. ATANÁSIO VARANDA e do geógrafo D. ALONZO PACHECO. Reunida em Assunção, d'aí partiu para Curuguatí, passou a serra de Maracajú, baixou pelo Igatemi até Sete Quedas e desceu pela margem ocidental do Paraná até à distancia de oito léguas, pondo aí um sinal na latitude de 24° 28' e outro próximo do salto das Sete Quedas. Seguiu depois a demarcar a fronteira do Igatemi, levantando o plano hidrográfico deste rio até às suas nascentes. No extremo norte da serra de Maracajú ou Nanduracaí poz a comissão mixta um marco, collocando outro na fronteira contravertente, julgando aí estar a nascente do Ipanéguassú, embora se tratasse realmente do rio Aguaráí.

Mas os trabalhos de demarcação dos comissários, e bem assim a entrega do Sacramento à Espanha e das Sete Missões a Portugal, não tinham o desfecho pacífico que era de desejar pelos bons propósitos do sábio Tratado de Madrid, e não chegava até este lado do Atlântico a influência inteligente e persuasiva da feia D. MARIA BARBARA (15). Os comerciantes portuguezes e inglêses da

---

(15) A rainha de Espanha, irmã de D. João V de Portugal (de quem escrevia o Marechal de Noailles “*Son visage est tel qu'on ne peut le regarder sans peine*”) era inteligente, muito culta e exerceu decisiva e benéfica influência na côrte de Madrid.

Colônia do Sacramento não se conformaram com a cessão desse importante centro comercial à coroa de Castela. Por outro lado os sitios insalubres que VALDELIRIOS e ANDONAEGUI ofereciam para a instalação das reduções que tinham de abandonar as Sete Missões, sob a direção do padre ALTAMIRANO, sem consideração pelas ponderações do provincial BARREDA, que assegurava “que a memória dos males causados pelos Portuguezes fazia odiosa aos indígenas até a sombra do seu poder” (16), iam culminar nessa guerra sangrenta (tão mal e capciosamente descrita por BASÍLIO DA GAMA), só terminada na jornada sangrenta de Caibaté.

ANDONAEGUI e VIANA se retiraram, o primeiro a tomar nau que o conduzisse à Espanha, o segundo a reassumir o seu governo em Montevidéo, viajando juntos de Missões até Sacramento. VAL DE LIRIOS foi para San Nicolas e CEVALLOS para S. Borja, com as promessas de GOMES FREIRE de que tudo estaria regularizado no ano seguinte. Van promessa, porquanto em Lisboa a ruína do Tesouro, de cujas arcas tinham saído tres milhões de libras esterlinas para os gastos da expedição militar contra as Missões e para corrigir os estragos causados pelo terremoto de 1755 dificultaram toda e qualquer providência. Em Madrid a morte de D. MARIA BÁRBARA e a enfermi-

---

(16) Determinou-se para a redução de *São Luis*, um sitio entre a Lagoa Iberá e o rio Santa Lúcia; para a de *São Lourenço* uma grande ilha no Paraná; para a de *São Miguel* terrenos a sueste, sobre o Rio Negro; para a de *São João* um trecho insalubre, limítrofe do pântano de Neembucú; para a de *Santo Angelo* terrenos ao norte da redução de Corpus; para a de *São Francisco de Bórgia* terrenos ao sul do Quegaí, em jurisdição dos Charruas e, finalmente, para a de *São Nicolau* uma curva do Paraná entre Itapuan e Trindad. Foi dado aos Jesuitas o prazo de tres mêses para a mudança, entregando-se ao Padre ALTAMIRANO 28 mil pesos.

dade do rei paralizaram as atividades políticas. GOMES FREIRE, entrando o ano de 1758, pediu a VAL DE LIROS que indicasse o ponto de reunião com a comissão demarcadora espanhola, opinando, porém, que se recomeçasse a demarcação pela linha de Santa Tecla, interrompida cinco anos antes e solicitou uma conferência a que assistiu CEVALLOS. Essa conferência, reunida em Jacuí, resolveu interromper qualquer trabalho até à volta de GOMES FREIRE, que partiu para o Rio de Janeiro em 1759, deixando como seu representante a D. CUSTÓDIO DE SÂ E FARIA, no dizer dos castelhanos "tão discutidor como GOMES FREIRE". Prosseguiram, contudo, nesse ano de 1769 as demarcações interrompidas, formando-se uma nova comissão mixta, da qual faziam parte, pela coroa lusitana o coronel-engenheiro JOSÉ FERNANDO PINTO ALPOIM, o astrônomo capitão ANTÔNIO VEIGA DE ANDRADE e o geógrafo MANUEL PACHECO DE CRISTO, e pela coroa de Castela o conselheiro D. FRANCISCO DE ARGUEDAS, o astrônomo D. JUAN NORBERTO MARRON e o geógrafo D. FRANCISCO MILIYAN Y MARAVAL. Subiu a comissão luso-espanhola desde a foz do Ibicuí, pelos rios Uruguai, Peperiguaçu, Santo Antônio, Iguané e Paraná até ao Santa Tereza. A foz do Peperiguaçu, ponto litigioso e que na nossa pendência de Missões tanto foi discutido, como ponto crucial da questão, foi então determinada como situada aos 27° 9' 23", encontrando os geógrafos de 1789 27° 10' 30".

Um dos atos iniciais de CARLOS III de Espanha foi obter de Portugal a anulação do Tratado de Madrid, o que conseguiu pelo convênio do Pardo, a 12 de fevereiro de 1761, consentido por esse D. José I, de ação tão pouco simpática ao Brasil. CEVALLOS, apenas teve notícia da anulação de Madrid, reiteradas cartas dirigiu a GOMES FREIRE, pedindo-lhe a devolução dos territórios, às quais

não dava o futuro BOBADELA resposta, mantendo obstinado e cauteloso mutismo.

Novamente se turvavam os horizontes e mais uma vez se desavinham Portugal e Castela. Ao contrário dos bons propósitos do Tratado de Madrid, sãbiamente expostos na cláusula posta por ALEXANDRE DE GUSMÃO de que as colônias se deveriam conservar em paz, mesmo que houvesse guerra entre as metrópoles, eram agora as metrópoles que firmavam um tratado de paz em 10 de fevereiro de 1763, e as colônias americanas que não respeitavam a reconciliação, continuando acirradamente as suas disputas e sisânias.

A D. JOSÉ I sucede no trono português D. MARIA I, que afasta POMBAL e permite a *viradeira*. Na Espanha o genovês GRIMALDI é substituído pelo Conde de FLORIDA BLANCA. Já não tínhamos a defender os nossos interesses o atilamento e o patriotismo de GUSMÃO, e a primeiro de outubro de 1777 D. FRANCISCO INOCÊNCIO DE SOUSA COUTINHO assina em Santo Ildefonso êsse tratado lesivo, leonino e capcioso que deixa à Espanha o domínio absoluto e exclusivo do Rio da Prata, entregando-lhe, além da Colônia do Sacramento, esse vasto território das Missões, compreendido pelas margens esquerda do Uruguai, direita do Ibicuí e esquerda do Peperiguaçu. O artigo IV do tratado de 1750 era inteiramente revogado pelo artigo III do de 1777 (17) e já

---

(17) Dizia esse artigo III: "Como um dos principais motivos das discórdias ocorridas entre as duas Coroas tem sido o estabelecimento português da Colônia do Sacramento, Ilha de São Gabriel e outros portos e territórios que se tem pretendido por aquela nação na margem setentrional do Rio da Prata, fazendo comum com os Espanhois a navegação deste, e ainda a do Uruguai; convieram os dois Altos Contratantes, pelo bem recíproco de ambas as Nações, e para segurar uma paz perpétua entre as

não se pediam “comissários inteligentes que visitassem toda raia” mas *comissários práticos*, por províncias ou territórios”.

Foram menos expeditas as metrópoles em mandar os comissários do que por ocasião do Tratado de Madrid. Pouco antes de Santo Ildefonso, em 1774, por ordem do governador de S. Paulo o brigadeiro JOSÉ CUSTÓDIO DE SÁ E FARIA, (comissário que fôra da comissão mixta de 1754), faz minucioso reconhecimento da serra de Maracajú, levando consigo uma escolta e oito oficiais.

E' só na década de 1780 que os governos de Lisboa e Madrid nomeiam as comissões de astrônomos e geógrafos que venham demarcar o que fôra estipulado. Formam-se, por parte do Governo português duas grandes comissões: uma para o sul, para demarcar os limites “desde o mar, um pouco além do Rio da Prata até abaixo da confluência dos rios Guaporé e Mamoré”; outra para o norte, em demanda do Rio Branco. As notícias que engenheiros e geógrafos portugueses levam à Metrópole iam sendo desde logo passadas para as cartas manuscritas, dan-

---

duas, que a dita navegação dos rios da Prata e Uruguai e os terrenos das duas margens setentrional e meridional pertençam privativamente à Coroa de Espanha e a seus súditos, até ao lugar em que desemboca no mesmo Uruguai pela margem ocidental o rio Pequiri ou Pepiriguaçu, estendendo-se o domínio de Espanha, na referida margem setentrional, até à linha divisória que se formará principiando pela parte do mar no arroio Chui e forte de São Miguel inclusive, e seguindo as margens da lagôa Merim a tomar as cabeceiras ou vertentes do Rio Negro; as quais, como todas as outras dos rios que vão desembocar nos referidos da Prata e Uruguai até à entrada neste último Uruguai do dito Pepiriguaçu, ficarão privativos da mesma coroa de Espanha com todos os territórios que possui e que compreendem aqueles países, inclusive a referida Colônia do Sacramento e seu território, a ilha de São Gabriel e os demais estabelecimentos que até agora tem possuído ou pretendido possuir a coroa de Portugal até á linha que se formar”.

do-se já agora ao Brasil, do ouro e dos diamantes, as atenções de filho querido. Isto mesmo nos faz sentir WALCKENAER, no prefácio às viagens de FELIX DE AZARA: “Embora os portuguezes nos conservem, relativamente às suas possessões africanas, sobretudo as da costa oriental, na mesma ignorância em que vivíamos há duzentos anos, o mesmo não sucede com relação ao seu vasto Império na América Meridional. A última carta dessa porção do mundo, que FADEN acaba de fazer aparecer em Londres, tão notavel pela beleza do desenho e da gravura, é muito mais interessante ainda pelos numerosos dados minuciosos e inteiramente novos sôbre o Brasil, apresentados segundo os levantamentos feitos com o maior cuidado pelos engenheiros portuguezes e por eles comunicados”.

Para as fronteiras do sul, mandava em 1781 o Governo de Madrid aos capitães de fragata D. JOSÉ VARELA Y ULLOA, D. DIEGO DE ALVEAR, D. JUAN FRANCISCO AGUIRRE e ao tenente D. FELIX DE AZARA. Ha nessa comissão uma nota pitoresca: sendo AZARA official do exército, soube a bordo da nau que o trazia de Lisboa para a América do Sul, que havia sido nomeado capitão de fragata, por querer Espanha que os seus quatro delegados, comissários chefes de outras tantas demarcações, fossem officiais de igual patente.

Escreve AZARA: “Dividiu-se esta longuíssima parte da nossa fronteira (referindo-se à que ia desde o Rio da Prata até à confluência do Guaporé com o Mamoré) em cinco porções, que assim se repartiram para o nosso trabalho. Eramos quatro officiais enviados de Espanha; nomeou-se um quinto *in loco*. VARELA foi encarregado das duas partes mais visinhas e mais meridionais e eu das duas immediatas. Em seguida o vice-rei mandou-me sozinho, por terra, ao Rio Grande de São Pedro, distante mais ou

menos 150 léguas e capital da provincia portugueza de igual nome, para combinar com o general portuguez o meio de começarmos e continuarmos as nossas operações. Na noite do meu regresso ao Rio da Prata mandaram-me partir o mais depressa possível para Assunção, capital do Paraguai, para fazer os preparativos e esperar os commissários lusos”.

Fica a gente sem saber como conciliar estas palavras de AZARA com o que nos conta (embora tendenciosamente) FRANCISCO BAUZÁ na sua *História da Dominação espanhola no Uruguai*: “Segundo o plano adotado, devia dividir-se em três grandes partidas espanholas e portuguezas o pessoal comissionado pelos dois governos para proceder à demarcação de limites, entrando respectivamente pelo Paraguai, Corrientes e Uruguai a realizar os seus trabalhos. A partida destinada a operar em nosso território (*fala do Uruguai*) ia sob as ordens do capitão de fragata D. JOSÉ VARELLA, commissário de Espanha e do governador do Rio Grande SEBASTIÃO XAVIER DA VEIGA CABRAL DA CÂMARA. Logo que se reuniram os dois commissários na fronteira de leste, começou um fortíssimo debate. Depois de inúteis esforços para convencer ao Governador do Rio Grande e aos seus officiais, tiveram os espanhóis de abster-se de fixar qualquer limite aos terrenos anteriores ao Chuí”.

Segundo o mesmo autor, depois de meses perdidos em improficuas discussões, “ordens peremptórias partiram dos dois vice-reis para que continuassem os trabalhos encomendados a cada partida, *“cerrandose com ello la disgustante polémica que se habia originado”*.

A demarcação da comissão mixta de que eram commissários D. JOSÉ VARELA e VEIGA CABRAL deu principio afinal à sua tarefa em 24 de fevereiro de 1784, levantando os planos dos territórios comprehendidos entre

o Chuí, da parte do oceano, Rio Grande, São Pedro e costa oriental da lagôa Mirim. Colocaram-se em seguida oito marcos de fronteira: na foz e nascente do Chuí, no riacho Capaiú, que deságua na lagoa Mirim pela parte oriental, no arroio de São Luís, a uma légua de sua barra pela parte de Léste, Albardão de João Maria, a 33° sôbre a costa do mar, margem oriental da lagoa Mangueira, nascente e foz do Tahiú. Puzeram-se depois outros dez marcos desde Santa Tecla até Monte Grande, cinco da parte dos espanhois e os outros cinco da parte do Brasil, de um e outro lado da cochilha geral, indicando os situados a Léste da citada cochilha os terrenos pertencentes a Portugal e os de Oeste pertencentes a Castela, separados uns dos outros por uma faixa de tres quartos de légua de terreno neutro. Os marcos de Espanha foram colocados: 1.º nas cabeceiras do Piraí-guaçú; 2.º nas vertentes do Jaguarí; 3.º nas cabeceiras do rio Cacique; 4.º no serro de Caibaté; 5.º na margem do rio Ibiráminí. E os de Portugal: 1.º nas nascentes do Ibiráminí; 2.º no serro de Imbaebefá, a tres quartos de légua ao norte do seu cume; 3.º em um ramo do rio Bacacá; 4.º em frente do cerro do Caibaté; 5.º perto de Monte-grande. Representavam estes marcos o ponto de vista pacífico das duas comissões, ficando em litígio todo o restante do terreno até que as duas Côrtes chegassem a um acôrdo.

Mais de meio século mais tarde, de 1853 a 1862 a comissão mixta chefiada por parte do Brasil, até ao ano de 1858 pelo Marechal FRANCISCO JOSÉ DE SOUZA SOARES ANDRÉA, barão de Caçapava, e desse ano até ao final pelo brigadeiro PEDRO DE ALCÂNTARA BELLEGARDE, realiza os trabalhos de levantamento e demarcação da fronteira, collocando 13 marcos grandes e 49 pequenos, desde a barra do Chuí até à ilha Brasileira, na foz do Guarahim. Com

a modificação da fronteira na lagoa Mirim, no rio Jaguarão e, posteriormente, no arroio São Miguel, uma comissão mixta, a qual era chefiada, do lado brasileiro, pelo general GABRIEL DE SOUSA PEREIRA BOTAFOGO, levantou a planta da fronteira, do Passo Geral do S. Miguel até às nascentes do arroio da Mina, no cêrro do Aceguá, de 1913 a 1916, pondo novos marcos. Em virtude da Convenção de 27 de Dezembro de 1916, nova comissão procedeu à retificação da fronteira entre o cêrro do Aceguá e o Massolla, intercalando mais, ao longo de toda a linha divisória 1044 marcos, trabalhando de 1920 a 1933, chefiada, no primeiro decênio pelo marechal PEREIRA BOTAFOGO e nos sete últimos anos pelo major LEOPOLDO NERY DA FONSECA.

A segunda partida demarcadora, nomeada em virtude do Tratado de Santo Ildefonso, só se reuniu em 1788, sendo comissários por parte de Castela D. JOSÉ MARIA CABRERA e de Portugal JOSÉ FELIX DA FONSECA. Essa comissão mixta subiu a foz do Iguacú até à foz do Santa Tereza e explorou as costas do Paraná até que encontraram em um tronco de árvore uma grande cruz aí gravada pela comissão de 1754. A foz do Pepirí-guaçú, que a comissão de 1759 marcara aos 27° 9' 23" de latitude sul, era agora determinada como a um minuto e três segundos mais para o sul.

Já em 1783 o capitão general de São Paulo mandara o tenente coronel JOÃO ALVES FERREIRA e o geógrafo capitão CÂNDIDO XAVIER DE ALMEIDA ao salto de Sete Quedas, tendo êste último organizado um mapa dessa região.

FELIX DE AZARA, a quem ordenara o vice-rei de Buenos Aires D. JUAN JOSÉ DE VERTIZ, para que se apresasse em ganhar Assunção, adonde o iriam encontrar os delegados da coroa lusitana, chegou ao Paraguai em 1783 e, apenas chegado, escrevia a VERTIZ, manifestando os seus

receios de que o comissário português (com o qual, aliás, nunca se havia de encontrar) insistisse em demarcar a fronteira pelo rio Ipaneguassú ou, quando menos, pelo Aquidabangí, e que êle, AZARA, se daria por feliz se se pudesse conseguir que fosse pelo Apa. Quinze anos esperaria em vão FELIX DE AZARA pelos comissários portugueses, mas não teve todo êste tempo inativo. Aproveitou-o, pelo contrário, com sobeja vantagem para o conhecimento da natureza sul-americana dessa região em que viveu durante tão largos anos. Por outro lado não se descuidava dos seus deveres de geógrafo, ora sozinho, ora auxiliado por outros geógrafos, astrônomos e pilotos, entre os quais, segundo o seu próprio depoimento, PEDRO CERVIÑO e LUIS YNIARTE, que levantaram por água a carta do rio Paraná, comparando estas observações com as que êle ia fazendo por terra, "sem encontrar nenhuma diferença". E mais OYALVIDE, Capitão de Fragata JUAN FRANCISCO AGUIRRE, Capitão comandante MARTIN BONEO e os pilotos PABLO LIZUR e IGNACIO PAZOS.

Diz êle: "Naveguei com o maior cuidado possível: o Paraguai, desde o Jaurú, todo o Paraná, desde o Tietê, uma parte deste e do Iguazú, o Uruguai, o Curuguatí e em seguida o Jesuí, o Tebicuarí e o Gatemí com parte do Aguararí. Observava a latitude todos os dias ao meio dia e todas as noites. Em 1801 mandei levantar à minha custa por PEDRO CERVINO e ANDRÉS OYALVIDE uma carta do rio Uruguai desde as suas cataratas até ao Rio da Prata. Copiei as nascentes e a primeira parte do curso do Paraná e do Paraguai de uma carta inédita do brigadeiro português JOSÉ CUSTÓDIO DE LARA E FARIA mas como êste não era astrônomo mas apenas um simples engenheiro, eu não tenho completa confiança na mesma, embora ela me pareça superior a todas as que se tenham até agora publicado. A carta da província de Chiquitos

e de Santa Cruz de la Sierra é feita segundo os dados fornecidos por meu camarada D. ANTÔNIO ÁLVARES SOTOMAIOR, chefe de uma das divisões de comissários de limites. O mapa do rio Paraguai, desde a embocadura do Jaurú até ao 19º de latitude é uma cópia do que foi traçado pelos comissários de limites, que aqui se reuniram, em virtude do tratado de 1750; o da parte superior do Paraná, desde a sua grande cascata até ao povoado de Corpus é feito segundo o trabalho que acaba de concluir D. DIEGO ALVEAR chefe da outra divisão de comissários de limites. Devo prevenir que marquei na carta os limites do Brasil segundo o tratado de paz de 1777, sem tomar em consideração as variações que lhe querem fazer os portugueses”.

Os artigos IX a XII do Tratado de Santo Ildefonso repetia, quasi *ipsis litteris* (em todo caso sem alterar uma linha dos limites quer naturais, quer nas projetadas linhas geodésicas) o Tratado de Madrid de 1750. Eram, portanto, descabidos os temôres de FELIX DE AZARA de que os comissários portugueses quizessem fazer terminar a linha geodésica, que começaria nas nascentes do Iguaré, nas nascentes do Aquidaban ou, menos ainda, do Ipaneguacú, como representando qualquer deles o problemático Corrientes. Foi pelo álveo do rio Apa (como desejava AZARA) que se correu a raia entre Brasil e Paraguai.

A fronteira entre o Brasil e a Argentina foi demarcada de 1901 a 1904, colocando os marcos principais na foz dos rios Iguaberí, Pequirí-Guaní e Zuaraim, cabeceiras do Santo Antônio do Pepiriguassú e na quasi totalidade das ilhas do rio Uruguai. Chefiou a comissão brasileira o general DIONISIO EVANGELISTA DE CASTRO CERQUEIRA.

Determinavam os artigos X e XI do tratado de 1777 (iguais aos artigos VII e VIII do tratado de 1750) a parte mais complexa da nossa fronteira seca e aquela em

que se deixava mais livre o alvedrio dos comissários (*práticos* ou *inteligentes*) nomeados para executarem no terreno as ordens dos Diplomatas. O artigo XI (ou VIII) marcava imensa linha geodésica que seria durante mais de século o nosso constante pesadelo, até que a 17 de novembro de 1903 por dois milhões de esterlinos comprou o segundo RIO BRANCO a nossa tranquilidade. (18)

Era a porção mais longa dos limites de Oeste, separando da Bolívia o que são hoje o Estado de Mato-Grosso e o Território do Acre. As constantes lutas do Sul, "principais motivos das discórdias ocorridas entre as duas Co-roas", fizeram com que as lindes platinas fossem desde logo demarcadas e por pessoal numeroso, que levasse com brevidade a cabo tal empreendimento. Para o restante da linha divisória, desde êsse remoto Rio Branco, ao Norte, "região onde até então nenhum homem branco havia penetrado", até êsse extremo sudoeste onde para evitar as constantes incursões dos castelhanos, fazia o Governo de Lisboa levantar o forte Príncipe da Beira, era nomeada uma só comissão. Diz explicitamente a provisão do Capitão General JOÃO PEREIRA CALDAS: "Para proceder com conhecimento mais exato e maior certeza à importante

---

(18) O tratado de Petrópolis, de 17 de novembro de 1903, modificava, na parte de nossa fronteira no Estado de Mato-Grosso, a linha demarcada pela comissão mixta de 1875, de acordo com o artigo II do tratado de 27 de março de 1867. Mais tarde, em 25 de Dezembro de 1928 parte dessa raia era ainda uma vez modificada, na porção compreendida entre a lagoa Uberaba e o Madeira, do seguinte modo: "Do ponto extremo da demarcação de 1877, onde foi colocado um marco, a que se refere a ata da Quarta Conferência da Comissão mixta brasileiro-boliviano, a linha da fronteira prosseguirá para Léste, pelo paralelo do dito ponto, até encontrar uma reta traçada, entre o morro dos Quatro Irmãos e a nascente principal do Rio Verde. Seguirá depois por essa reta, para o norte até à dita nascente do Rio Verde, que será assinalada por um marco".

operação de demarcação dos domínios reais ordenou o Governo de Lisboa que se empregassem no reconhecimento das fronteiras os mesmos geômetra e engenheiros tanto na Capitania do Grão Pará como na de Mato-Grosso”.

Lembra-se a metrópole, para essa espinhosa e penosíssima missão, de três brasileiros, que são, respectivamente, o comissário capitão RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA, e os auxiliares doutor geômetra ANTÔNIO PIRES DA SILVA PONTES e doutor cosmógrafo FRANCISCO JOSÉ DE LACERDA E ALMEIDA.

Dirigem-se primeiro para o Norte, a estudar o Rio Branco, como veremos d'aqui a pouco. Apenas chegados dessa longa excursão, apressam-se em cumprir a segunda parte da sua missão. Assim é que, partidos de Barcelos a primeiro de janeiro de 1781, subindo o rio Negro, oito meses depois, dia dor dia, já seguem rumo ao sul, deixando essa vila de Barcelos às seis horas da tarde de primeiro de setembro de 1781. E na longa viagem (que pelo que ainda hoje apresenta de penoso, bem se pode imaginar o que seria nesse fim do século XVIII) não se esquecem esses nossos ilustres e abnegados compatriotas de fazer com o maior zelo e cuidado as observações necessárias, afinando quasi todo o diário de ALMEIDA SERRA por êste período inicial, minucioso e preciso: “Tendo saído da vila de Barcelos pelas seis horas da tarde do dia primeiro de setembro de 1781, chegámos à boca do rio Madeira no dia 9 pelas oito horas da manhan, onde se abateram árvores na ponta setentrional do rio, para se fazerem as observações astronômicas, em que se gastou esse dia e parte da manhan seguinte. Latitude austral deste lugar —  $3^{\circ} 23' 24''$ , e longitude —  $18^{\circ} 52'$  (*da ilha do Ferro, como lembra em nota final*). Variação da agulha — para E  $6^{\circ}$  e 45.

E sobem o Madeira, anotando latitudes, longitudes, distâncias e rumos, cachoeiras e afluentes, até que chegam

ao Mamoré a 14 de dezembro. Observa então ALMEIDA SERRA: "O ponto de junção do rio Mamoré com o Madeira (Beni) parece o mais natural e próprio para dele se lançar a linha de Éste a Oeste até ao rio Javari, conforme o artigo XI do tratado de limites (naturalmente se referia ao de 1777), tanto porque só assim se conservam as atuais possessões das duas nações confinantes, como por não terem os espanhois dele aguas abaixo estabelecimento algum com que se possam comunicar".

Aos 7 de janeiro de 1782, "deixando o Mamoré a poente", entram pelo Guaporé (pois os dois tratados determinavam que a raia limitrofe, a partir da boca do Sararé baixasse "por toda a corrente do rio Guaporé"). No dia 11 de janeiro alcançam a fortaleza velha da Conceição, demorando-se aí uma semana. Passam mais um dia no novo forte do Príncipe da Beira e, continuando a subir o Guaporé, exploram em parte os vinte rios que nele se despejam, até que chegam afinal à Vila da Santíssima Trindade (fundada em 19 de março de 1752 por D. ANTONIO ROLIM DE MOURA TAVARES, depois CONDE DE AZAMBUJA, primeiro e privativo Capitão-general da Capitania de Mato-Grosso).

LACERDA E ALMEIDA apresentou alguns anos mais tarde o mapa do Guaporé, desde Vila Bella até à sua confluencia com o Mamoré, compreendendo igualmente os rios Itonamas, Maxupó, Baurés, Branco, da Conceição e de São Joaquim, "todos pertencentes aos espanhois e que confundem as suas aguas com o Guaporé".

Percorrendo em começos deste século a mesma região, diz o grande brasileiro General CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, que os trabalhos da comissão ALMEIDA SERRA "lançam sobre as páginas da história da Capitania de Mato-Grosso um fulgor de talento, de ombridade e

operosidade de que em vão se procuraria o equivalente nas outras Capitánias do Brasil". (19)

Os geógrafos e astrónomos brasileiros faziam assim conhecida, desde fins do século XVIII, a parte fluvial da nossa fronteira de Oeste. Faltavam essa linha geodésica, que, partindo da "paragem situada em igual distancia do rio Marañon ou Amazonas e da boca do Mamoré", continuaria na direção Leste Oeste "até encontrar com a margem oriental do Javari", desse rio que ainda hoje CASTILHOS GOYCOCHEA chama o *rio martirizante*.

Essa questão do Acre é assim magnificamente resumida por JONATAS SERRANO:

"Os limites do Brasil com a Bolívia nunca tinham sido definitivamente localizados. O tratado de 27 de março de 1867 não lograra conclusão satisfatória. As várias comissões mixtas encarregadas da demarcação obtinham resultados diferentes, sem chegar a acordo. Determinou-se por este tratado fosse tirada uma linha reta que, partindo da margem esquerda do rio Madeira (confluencia do Beni e do Mamoré), seguiria para oeste no paralelo sul de 10° e 20' até as nascentes do Javari. Si por ventura estas não fossem encontradas ao norte desta latitude, a fron-

---

(19) Lembra RONDON que Vila Bela teve como nome primitivo Pouso Alegre e, diz ele, "o único nome que lhe podia assentar é o de Vila Triste". E adiante escreve: "Vendo-se estas derrocadas, abrigo de uma população de 340 habitantes derrotados pelo paludismo e pela miséria, custa crer que se está na mesma cidade em que, há apenas um século, mais de 2.300 pessoas assistiam aportar ao cais do Guaporé as *monções* vindas do Pará, ou enviavam a Lisboa arrobas e arrobas de ouro, ou então acolhiam no meio de intermináveis festejos e pomposas galas os capitães-generais".

Em 1822, mandado pelo governo imperial a fazer o serviço de estatística de Mato-Grosso o capitão LUIS DE ALINCOURT explorou a fronteira dos rios Casalvasco e Jaurú, desenhando o respectivo mapa.

teira devia seguir uma reta partindo da mesma latitude até encontrar a origem principal daquele rio. Foi oficialmente assentado que, com a nascente do referido afluente do Amazonas se achasse ao norte do paralelo 10° e 20', a fronteira seguiria por uma linha oblíqua ao Equador desde a confluência do Beni até à origem principal do Javari. Restava, porém, localizá-la, saber onde ficava. Mais tarde, em 1874, quando se tratou de fixar os limites com o Perú, os demarcadores não conseguiram também achar a procurada nascente e colocaram, então, para indicá-la um marco num local que julgaram conveniente e calcularam arbitrariamente que a sua distância da nascente seria de três milhas e deram a esta a latitude de 7° 11' 17,5" sul. Erro grave. Este traçado prejudicava o estado do Amazonas em 242 léguas quadradas. A vista disso o governo suspendeu os trabalhos e entendeu-se com a Bolívia para proceder a nova retificação da fronteira. Ficava portanto o Acre em terreno litigioso".

Pelo tratado de Petrópolis, de 17 de novembro de 1903, a que já aludimos, comprava o Brasil as bacias do Alto Acre, Alto Juruá e Alto Purús. Por esse tratado, diz OLIVEIRA LIMA, "o território contestado, de 142.900 quilômetros quadrados de extensão, tornou-se brasileiro, e a Bolívia cedeu mais ao Brasil um território todo boliviano de 48.100 quilômetros quadrados, em troca da retificação da sua fronteira ao norte de Vila Bela e em diversos pontos da parte Sul, limítrofe de Mato-Grosso".

Para procurar as origens do Javari e "baixar pelo álveo do mesmo Javari até onde desemboca no Amazonas ou Maraõn se constituiu em 1780 a quarta partida demarcadora da qual era comissário cosmógrafo o Dr. JOÃO BATISTA MARDEL que dêsse rio tão famoso depois pela insalubridade, escreve longas cartas ao capitão-general JOÃO PEREIRA CALDAS acerca da prática com o gentio

“que pelo centro e lagos habita desde o Purús até ao Juruá”.

Desde 1759 o governador FERNANDO DA COSTA ATAÍDE TEIVE mandara instalar um destacamento militar no ponto onde mais tarde o sargento-mór DOMINGOS FRANCO fundou a povoação de S. Francisco Xavier de Tabatinga. A quarta comissão de limites, nomeada depois de Santo Ildefonso, aí determinou fixar um marco, estabelecendo a “fronteira do Estado do Grão Pará e Maranhão e da real audiência de Quito, no Vice-reinado de Santa-Fé”.

Já em 1641, descendo de volta da sua famosa viagem, PEDRO TEIXEIRA “defronte das bocainas do rio do Ouro ou Aguarico plantou um marco de limite entre Portugal e Espanha, tomando posse daquele lugar e dos mais que se incluíam dentro dos mesmos limites e demarcações, fazendo de tudo um auto solene, que se registrou nos livros de demarcações do Pará (conforme se lê em BERNARDO PEREIRA BERREDO). Anos depois mandou ALEXANDRE DE SOUSA FREIRE, Governador do Pará, que BELCHIOR MENDES DE MORAIS subisse com uma escolta a examinar o referido marco, o qual foi encontrado já arruinado, sendo erguido outro no mesmo local, em presença do jesuita JUAN BATISTA JULIAN, superior das missões espanholas.

Em 1866, cumprindo as determinações do Tratado de 23 de outubro de 1851, partiam para o extremo oeste amazônico, para fixar os limites com o Perú os comissários D. FRANCISCO CARRASCO, por êste país, e JOSÉ DA COSTA AZEVEDO (mais tarde Barão de Ladário) pelo Brasil, começando o estudo da linha geodésica de limite pelas nascentes do igarapé Santo Antônio (que deságua em frente de Tabatinga). Adoecendo o representante peruano, continuou COSTA AZEVEDO sózinho o seu trabalho, que não foi aproveitado nessa ocasião, pois cinco anos

mais tarde eram mandados a retomar êsses estudos o capitão de fragata LUIS VON HOONHOLTZ, barão de Tefé, e o Dr. MANUEL RAINAUD Y PAZ SOLDAN, cujos dados não concordam com os dos seus antecessores. Escreve LIMA FIGUEIREDO: "O valente barão de Tefé, que sempre teve em mira desfazer os serviços de Ladário, declarou achar-se errado o trabalho de seu colega e jogou para o ocidente a disputada linha. Levou-a até a foz do Cotué e notou que a mesma cortava o Içá ou Putumayo em dois pontos. Correm os anos. E' designado o coronel RENATO RODRIGUES PEREIRA, astrônomo que honra o Brasil, para demarcar a nossa fronteira com a Colômbia. Com a meticulosidade que lhe é peculiar, enfrenta o estafante serviço de, em plena mata, "ouvir estrelas". Sucede um facto interessante: suas observações coincidem quasi em absoluto com as do barão de Ladário". Ficou provado o desvio da geodésica para oeste e que o Içá só é cortado pela mesma uma vês".

Ainda por motivo dos nossos tratados de limites foi cientificamente explorado o Javari, que hoje se sabe nascer "numa serrania deprimida e anônima que aparta as águas 1867, firmado em La Paz, dizia que a partir da latitude do Ucaiale das do Juruá". O tratado de 27 de março de 1867 seria traçado um paralelo E-O até encontrar o Javari. JOSÉ DA COSTA AZEVEDO, que já em 1851 levantara as cartas do Içá e do Japurá, aproveitando os próprios conhecimentos que tinha da região e os trabalhos de SOARES PINTO e do geógrafo peruano PAZ SOLDAN, que juntos haviam subido o Javari, organizou uma carta dêsse rio, carta que, no dizer de LIMA FIGUEIREDO, "ainda atualmente é considerada excelente". Em 1874 LUIS VON HOONHOTZ e GUILHERME BLACKKE tentaram demarcar o rio, dizendo o comissário brasileiro que viu a água da fonte principal brotar debaixo dos seus pés, fi-

cando averiguado mais tarde que TEFÉ não estivera na cabeceira do Javari. Diz LIMA FIGUEIREDO: "Em 1895, a mando do nosso govêrno, o coronel TAUMATURGO DE AZEVEDO remonta o curso d'água fronteiriço e, apesar do seu nome, não fez o milagre de resolver a questão. Tomou o Galvez como principal formador do rio, resultando inutil o esforço despendido para solucionar o problema. Em 1897, o capitão-tenente CUNHA GOMES sobe o rio e chega quasi às suas cabeceiras, confirmando a inexatidão do trabalho apresentado por VON HOONHOLTZ".

Em 1901 é nomeada nova comissão mixta brasileiro-boliviana, sendo chefe brasileiro o eminente astrônomo LUIS CRULS que, apesar do quasi total desbarato da comissão pelas péssimas condições climáticas do malfadado rio, conseguiu afinal determinar com acêrto as nascentes do Javari.

Em 1926 o contra-almirante ANTONIO ALVES FERREIRA DA SILVA, chefe brasileiro da comissão mixta brasileiro-peruana, resolveu fazer explorar por uma subcomissão o rio Javari. Era ela constituída, pelo Capitão tenente SADOCK DE FREITAS, por parte do Brasil, e, coronel ROBERTO LOPEZ, por parte do Perú. Procurou essa subcomissão estabelecer com certeza qual a fonte do Javari. Já em 1866 o comissário brasileiro JOSÉ DA COSTA AZEVEDO (Barão de Ladário) no officio reservado n.º 59 de 26 de dezembro se referia a "uma das antigas questões dos portuguezes e espanhóis", justamente essa da escolha do ramo principal do Javari, declarando que dos seus trabalhos resultava a certeza de que o Jaquirana representava essa origem, e não, como queriam os espanhois, o Curuçá, o Javari-mirim ou outros afluentes. Mas ainda no decorrer das pesquisas chegou a comissão mixta a um acôrdo, aceitando as vistas de COSTA AZEVEDO. A comissão de VON HOONHOLTZ e GUILHERME BLACKE esteve, ao menos nisso,

de acordo com a anterior sendo êsse ponto de vista seguido pela comissão brasileira de 1897, chefiada pelo Capitão-tenente CUNHA GOMES e a brasileiro-boliviana, de 1901, sob a direção de LUIS CRULS (por parte do Brasil) e ADOLFO BALLIVIAN (por parte da Bolívia).

Escreve FERREIRA DA SILVA: "Essas duas comissões (as únicas que alcançaram a nascente do rio Javari) fizeram detalhados estudos nos mais importantes afluentes e consideraram também o Jaquirana como seu principal formador". A comissão SADOCK DE FREITAS-ROBERTO LOPEZ procurou determinar a nascente do braço principal do Jaquirana, e tanto nas distâncias entre os diversos pontos do rio como na situação da nascente confirmou os dados obtidos por LUIS CRULS. Em 1897 dera CUNHA GOMES como coordenadas geográficas da nascente principal do Jaquirana  $7^{\circ} 11' 48''10$  sul e  $73^{\circ} 47' 44''50$  de longitude oeste de Greewich; e a comissão CRULS-BALLIVIAN  $7^{\circ} 6' 55''30$  de latitude sul e  $73^{\circ} 47' 30''60$  de longitude sul e  $73^{\circ} 48' 4''23$  de longitude oeste de Greenwich.

Discutindo Perú e Bolívia os seus limites, tal discussão repercutia sôbre o estudo da nossa fronteira com êsses dois países, embora alheio ao litígio. Ainda em 12 de julho de 1904 é assinado entre os Governos do Brasil e Perú um acôrdo, estabelecendo um *modus-vivendi*, destinado a vigorar no Alto-Juruá e Alto-Purus, recentemente comprados à Bolívia, "durante o prazo fixado para a discussão diplomática sôbre os limites entre os dois países ou durante os prazos das prorrogações que ambos pudessem convir". (20).

---

(20) A comissão mixta brasileira-peruana, que levou a cabo a demarcação de nossa fronteira com esse país amigo era constituída, do lado do Brasil, pelo contra-almirante ANTONIO ALVES FERREIRA DA SILVA, chefe, capitão-tenente AMAURY SADOCK DE FREITAS, que dirigiu a subcomissão que operou no rio Mõa, capi-

Graças a êsse acôrdo foram nomeadas comissões mixtas para fazer o reconhecimento dessas duas regiões. Do reconhecimento do Purús foi encarregado EUCLIDES DA CUNHA. Do resultado dos seus estudos, como dos mais tarde realizados por FERREIRA DA SILVA trataremos no seguinte capítulo. O Tratado de 8 de setembro de 1909 determinava de maneira definitiva as lindes do Brasil com o Perú. Coube à comissão mixta FERREIRA DA SILVA-ROBERTO LOPEZ demarcar a fronteira nele estipulada. Êsse trabalho penoso e de alto valor científico "foi totalmente executado, sem a mínima solução de continuidade, na extensão de 1.565 quilômetros 3m.39, sendo 572 quilômetros 774m,11 por água e 992 quilômetros 309m,28 por terra, a despeito das inúmeras dificuldades que se antolhavam, sempre vencidas por todo o pessoal", sendo assinalada por 86 marcos.

O Contra-almirante ANTONIO ALVES FERREIRA DA SILVA, que chefioa a comissão de limites com o Perú, já servira como subchefe da comissão demarcadora mixta brasileiro-boliviana, que sob as ordens do Almirante JOSÉ CÂNDIDO GUILLOBEL, demarcara os limites estipulados pelo tratado de Petrópolis de 1903.

Se a parte austral da nossa fronteira só preocupava o govêrno de Lisboa pelos cuidados que lhe dava o seu constante inimigo — Castela — o extremo norte era o pesadêlo de sempre, principalmente pelos ataques dos hegeges que ameaçavam instalar-se nessa região tão rica e

---

tão-tenente ALFREDO MIRANDA RODRIGUES, que dirigiu a subcomissão do rio Juruámirim, engenheiros ODILON BORGES DE CARVALHO e RUBENS NELSON ALVES e o médico e etnógrafo Dr. JOÃO BRAULINO DE CARVALHO. Por parte do Perú integravam a comissão o tenente-coronel ROBERTO LOPEZ, chefe, o major GERALDO DINADERAS, que acompanhou os levantamentos do Juruámirim, e o tenente FRANCISCO CEBREROS PEREZ, que se integrou à subcomissão do rio Môa.

tão difícil de defender: eram os franceses, os anglos, os báta- vos que vinham à porfia fixar-se no Novo Mundo. A pequena colônia de Suriname, que ficara com a Holanda depois da paz de 1661, aparecia como uma ameaça à tran- quilidade da Coroa portuguesa, que tratou de mandar ave- riguar da realidade da comunicação do Orenoco com o Rio Negro. LA CONDAMINE, ao dar a narração abrevia- da da sua viagem de Tarqui à foz do Amazonas assim se manifesta sobre essa questão: “Embora a junção dêstes dois rios esteja marcada nas velhas cartas, sem nenhum equívoco possível, todos os geógrafos atuais a supri- miram nas modernas, como se se tivessem combinado, e que ela tenha sido tratada de quimérica por aqueles que pareciam na realidade estar melhor informados”. E lem- bra o mesmo navegante que NICOLAS HORTMANN, natu- ral de Hildeshein, subiu o Essequibo e, depois de atra- vessar lagos e campinas com fadigas incríveis, chegou enfim a um rio que corria para o sul e pelo qual desceu até ao Rio Negro.

Já em 1718 o capitão FRANCISCO FERREIRA, por ordem do Governador BERNARDO PEREIRA BERREDO, descobrira as entradas e saídas do Rio Branco, “região onde até então nenhum homem branco havia entrado”.

Mais tarde, sendo intendente da Agricultura da Ca- pitania do Rio Negro, até lá subiu FRANCISCO XAVIER RIBEIRO DE SAMPAIO em 1774, escrevendo uma “*Relação geográfico-histórica do Rio Branco da América Portu- guesa*”, que ficou inédita.

A comissão encarregada de reconhecer estas fronteí- ras com Suriname era a mesma que deveria ir explorar o Guaporé, constituída, como já dissemos, pelo capitão RICARDO FRANCISCO DE ALMEIDA SERRA, doutor geôme- tra ANTONIO PIRES DA SILVA PONTES e o cosmógrafo Dr. FRANCISCO JOSÉ DE LACERDA E ALMEIDA. Na Portaria

entregue ao chefe da comissão diz o Governador PEREIRA CALDAS: "Ordena-me Sua Magestade fazer expressamente procurar com o maior cuidado e toda a certeza possível se, pelo Rio Branco ou qualquer outro rio, lago ou passagem, existe alguma comunicação dos holandeses com as possessões portuguesas e espanholas, êste reconhecimento sendo de grande importância para os interesses das duas Coroas de Portugal e de Espanha, sobretudo pelos relatórios que afirmam que, pelo rio Essequibo e rios que nele se lançam, os holandeses comunicam por água com o lago Parima e por êste com o Orenoco de um lado e o Rio Branco do outro".

Determina ainda que os expedicionários subam o rio Branco até aonde fôr possível, certificando-se na carta da Capitania se não há algum ponto a retificar e qual o ponto certo das nascentes dêsse mesmo rio Branco, Parima ou Urariqüera, determinando até aonde é navegavel, que montanhas aí existem que, "formando as vertentes dêsses rios possam constituir a linha extrema de separação dos dois domínios de Portugal e Espanha; quais os outros lagos e rios aí se encontram que, desembocando no rio Branco, na margem ocidental, podem facilitar a comunicação ou passagem para o Orenoco e os domínios espanhóis e que montanhas aí existem, podendo servir de semelhante separação entre êsses domínios dos espanhóis e dos portugueses; que rios e lagos se lançam no rio Branco por sua outra margem oriental, onde estão as suas nascentes, especialmente o Tacutú, o Mahú e o Piraia, que são os que oferecem a comunicação indicada com os holandeses pelos rios Rupunami e Essequibo e enfim se alguns outros rios que se lançam no Amazonas, como o Urubú e o Trombetas, têm igualmente as suas cabeceiras na vizinhança das sobreditas possessões holandesas e oferecem com elas uma comunicação que conviria evitar".

No Diário redigido por ALMEIDA SERRA e SILVA PONTES transcrevem eles a 26 de dezembro de 1780 as ordens recebidas do Governador do Grão Pará. A primeiro de janeiro de 1781 partiram da vila de Barcelos chegando ao forte de São Joaquim a 31 do mesmo mês, demorando-se aí quasi uma semana pelo obstáculo da grande cachoeira que era preciso varar. A seis de fevereiro sobem o rio Mahú, alcançando, depois de três dias de travessia, a foz do Tacutú, pelo qual penetram até ao ponto onde desemboca o Pirara e contam doze léguas, em linha reta, entre a boca do Pirara e a foz do Repunuri, "que deságua para o oceano sôbre a costa de Suriname e que, depois de receber o rio Cipó (ou Cibhu), toma o nome de Essequibo. O intervalo entre o rio Repunuri e o Pirara é, segundo observam, formado por campos alagadiços que, no tempo das chuvas, se transformam em um lago contínuo, o lago Amacú, do qual nasce para Leste o Repunuri e para Oeste o Pirara. A 10 de março continuam viagem pelo rio Branco acima, vencidas as cachoeiras do Urariqüera e, encontram a foz do rio Uraricapará a 3º 24" de latitude Norte. E escrevem os dois astrônomos: "Por êste rio, que os espanhóis chamam Parima, nos achámos no estabelecimento de Santa Rosa". Continuam pelo Urariqüera acima, indo depois pelo Majari até ao ponto onde tinham sido massacrados os frades capuchinhos e nessa porção de nosso país, posta já no hemisfério Norte, assistem ao eclipse do sol de 23 de abril de 1871 (21). Regressam dêsse ponto, dando por terminada de modo cabal a sua missão nesse setor, e, chegados a Barcelos, partem de novo, como já vimos, a dar com-

---

(21) Seguindo as pegadas de ALMEIDA SERRA e SILVA PONTES, embora com um mandato muito diverso, sobe alguns anos mais tarde ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA o Rio Negro e o Rio Branco até o Urariquera.

plemento à outra parte da sua missão, o estudo dos limites de Mato-Grosso.

Não satisfeitos com os resultados obtidos e assinalados pela expedição de 1781, ordena MARTINHO DE MELO E CASTRO que se proceda a uma exploração mais completa, encarregando de semelhante tarefa, em carta de 27 de junho de 1786, a MANUEL DA GAMA LOBO, que se deveria fazer acompanhar de um ou dois matemáticos, outros tantos engenheiros, além dos guias e trabalhadores que fôsseem necessários.

Determinava então MARTINHO DE MELO E CASTRO: "No Rio Branco devem ser feitas as observações astronômicas e geométricas julgadas necessárias, assim como as pesquisas locais, não somente relativas a êste rio, mas também quanto aos rios que com êle comunicam ou nele se lançam, para que se possa fazer uma carta geral do dito rio e um relatório minucioso de tudo o que aí se possa ver e observar, de todos os informes obtidos, assim como das vantagens que pode oferecer. O relatório indicará também os lugares por onde espanhóis, holandeses e franceses podem penetrar nesse rio e principalmente as cadeias e cumes que dividem as águas que correm para o Orenoco ou para outros rios que aí se lançam, das que correm para o rio Negro e Amazonas. E' certo que estas montanhas e estas cadeias que continuam a linha de divisão das águas são os melhores marcos para a delimitação, segundo as cláusulas do artigo nono do tratado de 1756 e duodécimo do de 1777".

A dois de janeiro de 1787 MANUEL DA GAMA LOBO está pronto para partir; seguem em sua companhia o sargento-mór de engenheiros EUSEBIO ANTÔNIO DE RIBEIROS, o doutor geômetra JOSÉ SIMÕES DE CARVALHO, o cirurgião ajudante MANUEL FERREIRA PACHECO, sete soldados e quarenta índios mansos. A 25 dêsse mesmo mês

parte do forte de São Joaquim para o Urariqüera mas, naufragando, vê-se obrigado a tornar ao forte, de onde escreve ao Governador PEREIRA CALDAS: “Espero apenas, para continuar a expedição de que fui encarregado, poder erguer-me e receber de Barcelos roupa, uma rede para dormir e outras coisas insignificantes mas necessárias a quem naufraga com tudo o que possuía e que nada aceita, por mais instâncias que lhe façam”.

Tanto sob o ponto de vista geográfico como etnográfico foi muito proveitosa esta expedição, tendo verificado a comunicação entre as nascentes do Uraricapará e as do Rupunurí, através de planícies inundadas e pantanosas, atravessadas por colinas e cadeias de montanhas e “a comunicação mais fácil, que se encontra ao nível das nascentes do Runurí, de onde, num trajeto por terra de umas duas horas, se chega ao igarapé Saraurú, que desemboca no Tacutú e êste no Rio Branco”. Nessas várias travessias visitam os expedicionários e tomam conhecimento de cerca de vinte tribus de índios.

E GAMA LOBO, como um século antes ACUÑA, como os missionários capuchinhos, como, em nossos dias, os abnegados funcionários do Serviço de Proteção aos Índios, mostrava que mui diverso deveria ser o modo de tratar com os selvícolas, sem a fúria dos primeiros escravizadores, sem a sanha das entradas dos *paulistas* (22), sem a

---

(22) *Paulistas* era a denominação geral que davam nas reduções aos mamelucos que procuravam escravizar os indidos, apesar das leis em contrário, dominando-os pelas armas o utrazendo-os com enganadoras promessas. E RUIZ DE MONTOYA escreve: “Hay en la tierra llamada Brasil, que es conquista de los portugueses, una ciudad (taba o aldea grande) que se llama San Pablo, la cual está encima de la sierra Paraná-piahaba, distante del mar apenas 16 léguas. Allí hay gente de todas qualidades, venida de España, de Italia, de Portugal y de otras tierras, que se ocupa en hacer cosas ruines. La vida de ellos es matar gente, si alguno procura librarse de ser su esclavo de balde, es maltratado como animal”.

solução deshumana aconselhada por HERMANN VON IHERING, sem o prurido exibicionista de meia duzia de moços afoitos e ignorantes. Escrevia em 1788 GAMA LOBO: "Para trazer êstes tapuios da mata onde, a seu modo, vivem mais comodamente que conosco, é necessário fazer-lhes compreender as vantagens da nossa amizade, alimentá-los, sentí-los, não os fatigar, pedindo-lhes mais serviço do que podem fornecer; pagar-lhes rapidamente e sem usura o que se lhes promete e o que se lhes deve, o que ganham com o suor do rosto e às vêzes com perigo de vida".

Conhecidos e publicados êstes dados com que os brasileiros faziam cohecida a sua terra e que apareciam nas cartas que continuavam a afirmar a excelência dos conhecimentos geográficos dos portugueses, podia com razão escrever HUMBOLDT em fins do século XVIII, na sua célebre viagem com BOMPLAND: "Poucos rios, na Europa, foram submetidos a operações mais minuciosas que os cursos do Rio Branco, do Urariqüera, do Tacutú e do Mahú".

Em 1812, vindo pela Guiana Inglesa, chega CARLOS WATERTON até ao forte de São Joaquim, percorrendo quasi a mesma região que, dois anos antes, fôra explorada, por conta da Holanda, pelo tenente-coronel VAN SIRTENA, capitão SIMON e médico J. HANCOCK.

Em 1798 o porta-bandeira FRANCISO JOSÉ RODRIGUES BARATA, partindo de Belém a 30 de março, alcançou no dia 2 de agosto a fazenda de El-rei no Rio Branco e no dia seguinte o forte que nessas paragens mandara construir o govêrno português. No dia 4 começou a subir o Tacutú, passou ao Rupununi pelo Saraurú, visitou os Mucxis do Pirará e desceu pelo Essequibo.

Em 1838 RICARO SCHOMBURGK, com o passaporte pedido à legação do Brasil em Londres, penetrou pela

Guiana Inglesa, passando a estação das chuvas no forte de São Joaquim, com o intuito, segundo as suas próprias palavras, "de ter ocasião de determinar astronômicamente a situação dêsse lugar, sempre considerado, até agora, como o limite oriental da Guiana brasileira". Só mais tarde, a sôlto do Govêrno Inglês, é que procurou fazer valer, com dados nem sempre muito exatos, as pretensões da Inglaterra a essa região contestada e que o rei da Itália, contra tudo o que as duas partes litigantes alegavam, repartia arbitrariamente no laudo de 6 de junho de 1904.

Como acabamos de ver, as expedições do extremo norte em 1780 e 1786 foram dignas de registro por seus resultados científicos, não se passando o mesmo com a primitiva expedição de 1755, da qual fôra encarregado, por parte de Portugal, o capitão-general FRANCISCO XAVIER FURTADO DE MENDONÇA e por parte de Espanha D. JOSÉ DE YTURRIAGA, ao qual o governo de Madrid marcava pingües vencimentos e dava um séquito verdadeiramente principesco (23), em contraste com a inópia, a quasi penúria da missão lusa. Apesar disso esteve FURTADO DE MENDONÇA desde 13 de abril de 1755 até 23 de novembro de 1758 em Marina, no Rio Negro, à espera do nobre espanhol, que nunca aparecia. Fintos estes tres longos anos de paciente espera, declinou FURTADO DE MENDONÇA das suas funções, sendo nomeado para substitui-lo ANTONIO ROLIM DE MOURA, governador da província de Mato-Grosso, o qual também nenhuma pesquisa geográfica realizou nessa parte das nossas fronteiras, por não comparecerem os delegados espanhóis.

---

(23) D. JOSÉ DE YTURRIAGA recebia uma tença de dezoito mil piastras e tinha a seu serviço 25 criados; o segundo comissário tinha de vencimentos 13.500 piastras e um séquito de 14 criados; o terceiro comissário recebia doze mil piastras e o quarto nove mil, e respectivamente oito e seis criados.

Em 1879 foi enviada ao extremo norte para estudar e fazer a demarcação da fronteira do Brasil com a Venezuela uma comissão, sob a chefia do tenente-coronel FRANCISCO XAVIER LOPE ARAÚJO, a qual verificou que as nascentes do rio Cotingo estão no monte Roraima. Em princípios do século atual mandou o govêrno inglês, para precisar os limites da sua Guiana com a Venezuela, procurar as nascentes dêsse rio Cotingo, tendo confirmado, ponto por ponto as coordenadas encontradas pela comissão brasileira de oitenta e quatro, tornando-se assim o monte Roraima o ponto de convergência do Brasil, Venezuela e Guiana Inglesa. Em 1938 seguiu para êsse ponto a comissão mixta brasileiro-britânico-venezuelana, tendo verificado as coordenadas geográficas obtidas pelas anteriores expedições e aí levantado o marco lindeiro dos três países. O estudo do resto da fronteira com a Venezuela fôra iniciado pela expedição mixta, brasileiro-venezuelana, nesse ano de 1879, em obediência ao Tratado de 4 de maio de 1859, fazendo os estudos geográficos necessários e demarcando a fronteira desde as cabeceiras do Memachí até o serro Cupí e fixando os primeiros marcos. Êsses estudos foram continuados em 1912 a 1915 pela comissão chefiada pelo tenente-coronel MANUEL LUIS DE MELO NUNES.

Em virtude do protocolo de 24 de Julho de 1928 outra comissão mixta levou a efeito os trabalhos de demarcação na linha geodésica Cucuí-Uá. As suas atividades foram interrompidas em 1934 e reiniciadas em 1939, sob a chefia do capitão de mar e guerra BRAZ DIAS DE AGUIAR.

Em 1759 o governador FERNANDO DA COSTA DE ATALDE TEIVE mandou instalar um destacamento militar no ponto onde mais tarde o sargento-mór DOMINGOS FRANCO fundou a povoação de São Francisco Xavier de Tabatinga, ponto onde a comissão de limites de 1781 determinou fixar um marco "na fronteira do Estado do Grão Pará

e Maranhão e da real audiência de Quito, no vice-reinado de Santa-Fé”.

Em sua maioria os trabalhos científicos das expedições enviadas, quer pelo Governo Imperial quer pela República, estão ainda inéditos nos Arquivos do Ministério do Exterior. De maneira pacífica e com elevado espírito de patriotismo os vários chefes levaram a cabo a sua árdua e benemérita missão.

Pode-se dizer que um século inteiro ocupou brasileiros no trabalho de demarcação dessas linhas que, nesta abençoada América do Sul, mais unem que separam povos irmãos, unidos num mesmo ideal de concórdia, sem invejas nem sisânias.

Foi em 1843 que se iniciou essa galeria de abnegados heróis, quando o tenente-coronel FREDERICO CARNEIRO DE CAMPOS, deixando o conforto da capital de um grande império se dirigiu para êsse longínquo Roraima, através da inhospita e insalubre Amazônia, a dar início aos trabalhos de demarcação das fronteiras com a Guiana Inglesa, trabalhos logo interrompidos pelas pretensões do Governo Inglês a parte do nosso território. Os trabalhos só foram reiniciados em 1930, obedecendo ao laudo arbitral do rei da Itália. De 1930 a 1938 a comissão mixta colocou 135 marcos, tendo como chefe da comissão brasileira o capitão de mar e guerra BRAZ DIAS DE AGUIAR.

Em 1851 o capitão-tenente JOSÉ DA COSTA AZEVEDO, futuro barão de Ladário, seguiu para outro setor da fronteira do extremo Norte, procurando determinar as coordenadas geográficas dos nossos limites com a Guiana Francesa. Já vimos que êsse trabalho de nove anos da missão brasileira não foi aproveitado, pois a questão do Amapá só quarenta anos mais tarde ficou resolvida. E' o único trecho de nossa fronteira que continua por demarcar.

Apenas assinados os tratados de 12 de outubro de 1851, mandou o govêrno Imperial que o Marechal FRANCISCO JOSÉ DE SOUSA SOARES ANDRÉA, barão de Caçapava, seguisse a demarcar a fronteira com o Uruguai, estipulada nesses tratados, sendo mais tarde substituído pelo general PEDRO DE ALCÂNTARA BELLEGARDE. Era, porém, na república irmã um longo período de sangrentas lutas intestinas. Ao efêmero govêrno de JUAN FRANCISCO GIRÓ, sucedia-se o triunvirato FLORES, RIVERA, LAVALLEJA que não chegou a constituir-se, entregando-se o poder nas mãos de VENÂNCIO FLORES. Estalam as revoluções *coloradas*. AGUIRRE fez queimar na praça pública os tratados de 1851 "*arrancados violentamente a la República por el Império del Brasil*". Não era em tal ambiente que se podiam levar a efeito serviços como o de demarcação de fronteiras, que exigem dos comissionários a maior cordialidade e harmonia (24). E a nossa fronteira com o Uruguai só veio a ser determinada definitivamente, depois

---

(24) A respeito do tratado de 1851 escreveu JUAN CARLOS GOMEZ, publicista *colorado*: "Por médios ilegítimos y nulos el Brasil nos arrebató em 1816 toda la extensión al norte del Ibicuy, que comprende los rios Mbutatey, Ibacacua, Piratiny, Iyuy, Piray, Cebollati y toda la extensión al norte del Cebollati hasta la laguna Merim. Esta extensión arrebatada em 1816 encierra una área de 9.920 léguas. Luego con la incorporación nos arrebató toda la extensión que media entre el Ibicuy y el Cuareim, aprovechandose de esa gran vena de agua del Ibicuy, y tomando por línea desde el Cuareim, los Once Cerros, el rio Santa María y Santa Tecla, en dirección al Yaguarón, nos quitó otras 1.400 léguas marinas. Los tratados de 1851, sancionando esas diversas usurpaciones contra los tratados de 1777, apoderandose de la margem derecha del Yaguarón y de la laguna Merim hasta el Chuy, dieron a nuestro territorio otro mordisco de 280 léguas marinas".

Com suas guerras civis não podia o Governo uruguaio acompanhar a demarcação dos generais ANDRÉA e BELLEGARDE, estando os comissarios uruguaiois quasi sempre ausentes da linha fronteira. Comentando essas ocorrências escreve EDUARDO ACEVEDO:

do Tratado de Petrópolis, pelo General GABRIEL DE SOUSA PEREIRA BOTAFOGO, a quem coube regulamentar o condomínio sôbre a lagoa Mirim e rio Jaguarão (1911 a 1913) e demarcação do restante da linha, até alcançar o rio Uruguai, de 1920 a 1931.

No histórico das demarcações de nossos limites com a Bolívia justamente as lindes que maiores modificações sofreram no decurso da nossa história diplomática, devidas principalmente aos termos vagos dos tratados de Madrid e Santo Ildefonso, seria injustiça calar os nomes do capitão de Mar-e-guerra ANTÔNIO CLÁUDIO SOÍDO, que teve a seu cargo a porção lindeira entre essa república e Mato-Grosso, seguindo a desobrigar-se da sua missão em 1871, RUFINO ENÉAS GALVÃO, que esteve no Guaporé de 1874 a 1878, e do major FRANCISCO XAVIER LOPES ARAÚJO, que substituiu interinamente ENÉAS GALVÃO em 1876. Das fronteiras com a Bolívia a comissão chefiada pelo Almirante JOSÉ CANDIDO GUILLOBEL demarcou

---

“En su relatório de 1856 se ocupó el Ministro de Relaciones Exteriores del Brasil de *dudas* ocurridas al demarcarse la línea entre el rio Yaguarón y la cuchilla de Santa Ana, con la advertencia de que ellas habian dado lugar a que el Comissário oriental se retirase de la frontera. Y en otro Relatorio se encargó de explicar así esas *dudas*. “La variedad y contradición de nombres con que ciertos puntos, bañados o arroyos son conocidos en ambos países, la posición dudosa o incierta de algunos otros, necessariamente debian a cada paso haber suscitado embarazos para el pronto término del trabajo de la comisión”. En el Relatorio de la Cancilleria brasileña correspondiente al año de 1858 se lé: “Se halla firmada por los conisionados brasileño y oriental el acta de demarcación de la frontera Acceguá y San Luis. Las rectas, que a falta de divisas naturales han de marcar el giro de la línea divisória de esas fronteras, fueron tomadas por la comisión brasileña. La exactitud de esas líneas fué verificada y reconocida por el ingeniero don Julio Reyes, debidamente autorizado para ese fin por el Comissário oriental no pudo asistir a ese trabajo de nuestro Comissário, y que finalmente dió a él su consentimiento”.

os seguintes trechos: a bacia do Paraguai em 1908 e de 1909 a 1914 o rio Verde, desde a sua confluência com o Guaporé até às cabeceiras. Faltam demarcar os trechos compreendidos entre o rio Turvo e a nascente principal do rio Verde entre a nascente do Rapiirran e o Igarapé Baía.

Terminada a guerra com o Paraguai, foi a esse mesmo RUFINO ENÉAS GALVÃO, futuro visconde de Maracajú, que o Governo Imperial confiou a espinhosa e delicada função de demarcar as fronteiras com essa república, e que tinham sido acordadas em recente tratado. (25). Obedecendo ao Protocolo de Instruções de 9 de maio de 1930 foi uma comissão mixta encarregada de determinar o *divortium aquarum* da cordilheira de Amambai e da serra de Maracajú e o levantamento hidrográfico do rio Paraguai entre a barra do rio e o desaguadouro da Baía Negra. Desobrigou-se dessa incumbência a comissão che-

---

(25) Escreve EDUARDO ACEVEDO: "La cancelleria inglesa, que habia obtenido una cópia (do tratado de 1.º de mayo de 1865), fué la encargada de descerrar el velo, mediante la publicación íntegra del tratado, y se supo recién entonces que el Brasil y la Argentina se habian repartido una parte importante del territorio paraguayo: "A fin de evitar las discusiones y guerras que las cuestiones de límites envuelven, decia una de las cláusulas del tratado, queda establecido que los aliados exigirán del Gobierno del Paraguay que celebre tratados definitivos de límites con los respectivos gobiernos bajo las siguientes bases: La República Argentina quedará dividida de la República del Paraguay por los ríos Paraná y Paraguay hasta encontrar los límites del Imperio del Brasil, siendo estos en la ribera del río Paraguay la Bahía Negra. El Imperio del Brasil quedará dividido de la República del Paraguay en la parte del Paraná por el primer río después del Salto de las Siete Caídas, que según el reciente mapa de MOUCHEZ es el Igurey y su curso superior hasta llegar a su nacimiento. En la parte de la ribera izquierda del Paraguay por el río Apa, desde su desembocadura hasta su nacimiento. En el interior desde la cumbre de la serra de Maracayú, las vertientes del Este pertenciendo al Brasil y las del oeste al Paraguay y tirando líneas tan rectas como se pueda de dicha sierra al nacimiento del Apa y del Igurey.

fiada pelo tenente coronel LEOPOLDO NERY DA FONSECA JÚNIOR e pelo coronel TEMÍSTOCLES PAIS DE SOUSA BRASIL.

Estão quasi definitivamente terminados os estudos das nossas fronteiras sêcas. A demarcação das lindes com a Colômbia, iniciada em 1930 pelo coronel RENATO BARBOSA, que esteve como chefe da comissão brasileira até 1933, terminou em 1938 sob a chefia do coronel TEMÍSTOCLES PAIS DE SOUSA BRASIL. O setor sul, sob a chefia do tenente-coronel LEOPOLDO NERY DA FONSECA terminou o seu labor. O capitão de mar-e-guerra BRAZ DIAS DE AGUIAR acaba igualmente de dar por finda a demarcação com a Guiana Inglesa. Em 1935 deram-se início aos trabalhos, em cumprimento do Tratado de 5 de maio de 1906. Chefiaram a comissão mixta, por parte do Brasil o Capitão de Mar e Guerra BRAZ DIAS DE AGUIAR e por parte dos Países Baixos o Vice-Almirante CONRAD C. KAYSER, tendo respectivamente, como auxiliares imediatos e subchefes os Capitães de Corveta ANTÔNIO POJUCAN CAVALCANTI e J. H. BARON VON LYNDEN. Os trabalhos terminaram em 1938, tendo sido colocados 59 marcos.

1843 e 1943. Um século de trabalho abnegado e silencioso. Paciente, sábio e silencioso como o das nossas aranhas que, no recôndito das matas, tecem as suas teias maravilhosas, sem cuidar de louvores e desprezando as censuras, pela tranqüilidade do dever cumprido.

### CAPITULO III

## OS RIOS — O PLANALTO

O encontro desses imensos rios, mais caudalosos que todos os conhecidos e que, no seu entusiasmo, os primeiros navegantes espanhóis chamavam *mares doces* (encontrando-se a mesma designação ao norte, com PINZON e ao sul com DIAS DE SOLIS), atraía os exploradores, em busca das famosas riquezas sonhadas desses eldorados. (1) Por outro lado, os primeiros colonos do sul do Brasil pasmavam de, subida a serra que parecia ocultar e defender a terra virgem, encontrar rios que fluíam para o interior, como um chamamento cheio de promessas e seduções. Eram largas estradas abertas a todas as tentativas, caminhos faceis por onde penetravam as maiores naus que podiam, sem transbordos ou canceiras, levar aos reinos distantes todas as riquezas de que

---

Conta o cronista de viagem de VICENTE YAÑEZ PINZON que esse capitão chegara a embocadura de um grande rio e “por se acharem sulcando um mar de águas doces, deante do qual como que tinham recuado as águas do oceano, chamou a esse rio, de *Santa Maria de la Mar Dulce*”. Em sua segunda viagem à América do Sul (1516), chamou JUAN DIAZ DE SOLIS à corrente dagua doce transversal compreendida entre 25° e 34° e um terço de *rio de los Patos*. “De alli adelante, franqueando el abra cuyas aguas son verdaderamente dulces, llamó *Mar Dulce* a seu caudal. Animado a completar esta vez el descubrimiento, se adelantó aguas arriba con la menor de sus carabelas, y después de haber dejado atrás una isla bautizó con el nombre de *Martin Garcia* en recuerdo de uno de sus dispensereros o pilotos muerto alli, dió fondo en las costas de la Colonia, desembarcando seguidamente”.

se carregavam, ou faceis vias de acesso que facilitavam o desbravamento do sertão. Mais tarde, quando o homem branco deixou de viver "como caranguejo, raspando o litoral" e que, semeadas as povoações por todo esse vasto interior, apresentou-se o problema das comunicações entre as mesmas, a solução mais favoravel pareceu, desde início, estar na navegação fluvial.

Tanto nos limites com os paises estrangeiros, como nos interestaduais ofereciam os rios linhas mais seguras e mais precisas que os espigões das serras e cordilheiras e, por isso mesmo, mereciam maior carinho no seu estudo.

Por todos estes motivos é que os nossos rios foram cientificamente explorados desde o começo, mandando as coroas de Portugal e Castela fazer o seu estudo por pilotos e cosmógrafos. Ainda no século passado a Real Sociedade Geográfica de Londres enviou uma comissão para estudar o Purús. O Governo Imperial, além dos rios lindeiros, nomeia comissões de estudo para o São Francisco, o Tocantins e Araguaia, e tais estudos continuam com a Republica, quer por iniciativa dos governos estaduais, quer do governo central, umas devidas a interesses econômicos, outras de finalidades puramente científicas.

É justo que comecemos pelo Amazonas, não só pela importância da sua bacia, com seus seis e meio milhões de quilômetros quadrados, como por ter sido o primeiro conhecido e navegado, provocando desde as explorações iniciais, em todos os que o viram ou percorreram, arroubos e exageros de linguagem, a partir de ACUÑA a dizer que, o "podemos, sem usar hipérboles, qualificar como o maior e mais célebre do Orbe". Comparando-o ao Ganges, Eufrates e Nilo, continua o jesuita: "O rio das Amazonas rege mais extensos Reinos, fecunda mais

veigas, sustenta mais homens e aumenta com as suas águas mais caudalosos oceanos". Repetindo os conceitos de ACUÑA, escreve JAMES ORTON, dois séculos mais tarde: "O Amazonas, para exceder, em bemaventurança, o Ganges, o Eufrates e o Nilo, só lhe falta que a sua nascente se achasse no Paraizo".

Em fins de 1540 resolveu PIZARRO mandar o capitão FRANCISCO DE ORELLANA descer o Coca, num bergantim que acabavam de fabricar, com os doentes e dois religiosos franciscanos. Segundo TORIBIO DE MEDINA, a aventura do primeiro descobridor do curso do rio Amazonas foi uma fuga e acenária: "La deserción de ORELLANA produjo en GONZALO PIZARRO y sus compañeros la irritación más profunda". E o jesuita CRISTOBAL DE AGUÑA assim relata essa aventura: "Acenderam-se tais desejos no coração de FRANCISCO DE ORELLANA, que no ano de 1540, com alguns companheiros, em frágil embarcação, se ficou nas correntes deste grande rio (que desde então tomou também o nome de Orellana). Passando à Espanha, pela relação que fez das suas grandezas, a Cesárea magestade do Imperador CARLOS V mandou dar-lhe tres navios com gente e todo o necessário, para que voltasse a povoá-lo em seu real nome. Para isto partiu no ano de 49, mas com tão adversa fortuna que, morrendo a metade dos soldados nas Canárias e ilhas de Cabo Verde, com os mais, que cada dia iam diminuindo, chegou à boca deste grande rio tão falto de gente, que forçoso lhe foi abandonar dois navios, que até aquele ponto havia conservado. Não se sentindo com fôrças para mais, prosseguiu sua aventura em duas lanchas de bom tamanho, por êle fabricadas, e com toda a sua gente entrou rio acima. Passadas poucas léguas, reconhe-

ceu que não haviam de ter bom fim, e passando todos para uma única embarcação, retiraram-se pela costa de Caracas, até chegar à Margarita, onde todos sucumbiram, e com êles as esperanças de que Sua Magestade entrasse na posse do que tanto desejava e de si prometia”.

A exploração do Amazonas foi depois tentada por PEDRO DE ORSUA (1560), morto à traição por LOPE DE AGUIRRE, “o qual se proclamou não só como general, mas também como rei, prosseguindo na viagem começada, mas não permitiu Deus que êle acertasse com a boca principal por onde êste rio deságua no Oceano”, diz ACUÑA, e indo para à ilha de Trinidad, por ordem de El-Rei lhe tiraram a vida.

Não foram mais felizes as tentativas do sargento-mór VICENTE DOS REIS VILALOBOS e de JOSÉ VILLAMAYOR MALDONADO, seu sucessor como Capitão general dos Quixos, que pretenderam repetir a façanha de ORELLANA. Em 1626 se ofereceu BENTO MACIEL PARENTE, Capitão-mór do Pará, para subir o Amazonas, “buscar a sua nascente e indagar as suas grandezas”, mas tendo sido despachado a combater os flamengos em Pernambuco, não levou adiante o seu intento. Em 1633 ou 34 mandou FELIPE IV que FRANCISCO COELHO DE CARVALHO tentasse o descobrimento, o que ainda dessa vez não foi levado a efeito, “por não se julgar o Governador com fôrças suficientes para dividi-las, quando o holandês infestava cada dia as suas costas”.

Saíram da cidade de S. Francisco de Quito, “durante os anos de 1635, 36 e princípios de 37 alguns religiosos de São Francisco, por ordem dos seus superiores, em companhia do Capitão JOÃO DE PALÁCIOS e outros soldados, para que prosseguissem, estes no temporal e

aqueles no espirital, no descobrimento deste rio, começado, havia mais de trinta anos, pelos padres da Companhia de Jesús e pelos Cofanes, onde os naturais mataram ao Padre RAFAEL FERRER, como paga da doutrina que lhes ensinava". Chegados à província dos Encabelados, os dois religiosos leigos Fr. DOMINGOS DE BRIENA e Fr. ANDRÉ DE TOLEDO, com seis soldados, se deixaram levar pela correnteza, rio abaixo, chegando de maneira quasi maraculosa à cidade do Pará, passando logo à de S. Luis, onde se apresentaram ao Governador RAIMUNDO DE NORONHA. "A êle deram os religiosos notícia da viagem, que foi como de pessoas que de dia vinham fugindo das mãos da morte, e o mais que puderam esclarecer foi dizerem que vinham do Perú, haviam visto muitos índios e que se atreveriam a voltar por onde tinham descido, havendo quem quizesse seguir esta derrota".

Daí resultou a nomeação de PEDRO TEIXEIRA, "pessoa a quem o Céu havia sem dúvida escolhido para esta ocasião, pois só a prudência e a noção dos seus deveres permitiram levar a cabo o que êle cometeu e fez, em serviço do seu Rei, nesta jornada".

Partiu êle do Pará em 28 de outubro de 1637, com 47 canoas de bom tamanho, 70 soldados portuguezes e 1200 índios de voga e guerra e mais mulheres e moços de serviço, formando um total de mais de duas mil pessoas.

Escreve CRISTOBAL DE AGUÑA, que acompanhou o grande caudilho em seu regresso: "Como tiveram de seguir êste caminho tão comprido e pelos incômodos que nele passavam, começaram os índios amigos a demonstrar pouca vontade de continuar, e de fato alguns voltaram para as suas terras. Receioso o Capitão-mór de que os

mais fizessem o mesmo e o deixassem impossibilitado de seguir a viagem, usou de manha, já que nem o rigor nem a força bastavam para conservar os que estavam vacilantes. Embora se encontrasse em metade do caminho, fingiu estar muito próximo do termo e, aprestando oito canoas bem guarnecidas de remeiros e soldados, mandou-as ir adiante, como se fossem preparar alojamento para o restante do exército, mas em verdade não eram senão descobridores do melhor caminho, no qual, mil vezes duvidosos, de certo titubeavam”.

“PEDRO TEIXEIRA nomeou cabo dessa esquadilha ao coronel BENTO RODRIGUES DE OLIVEIRA, filho do Brasil e pessoa que, criada toda a sua vida entre os naturais, bem lhes conhecia os pensamentos e, com pequenas mostras, adivinha o que têm no coração, com o que é conhecido, temido e respeitado de todos os índios daquelas conquistas, e no presente descobrimento foi de não pequena importância a sua pessoa para levá-lo a termo com a felicidade que se conseguiu”.

A 24 de junho de 1638 chegou BENTO RODRIGUES DE OLIVEIRA ao porto de Paiamino. “Ia o Capitão-mór seguindo sempre os rastos e avisos que seu coronel lhe deixava nas dormidas, com o que, de novo animado, cada dia pensavam que o imediato seria o último da jornada”. Nesse porto de Paiamino deixou PEDRO TEIXEIRA toda a força do exército, sob as ordens de PEDRO DA COSTA FAVELA, indo em seguimento do seu coronel com alguns companheiros, até a cidade de Quito.

Consultado o Conde de CHICHON, vice-rei do Perú, resolveu êste que sem demora tornasse PEDRO TEIXEIRA por onde tinha vindo “dando-lhes todo o necessário para a viagem pela falta que tão bons capitães e soldados

fariam sem dúvida naquelas fronteiras, mandando juntamente que, se fosse possível, se dispuzessem as coisas de modo que seguissem em sua companhia duas pessoas dignas, às quais se pudesse dar fé pela coroa de Castela, de todo o descoberto e do mais que na viagem de volta se fosse descobrindo”.

Em obediência à ordem do vice-rei, nomeou a Real Audiência de Quito aos jesuitas CRISTOBAL DE ACUÑA e ANDRÉ DE ARTIEDA, cabendo ao primeiro “*descrever com a maior clareza possível a distância de léguas, povoações de índios, rios e paragens particulares que há desde o primeiro ponto de embarque até à dita cidade do porto do Pará*”.

Embora nenhum engenheiro ou cosmógrafo fizesse parte da expedição deste *Novo Descobrimento*, nem por isso são desprezíveis os seus resultados científicos, não só quanto à posição muito aproximada dos diversos afluentes do Amazonas, como principalmente quanto às tribus indígenas por êsse tempo aí encontradas, havendo notas de grande valor zoológico e etnográfico, conforme adiante teremos ocasião de referir. Do precioso opúsculo do padre ACUÑA muito se aproveitaram MANUEL RODRIGUEZ, que na íntegra o copia em seu livro *El Marañon y Amazonas*, e LA CONDAMINE.

O transporte das riquezas do Perú pelo rio das Amazonas, tal como o aconselhava o cronista da viagem de PEDRO TEIXEIRA, tão cedo não seria uma realidade, mas a possibilidade da navegação aí estava demonstrada, e trãnsfugas, como ORELLANA, ou missionários, como BRIEVA e TOLEDO, se entregariam com frequência ao sabor das correntezas, rio abaixo: dezenas ou centenas de aventuras anônimas, sem interêsse, malogradas em sua maioria

pela adversidade dos elementos ou pela insídia dos selvagens, ou propositadamente conservadas em segredo pelos interessados Meio século depois de PEDRO TEIXEIRA o padre SAMUEL FRITZ, partindo de Quauuco, a trinta léguas de Lima, consegue chegar ao Pará, escrevendo curioso diário de sua viagem.

Em 1707 repete essa mesma viagem de Perú ao Pará o geógrafo francês CARLOS MARIA DE LA CONDAMINE que, na descrição da sua viagem, embora nenhuma referência faça à narração do padre ACUÑA, a repete quasi palavra por palavra.

Aqueles numerosos afluentes que vinham de um e outro lado prestar homenagem ao nosso grande Mediterrâneo de água doce, largas estradas navegáveis que "pareciam traçadas por um corpo de engenheiros", chamavam a atenção dos governadores e capitães-mores que, desde muito cedo, mandaram fazer a sua exploração. Já CRISTOBAL DE ACUÑA se refere a essa riqueza, escrevendo do Amazonas: "Caminha sempre serpeando em voltas mui dilatadas, e como senhor absoluto de todos os outros rios que nele desembocam, tem repartidos seus braços, que são como fiéis executores seus, por meio dos quais lhes vai ao encontro, e cobrando deles o devido tributo de suas águas, os volve a incorporar ao canal principal. E é coisa digna de notar que tal seja o hóspede que recebe, tais os introdutores que lhe manda; de modo que com braços ordinários recebe os rios mais comuns, acrescentando outros maiores, para os de mais conta; e alguns que são tais, que quasi se lhe podem pôr ombro com ombro, êle próprio, em pessoa, com tôda a sua corrente lhes sai a oferecer hospedagem".

Começa AGUÑA, na parte que podemos chamar geográfica da sua narrativa, a falar das *entradas*, citando o

Caquetá (2), o Putumaio (3), o rio Aguarico ou do Ouro, o Napo, o Curarai, o Tumburágua (4) ou Tungurágua. Depois, entre os principais afluentes, se demora em referências ao Cuzco (5), ao Cuchiguará (6), ao Basu-

(2) Cita ACUÑA o Caquetá como uma das tres entradas ao Amazonas pelo *novo Reino de Granada*. E continua: "Este rio tem muitos braços por dilatadas nações, e tornando a incorporá-los no principal, forma grande quantidade de ilhas, todas habitadas por infinitos bárbaros. Corre sempre pelo rumo do das Amazonas, acompanhando-o, embora de longe, e lançando nele, de vez em quando, alguns braços, cada um dos quais bem poderia ser corpo de qualquer outro caudaloso rio; até que, recolhendo todas as suas forças, na altura de quatro gráus, peito por terra se lhe entrega".

(3) Diz o hom jesuita espanhol ter encontrado no Amazonas um sitio frio onde "se dará trigo muito bom". A 16 léguas deste sitio "da banda do Norte, desemboca o grande rio Putumaio, bem conhecido no governo de Popayan, por ser tão caudaloso que, antes de desaguar no das Amazonas, entram nele caudalosos rios; chamam-no os naturais nestas paragens Uçá".

(4) A oitenta léguas de Curaray, da mesma banda, desemboca o famoso rio Tungurágua, que, como já disse acima, baixava pelos Maynas com o nome de Marañon; faz-se de tal modo respeitar do das Amazonas, que tendo este reunido todo o seu caudal, detém algumas léguas antes do seu curso ordinário, dando lugar a que aquele, espraído por mais de uma légua de boca, lhe entre a beijar a mão, pagando-lhe não só o tributo ordinário que cobra de todos, senão outro, muito abundante, de muitas qualidades de peixe, que até à boca deste rio não se conhecem no das Amazonas".

(5) E' o rio Juruá, do qual, diz ACUÑA: "Entra no das Amazonas em cinco graus de altura e ás 24 léguas da última aldeia dos Aguias. Chamam-no os naturais Yuruá. E' este por onde PEDRO DE ORSUA desceu do Perú, se a minha fantasia não me engana. Com razão o podemos chamar do Cuzco, pois segundo um regimento desta navegação, que vi de FRANCISCO DE ORELLANA, está norte-sul com a mesma cidade de Cuzco.

(6) O Cuchiguara ou rio dos Gigantes, de ACUÑA, é o rio Purús. Tal pelo menos a opinião documentada de EUCLIDES DA CUNHA, para quem os curús-curús de ACUÑA são uma corruteja de purús-purús,

rurú (7), ao Negro “o maiór e mais formoso rio que em mais de 1300 léguas lhe presta vassalagem (8), ao Madeira (ou Caiari), ao Canurís ou das Amazonas (9), ao “vistoso rio dos Tapajózes”, ao Curupatuba (10), ao Genipapo, Paranaíba (11), Pacaxá e, finalmente, ao Tocantins.

Já em 1669 GONÇALO PAIS e MANUEL BRANDÃO sobem o Tocantins até onde começam as suas cachoeiras. Em 1720 o Governador BERNARDO PEREIRA BERREDO manda explorar o Araguaia por DIOGO PINTO DA GAIA, e

---

(7) E' este um dos outros rios do padre ACUÑA não bem identificavel. Pela referência — dividido, pela terra a dentro, em grandes lagos, a tem partida em muitas ilhas — e por sua posição, — a 32 léguas donde deságua o Cuchiguará — deve ser o Cudaja.

(8) “E' tão poderoso em sua entrada, que é de légua e meia de largura, parece que se envergonha de reconhecer outro maior, e embora o das Amazonas, com todo o seu caudal, lhe deite os braços, não se querendo submeter, ombro com ombro, sem respeito algum, apossando-se da metade de todo o rio, o acompanha por mais de 12 léguas, distinguindo-se claramente umas aguas das outras, até que, não sofrendo o das Amazonas tanta arrogância, revolvendo-o em suas turvas ondas, o faz entrar no caminho e reconhecer por amo o que ele queria avassalar”.

(9) E' o rio Jamundá, do qual já diz Fr. GASPAR CARVAJAL: “Aquí dimos de golpe en la buena tierra y señorío de las Amazonas”. Informa ACUÑA que “estas mulheres varonis têm a sua séde entre grandes montes e altísimos cerros, dos quais o que mais se alteia entre os outros e que, como o mais soberbo, é combatido dos ventos com mais rigor, pelo que sempre se mostra descalvado e limpo, se chama Yacamiaba”.

(10) Esse Curupatuba, onde “com seis dias de viagem se acha grande quantidade de ouro, que o apanham nas margens de um riacho pequeno”, é o Parú.

(11) O Paranaíba de ACUÑA, “mui bonito e caudaloso que, com duas léguas de boca, entra rendendo párias ao principal” da banda do sul, é o Xingú.

a FRANCISCO MELO PALHETA que, regressando do Madeira, suba a explorar os rios Negro e Branco.

Em 1781, fazendo parte da quarta comissão de limites entre Portugal e Castela, HENRIQUE WILKENS DE MATOS faz o reconhecimento do Japurá, procurando uma passagem entre ele e o rio Negro, tal como recomendavam os tratados de Madrid e de Santo Ildefonso, e desenha o mapa dessa região. No ano seguinte, subindo por esse mesmo Japurá, JOÃO PEREIRA CALDAS, TEODÓSIO CONSTANTINO CHERMONT e D. FRANCISCO DE REQUEENA (os dois primeiros delegados de Portugal e o último representante da coroa de Espanha) exploraram o Apaporis e o rio dos Enganos, os tres comissários, espanhol e lusos, em constantes controvérsias. Em 1788 MANUEL GAMA LOBO D'ALMADA substitue a WILKENS DE MATOS e, continuando as explorações, em busca das comunicações referidas nos tratados, demonstra as ligações fluviais do Uaupés, afluente do Negro, com o Japurá, a do rio Xié com o Negro e a do rio Cauahú com o Caribana.

No capítulo anterior vimos que ALMEIDA SERRA e os seus dois illustres companheiros foram de Barcelos (no rio Negro) a Vila Bela (no Guaporé), sempre viajando por agua. Mas já em 1742 MANUEL FELIX DE LIMA dava um roteiro de navegação dos rios Madeira e Guaporé e em 1746 o Sargento-mór JOÃO DE SOUSA AZEVEDO navegava o Arinos e o Tapajós.

Os afluentes da margem direita, por isso mesmo que se dirigiam para o sul, para a região mais conhecida, mais populosa, mais civilizada do Brasil, dando acesso a esse Mato-Grosso de onde se retiravam milhares de arrobas de ouro, foram muito mais explorados que os da margem esquerda, que subiam para regiões inhóspitas, para as montanhas desconhecidas, para as terras dos hereges.

Em 1861 GUILHERME CHANDLES seguiu ao longo do Arinos, Juruena e Tapajós, levantando as coordenadas

dos pontos principais e traçando uma carta da região. Tres anos mais tarde foi enviado pela Sociedade de Geografia de Londres para explorar o alto Purús e o Aquirí, para que solucionasse a questão, ainda debatida nessa ocasião, de ser o Madre de Diós afluente do Purús ou do Bení. Em 1867 JAMES ORTON procurou explorar o Bení, seguindo pelo Guaporé e Mamoré. Era quasi o mesmo itinerário da expedição Hartt de 1870, de que depois trataremos. Em 1869 DOMINGOS SOARES FERREIRA PENA explorou o Tapajós e o baixo Amazonas, publicando em 1869 uma monografia de sua expedição. Em 1871 o Governo Imperial mandou os engenheiros GONÇALVES TOCANTINS e JOÃO CORREIA DE MIRANDA explorarem o Tapajós em sua parte encachoeirada. O Ituxí, o Bení e o Aquirí são explorados pelos Coronel PEREIRA LABRE e o Madre de Diós e o Mamoré pelo coronel CHURCH. A região encachoeirada do Madeira foi mais tarde estudada pela comissão constituída por H. MORSING, ALEXANDRE HAAG e JULIUS PINK, nos estudos para a estrada de ferro Madeira-Mamoré.

Em 1884 e 1888 exploram o Xingú os irmãos VON DEN STEINEN, de cuja expedição trataremos adiante, no capítulo referente ao homem, porquanto os resultados etnológicos e antropológicos dessa expedição são os de maior valia. Em 1889 visitam essa mesma região ANTÔNIO TELES PIRES e OSCAR MIRANDA, que levantam a carta do Paranatinga ou S. Manuel, até ao Tapajós.

Quanto aos afluentes da margem esquerda, devemos citar, além dos estudos feitos nos tempos coloniais, e aos quais já fizemos referencias no capítulo das fronteiras, a viagem do padre JOSÉ NICOLINO DE SOUSA às cabeceiras do Cuminá Grande em 1876, exploração repetida e verificada pelo engenheiro GONÇALVES TOCANTINS, que não ultrapassou o ponto terminal da viagem do padre SOUSA.

Em 28 de outubro de 1894 esteve nesse mesmo local a comissão VALENTE DO COUTO. (12)

Nos anos de 1878 e 1879 J. CRÉVAUX explorou os rios Jaú, Parú, Içá e Japurá. Em 1882 HENRIQUE Coudreau visitou pela primeira vez a América do Sul, viajando de Caiena a Macapá e daí até Manaus, voltando a Caiena pelo Uaupés e seus afluentes da margem esquerda, tendo antes subido de Manaus até às cabeceiras do Trombetas pelo rio Branco. Em viagem de caráter principalmente etnográfico, ERMANO STRADELLI percorreu o Rio Branco. BARBOSA RODRIGUES visitou o Jamundá, o Trombetas e outros rios da Amazônia.

---

(12) São do livro *A Amazonia que eu vi*, de GASTÃO CRULS as seguintes notas: "Pôde-se dizer que o Padre Nicolino foi o primeiro explorador do rio Cuminá. Na verdade, antes dele, — para não falar em Spruce, que apenas atingiu a Cachoeira do Tronco — houve a viagem de certo Tomaz Antonio d'Aquino. A ela se reporta Francisco Caldas de Araújo Brusque, antigo presidente do Pará, no seu relatório, de 1 de setembro de 1862".

"Ao sacerdote paraense devem-se tres viagens ao rio que vamos agora percorrer. A primeira, e mais importante, foi realizada em 1876, quando ele, subindo o Cuminá e entrando pelo Parú, chegou até aos almeçados campos, pouco acima de um outeiro, que tem hoje o nome de Morro Tocantins. As duas ultteriores viagens, de 1877 e 1882, não lograram o mesmo êxito".

"Alguns anos após o padre, isto é, em fins de 1893, o engenheiro Gonçalves Tocantins, dando cumprimento à incumbencia que lhe fôra confiada pelo Governo do Pará, atingiu o morro que hoje tem o seu nome e, confirmando plenamente o valor dos Campos Gerais do Cuminá, mais uma vez chamou a atenção dos poderes públicos para a necessidade de uma estrada que os ligasse a Obidos".

"Foi para estudar o traçado dessa estrada que, em 1894, teve lugar a expedição chefiada pelo tenente Lourenço Valente do Couto, também em missão do governo estadual.

"E' de 1925 a expedição dos Drs. Picanço Diniz e Avelino de Oliveira e da qual resultou acurado estudo da geologia local por parte do segundo".

Merecem especial referência, como expedições de caráter puramente científico e de finalidade geográfica, as de exploração do Purús, feitas por CHANDLESS, EUCLIDES DA CUNHA e FERREIRA DA SILVA, a triste odisséia do Javari, as dos rios da Rondônia, feitas pelas comissões RONDON e as de vários rios do Pará, executadas por HENRIQUE e OLYMPIA COUDREAU.

Começando a *História da Geografia do Purús* escreve EUCLIDES DA CUNHA: "A exemplo da grande maioria dos tributários da margem direita do Amazonas, o Purús parece inteiramente estranho à nossa história. Surge incidentalmente, numa ou noutra referência fugitiva. A frase do padre JOÃO DANIEL, no seu imaginoso *Tesouro Descoberto*, resume, quanto a este ponto, todo o saber dos nossos velhos cronistas: Entre o Madeira e o Javari, em distância de mais de duzentas leguas, não há povoação alguma".

Deixando de lado "a geografia mitológica do Purús", com esse rio dos Gigantes de ACUÑA, habitado por gigantes de 16 palmos de altura, com grandes pateras de ouro nas orelhas e narizes, do qual GUILHERME DE LISLE faz em 1709 o seu rio dos Omopalens, habitado pelos "*Mutuanis, que l'on dit être des gens riches en or*", tem-se o atestado de que ele fôra regularmente explorado, embora sempre dentro daquele sigilo tão do agrado da Metrópole portuguesa, pois o padre JOÃO DANIEL já informa que o rio Purús "é tão grande que tem para cima de 30 dias de boa navegação, sem as trabalhosas catadupas dos demais" e na carta de ANTÔNIO PIRES DA SILVA PONTES, o astrônomo da quarta comissão das reais demarcações, grande parte do Purús, até 6° 30' de latitude, aparece com um traçado muito próximo do verdadeiro, de modo que quasi poderíamos superpôr a carta setecencista com a atual.

A corografia de AIRES DO CASAL dá o Purús como nascendo no lago Roguagualo, opinião que é aceita ainda em 1852 por LOURENÇO DE SOUSA ARAÚJO e AMAZONAS. "O professor JAMES ORTON", diz EUCLIDES DA CUNHA, "em 1868, substituiu este erro por um outro, maior, mais surpreendente entre todos: presumiu ser o Purús o lendário *Amarú-Mayú* ou rio das Serpentes, dos Incas; e traçou-o a partir dos Andes, fertilizando o vale romântico de Paucar-Tambó antes de derivar pelos terrenos planados da Amazônia".

GIBBON e HENCKE consideravam-no um prolongamento do Madre de Diós, resultando d'aí o erro repetido por PAZ SOLDAN em sua Geografia do Perú, de 1862. No Brasil contavam-se as viagens infrutíferas de JOÃO CAME-TÁ até ao Ituxí e de SERAFIM DA SILVA SALGADO, em 1852, até além do Iaco. Em 1861, tres anos antes de CHAN-DLESS, o governo provincial do Amazonas, manda a MA-NUEL URBANO DA ENCARNAÇÃO, "cafuso destemeroso e sagaz", verificar a existência de uma comunicação entre o Purús e o Madeira, a montante da zona encachoeirada deste último. Partindo de Manaus a 27 de janeiro de 1861, chegou ENCARNAÇÃO, depois de 55 dias de viagem, à boca do Ituxí, de onde alcançou 32 dias depois a do Acre ou Aquirí, por onde remou rio acima durante 20 dias. Voltando ao rio principal, "durante quarenta dias o percorreu ao arrepio da corrente, até além do Rixala, a cerca de 2800 kilômetros do Purús".

Como efeito imediato desta expedição ficou definitivamente firmada a ausência de comunicação entre o Purús e o Madeira; tornaram-se conhecidos novos tributários do Purús, entre o Acre e o Curinaá; descobriu-se um igarapé conduzindo a um varadouro para o Juruá, por intermédio do Juruparí e do Tarauacá; corrigiu-se a noção que se tinha dos cursos do Tefé e do Coarí. Efetua-

das por um homem inculto, forneceram, entretanto, estas viagens, os primeiros dados seguros a respeito do Purús e de tres dos seus maiores afluentes. Em princípios de 1862, tomando em conta os dados fornecidos por MANUEL URBANO, parte de Manaus a primeira expedição científica ao Purús, constituída pelo capitão JOÃO MARTINS DO SILVA COUTINHO e pelo botânico alemão WALLIS, tendo como guia o animoso e inteligente MANUEL URBANO. Apresentou o chefe dessa expedição circunstanciado relatório no qual faz o estudo geral do rio até Huytanahan, desde a sua foz ao Rixala, discriminando os afluentes, lagos, ilhas, etc. E conclue: "A importância do Purús é muito grande para que se abandone a idéia do seu reconhecimento. Quando na Europa com tanto interesse se discute a questão do Madre de Diós, não devemos nós, particularmente interessados na questão, cruzar os braços indiferentemente. A região mais rica do Perú e da Bolívia só pode comunicar com o Amazonas por meio do Purús e do Juruá, rios que não teem cachoeiras e que oferecem facil comunicação em quasi todo o curso".

Um ano depois aqui chegava, comissionado pela sociedade geográfica de Londres, GUILHERME CHANDLESS. "Pela primeira vez fixaram-se em coordenadas astronômicas os seus pontos principais". Considera-o EUCLIDES DA CUNHA como merecendo "um dos primeiros lugares não já entre os cientistas que estudaram a Amazônia senão entre todos os que teem perlustrado o nosso país", pois difficilmente se encontra "um outro tão pertinaz, tão consciencioso, tão lúcido e tão modesto". (13).

---

(13) Em homenagem a CHANDLESS e a EUCLIDES vamos transcrever os trechos do brasileiro sobre o labor do inglês: "A sua viagem penosíssima, de oito mēses, em que teve como unicos auxiliares os indios bolivianos e os *hipurinãs* que lhe impeliam a

Infelizmente esta exploração notável não teve o desfecho merecido. Tendo estudado com segurança quasi todo o Purús e o Acre, CHANDLESS, por um leve desvio no seu roteiro, não poudo resolver o principal escopo da sua missão, assegurando de modo decisivo a separação das bacias do Madre de Diós e do Ucaiale com o Purús, apenas deduzindo "do pequeno volume dasguas do Cujar e Curitujá que as suas nascentes deviam estar próximas, não sendo, com certeza o Madre de Diós, o formador do Purús.

De 1870 a 1872 o coronel ANTÔNIO RODRIGUES PE-  
REIRA LABRE e o engenheiro ALEXANDRE HAAG estudam

---

canôa é talvez a mais tranqüila das grandes expedições geográficas. Não tem um incidente, um episódio emocionante, ou um quadro surpreendente, dos que sempre apparecem nessas investidas com o desconhecido. É' assombrosa e interessante apenas pelos grandes resultados que teve, desdobrados com raro rigorismo das mais simples leituras barométricas às mais sérias determinações de coordenadas.

"Sob este último aspecto, principalmente, são o melhor modelo dos trabalhos geográficos em nossa terra.

"Avalia-o quem quer que tenha subido um dos rios amazônicos, encarregado de idêntica tarefa. Realmente, bem poucas regiões se lhes emparelham no crear obstáculos a um observador: a humidade extrema imprópria, geralmente os céus, mesmo quando o tempo é constante e claro, exactamente nas horas mais aptas às observações de alturas, porque os melhores dias começam quasi sempre densamente bruscos, até às 8h. a. m., tornando indecisos os contactos do sol para as determinações horárias, e encerram-se num misto de treva e neblinas, através das quais mal palejam as estrelas; nas cabeceiras, a estreiteza dos rios, afogados entre as grandes árvores, reduz o campo para a escolha dos astros, truncando o firmamento até 45º de altura, o que corresponde a anular a maioria das situações mais propícias aos trabalhos; os paus que da parte média para as nascentes atravancam o leito, determinando continuados choques, determinam continuados saltos, tão prejudiciais às marchas dos cronômetros, já prejudicadas pelos intermitentes transportes destes últimos por terra, ao longo das barrancas, nas passagens dos rápidos e cachoeiras; as sinuosidades

o traçado de uma estrada de ferro no Bení. Um ano depois por aí passam como simples turistas BARRINGTON BROWN e GUILHERME LIDSTONE, chegando até ao ponto alcançado por SILVA COUTINHO dez anos antes. (14)

Assinado o Tratado de Petrópolis, que dirimia as questões de limites com a Bolívia, ficava a fronteira com o Perú, mesmo em virtude do contestado entre esses dois países, ainda a resolver e em 12 de Julho de 1904, como já vimos, era assinado entre o Brasil e o Perú “um mo-

---

caprichosas dos traçados exigem uma atenção permanente e exaustiva na leitura dos rumos, que mudam a todo instante, e acumulá-os, numerosíssimos, nas cadernetas, aumentando todas as causas de erro no desenho ulterior; as anomalias barométricas, ainda hoje inexplicáveis, não só tornam duvidosas todas as altitudes, senão diminuem a importância de uma das correções no cálculo de alturas; e, ao cabo, como se não bastassem tantos empecilhos, falta ao observador (não raro obrigado a empanar a vista com um véu) a serenidade indispensável que lh'a tiram, na melhor ocasião, a sucção dos *pinns* durante o dia, as ferroadas dos *carapanans* durante a noite e os cáusticos dos *mantas blancas* e *meruins* invisíveis, torturas que às vezes tem de suportar, estoicamente imóvel, para não perder no momento preciso a passagem de uma estrela ou um contacto do sol.

“WILLIAM CHANDLESS dominou isolado (nem tinha quem lhe lesse o cronômetro) estas dificuldades”.

(14) Escreve EUCLIDES DA CUNHA: “Em resumo: a geografia do Purús durante longos anos ficou inscrita nas linhas traçadas por WILLIAM CHANDLESS em 1867. Depois, o que é inverosímil, retrogradou. Forrando-nos a uma empresa malévola, não explanaremos um caso originalíssimo de cartografia: a planta do notável viajante, copiada de todos os modos, calcada e recalçada por sem número de fabricantes de mapas, acabou de todo falseada. A geografia do Purús volvia, regressiva, aos tempos anteriores a MANUEL URBANO. A medida que surgiam as cartas — dos que nunca se afoitaram com o grande rio — embaralhavam-se novas linhas, apagavam-se outras, retorcia-se caprichosamente o leito principal, esticava-se o seu traçado até 12° ou mais, removiam-se afluentes de uma para outra margem, alteravam-se nomes, trancavam-se embocaduras”.

*duo vivendi* destinado a vigorar no Alto Juruá e no Alto Purús”. Em 4 de fevereiro de 1905 o BARÃO DO RIO BRANCO e D. GUILHERME A. SEOANI assinavam as instruções para duas comissões mixtas de reconhecimentos dos rios Alto Juruá e Alto Purús. Chefiava a comissão brasileira EUCLIDES DA CUNHA e a peruana o capitão de corveta D. PEDRO A. BUENANO. (15)

A comissão mixta de levantamento do Alto Purús reuniu-se a 9 de abril desse mesmo ano de 1905, na confluencia do Acre com o Purús, resolvendo que continuariam navegando dia e noite, efetuando-se o levantamento só durante o dia.

O Purús, escrevem os comissários, é um “rio *divagante*, com um traçado característico, em meandros que, tão disparees lhe torna as distâncias itinerárias e geográficas. Este aspecto geral do Purús bem pouco varia desde a sua embocadura até à sua última subdivisão, do *Cujar-Curiuja*; e todos os seus afluentes até àquele ponto re-

---

(15) Não correu sem incidentes o trabalho da comissão mixta, sendo lamentavel o contraste entre a comissão peruana, sempre bem nutrida e cercada de conforto, e a brasileira, abandonada pelo Governo central e a meia ração, e na qual só o patriotismo de todos e a fibra do chefe conseguiram levar a bom termo a dolorosa tarefa. Basta este pequeno trecho do officio N.º 90 de 20 de agosto de 1905, escrito em Maniche: “Ha quasi tres meses estavam interrompidas as minhas communicações com o resto da minha comissão tão grandemente enfraquecida por um naufrágio. A minha situação, naquele momento era gravíssima. Trazia há mais de 15 dias a menos de meia ração um pessoal já bastante provado, e só por um esforço superior de boa vontade consegui impôr-lhe tantos trabalhos com os recursos aleatórios que se nos antolhavam. Si tal não succedesse nenhuma dificuldade me faria recuar como o demonstra a sulcada do Cujar e a travessia do varadouro do Pucani — que V. S., experimentado em tais emprêsas, numerosas vezes me garantiu que eu não realizaria e eu realizei”.

moto, copiam a mesma disposição geral e as modificações apontadas". Estes afluentes, "como revela rápido golpe de vista, obedecem a partir do Acre, a uma dicotomia interessante, repartindo-se, de um modo geral, o grande rio em sucessivas forquilhas em que predominam, como mais sensíveis, a do Acre, a do Curanja e a última do Cujar-Curiuja", na qual o Purús parece repartir-se exatamente pela metade, não se podendo dizer qual dos dois galhos extremos merece conservar-lhe o nome". Dá a comissão preferência ao Cujar. Nessa longa e acidentada viagem pasmam a cada momento os expedicionários da exatidão da carta de GUILHERME CHANDLESS (16). Tomam as coordenadas geográficas da boca do Acre, boca do Iaco, boca do Chandless, do Curanja, do Chambuiaco da confluencia do Cujar Curiuja, boca do Galvajani e do Pucani, dando como nascente mais meridional do Purús 10° 57' 5" de latitude sul e 72° 27' 35" de longitude Oeste de Greenwich.

Passam-se 23 anos. O povo do Nordeste apartava o perigo dos índios bravos, mas apenas em parte. Em 1897 manda o Governo explorar o Javari pelo capitão-tenente

---

(16) Escrevem os Comissários: "A comparação das duas plantas denuncia de pronto estas divergências. Mas podemos dizer que elas discordam porque estão certas. E quando se considera que WILLIAM CHANDLESS, avantajando-se de muito a MANUEL URBANO, foi o primeiro a efetuar aquela exploração, uma das maiores da América, investindo com regiões que de *Sobral* ou *Santa Rosa* para cima eram de todo desconhecidas, não se refreia o entusiasmo e a veneração que merece o notável emissário da Real Sociedade de Geografia de Londres. Cumprimos o dever imperioso de deixar neste relatório, escritas, as impressões que tantas vezes trocámos, a medida que iam observando na progressão dos nossos trabalhos, o critério superior, o tino científico e, sobretudo, a admirável honestidade profissional do grande homem, um nome que ficará perpetuamente vinculado a este trecho da fisiografia americana".

AUGUSTO DA CUNHA GOMES, que encontrou a nascente do Javari apenas pouco mais de 10 minutos ao sul.

Sobre os resultados dessa expedição escreve CASTILHOS GOYCOCHEA: "Não obstante a insignificância da diferença verificada acirraram-se as paixões. Tefé, cheio de bravura, sustenta a certeza do que fizera. Cunha Gomes sai a público confirmando o resultado do seu trabalho. Ladário intervém na contenda em que tomam parte Taumaturgo de Azevedo, Dionísio Cerqueira, Serzedo Correia, Paulo de Frontin, Pereira Reis, Paula Freitas e outros luminares ao tempo, em ciências físicas e matemáticas. No Clube de Engenharia, na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, no Instituto Politécnico, no parlamento, em toda a parte, em suma, discutia-se com azedume o caso daqueles minguados 10 minutos".

Em 8 de setembro de 1909 é assinado o Tratado definitivo de limites do Brasil com o Perú e a 19 de abril de 1913 é nomeada a comissão mixta demarcadora. Demorando essa comissão a reunir-se em Manaus, conforme o estipulado nesse acordo de 19 de abril, foram os seus trabalhos interrompidos pela conflagração europea de 1914 e só reencetados em 1920. O chefe da comissão brasileira era o mesmo de 1913, agora Capitão de mar e guerra ANTÔNIO ALVES FERREIRA DA SILVA, tendo como auxiliares o capitão de corveta MANUEL JOSÉ NOGUEIRA DA GAMA sub-chefe e os auxiliares, capitão-tenente BRAZ DIAS DE AGUIAR e capitão de engenheiros PEDRO RIBEIRO DANTAS. A comissão peruana era constituída pelo tenente coronel RICARDO LLONA chefe, capitão de corveta FREDERICO DIAZ DULANTO, sub-chefe, e os auxiliares primeiros tenentes da armada DANIEL CABALIERO Y LASTRES, ARTUR JIMENEZ e ENRIQUE LABARTHE. O levantamento do Chambuiaco é feito pela comis-

são até às suas nascentes no Cerro das Vitórias (7), fazendo-se ao mesmo tempo a exploração do Primavera, afluente do Chambuiaco (embora mais longo que o ramo principal. (18)

Em 1921 o coronel ARTUR WOODROFFE substitue o tenente-coronel RICARDO LLONA na chefia da comissão peruana e, não comparecendo na época marcada, a comissão brasileira realiza sozinha o levantamento dos rios Iaco e Chandless, "desde a sua fronteira até às suas confluências com o Purús. E' demarcada a fronteira no trecho compreendido entre a foz do arroio Yaverija e a nascente principal do Chambuiaco. Em 1922 mais una vez é mudada a chefia da comissão peruana, que cabe então ao coronel ROBERTO LOPEZ, e na brasileira o capitão-tenente BRAZ DIAS DE AGUIAR passa a sub-chefe, tendo, nesse interim, sido promovido o chefe a contra-almirante.

Os trabalhos da comissão brasileiro-peruana duraram mais de quatro anos, apesar de subdividida em vários setores, entregues a hábeis subcomissões, só dando por terminados os trabalhos em 1927. Os mapas anexos ao minucioso e volumoso relatório do contra-almirante FERREIRA DA SILVA mostram que foram devidamente explorados, além de toda a fronteira entre as duas grandes repúblicas irmãs, os rios Chambuiaco e o seu afluente Primave-

---

(17) A designação de *Cerro das Vitórias* foi dado ao ponto donde nasce o Chambuiaco, em 4 de outubro de 1920, por proposta de FERREIRA DA SILVA, "é plenamente justificada: pelo aspecto geral da constituição do leito; pela altura dos barrancos, geralmente superior à que se observa no outro braço; pela superioridade da largura, quer entre os barrancos quer da parte líquida; pela grande superioridade do volume d'água; pela menor deflexão em relação ao tronco, no trecho que se segue a confluência; por ter uma fonte de nascente perene.

(18) O Primavera tomou definitivamente este nome em 1920 e é superior ao outro ramo em cerca de cinco quilômetros.

ra (1920), o Santa Rosa (1920), o Acre, desde a nascente até à foz do Yaverija, e bem assim o seu afluente, o rio Branco (1921-1922), o Iaco (1921-1922), o Embira e o divisor de águas até à nascente principal do Breu, afluente do Juruá (1924), o divisor de águas Ucaiale-Juruá, os rios brasileiros Funil e Aquiniaco e o peruano Repoya (1925), o trecho final do Jaquirana ou Javari, até à sua nascente e mais o levantamento do Juruá-mirim, desde a foz até à confluência com o rio Branco, afluente do Acre (1927).

A exploração do Javari tinha sido até então ou um malôgro ou um longo martirólogo. Já vimos que as comissões nomeadas para levar a cabo a demarcação desse rio, claramente definido no Tratado de Madrid, não chegaram a reunir-se: em 1754 MENDONÇA FURTADO espera em vão pelo seu colega de Castela; em 1759 D. JOSÉ DE ITURRIAGA, vindo de Nova Granada, impaciente se vai antes que se encontre com ROLIM DE MOURA.

O Tratado de Santo Ildefonso, que tão fundamente modificara as nossas lindes meridionais copiava para esse extremo oeste os termos do Tratado de 1750. Mas os novos demarcadores, TEODÓSIO CONSTANTINO CHERMONT e D. FRANCISCO DE REQUENA, plantados na confluência do Javari com o Solimões, discutindo a posse de Tabatinga, se aos varadouros e canais do Japurá deviam chamar *furos* ou *bocas*, em primazias protocolares de que eram tão ciosos lusos e castelhanos, em dares e tomares que nada resolviam, consomem dez longos anos improficuos.

Quando COSTA AZEVEDO seguiu a explorar o Purús, em 1861, lhe era expressamente determinado que não iniciasse a exploração do Javari antes de fixada a linha geodésica Tabatinga-Apaporis, só em 1866 consentindo o Ministério das Relações Exteriores aos insistentes apelos

do futuro barão de Ladário para que se procedesse desde logo à exploração desse rio lindeiro, de tamanha importância para o perfil definitivo das nossas fronteiras. Enquanto os dois chefes COSTA AZEVEDO e FRANCISCO CARRASCO permaneciam em Tabatinga, seguiam para o trabalho de exploração do Javari o capitão-tenente JOÃO SOARES PINTO pelo Brasil e MANUEL ROUAUD Y PAZ SOLDAN pela república do Perú.

Logo no começo da viagem, na altura do paralelo 6.º os exploradores são atacados pelos bravios Maiorunas, a 10 de outubro de 1866, vindo a falecer SOARES PINTO, alcançado por tres flechas que o feriram no ventre e PAZ SOLDAN, pouco mais feliz, varado na coxa, tem a sua ferida infeccionada na triste e dolorosa fuga para o norte, sendo forçado a ter a perna amputada, ao chegar a Manaus.

Em vista desse Malogro e não querendo sacrificar novas vidas, haviam acordado COSTA AZEVEDO e FRANCISCO CARRASCO que se accitasse estarem as nascentes do Javari a 9º 30'. Não se conformou a nossa chancelaria com esse acordo, enviando sete anos mais tarde uma outra expedição, sob a chefia de ANTÔNIO LUIS VON HOHNOLTZ, que levava como auxiliares ao seu irmão Carlos e ao capitão JOÃO RIBEIRO DA SILVA. "De 82 pessoas que penetraram as aguas do Javari em 17 de janeiro de 1874 só 55 alcançaram regressar ao Solimões", escreveria ele mais tarde, rememorando essa triste aventura, da qual o acusaram de não ter chegado ao termo, tendo desenhado a sua carta de oitiva, contestando-se aqueles 7º 1' e 17" do seu Relatório.

E aquella famosa linha geodésica, que devia correr paralela ao Equador, ia obliquando cada vez mais para o norte, significando a perda de muitos milhares de quilômetros quadrados para o Brasil, em território onde se

iam instalando os brasileiros que o desbravavam, com sacrifício de inúmeras vidas dos abnegados e afoitos filhos do nordeste brasileiro.

Em 1901, apelou o Governo para a sabedoria e probidade insuspeitas de LUIS CRULS, o grande astrônomo, que seguiu para o Javari, em procura das suas nascentes, levando como auxiliares ao capitão de fragata CARLOS ACIOLY LOBATO e ao capitão de engenheiros AUGUSTO TASSO FRAGOSO, mas o primeiro morre na subida do fático rio e TASSO FRAGOSO não chega a iniciar os estudos. E' LUIS CRULS sózinho que *faz* todo o serviço científico, louvando-se justamente em seus calculos o delegado peruano LUIS BALIVIAN.

Em 1905, enquanto EUCLIDES DA CUNHA seguia a fazer o levantamento do Purús, em obediência ao mesmo pacto, o levantamento do Juruá foi confiado ao General BELARMINO DE MENDONÇA, que por êle subiu e pelo IPIXUNA, em busca do varadouro para o Javari.

Outro empreendimento verdadeiramente gigantesco da nossa gente e que nos torna dignos de ombrearmos com os outros povos civilizados, é o das expedições RONDON, às quais o seu organizador modestamente chamou Comissão de *Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas*.

“Em princípios de 1907”, escreve êle, “achava-me eu nesta Capital (Rio de Janeiro) havia apenas dois meses, de regresso dos confins do Brasil com a Bolívia, onde terminara a construção da rede telegráfica que liga o Araguaia a Cuiabá e daí se estende, através de pantanais, até São Luis de Cáceres, Corumbá, Coimbra, Miranda, Porto-Murtinho e Bela Vista, quando fui chamado a conferenciar com o Presidente da República, o Sr. AFONSO PENA, sobre as possibilidades e condições de se estabelecer igual ligação com o Acre, Alto Purús, Alto Juruá e Amazonas”.

O projeto FRANCISCO BEHRING, aceito em linhas gerais, obrigaria a uma travessia "por cêrca de 250 léguas de sertão bruto, nunca dantes percorrido senão pelos selvícolas que o habitam, e estenderem-se por mais de 300 léguas através da Amazônia".

As poucas tentativas para atravessar êsse sertão em itinerário análogo tinham resultado em formidáveis desastres, com a de FRANCISCO DE PAULA CASTRO (1900) ou tinham sido interrompidas logo no início, como a de ALPHONSE ROCHE e do salesiano BADARIOTTI (19). Não desanimou com êsses antecedentes o heróico desbravador do nosso Oeste (20). Nomeado chefe da comissão, o então tenente-coronel CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON parte para Vila Bela tendo como auxiliares os capitães MARCIANO DE OLIVEIRA ÁVILA e CUSTÓDIO DE SENA BRAGA.

---

(19) Escreve RONDON: "As poucas tentativas que se haviam feito antes de 1907, para devassar os sertões segundo um itinerário análogo ao que eu tinha de seguir deram resultados que só podiam servir para aumentar e fortalecer a universal descrença na viabilidade de um tal empreendimento. E' assim que a comissão de 1900, chefiada pelo capitão FRANCISCO DE PAULA CASTRO, distintíssimo companheiro de CARLOS VON DEN STEIN, encarregada de estudar o traçado de uma estrada de rodagem ligando Cuiabá a Santarém, no Pará, aniquilara-se logo no início de seus trabalhos, deixando de si apenas a merencória lembrança das trágicas condições em que se abismaram tantos esforços, tantas dedicações e tantas vidas; e ainda outros tiveram de desistir da empresa apenas começada, como essa de que fez parte o salesiano BADARIOTTI a qual sob a direção de ALPHONSE ROCHE, saiu, em 1890 de Cuiabá em demanda do Juruena".

(20) Em 1939 a Assembléa geral do Conselho Nacional de Geografia, apreciando os feitos do General CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, nesse labor indefesso de meio século em prol do Brasil, lhe conferiu o título, cabalmente justificado, de *Civilizador do Sertão*.

De vila Bela ou, melhor, cidade de Mato-Grosso (21) em primeiro de junho de 1907 partem os expedicionários para Casal-Vasco (22), de onde retrocedem para Cáceres, seguindo daí para Brotas onde começou, diz RONDON, “a organizar a expedição de descobrimento do Juruena, que tinha de abrir a série de explorações do sertão bruto”. No dia 20 de outubro alcançam afinal o Juruena que, a princípio “apresentava-se como uma incógnita, cujo valor só podia ser calculado por tentativas sucessivas”. Nesse ponto, em que pela primeira vez o via RONDON, mede o rio “64 metros de largura; as suas metas são altas e magostas e as águas tão claras, que se avista facilmente a areia do fundo”. (23)

---

(21) A atual cidade de Mato Grosso foi fundada com o nome de Vila Bela da Santíssima Trindade a 19 de março de 1752 por D. ANTONIO ROLIM DE MOURA. Diz RONDON: “Pouso Alegre foi o seu nome primitivo, e o único que lhe podia assentar atualmente é o de Vila Triste”. E lamenta o abandono do palácio dos antigos senhores da Capitania de Mato Grosso, em cujos salões ainda se vêem algumas pinturas a fresco, cobertas de fumaça porque “lembrou-se um capitão de mudar os fogões para a alcova destinada aos dormitórios. E observa melancolicamente: “Vendo-se estas derrocadas, abrigo de uma população de 340 habitantes derrotados pelo paludismo e pela miséria, custa crer que se está na mesma cidade em que, há apenas um século, mais de 2.300 pessoas assistiam aportar ao cais do Guaporé as monções vindas do Pará, ou enviavam a Lisboa arrobas e arrobas de ouro, ou então acolhiam no meio de intermináveis festejos e pomposas galas os capitães-generais”.

(22) A respeito de Casal-Vasco escreve RONDON: “Do antigo povoado fundado em 1782 pelo Capitão-general LUIZ DE ALBUQUERQUE resta apenas uma casa. Não ha vestígios das ruas; os destroços do quartel e do hospital são o único sinal do lugar em que esses edificios existiram. Vêem-se alguns restos das paredes do palácio, e as ruínas da igreja ainda conservam os altares com as imagens”.

(23) Foi na volta do Juruena, nas margens do Papagaio (ou Sauerô-uina) que se passou o episódio mais emocionante de

Em 28 de julho de 1908 partiu de Aldeia-Queimada a segunda expedição ao Juruena. “A 13 de agosto, depois de atravessar sôbre estivados, pinguelas e pontes os rios Tauruiná, Timalatiá, Sauertuiná e Zoló-artuiná, a expedição chegava ao Saueu-iná-suê, de onde devia cortar rumo em demanda da posição alcançada em 1907, na margem do Juruena”. A 16 de agosto penetrava na bacia do Juruena pela cabeceira que RONDON chamou Barrinha (24) e a 26 do mesmo mês chegavam ao mesmo ponto alcançado no ano anterior, explorando os rios Formiga, Juina e Camararê, afluentes do Juruena e descobre os rios Nhambiquaras e Doze de Outubro.

Para 1909 havia RONDON “formulado um novo projeto de exploração até ao Madeira”: demandar a foz do Abunã, de onde ulteriormente se dirigiria para o Acre. Ao mesmo tempo o capitão MANUEL TEÓFILO DA COSTA

---

toda essa expedição, pois nos demonstra o heroísmo, a abnegação, a modéstia do grande chefe, que nos relata a ocorrência em palavras singelas que mereciam ser gravadas no bronze para o pedestal do monumento que um dia o Brasil ha de elevar a RONDON. Eis o trecho imortal: “No dia 4 de novembro chegávamos ao Sauerô-uiná com o pessoal cansadíssimo e desanimado. Não encontramos a canoa que nos serviu na passagem de vinda: os índios haviam-na soltado, derivando elas aguas abaixo. Mas era forçoso levar para a outra margem no mesmo dia os nossos homens, os muares e a carga.

“Fizemos uma pelota de couro e, atirando-me eu ao rio, a nado, ia rebocando-a de um para outro lado, levando-a de cada vez carregada de bagagens, arrieiros e cangalhas. Assim passei também os nossos doentes, o corneteiro Marinho, o ex-soldado Bueno, o índio Arô e outros. Esses trabalhos duraram de uma às seis horas da tarde”.

(24) Aí encontrou RONDON “uma árvore muito curiosa, talvez da familia Apocináceas. Dela extrai-se um látex potável, abundantíssimo, que os Parecís heberm como remédio e os seringueiros tomam como alimento, e de gosto muito parecido com o do leite de vaca. Chamam-na os Parecís *olô*.”

PINHEIRO, indo pelo Amazonas, deveria subir o Madeira e o Jaci-paraná, até onde pudesse, "aguardando aí a chegada dos expedicionários que vinham do sul, através da formidável floresta da Amazônia". Essa expedição de 1909 era maior e com intuitos mais largos que as anteriores. A 21 de maio, escreve RONDON, "já em companhia do tenente LIRA e do Dr. TANAJURA chegava ao Juruena, onde encontrei o geólogo Dr. CÍCERO DE CAMPOS, o botânico HOEHNÉ, tenentes LINS, MELO VILHENA, o farmacêutico CANAVARRO e outros companheiros da próxima expedição. Três dias depois chegava de Utiariti o zoólogo MIRANDA RIBEIRO". A dois de junho, chegou o tenente AMARANTE e tendo voltado para o Rio, por doente, CÍCERO DE CAMPOS (25), parte a comitiva, tendo o tenente PIRINEUS (26) seguido na véspera.

Escreve ainda RONDON: "Numa zona pequeníssima, num ponto quasi, encontrámos cabeceiras de três rios, tributários de três grandes bacias, de direcções bem diversas: a do Guaporé, a do Tapajoz e a do suposto Janari. O difficil era discernir a qual dessas bacias pertencia cada uma das cabeceiras que íamos descobrindo". No dia 16

---

(25) Os engenheiros Antônio Lins e Cícero de Campos morreram de Beriberi, quando regressavam ao Rio, por ordem de RONDON.

(26) Pirineus foi o mais constante e um dos mais eficientes companheiros de CÂNDIDO RONDON. Do seu valor digam bem as palavras de ROQUETTE PINTO: "ANTONIO PIRINEUS DE SOUSA, natural de Goiás, companheiro de RONDON desde as suas primeiras conquistas das terras brutas de Mato-Grosso, sertanista como ninguém, seguia para Montevideo a bordo do mesmo vapor que me conduzia.

"Pirineus correu aquelas chapadas, aqueles cerrados, aquelas grotas de Goiás e Mato-Grosso; seu nome, é raro o sertanejo cuiabano que o não saiba. Do Paraguai ao Araguaia o tenente PIRINEUS frue prestígio raro. Não há tropeiro daquelas bandas que o não conheça e o não estime e respeite".

de agosto descobrem o rio da Dúvida (27) e até 22 de agosto tinham explorado uma faixa de "60 quilômetros em latitude e 36 em longitude". A 11 de outubro descobrem o Pimenta Bueno (que recebera nas cabeceiras o nome de Piroculuína). E' nesse ponto que a expedição se desdobra em três colunas: uma para explorar o Jamarí, outra que devia regressar para o Juruena e a terceira com a missão de continuar o reconhecimento para o Noroeste, subdividida por sua vez em três secções, sob a chefia direta de RONDON, cada qual sob as ordens dos tenentes LIRA, AMARANTE e PIRENEUS.

"Feitas as despedidas", escreve o indefesso chefe, "prosseguimos a avançada para o N. O., sempre a lutar com o emaranhado de matas altíssimas, abundantes de seringas, caucho, poaia e madeiras preciosas. Descobrimos inuitos cursos d'água, aos mais importantes dos quais impusemos os nomes de Luiz de Albuquerque, Antonio João, Rolim de Moura, Lacerda e Almeida, Luiz d'Alincourt e Ricardo Franco. todos eles tributários do rio que ainda acreditávamos ser o Jamarí.

A 26 de novembro dá-se o dramático encontro com MIGUEL SANKA (28), na mata ribeirinha do Jarú e cujos

---

(27) "Um rio encontrado no dia 16, com 12 metros de largura, 0,50 de profundidade e velocidade média, por segundo, de um decímetro, subterrâneo em certos trechos e quasi todo enchachoeirado, mereceu o nome de *Rio da Dúvida*, porque ao Tenente LIRA parecia que ele corria para o Guaporé, ao passo que a mim se afigurava que seria um dos formadores do Jamarí das nossas cartas".

(28) O encontro com Miguel Sanka tem o sabôr de um romance de aventuras. Conta RONDON: "A 26, o tenente LIRA, estando com a turma da vanguarda entregue à sua faina de abrir o pique, ouviu de dentro do arvoredado alguém gritar: Estou perdido nesta mata. Cheio de emoção, o oficial precipita-se na direção da voz, certo de que ia encontrar um homem da expedição do Jaci-Paraná.

depoimentos, mais tarde verificados certos, vinham deitar por terra "todo o edifício geográfico arquetizado desde os tempos coloniais, sobre a faixa atravessada, entre os meridianos de 17° e 20°. Os rios que figuram nas cartas como cabeceiras do Jamarí são, de facto, formadores do Giparaná ou Machado. O Jaci estava ainda mais para o poente e não o poderíamos atingir sem primeiro transportarmos novo ramal da cordilheira dos Parecís. O erro das cartas havia inutilizado os cálculos da nossa previdência".

A 20 de dezembro embarcava RONDON, "em uma lanchinha movida a querosene, descendo o Jamarí, fazendo o seu levantamento expedito, e na tarde do dia de Natal avistava as águas do Madeira, depois de uma jornada de

---

"Não precisou correr muito para se lhe deparar um indivíduo alto, claro, de olhos azuis, cabelos louros e compridos, no último estado de miséria física a que pôde um ser humano depois de longuíssimo tempo de privações e sofrimentos. Procurando em vão dominar a forte comoção que o fazia chorar como criança, o desconhecido declarou chamar-se MIGUEL SANKA, de 24 anos, empregado nos seringais de Urupá, no rio Machado ou Gi-Paraná. Depois de ter tentado a vida, engajou-se para um seringal do Urupá. Decorrida apenas uma semana da sua chegada aí, caiu doente e no delírio da febre internou-se pela floresta. Muito tempo vagou pela mata, sem rumo nem destino, perdendo-se. Ouvira dos seus companheiros que a Bolívia ficava para o poente e deliberou caminhar nessa direção. Alimentava-se de côco de Uassú e das larvas de um bezouro que nele se cria. Chegou mesmo a estabelecer um regime: 30 cocos e 30 larvas de cada vez. O rumo de oeste levou-o a uma serra, na qual, a 19 de agosto, faltou-lhe a água o dia inteiro. Nesse transe, já na vertente ocidental da serra, encontrou um riacho; matou a sede e resolveu seguir o curso do córrego. Caminhou um mês inteiro, até que a 22 de setembro descobriu uma castanheira, debaixo da qual se instalou, num pequeno rancho por ele construído. Dessa data em diante a sua alimentação constava de 50 castanhas, 15 cocos e 15 larvas e, às vezes, fatias muito finas de peixe, secas ao sol. Foi aí, depois de sete meses de martírio, que era providencialmente encontrado".

237 dias". Foram 2.635 quilômetros do nosso Oeste explorados e levantados!!

No dia 7 de setembro de 1910 é oficialmente criado o *Serviço de Proteção aos Índios e Trabalhadores Nacionais*, e os trabalhos dos devotados companheiros de CÂNDIDO MARIANO RONDON passam a ter um interesse principalmente etnográfico, indo freqüentemente RONDON, como diz ROQUETE PINTO "para o reino encantado de coisas novas e recortado de ásperas veredas". De alguns desses trabalhos trataremos no capítulo referente ao homem.

Em fins de 1913 chegou ao Brasil o coronel TEODORO ROOSEVELT, ex-presidente dos Estados Unidos, que vinha visitar o nosso extremo Oeste não só como caçador, mas como chefe de uma expedição científica com dois naturalistas, um dos quais era o zoólogo LEO MILLER. O Governo Brasileiro resolveu nomear o coronel CÂNDIDO MARIANO RONDON para acompanhar ROOSEVELT através dos sertões de Mato-Grosso e Amazonas, tendo esse grande brasileiro organizado uma comissão científica que acompanhasse a expedição ROOSEVELT.

No dia 12 de dezembro de 1913, na barra do rio Apa, encontraram-se os membros da comissão ROOSEVELT com os da expedição brasileira e a 15 estavam todos em Corumbá. Em Tapirapoan os dois chefes resolveram dividir a expedição em duas turmas. A primeira era constituída pelos chefes TEODORO ROOSEVELT e CÂNDIDO RONDON, KERMIT ROOSEVELT (filho de TEODORO), astrónomo tenente JOSÉ S. LIRA e ANTHONY FIALA (americano), EUZÉBIO PAULO DE OLIVEIRA, geólogo, naturalistas G. CHERRY e LEO MILLER, geógrafo tenente LAURIODO SANTANA, Dr. JOSÉ CAJAZEIRA e Pastor ZAHM. A segunda turma compunha-se do capitão AMILCAR MAGALHÃES chefe, botânico F. C. HOEHNÉ, auxiliar zoólogo ARNALDO BLAKE SANTANA, Dr. FERNANDO SOLEDADE e taxidermista H. REINISCH.

Em Utiariti, ainda reunidas as duas comissões, ficam perto dessa magnífica cachoeira do rio Papagaio, até 3 de fevereiro.

De Utiariti desceram o tenente LAURIDO SANTANA e o astrônomo americano ANTHONY FIALA levantando o rio Papagaio (no qual, logo de início, naufragaram, perdendo precioso material e quasi a vida), chegaram até ao Juruena e por êste ao Tapajós, estando em Belém no dia 23 de março de 1914.

Diante da dedicação e resistência do pessoal não esconde ROOSEVELT a sua admiração, o seu pasmo, "declarando que jamais vira, em todo o mundo que percorrera, cabecos como os brasileiros — fortes e com tanto desapego à vida".

Reuniram-se as duas turmas no rio da Dúvida, descoberto por C. M. RONDON em 1909. A 27 de fevereiro descem o rio da Dúvida os coronéis ROOSEVELT e RONDON, tenente LIRA, KERMIT ROOSEVELT, o naturalista CHERRY, o Dr. CAJAZEIRA e 18 homens. Verificou essa comissão que o rio da Dúvida é o alto Castanho, rio quasi totalmente conhecido pelos seringueiros, mas ignorado dos cartógrafos, e que a nímia gentileza de RONDON fez chamar Roosevelt, designação pela qual figura atualmente nas cartas, dando assim uma designação única para o Dúvida-Castanho-Aripuanã, afluente do Madeira.

O geólogo EUZÉBIO DE OLIVEIRA e o zoólogo MILLER passaram para a segunda turma, da qual faziam parte, nessa altura, o capitão AMILCAR MAGALHÃES, o tenente VIEIRA DE MELO e o taxidermista HENRIQUE REINISCH. Essa turma desceu o rio Comemoração de Floriano (que com o Pimenta Bueno forma o Gy-paraná), e foram pelo Gy-paraná até ao Madeira, chegando a Manáus em 10 de abril.

HENRIQUE COUDREAU, que já em 1884 viajara os rios Negro, Uaupés e Branco, publicando por êsse tempo, além

do seu livro sobre o Contestado, a *Viagem ao Rio Branco, às montanhas da Lua e Alto Trombetas* é, em 1895, encarregado pelo Govêrno do Pará de fazer a exploração de vários de seus rios, acompanhando-o sempre sua esposa, OLÍMPIA COUDREAU que, depois da sua morte, continuou nessa missão árdua e sobrehumana de exploradora. Essa vida se tornara para essa mulher heróica uma segunda natureza. Escrevia ela ao partir para o Cuminá: "A solidão da floresta virgem se fez para mim uma necessidade; ela me atrai por seu silêncio misterioso, e só nas grandes selvas é que tenho a sensação do meu lar". E voltando dêsse rio em setembro de 1900 ao partir, dois meses mais tarde, para o Curuá, acrescenta: "De novo amarrei o meu sacco e fugi, desejando escapar à vida civilizada, de novo reviver no meu meio de predileção, onde não há mais ninguém, mais nada, o mundo administrado e policiado ficando longe, muito longe".

E ao relatar a sua última viagem em nosso país, tem estas palavras sugestivas: "Amei tudo na Amazônia: a grande selva magestosa e a floresta virgem misteriosa; os belos rios de águas traiçoeiras e as cachoeiras de fragor de trovões; o ar abafadiço e a brisa perfumada; o sol ardente e o doce frescor das noites; a grande voz do vento na floresta e a chuva torrencial; e, muito ao contrário do hábito adquirido pelo homem de submeter tudo ao seu domínio, fui eu que me tornei cativa desta vida selvagem que eu amo; deixei que ela se apoderasse de toda a minha alma, de toda a minha vontade".

Em 1895 parte o casal COUDREAU de Belém para explorar o Tapajoz, subindo até ao salto das Sete Quedas, que alcançam a 12 de dezembro. No relato dessa viagem lembra COUDREAU que o Govêrno Imperial mandara em 1889 uma expedição de Mato-Grosso ao Pará, pelo São Manuel, expedição da qual chegaram ao termo apenas dois

sobreviventes, JOÃO MENDES MARTINS e o paulista BOAVENTURA (que assim justificava o seu nome). Antes dele o rio tinha sido explorado em sua porção inferior pela expedição AGASSIZ, em 1865, parecendo que DEXTER e WILLIAM JAMES tenham chegado até à região das primeiras cachoeiras. Em 1870, chefiando a expedição MORGAN, explorou CARLOS FREDERICO HART o baixo Tapajóz. Ao traçar a carta do rio, até ao ponto por êle alcançado, estuda HENRIQUE COUDREAU os dois contestados paraenses da região, e transcreve em parte os trabalhos do engenheiro GONÇALVES TOCANTINS, a cujos méritos presta justa homenagem. Essa mesma região foi mais tarde visitada, com intuitos de estudos geológicos, por FREDERICO KATZER (1901).

Poucos meses depois de sua volta a Belém parte novamente o casal COUDREAU, desta vez a explorar o Xingú, deixando Belém a 30 de maio de 1896. Varam mais de quarenta cachoeiras, visitando os índios Assurinís, Pinas, Jurunas, Achipayes, Araras, Curinayas, Araras bravos, Carajás e Cururias, alcançando a 3 de setembro a cachoeira da Pedra Sêca ponto final da expedição. Doze anos antes deles estivera nessa mesma região a primeira expedição alemã, sob a direção de CARLOS VON DEN STEINEN (1884) e três anos mais tarde a segunda expedição alemã (1888), ambas alcançando êsse grande afluente do Amazonas pelo sertão de Mato-Grosso. A respeito do Xingú escreve COUDREAU: "Em vista do estado de inacreditável desconhecimento em que se esteve até estes últimos anos a respeito do Xingú (cuja primeira carta científica data apenas de dez anos) não será fora de propósito lembrar que, embora hoje se conheça o próprio curso do Xingú, muito pouco se sabe da sua bacia. Afluentes que são grandes rios, tais como o Irirí, o Pacajá, o Pacajá Grande, o Fresco nunca tiveram as honras do mais modesto levantamento com a bússola".

Voltando ao Pará em 26 de outubro de 1896, no último dia dêsse mesmo ano partem mais uma vez, em exploração do rio Tocantins, de todos os rios por eles percorridos certamente o mais conhecido, por isso que o problema da sua navegação muito preocupara o Governo Imperial. Já RAIMUNDO JOSÉ DA CUNHA MATOS dele fala no seu *Itinerário*. Tocantins e Araguaia foram explorados depois pela expedição CASTELNAU (1843), por COUTO DE MAGALHÃES, por um dos membros da expedição AGASSIZ (1865), por E. J. C. VALLÉE (1886), cujo relatório sôbre a exploração do Araguaia figura em anexo do relatório do Ministro da Agricultura. Pouco de novo nos traz, por isso, COUDREAU, sendo escassamente interessantes os seus dados sôbre algumas das tribus ribeirinhas.

O estudo da região entre o Tocantins e o *Xingú*, que lhe fôra determinada pelo governador LAURO SODRÉ, é empreendida em 3 de abril de 1898. Ao terminar a sua viagem ao Tocantins-Araguaia, já dizia COUDREAU que esta expedição lhe seria facilitada, não só pelo conhecimento adqüirido dos dois rios extremos, como pelas recentes viagens feitas pelo padre GIL VILANOVA à região habitada pelos Caiapós. E' no resumo desta sua viagem, que encontramos a opinião sôbre o vale do Amazonas: "A bacia dêste grande rio será, sem dúvida, um dia um dos grandes centros de riqueza e de civilização do nosso planeta, que vai esfriando, mas sem dúvida também a obra da colonização da região amazônica ficará durante muito tempo como uma das tarefas laboriosas às quais terá que se dedicar a humanidade do futuro".

Entre a viagem ao Tocantins e Itacaiuna, marcando a coordenada geográfica da cachoeira Grande do Itacaiuna (5° 30' S.) e explorando os canais Capitari-arara e do Inferno.

A derradeira exploração por HENRIQUE COUDREAU, e na qual encontrou êle a morte, quando já de regresso,

foi a sua viagem ao rio Trombetas, na qual, segundo as suas próprias palavras, "tratava-se de ligar o levantamento do alto Trombetas de ROBERTO SCHOMBURGK, em 1838, com o levantamento do baixo Trombetas de BARBOSA RODRIGUES, de 1867, em 270 quilômetros de levantamento expedito, através da região totalmente desconhecida do médio Trombetas. "Ligados os dois pontos da missão a que se propunha, atingindo no alto Trombetas as ilhas da Confluência, já assinaladas por SCHOMBURGK, volta, descendo o rio e explorando, de passo, os rios Cachorro e Mapuera, vindo a falecer a 9 de novembro de 1899. Fixara as coordenadas de Oriximiná, da confluência do Cuminá (1° 45' 29" S.), do ponto extremo alcançado no Trombetas (57' 31" N.) e os pontos extremos explorados do Cachorro (53' 51" N.) e do Mapuera (43' 27" N.). Nesse mesmo ano de 1899 havia explorado o Jamundá (21 de janeiro a 27 de junho).

Depois da morte do seu marido, explora OLÍMPIA COUDREAU o Cuminá (20 de abril a 7 de setembro de 1900), o Curuá (20 de novembro de 1900 a 7 de março de 1901), o Mapuera, afluente principal do Oriximiná (21 de abril a 24 de dezembro de 1901) e, finalmente o Maiauí (5 de junho de 1902 a 12 de janeiro de 1903). O Cuminá, antes de Mme. COUDREAU já tinha sido explorado, conforme dissemos atrás, pelo Padre JOSÉ NICOLINO DE SOUSA (1876), por GONÇALVES TOCANTINS e VALENTE DO COUTO (1894) e em 1928, pela expedição da Inspeção de Fronteiras, no setor de limites com a Guiana Holandesa, sob a chefia do General CÂNDIDO MARIANO RONDON, tendo como auxiliares o major POLIDORO BARBOSA, o major LUIS TOMAS REIS, o Dr. BENJAMIN RONDON, o botânico ALBERTO JOSÉ DE SAMPAIO, os etnógrafos GASTÃO CRULS e JOÃO BARBOSA DE FARIA.

O rio São Francisco foi dos primeiros a ser explorado perto da sua foz, mandando o Governador LUIS DE

BRITO E ALMEIDA que um certo BASTIÃO ALVARES entrasse rio acima, e, diz-nos GABRIEL SOARES, “trabalhou por descobrir quanto pôde, no que gastou quatro anos e um grande pedaço da Fazenda de El-rei, e por derradeiro veio acabar com 15 ou 20 homens entre o gentio Tupinambá, a cujas mãos foram mortos”. Falava-se desde êsses primeiros tempos nas riquezas fabulosas dêsse rio e êsse GABRIEL SOARES DE SOUSA requeria ao Govêrno da Metrópole permissão para, subindo pelo Paraguassú até às suas cabeceiras, passar às vertentes do rio São Francisco, segundo o roteiro escrito por seu falecido irmão JOÃO COELHO DE SOUSA. Foi GABRIEL SOARES nomeado *capitão-mór e governador da conquista e descobrimento do rio S. Francisco*, podendo, se quizesse, prosseguir os descobrimentos ainda mais além do rio São Francisco.

Infelizmente os resultados dessa expedição de descobrimento foram desastrosos, como nos conta VARNHAGEN: “O projeto de SOARES era chegar às cabeceiras do rio de S. Francisco, onde se deviam encontrar as minas, de que nos lugares de que levava nota pelo roteiro de seu irmão, dava conta o mesmo roteiro”. A urca em que vinha a expedição de Portugal naufragou em Vasabarris. Salvando-se a maior parte da tripulação passou GABRIEL SOARES à Baía, onde recebeu auxílios do governador D. FRANCISCO DE SOUSA. Subindo pela margem direita do Paraguassú até chegar “às primeiras vertentes que vem do S. O.; e tomando por urna delas, começando a subida da serra, não longe, ao parecer, da atual povoação de Santa Isabel do Paraguassú. Para transpor a dita serra, gastaram alguns dias, cobertos de nevoeiros, com bastante frio, não havendo por aí lenha para se aquecerem, nem pasto para os animais, que já estavam mui dizimados, de nada lhe servindo muito salitre que tinham à vista. Aquí começaram todos a esmorecer; e como perfaziam já cinquenta léguas desde o arraial anterior, decidiu-se GABRIEL

SOARES a fundar o segundo; mas logo cansado dos trabalhos, adoeceu e faleceu pouco depois”.

Substituído por JULIÃO DA COSTA, mandou o Governador que tornasse a expedição “*e apodcrando-se de todos os rotceiros, pmeditou já então vir a recolher dela os frutos, como particular, apenas largasse o govêrno*”.

Mas também não foi avante essa projetada expedição de FRANCISCO DE SOUSA. E só no século XIX voltam governos e cientistas a preocupar-se com o São Francisco. Por êle passaram, em pequeno trecho, MAXIMILIANO DE WIED e SPIX e MARTIUS. De 1851 a 1854 HENRIQUE GUILHERME FERNANDO HALFELD desceu o São Francisco, de Pirapora até ao Atlântico, traçando a sua carta, *lêgua por lêgua*.

Preocupado com o problema da navegação do alto São Francisco, o Govêrno Imperial encarregou o astrônomo francês EMANUEL LIAIS (que mais tarde foi durante algum tempo diretor do nosso Observatório astronômico) de fazer a exploração hidrográfica do Rio das Velhas e do Alto São Francisco.

Partiu LIAIS do Rio de Janeiro em 1867, levando como auxiliares técnicos a EDUARDO JOSÉ DE MORAIS, encarregado dos levantamentos topográficos, e a LADISLDO NETO, como botânico. Assim resume o chefe da expedição os seus trabalhos: “Embora eu próprio tenha sempre executado a totalidade das observações geográficas, ao longo dos dois rios bem como tôda a triangulação do Rio das Velhas, o senhor EDUARDO JOSÉ DE MORAIS me prestou valioso auxílio em muitas circunstâncias e sobretudo efetuando sòzinho toda a triangulação do leito do rio São Francisco, entre Pirapora e o porto das Melancias, operações que eu amarrava às posições geográficas por mim determinadas, e das quais êle se desobrigou com grande habilidade, apesar das dificuldades e da fadiga que

apresenta um tal trabalho nas margens de um rio que corre no meio da floresta. Esta circunstância me permitiu dar extensão maior às minhas outras pesquisas, utilizando a minha viagem de maneira mais vantajosa. O senhor LADISLAU DE SOUSA NETO, embora ocupado com outras questões e reunindo e preparando o herbário da nossa expedição, também me auxiliou, algumas vezes, como ao seu colega, nas operações geográficas da viagem e na sua redução e discussão, posto que os trabalhos de botânica dos quais eu o tinha encarregado, o impedissem de tomar parte mais ativa”.

Não foram, porém, tão brilhantes, como faz supor o relatório, os resultados da expedição LIAIS e, sob o ponto de vista geográfico não trazem grande progresso às cartas de HALFELD, publicadas mais de um lustro antes.

Em 1868 CARLOS KRAUS fez o levantamento do São Francisco, desde Piranhas ao Sobradinho.

Muito mais proveitosa foi a expedição científica chefiada por GUILHERM MILNOR ROBERTS, em 1879, para o reconhecimento do vale do S. Francisco, e na qual era auxiliado por PLACIDO AMARANTE, ORVILLE DERBY, TEODORO FERNANDES SAMPAIO e J. SABOIA. O levantamento do S. Francisco foi dividido em cinco trechos: de sua foz até Piranhas; de Piranhas a Jatobá; de Jatobá ao Sobradinho; da confluência deste até Pirapóra e daí até às nascentes. MILNOR ROBERTS era o encarregado dos estudos hidrográficos, auxiliado por TEODORO SAMPAIO, que tomou a si o reconhecimento da região entre Carinhanha e Baía, tendo igualmente feito interessantes estudos geológicos. O geólogo oficial da expedição era ORVILLE DERBY, de quem falaremos no próximo capítulo.

Citemos ainda, de passagem, as interessantes notas do capitão RICARDO BURTON e os estudos do engenheiro JAMES WELLS.

O artigo terceiro da primeira Constituição Republicana dizia: "Fica pertencendo à União, no planalto central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura Capital Federal".

Não era uma novidade essa idéia de localizar-se a Capital do Brasil no centro do nosso território, nessa mesma região quasi noventa anos mais tarde escolhida pela Missão científica para êsse fim nomeada. Já em 1808, no *Correio Brasiliense*, escrevia JOSÉ DA COSTA FURTADO DE MENDONÇA: "Este ponto central se acha nas cabeceiras do famoso rio São Francisco. Em suas vizinhanças estão as vertentes de caudalosos rios que se dirigem ao Norte, ao Sul, ao Nordeste e a Sudeste". Era o ponto aconselhado para aí ser construída a Capital do Brasil.

Os Deputados de São Paulo, em 9 de outubro de 1821, levavam ao Governador a seguinte indicação: "Parece-nos muito útil que se levante uma cidade central, no interior do Brasil, para assento da Côrte ou da Regência, que poderá ser, pouco mais ou menos, na latitude de quinze graus, em sítio sadio, ameno, fértil e regado por algum rio navegável". Em 1834 aconselhava igualmente VARNHAGEN a transferência da capital do Império para "uma paragem mais central, mais segura, mais sã e própria a ligar entre si os três grandes vales do Amazonas, do Prata e do São Francisco, nos elevados chapadões, visinho do triângulo formado pelas três lagoas Formosa, Feia e Mestre d'Armas".

Predominando êsse mesmo espírito na Constituinte de 1891, foi determinado, como vimos, a escolha de um local no Planalto para a futura Capital Federal. E a 17 de maio de 1892 o Ministro ANTÔNIO GONÇALVES DE FARIA nomeava a expedição científica que se encarregaria dessa demarcação com a chefia do astrônomo LUIS CRULS.

Completavam essa expedição os astrônomos J. DE OLIVEIRA LACAILLE (que não terminou a comissão), HENRIQUE MORIZE, auxiliares AUGUSTO TASSO FRAGOSO e A. CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, geólogo EUGÊNIO HUSSAK, botânico ERNESTO ULE. Partiram do Rio para Uberaba a 9 de junho de 1892, e dessa cidade mineira seguiram para Pirenópolis no dia 29 desse mesmo mês, aí chegando a primeiro de agosto. Resolvera LUIS CRULS dividir a comissão em duas turmas, seguindo dois itinerários distintos, devendo unir-se em Formosa. O primeiro itinerário inclinava diretamente para essa cidade; o outro passava por Santa Luzia. Ainda em Pirenópolis determinaram a altitude do pico dos Pirineus, dado por DES GENNETTES (1868) como o ponto culminante do Brasil, noção que fôra repetida, embora com reservas, por HARTT e DERBY. A latitude verificada conferia com a referida pelo padre francês ( $15^{\circ} 47' 44''$ ), mas a altitude, em vez dos três mil metros aproximados, de que falara aquele viajante, se viu ser apenas de 1.395 metros.

O artigo da Constituição falava em uma área de 14.400 quilômetros quadrados, sem dizer se tal área seria limitada por acidentes naturais ou se por linhas geodésicas. Entre essas duas soluções preferiu LUIS CRULS marcar um quadrilátero, limitado por arcos de meridiano e paralelos, o que evitaria qualquer contestação futura. A área do futuro Distrito Federal ficou assim compreendida entre duas linhas a  $15^{\circ} 20'$  e  $16^{\circ} 8' 35''$  de latitude sul e duas linhas a 3h. 9m,25 e 3h. 15m,25 de longitude oeste de Greenwich. Para determinar os vértices desses quadriláteros fora constituídas quatro turmas, ficando LUIS CRULS com a chefia da de S. O., nomeando para as outras AUGUSTO TASSO FRAGOSO (a de N. O.), A. CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE (em substituição a JULIÃO DE OLIVEIRA LACAILLE (a de N. E.) e HENRIQUE MORIZE (a de S. E.).

Das expedições científicas menores, com caráter geográfico, citemos de passagem a exploração dos rios Tibagi e Paranapanema, feita pelos irmãos JOSÉ e FRANCISCO KELLER em 1866; a do rio Parnaíba, levada a efeito por GUSTAVO L. G. DODT em 1871.

As várias expedições científicas estrangeiras que nos visitaram no decurso destes dois últimos séculos tinham por fim determinado estudar principalmente a nossa flora, a nossa fauna, a nossa gente, aparecendo as determinações geográficas e as cartas levantadas apenas como elementos subsidiários, não cabendo aqui uma referência especial. O mesmo podemos dizer da missão científica holandesa do século XVII, onde o *Tratado topográfico e Meteorológico do Brasil* de MARCGRAVE se perde diante da sua muitíssimo mais importante *História Natural*.

## CAPITULO IV

### O SOLO E AS SUAS RIQUEZAS

Não se pode falar em geologia antes do século XIX. Os estudos feitos no Brasil colonial tinham por fim apenas procurar os metais preciosos, o salitre e o enxofre, indispensáveis ao fabrico da pólvora. A sede de riquezas e o demônio da guerra, a ância das conquistas é que inspiravam as determinações da coroa como a ambição louca dos particulares. O sonho do ouro e das esmeraldas (1), as fabulosas minas de prata acendiam na alma dos aventureiros a febre da exploração da terra desconhecida, a

---

(1) Diz, por exemplo, GABRIEL SOARES: "Em algumas partes do sertão da Baía se acham esmeraldas mui limpas e de honesto tamanho, as quais nascem dentro em cristal, e como elas crescem muito, arrebenta o cristal; e os indios quando as acham dentro dele, põem-lhe fogo para o fazerem rebentar, de maneira que lhe possam tirar as esmeraldas de dentro. E entende-se que assim como estas esmeraldas que se acham sobre a terra são finas, que o serão muito as que se buscaram debaixo dela, e de muito preço, porque a que a terra despede de si deve ser a escória das boas que ficam debaixo, as quais se não buscaram até agora por quem lhe fizesse todas as diligências, nem chegaram a elas mais que mamelucos e indios, que se contentavam de trazerem as que acharam sobre a terra, e em uma das partes onde se acham estas esmeraldas, que é ao pé de uma serra, onde é de notar muito o seu nascimento; porque ao pé desta serra da banda do nascente se acham muitas esmeraldas dentro no cristal solto onde elas nascem; d'onde trouxeram uns indios amostras, cousa muito para ver; porque, como o cristal é mui transparente, trespassam as esmeraldas com seu resplendor da outra banda, às quais lhe ficam as pontas da banda de fóra que parece que as meteram à mão pelo cristal".

guardar no seu seio miríficas riquezas, apenas à espera de quem as fosse colhêr. As lendas se avolumavam como verdades incontestas, e a conquista dos tesouros se fazia entre o sacrificio anônimo de milhares de desiludidos e de perversidades sem conta para com o índio indefeso, tornando-o cada vez mais esquivo ao contacto do branco, muito mais feroz que o selvagem.

Havia menos drama que nas façanhas horripilantes de CORTEZ ou de PIZARRO, mas não se pode afirmar que não tenha havido por mais de uma vez a mesma crueldade.

ORELLANA, chegando à cõrte de CARLOS V, fala do ouro, das cidades todas calçadas do precioso metal e assim consegue seduzir o monarca que lhe proporciona meios para voltar às lendárias terras nunca alcançadas. E' pela miragem do ouro que LOPE DE AGUIRRE mata à traição o general PEDRO DE ORSUA, para que lograsse chegar sozinho às cidades acoguladas de ouro e refulgentes de pedrarias. CRISTOBAL DE ACUÑA fala ao seu rei das minas de ouro do rio das Amazonas " que hão de ser mais ricas que todas as do Perú, mesmo que entrem nelas as do afamado cerro de Potosí" (2). E' êsse bom jesuita quem nos dá as primeiras referências de minas de ouro, exploradas pelos naturais, "ao pé de uma serra de onde o tiram em grande quantidade; e êste ouro é todo em pontas e grãos de bom tamanho dos quais formam, à força

---

(2) " Se o Lago Dourado tem o ouro que a opinião lhe attribue; se as Amazonas habitam, conforme o testemunho de muitos, entre as maiores riquezas do Orbe; se os Tocantins em pedras preciosas e abundância de ouro são tão afamados do Francês; se os Omáguas com os seus haveres alvorotam o Perú, e um Vice-Rei logo mandou a Pedro de Orsua com grosso exército a procura deles; neste grande Rio tudo se encontra: aqui o Lago Dourado, aqui as Amazonas, aqui os Tocantins e aqui os ricos Omáguas, como adiante se dirá. E aqui finalmente está depositado o imenso tesouro que a Magestade de Deus tem guardado para enriquecer a do nosso grande Rei e senhor FELIPE IV.

de batê-los, as placas que penduram nas orelhas e narizes". (3)

GABRIEL SOARES DE SOUSA, já no fim do seu *Traçado*, fala do ouro e prata da Baía que "tem deles tanta parte quanto se pode imaginar; do que pode vir à Espanha cada ano maiores carregações do que nunca vieram das Índias Ocidentais, se S. Majestade for disso servido, o que se pode fazer sem se meter nesta emprêsa muito cabedal de sua fazenda".

GIDEON DE MORRIS DE JONGE, procurando convencer a Companhia das Índias Ocidentais de que devia conquistar o Maranhão, diz que os seus rios, especialmente o Itapicurú, contêm ouro, existindo no Pará minas de prata e tendo já sido encontrado mercúrio.

O preclaro príncipe JOÃO MAURÍCIO DE NASSAU a quem, indiscutivelmente, tanto deve Pernambuco, não descurou do estudo das minas de ouro e prata acaso existentes na Nova Holanda, resumindo HERMANN WAETJEN nos dois períodos seguintes a sua atividade neste setor:

(3) "A primeira aldeia desta nação (*Curizaris*), vindo rio abaixo, chamaram os Portuguezes, na subida, Aldeia do Ouro, por nela terem encontrado e comprado algum, que em pequenas lâminas os Índios traziam pendentes dos narizes e orelhas, que foi tocado em Quito e se achou ser de 21 quilates.

"Defronte desta Aldeia, um pouco mais acima, da banda do Norte, entra um rio chamado Yurupazí, subindo pelo qual, e atravessando em certa paragem por terra tres dias de caminho até chegar a outro que se chama Yupurá, por ele se entra no Yquiari, que é o Rio do Ouro, onde do pé de uma serra que ali está o tiram os naturais em grande quantidade; e este ouro é todo em pontas e grãos de bom tamanho dos quais formam a força de batê-los, as placas que, já disse, penduram nas orelhas e narizes.

"Os naturais que traficam com os que tiram este ouro se chamam Manáguas, e os que habitam o Rio e se ocupam de tirá-lo, Yumaguaris, que quer dizer tiradores de metal; porque Yuma é metal, e Guaris os que o tiram".

“Ante o vivo interêsse do Príncipe pela exploração da Colônia confiada à sua direção, teria sido de admirar que não houvesse êle enviado amadores de aventuras à procura de minas de ouro e prata. Com isso satisfazia êle também o ardente desejo dos seus patrões da Holanda, dos quais grande número esperava ver realizado no Brasil o sonho do el-dorado. Já as primeiras experiências nesse sentido haviam trazido amargas desilusões aos Diretores, porquanto as perfurações efetuadas no ano de 1637 em abas da serra de Pernambuco somente haviam trazido a lume material de somenos valor. Apesar disso JOÃO MAURÍCIO resolveu fazer uma segunda tentativa.

“Encarregou ao excelente administrador da Capitania da Paraíba, ELIAS HERCKMANN, a quem devemos uma notavel descrição da sua Capitania e dos Índios Tapuias de Pernambuco e Paraíba, de empreender uma expedição ao interior. Em setembro de 1641 pôs-se HERCKMANN a caminho, acompanhado de holandeses, nativos e mineiros portugueses, para dois meses depois reaparecer em Recife, totalmente exausto. Após terríveis provações, as provisões da sua caravana se exgotaram, diante das barreiras impenetráveis, opostas pelos cipoais da floresta virgem. Melhores resultados puderam consignar mais tarde no Ceará os buscadores de ouro. A expedição dirigida por MATIAS BECK deu ali com uma mina de prata aparentemente rica que, porém, não pôde ser explorada em consequência da situação cada vez mais ameaçadora em que se achava a Nova Holanda e caiu em inteiro olvido em 1654, com a capitulação de Recife”. (4)

---

(4) Tal mina de prata nunca mais foi encontrada, apesar dos cuidadosos estudos feitos pelos geólogos da Inspeção de Obras Contra as Secas. Como diz BRANNER: “Livros e artigos sobre o estado do Ceará dão extensas listas de minerais, mas ninguem ainda provou que existem todos esses minerais em quantidades suficientes para a exploração”.

Este pequeno trecho sôbre as expedições holandesas nos dá bem uma idéia do que eram as pesquisas das riquezas minerais nos séculos XVII e XVIII: — simples façanhas de *amadores de aventuras*, excavações feitas ao léu, segundo as indicações mais ou menos empíricas dos *mineiros*, embora devamos reconhecer, com a sanção da grande autoridade de ORVILLE DERBY que “entre os mineiros práticos de Minas Gerais, Goiás e Mato-Grosso houve muitos bons observadores dos fenômenos que podiam servir de guia para melhor aproveitamento das suas lavras e para o descobrimento de outras novas. O fato de nas regiões então ocupadas haverem escapado às vistas dos mineiros coloniais poucas jazidas importantes de ouro e diamante, indica que eles deviam ter feito suas observações e experiências de um modo quasi científico”.

Encontrados os ricos rios, novos Pactolos, e as opulentas jazidas de Minas Gerais, sôbre esta região se concentra tôda a atenção da coroa de Portugal que pôde, com o nosso ouro e as nossas pedrarias, manter o fausto nababesco do reinado de D. João V. O ouro era mandado da colônia, agora mimada e protegida, aos milhares de arrobas, e essa caudal reluzente e preciosa, que parecia inexaurível, fazia com que a Metrôpole, embriagada de luxos e prazeres, não demonstrasse o menor interêsse científico pela região que vinha sendo tão fácil e proveitosamente explorada, apenas da mesma se lembrando para sôbre ela estender a ação asfixiante do fisco, sem nenhuma providência para o bom aproveitamento e boa conservação das minas.

Escreve ORVILLE DERBY: “Somente quasi no fim do período colonial é que se faz uma tentativa fraca e ineficiente, quasi sem resultados práticos, para introduzir um pouco de ciência na legislação mineira. O primeiro passo neste sentido parece ser a comissão dada em 1798

ao Dr. JOSÉ VIEIRA COUTO, médico residente em Tejuco, para *fazer observações e exames mineralógicos e metalúrgicos em toda a comarca de Serro Frio pelo interesse que dele poderia provir ao real erário e público*. Dêsse estudo feito pelo Dr. VIEIRA COUTO chegaram até nós algumas *Memórias* sobre a Capitania de Minas Gerais, salitreiras naturais de Monte Rorico, sobre as minas da Capitania de Minas Gerais e sobre as Minas de cobalto da mesma capitania.

Queixando-se (embora veladamente) do descaso em que ficavam muitas minas, quando o seu rendimento já não dava os ótimos resultados primitivos, escrevia um escritor anônimo sobre as minas de Cantagalo, em 1805: "Sendo aquelas minas, na maior parte, compostas de terrenos lavadeiros, para onde as águas carregam o ouro das montanhas no tempo das enchentes ou aluviões, não é de admirar que, sem se explorarem as montanhas, onde existe, segundo a melhor teoria da natureza, aquele metal em betas, folhetas ou veios, nas fendas verticais das rochas, ou ainda em algumas horizontais, pelas alterações que tem sofrido o nosso planeta, tenham tido tão diminuto rendimento as lavras de Cantagalo".

Chegara por êsse tempo ao Rio de Janeiro, vindo de Buenos Aires, depois da reconquista da cidade, com uma carta de recomendação para o Conde de LINHARES, o inglês JOÃO MAWE que era apontado como pessoa entendida em mineralogia. Mandou-o o Vice-rei examinar uma suposta mina de prata nessa mesma região de Cantagalo, expedição de resultados inteiramente negativos. De volta dessa zona fluminense, teve MAWE autorização para visitar a região diamantífera de Minas Gerais, "nenhum outro inglês tendo jamais iniciado empresa semelhante com êsses requisitos indispensáveis ao sucesso — permissão e sanção do Govêrno", como diz êle no seu livro, pu-

blicado em 1812, o qual, sem ser propriamente uma obra de caráter científico traz valiosas observações sôbre o modo de ocorrência do ouro e das pedras preciosas nas lavras do Brasil.

Já em 1803 o Regente encarregara aos brasileiros JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA e MANUEL FERREIRA DA CÂMARA BITTENCOURT E SÁ, que tinham, em comissão do govêrno portuguez, feito extensas viagens pela Europa e estudado nas melhores escolas, de confeccionar um novo código de mineração. Dos estudos feitos no Brasil por ANDRADA E SILVA (aquí completamente absorvido pela política) só se conhecem algumas notas, aliás interessantíssimas, publicadas como apêndice ao *Manual de Geologia* de BOUBEE.

Vieram com D. JOÃO VI para o Brasil dois engenheiros alemães, que tinham estado por alguns anos no serviço do reino, no Real Corpo de Engenheiros, e que inauguraram os métodos científicos nas explorações geológicas e mineralógicas do Brasil. Eram eles o tenente-coronel GUILHERME L. VON ESCHWEGE e o sargento-mor FREDERICO LUIS GUILHERME VARNIAGEN.

A seu respeito escreve (DERBY: "Ainda que as suas funções oficiais fôssem exclusivamente industriais, ambos se ocuparam com a investigação geológica e mineralógica do país. De VARNIAGEN temos uma só contribuição escrita, uma interessante nota das suas observações entre Santos e Ipanema, comunicada em carta a ESCHWEGE e estampada por êste no seu *Jornal von Brasilien*. É, porém, evidente que grande parte das informações dadas por ESCHWEGE e por SPIX e MARTIUS sôbre Ipanema são devidas a comunicações verbais de VARNIAGEN". (5)

---

(5) Informam os naturalistas bavaros: "Toda a povoação de Ipanema deve a sua origem às grandes jazidas de minério de ferro magnético do monte Arasojava, cuja riqueza em metal já

Muito mais abundante e valiosa é a contribuição de ESCHWEGE, principalmente nos trabalhos publicados depois do seu regresso para a Europa, em 1822, merecendo menção especial o Panorama geognóstico do Brasil e os *Estudos sobre o sistema de montanhas do Brasil*. Sua obra mais conhecida, *Pluto brasiliensis*, é apenas um tratado histórico, estatístico e técnico da indústria de mineração do Brasil e dos minerais de importância industrial. Fazendo justiça a este precursor da nossa ciência geológica, escreve ainda ORVILLE DERBY: "Graças a estas diversas obras nenhum país do Novo Mundo era, nessa época, melhor nem tão bem estudado como o Brasil sob o ponto de vista da sua estrutura geológica e tecnologia mineral. Quem tiver tido ocasião de seguir as pegadas de ESCHWEGE, fica pasmado ante a minuciosidade e exatidão das suas observações e o critério das suas deduções. Em parte alguma do mundo tem o investigador de hoje menos a criticar na obra do *pioneer*, e o nome de ESCHWEGE merece ser colocado bem alto na lista dos notáveis geólogos que receberam a inspiração do grande mestre WEBER".

E ainda em 1919 podia BRANNER corroborar: "As relações estruturais dos calcários do alto Rio das Velhas às camadas permianas ao oeste não são abundantes, mas parecem ser concludentes. ESCHWEGE, cujas observações e juízo é forçoso aceitar seriamente, dá duas secções nas quais êle mostra as posições relativas das rochas do Rio

---

é há muito tempo conhecida; entretanto, só depois da vinda do rei é que tem sido explorada e segundo as regras da metalurgia. O empreendedor ministro CONDE DE LINHARES mandou vir para aqui, no ano de 1810, uma turma de mineiros suecos, que começaram construindo a casa da fábrica, de madeira, à margem do Ipanema e tratando o minério em duas pequenas forjas de refinação. Atualmente acham-se ainda aqui tres mestres suecos, que elevaram a produção da fábrica, por eles fundada, a quatro mil arrobas".

das Velhas e das da região das minas de chumbo de Abaeté ao oeste do rio S. Francisco”.

Basta êste simples fato de um trabalho científico merecer tal citação um século depois de realizado, para aquilatar-se o valor das observações do tenente-coronel alemão, e grande geólogo.

Em 1817, acompanhando a arquiduqueza LEOPOLDINA da Áustria para o Brasil, veio ao nosso país a maior expedição científica que já o visitou, nunca aqui tendo aportado um grupo tão numeroso e tão seleta de cientistas, dos mais notáveis da sua época, chegados uns na própria comitiva da princêsa, tão apaixonada pelos estudos das ciências naturais, comissionados outros pelas mais famosas sociedades científicas da Europa, contribuindo para o seu sucesso os fundos fornecidos pelos erários régios da Áustria, da Baviera e da Toscana. O mineralogista dessa grande expedição científica era o Dr. JOÃO EMANUEL POHL, mas também no relato da grande viagem pelo interior do Brasil de SPIX e MARTIUS encontramos uma série de dados de interêsse geológico, devidos à observação de MARTIUS que, ainda em 1842, 14 anos após a publicação dessa grande obra, redige curiosa nota sôbre as jazidas diamantíferas da serra de Sincorá, no sertão da Baía. A cada passo daquele estirado itinerário pelo interior do nosso país encontramos em MARTIUS notas nas quais o botânico e o geólogo rivalizam. Desde os arredores do Rio de Janeiro onde “à primeira vista julgara que o granito era o mesmo que forma a montanha de Passau, ao longo da fronteira da Boêmia”, demorando-se em descrever suas variedades e êsse gneiss “com granadas finas que lhe dão uma bela aparência” (6) até àquele

---

(6) “Entre as poucas variedades que tivemos ocasião de observar, uma consiste em muito feldspato avermelhado ou cinzento claro, em um pouco de quartzo acinzentado e em abundante pro-

*estudo do rio Amazonas, quanto à geognosia, no qual "segue a trilha estabelecida por WERNER, aplainada por H. VON HUMBOLDT" (7), quasi não há capítulo onde não tenha deixado o seu modo de ver de geólogo, observações ainda citadas um século mais tarde por BRANNER: — são os dados sôbre o ferro de Araasoiava, as minas de ouro, o topázio amarelo e a sua formação (8), os veios de ferro*

---

porção de mica muito folheada. O segundo é um granito de granulação grosseira, no qual predomina um feldspato cinzento e branco-avermelhado, com quartzo branco-acinzentado e cinzento esfumado e pouca malacacheta de tons dourados e preta. Mais se aproxima do chamado granito gráfico, pois aparece no feldspato um certo brilho de madreperola. A variedade mais bela é um granito rico em feldspato cinza, claro-avermelhado, de granulação fina, quartzo cinzento-esfumado e prismas de mica esverdeada de granulação média. Não raro o granito, em torno do Rio de Janeiro, bem como em todos os pontos de montanhas semelhantes, é composto de feldspato terroso, branco-acinzentado, às vezes com manchas amarelo pardacentas de óxido de ferro, e mais de quartzo cinzento-esfumado e pouca mica negra que, ao menor contacto se desmancha. A estrutura do granito a pouco e pouco se torna folheada, passando a rocha a ser um gneiss".

(7) "O rio Amazonas, na região por nós percorrida é, em toda a sua extensão, acompanhado por uma única formação orgênica principal: a do grés. Divide-se em duas formações: a que já referimos em outra parte desta narrativa sob a denominação de *grés-de-cantaria* e a que os modernos geognostas chamaram *grés-cúprico*. O exame das condições geognósticas dessa bacia apresenta particular dificuldade. Território coberto de mata virgem que, numa extensão imensa não se eleva em uma só colina, só raramente deixa aflorar a rocha viva, que aparece sob espessa camada de areia, humus ou argila vermelha, nos côrtes feitos pelos rios e riachos. A formação do grés ocorre nesta região do extremo Norte do Brasil sob três fórmãs principais: grés ferruginoso, freqüentemente como brecha; grés de granulação fina, mais friavel, mais vermelho; grés mais duro e mais branco".

(8) "O caolín branco, que aqui é chamado *massa-branca*, é o mais seguro indicio da presença de topázio, que aparece solto e espalhado dentro dessa massa. A mica decomposta, pardo-amarelada ou avermelhada, os trabalhadores chamam *malacacheta*.

de Vila Rica (9), o aspecto geológico do Distrito Diamantino (10), os sanbaquís, etc.

J. E. POHL chegou ao Rio de Janeiro no dia 4 de novembro de 1817, onde se demorou, auxiliando a organização das coleções mineralógicas do *Gabinete de História Natural* (Museu Nacional) até 15 de fevereiro do ano imediato, quando partiu, em pequena excursão, para São João Marcos, Angra dos Reis e Mangaratiba, voltando à

---

Encontram-se também nela os topázios, embora menos abundante do que na ganga. Em geral corre a ganga de quartzo contendo topázio, acompanhada de caulim, num filão de talco terroso, que se diferencia, em cor e espessura, da terra que está contigua e a que denominam *formação*".

(9) "As jazidas da maioria das minas do morro de Vila Rica são constituídas por uma modificação do micaschisto, que ESCHWEGE tornou conhecido sob a denominação de itabirito. É um micaschisto, no qual a mica, próxima das jazidas, é substituída por limonita e, em outros lugares, por oligisto. Encontra-se aqui tal montanha, como em muitos lugares de Minas, de grande diversidade de colorido espessura e peso. Na grande maioria é cinzento-aço; em antigos desabamentos apresenta-se pardo-amarelado ou vermelho-tijolo, segundo o grau de oxidação do metal. Aqui e ali aparece granulado e listado, quando contém grande quantidade de quartzo branco. O seu conteúdo de ferro é, às vezes, tão avultado, que pode, com vantagem, ser fundido".

(10) Depois de falar do oligisto, da marga e do diabásio do Distrito Diamantino, escreve MARTIUS: "Essas formações orogênicas aparecem livremente ou cobertas por uma camada de alguns pés de altura de gorgulho ou cascalho, que consiste em uma terra cinzenta, cinzento-amarelada, avermelhada, às vezes branca, misturada com muitos fragmentos de quartzo. Em outros lugares ocupa a superfície uma terra vermelha, como marga, que aparece frequentemente em Minas, e ha num ou noutro ponto inclusões de diabásio, dispersas. Nesse cascalho e areia encontram-se então diamantes soltos. Constantes satélites dessas pedras preciosas são sobretudo, os abundantes detritos arredondados de quartzo translúcido e uma hematita muito dura, compacta ou lídita do tamanho de uma avelã ou de um ovo de pombo, e conhecida vulgarmente por feijões".

Côrte em abril. Aquí permaneceu até setembro, quando deu início à sua grande viagem, seguindo a 6 dêsse mês de setembro para Goiás, passando por Barbacena, São João d'El-Rei, Paracatú, serra dos Cristais e Meia-Ponte, chegando a Vila-Bôa no dia 23 de janeiro de 1819. Demorou-se na capitania de Goiás mês e meio, indo em excursão ao arraial Anicuns e aldeia São José Mossamedes e arraial Pilões do Rio Claro, que alcançou no dia 29 do mês de março, tendo deixado a cidade de Goiás no dia dois. Em sua volta para o Rio de Janeiro passou EMANUEL POHL pela mina de galena de Abaeté, vila do Farnado e Vila-Rica.

Em POHL o geólogo estava longe de equivaler ao botânico e o seu livro ao qual dera o mesmo título da obra de ESCHWEGE (*Beitrag zur Gebirgskunde Brasiliens*) "pouco mais é que uma relação das rochas e minerais colecionados".

O secretário da legação da Prússia no Brasil, OLFERS, acompanhado de FRANZ SELLOW (o companheiro do príncipe MAXIMILIANO DE WIED em sua viagem à Baía), visitou as regiões auríferas e diamantíferas, remetendo para o Museu de Berlim uma rica coleção de rochas e minerais, nunca vindo a lume o resultado científico dessa expedição. Mais tarde andou SELLOW por nossas duas províncias do extremo sul (Rio Grande e Cisplatina), fazendo coleções para os museus de Berlim e do Rio de Janeiro. Era SELLOW um pouco mais que simples colecionador profissional, e as rochas por êle mandadas para a Prússia com as copiosas notas tomadas em campo, serviram a WEISS para a sua valiosa contribuição à geologia do Sul do Brasil, publicada em 1827.

"As notas de SELLOW sôbre o Rio Grande do Sul", escreve BRANNER, "são excelentes, mas, sendo feitas no ano de 1823, é muito difícil identificar muitos dos lugares de que fala o autor".

“Com a publicação das obras de ESCHWEGE, SPIX e MARTIUS, POHL e WEISS”, considera DERBY, “fechou-se o primeiro período (que se pode chamar alemão) da investigação geológica do Brasil. Os resultados, que têm sido freqüentemente negligenciados por investigadores subsequentes, foram notáveis, mormente tendo em vista a novidade do assunto e o número limitado de pesquisadores. O sistema orográfico do país foi determinado com bastante exatidão por ESCHWEGE assim como o foi também, de um modo geral, o caráter e distribuição sobre grande parte da área do país, de quatro grandes terrenos geológicos que, na nomenclatura da época, foram denominados Primitivo, de Transição, Rothleigende e Terciário”. (11).

Os resultados paleontológicos dessa primeira fase de explorações do solo brasileiro são de uma notável pobreza e sem que ao menos façam referências os autores na sua determinação dos terrenos. ESCHWEGE sabia da existência de madeiras fósseis na Baía e de peixes fósseis no Ceará (onde são de extraordinária abundância). SPIX e MARTIUS mencionam conchas fósseis da Baía, por eles determinadas como pertencentes a gêneros atuais, e parece

(11) O quadro abaixo mostra o critério e atilamento das observações de ESCHWEGE, comparando a disposição de várias camadas de Minas Gerais, tais como ele as viu, e como foram depois verificadas 10, 30 e 50 anos depois, por notáveis geólogos:

ESCHWEGE, 1831	CLAUSSEN, 1841	GERBER, 1863	GORCEIX, 1881
Uebergangsthon-schiefer	Transição	Transição	Calcareos paleozóicos
Itacolumito	Itacolumito	Itacolumito	Ferro (Itabirito)
Kornquartz	Quartzítico	Quartzito	Quartzitos
Granito-Gneiss	Granito-gneiss	Granito-gneiss	Granito-gneiss

que foram estes dois naturalistas bávaros que enviaram para a Europa a amostra de *Psaronius* do Piauí, descrito em 1872 por BROGNIART. Das madeiras fósseis e do carvão de pedra do Rio Grande do Sul já temos notícias pelas notas de SELLOW, que também se refere às conchas das margens do Uruguai; e WEISS descreveu restos de mamíferos fósseis do Rio Grande do Sul e Cisplatina.

Quando ainda andava SELLOW pelas províncias do Sul realizou ALCIDES D'ORBIGNY a sua grande viagem à Argentina e Bolívia, tendo explorado a região de Chiquitos, que inclui a parte do Brasil ao sul do Guaporé, e examinou ligeiramente a margem do planalto ao norte daquele rio, comparando a grande formação de grez que cobre a maior parte de Mato-Grosso com o Carbonífero de Santa Cruz de la Sierra.

Em 1831 esteve em nossas costas o *Beagle*, trazendo a seu bordo, como naturalista da expedição a CARLOS DARWIN (que dos seus estudos e observações feitas na América do Sul ia tirar os elementos que o cobriram de glória em seu celeberrimo livro da *Origem das Espécies*). Fez o jovem naturalista inglês algumas observações geológicas nos rochedos de S. Pedro e S. Paulo, na ilha de Fernando de Noronha, cuja natureza vulcânica determinou, e no recife de Pernambuco, a cuja natureza não coralina se referiu. (12)

---

(12) Em meu livro *Visitantes do Primeiro Império* já me referi às impressões de DARWIN. Dos rochedos de S. Pedro e S. Paulo escreve ele: "O ponto mais elevado da ilha de S. Paulo está apenas a 50 pés acima do nível do mar; a circunferencia inteira da ilha não chega a tres quartos de milha. Esse pequeno ponto ergue-se abruptamente das profundidades do Oceano. Sua constituição mineralógica é muito complexa; em alguns pontos a rocha se compõe de hornstein; em outros de feldspato, encontrando-se também alguns veios de serpentina. Os rochedos de S. Paulo, vistos de certa distancia, são de resplandecente alvura.

A década 1841-1850 foi muito mais proveitosa para o conhecimento geológico do Brasil, graças às explorações de CLAUSSEN, LUND, HEIMREICHEN e PISSIS, sendo justamente a menos fecunda a expedição CASTEINAU, da qual se esperavam os melhores frutos.

PEDRO CLAUSSEN, dinamarquês, era dono de uma fazenda, a *Porteirinhas*, perto de Curvelo. Quando GUILHERME LUND voltou para o Brasil, depois de doutorar-se em Filosofia em Kiel, decidiu-se a empreender uma viagem de estudos pelo interior do Brasil, em companhia do botânico LUIS RIEDEL, que já conhecia o nosso sertão por ter seguido na expedição LANGSDORFF. A 10 de outubro encontram-se os dois naturalistas com CLAUSSEN, compatriota de LUND, e dêsse encontro resulta para GUILHERME LUND a sua fixação definitiva no Brasil, à margem dessa poética e pequena Lagoa Santa, e para o fazendeiro a curiosidade pelas ciências naturais. A CLAUSSEN devemos a interessante descoberta, feita em Grão Mogol, do diamante encerrado na rocha, e da qual êle nos dá conta

---

Tal côr é devida, em parte, aos excrementos de imensa multidão de aves marinhas e, em parte, a um revestimento formado de substancia dura, polida, com o brilho de madrepêrola, que adere fortemente à superfície dos rochedos”.

E a propósito do Recife de Pernambuco: “Não creio que haja no mundo inteiro uma formação natural de aspecto tão artificial. Esse Recife alonga-se numa extensão de algumas milhas em linha absolutamente reta, a pouca distância da costa, com a largura de 30 a 60 pés, de parte superior chata e unida, parecendo na maré baixa, um quebra-mar construído por cíclopes. A resistência desse Recife, que as ondas nem de leve carcomem, é um dos fatos mais curiosos da sua história, sendo devida a um revestimento muito duro de matérias calcáreas com algumas polegadas de espessura e inteiramente formadas pelo crescimento e morte sucessivos de pequenos tubos de sérpulas, anatifas e nulíporas. São estes seres insignificantes que prestam os maiores serviços aos habitantes de Pernambuco, conservando-lhes o Recife e garantindo-lhes o porto”.

nas suas notas geológicas sôbre a provincia de Minas Gerais, publicadas no *Boletim da Academia Real de Bruxelas*.

Pasma LUND diante da riqueza fossilifera das grutas calcáreas da fazenda do seu compatriota e dos arredores, tesouro inesgotável para um apaixonado da natureza. Mas, como já disse alhures, GUILHERME LUND ama o Brasil mas é dinamarquês. No meio dessa natureza calma e afável que lhe restitue a saúde, não esquece o áspero clima de seu arquipélago e é para lá que dirige os frutos de tôdas as suas pesquisas, de lapa em lapa, num largo círculo em tórno de Lagoa Santa. Tudo era enviado a CRISTIANO VIII, para que na Dinamarca fôssem estudados e guardados. E tais achados ficam meio século à espera de quem os faça conhecidos do mundo científico, sendo da última década do século passado as memórias de HERLUF WINGE sôbre os marsupiais, carnívoros e primatas fósseis de Lagoa Santa.

VIRGÍLIO VON HEIMREICHEN percorreu grande parte da provincia de Minas Gerais como geólogo e engenheiro de minas das companhias inglesas de mineração. A êle devemos uma descrição mais completa da região do Grão Mogol e uma secção geológica da Serra do Espinhaço, que se encontram em seus trabalhos publicados em Viena em 1846 e 1847. Deixou ainda muitos trabalhos inéditos, cujos dados foram aproveitados por FRANCISCO FOETTERLE na confecção do primeiro mapa geológico do Brasil (13), digno dêsse nome, por isso que o de ALCIDES

---

(13) O mapa de FOETTERLE, com o modesto título *Golpe de vista geológico do Brasil e de algumas partes centrais da América do Sul* é, na opinião abalissadissima de BRANNER, "um mapa notavel, feito por uma pessoa perspicaz e industriosa. Feito na escala de um para quinze milhões, as côres geológicas exibem as seguintes divisões: cinco para os granitos gneiss, itacolumitos e chistos cloriticos e traumáticos; siluriano, devoniano, anfíbolito, calcáreos, carbonífero, triásico, marne, arenito vermelho, vulcâ-

D'ORBIGNY, executado doze anos antes, é um simples diagrama.

O geólogo francês A. PISSIS viajou durante algum tempo pelo Brasil, resultando das suas viagens interessante Memória apresentada ao Instituto de França em 1842 sôbre a posição geológica dos terrenos da parte austral do Brasil e sôbre os soerguimentos que, em várias épocas, transformaram o relêvo desta região, memória que é ilustrada por um mapa geológico, estendendo-se da Baía até Paranaguá e do litoral até ao São Francisco e por uma carta ideal do Brasil no princípio da era Siluriana, parecendo, contudo, que as suas observações pessoais, aliás excelentes, se limitaram às proximidades da Baía e do Rio de Janeiro e às estradas que levavam da Côrte a Ipanema, em São Paulo e a Sabará, em Minas Gerais. Apresenta PISSIS uma tentativa de classificação dos terrenos geológicos brasileiros que, diz DERBY, "difere da de ESCHWEGE em algumas particularidades importantes, sem ser mais acertada". Grande parte dessa memória de PISSIS trata do estudo dos movimentos orogênicos, dos quais êle reconheceu três: um, pre-siluriano, com orientação N.E.-S.O.; outro, caracterizado por elevação em bloco e fenômenos eruptivos ao longo da linha E.-O.; e o último, já de idade terciária, do qual achou provas nos arredores da cidade do Salvador.

---

nicos, terciário, dilúvio (pampas) e sinais especiais para ouro, diamantes, ferro e carvão".

Depois do mapa de FOETTERLE, merecem citados o de BERGHAUS (1892) que o mesmo BRANNER considera "o melhor mapa geológico do Brasil até a data da sua publicação"; o de PAULINO CAVALCANTI (1910), o de TEODORO SAMPAIO (1911), o de BRANNER, (1919), com 13 côres para os diversos períodos, o de BETIN PAIS LEME, e, finalmente, o notável *Atlas geológico* de EUSEBIO DE OLIVEIRA (1939) e o *Mapa Geológico do Brasil e de parte dos países vizinhos* de AVELINO DE OLIVEIRA (1940) com quinze côres geológicos.

“Ao seu mapa do Brasil primitivo”, comenta DERBY: “só falta a incorporação dos trabalhos dos seus antecessores para ser uma contribuição tão valiosa como original sobre o assunto”.

A bela expedição chefiada por LAPORTE, conde de CASTELNAU, nessa interessante viagem do Rio de Janeiro a Lima e de Lima ao Pará, trazia como pessoal científico, além do seu chefe, consumado entomólogo, o preparador EMILIO DEVILLE, o botânico e médico HUGHES A. WEDDELL e o engenheiro de minas E. D'OSERY. O fim principal dessa expedição era “estudar, sob todos os aspectos, a vasta bacia do Amazonas”. Nunca tivemos expedicionários que nos tivessem visitado com tanta simpatia, a qual se traduz desde essa nota escrita a 17 de junho de 1843: “Foi com profunda alegria e singular emoção que puzemos pé no solo encantado do Brasil”. E não arrefece o entusiasmo do chefe da expedição pela nossa natureza, dando disso eloqüente testemunho êste breve período que me permito transcrever no original: *“Il est impossible de douter que tel fut le berceau de la race humaine, car une région semblante se représente uniformément à l'esprit comme étant le paradis terrestre de la cosmogonie universelle des peuples”*.

Infelizmente D'OSERY foi assassinado na Bolívia, desaparecendo com êle o registo das observações astronômicas, meteorológicas e magnéticas feitas durante a travessia pelo planalto brasileiro, procurando o *divortium acuarum* entre as bacias do Prata e do Amazonas. Da sua pena apenas nos ficou uma pequena nota sobre região já conhecida pelos trabalhos de ESCHWEGE e de POHL, falando-nos CASTELNAU de um corte geológico através do continente, feito em colaboração com o seu malogrado auxiliar.

Há na narrativa de viagem de CASTELNAU uma interessantíssima nota que, a ser confirmada, viria trazer

um companheiro brasílico ao célebre fóssil da Patagônia. Escreve êle: "CUNHA MATOS fala de uma interessante descoberta, feita nas margens do rio Pitangui, de um crânio gigantesco, pertencendo provavelmente a um mastodonte, e que ainda estava coberto de pêlos muito espessos, de palmo e meio de comprimento, cortados em forma de coroa e muito bem conservados".

Sôbre o valor geológico, propriamente, de tal expedição, assim se manifesta DERBY: "Na narrativa de viagem pelo Conde de CASTELNAU, pouca coisa encontra o geólogo além das feições topográficas da região atravessada, e o fato de ser grande parte dela composta de grés, jazendo sôbre rochas inclinadas e em parte cristalinas. A insistência com que é notada cada ocorrência de *canga*, como si esta fôsse a única coisa importante, é especialmente exasperadora".

Lembra contudo BRANNER que o relatório da expedição CASTELNAU em Goiás e da sua viagem nos rios Araguaia e Tocantins tem muitas notas sobre a geologia, ainda que seja difícil achar os lugares citados". Pouco adiante comenta ainda o mesmo geólogo: "Nas cabeceiras do rio Araguaia parece que há uma área de rochas paleozoicas, mas pouco se sabe, quer da área, quer do caracter das rochas. CASTELNAU diz que são eschistos argilosos muito amarrotados e com o pendor ao sul e sudeste". E lembra ainda que, até 1919, a unica nota sobre uma série de sedimentos, provavelmente cretáceos, dessa região, eram devidas a CASTELNAU "que atravessou as camadas no caminho entre Goiás e Cuiabá".

São ainda desse mesmo decênio de 1841-1850 os estudos feitos pelo Dr. PERIGOT, que descobriu camadas de carvão em Santa Catarina (1841), e bem assim as explorações geológicas realizadas pelo Dr. CARLOS RATH no Rio de Janeiro e em São Paulo. Têm a data de 18 de março de 1848 as *Duas palavras sobre os terrenos*

*entre a cidade da Baía e o Joazeiro, considerados geologicamente* de autoria de ANDRÉ PRZEWODOWSKI. (14)

A viagem científica de GARDNER terminou em 1841 (tendo sido iniciada em 1838) mas a sua finalidade era especialmente estudar a nossa flora. Devemos, contudo, a êsse grande botânico inglês, uma interessante nota sôbre a geologia e os peixes fósseis do norte do Brasil (referindo-se especialmente aos do Ceará).

Muito menos interessante é o decênio seguinte. Em 1857 o Govêrno Imperial, por iniciativa do Instituto Histórico, organizou uma grande expedição científica para explorar as províncias do Nordeste, e que devia começar os seus estudos pelo Ceará. Eram geólogos desta tão mal-sinada expedição (pelo veso muito nosso de ridicularizarmos ou denegrirmos tudo o que é nosso e endeusarmos tudo que é feito por estrangeiros) o Dr. GUILHERME SCHUCHT DE CAPANEMA e o Capitão JOÃO MARTINS DA SILVA COUTINHO. "Êstes dois geólogos", diz o insuspeito ORVILLE DERBY, "tendo depois viajado extensamente e sendo atilados observadores geológicos, deviam ter feito muitas observações da maior valia". CAPANEMA publicou em 1862, na introdução dos *Trabalhos da Comissão Científica Exploradora* uma apreciação da geologia do Ceará. As observações de COUTINHO nunca vieram a lume, mas do seu valor falam bem alto os seus relatórios sôbre as explorações do Purús e do Madeira e as palavras cheias de emoção que lhe dedica LUIS AGASSIZ.

---

(14) Em 1845 JACOB VAN ERVEN enviara de Cantagalo para o Instituto Histórico onze fragmentos de um mamífero fossil, sendo nomeados para dar parecer sobre os mesmos os Drs. DUARTE DA PONTE RIBEIRO, J. F. SIGAUD e TEODORO VILARDEBÓ. Destes só VILARDEBÓ tinha conhecimentos de paleontologia, pois já estudara em seu país (Uruguai) fósseis de Padernal e Paisandú (um cetaceo e um gliptodonte).

E' de 1860 o trabalho publicado no *Jornal da Sociedade Geológica de Londres* sôbre o cretáceo da Baía, com a descrição de alguns fósseis aí encontrados, resultado das explorações e viagens de S. ALLPORT. Esta contribuição e a de PLANT, publicada alguns anos mais tarde, versando sôbre o Carbonífero do Rio Grande do Sul, são as primeiras monografias sôbre o Brasil nas quais aparecem descrições e figuras de fósseis, servindo para a determinação da idade geológica dos terrenos explorados.

Uma nova era nasce nas explorações do Brasil com a expedição de LUIS AGASSIZ, realizada graças à munificência de NATANIEL THAYER, que respondeu ao belo projeto do professor suíço, então funcionário do Museu de Cambridge, Massachussets, com êste período breve: — "Você deseja dar um caráter científico à sua viagem: tome seis assistentes e eu ficarei responsável por tôdas as despesas, pessoais e científicas". (15)

O próprio AGASSIZ trazia como fim principal da sua expedição, além do estudo pessoal da fauna ictiológica

(15) Eis como AGASSIZ conta em carta á sua mãe o auxilio dado por THAYER:

"Encontrei por um acaso, há oito dias, o Sr. THAYER em Boston. Gracejou comigo sobre as minhas tendências erráticas e, depois de indagar quais os preparativos que fizera no Museu para a viagem, respondi-lhe que, pensando antes de tudo na minha saúde, só cuidara das minhas necessidades e de minha esposa para uma ausência de seis a oito meses. Travou-se então o seguinte diálogo:

— Mas, Agassiz, nem parece V. Até agora V. não dava um passo fora de Cambridge sem pensar no Museu...

— Meu caro, estou fatigado e preciso descansar; vou vadiar no Brasil.

— Mas é que, quando V. tiver vadiado 15 dias, estará mais disposto do que nunca e lamentará, então, amargamente, não ter feito nenhum preparativo para aproveitar a ocasião e o local em benefício dos seus trabalhos científicos.

Já o previa, mas nada posso gastar além das minhas despêsas particulares e, nos tempos que correm, não é justo propôr a quem

brasileira (pois fôra êle, ainda muito jovem, encarregado por MARTIUS do estudo dos peixes coligidos nessa grande viagem), de examinar os depósitos superficiais que êle attribuía à ação glacial, dirigindo as suas observações muito especialmente sôbre êste ponto. Mas se contavam entre êsses seis assistentes autorizados por THAYER, os geólogos ORESTES SAINT JOHN e CARLOS FREDERICO HARTT, o que se enamorou do Brasil e lhe deu todo o seu magnífico labor científico e pode-se dizer que a própria vida, tão prematuramente ceifada.

Aquí chegada a expedição THAYER, mandou AGASSIZ que CARLOS HARTT fôsse em companhia de COPELAND examinar a costa entre o Rio de Janeiro e a Baía, explorando os principais rios dêsse trecho, até às suas cabeceiras. Subiu HARTT o Paraíba do Sul até São Fidélis, atravessou a Serra das Trincheiras até Bom Jesus, descendo o Itabapoana até ao mar e explorando a costa até Nova Almeida. Preparava-se HARTT para estudar os Abrolhos, quando foi chamado por AGASSIZ.

A região das montanhas costeiras do Brasil Meridional tinha sido explorada alguns anos antes por J. C.

---

quer que seja um sacrificio pela ciência. O país exige atualmente todos os nossos recursos.

— Mas si lhe oferecessem um auxiliar-naturalista, sem despesas de sua parte, accitá-lo-ia e gostaria de lhe dar trabalho?

— Isto é outro caso, em que nunca pensei.

— E quantos auxiliares poderá V. ocupar, afinal?

— Uma meia duzia.

— E qual seria mais ou menos a despêsa de cada qual?

— Cerca de 2.500 dólares. E' o que conto gastar comigo, e outro tanto com a minha esposa.

Depois de refletir um instante, ele continuou:

— Pois bem, Agassiz, se isto lhe convém e não prejudica os seus projetos de saúde, escolha todos os auxiliares que deseja entre os funcionarios do Museu, ou fora, e eu me encarrego de todas as despêsas da parte científica da expedição..."

HEUSSER e G. CLARAZ, que publicaram o resultado dos seus estudos nas revistas das sociedades de Geografia de Berlim (1858) e de Zurich (1865).

Antes de seguir para o Espírito Santo, uma pequena expedição, constituída pelos geólogos ORESTES SAINT JOHN e CARLOS HARTT, o ornitólogo ALLEN, e COPELAND tinham explorado os arredores da cidade do Rio de Janeiro.

Depois a expedição THAYER foi subdividida em três comissões. Escreve AGASSIZ: "De volta ao Rio, os Srs. HARTT e COPELAND ficaram retidos algum tempo pela demora do navio. Na falta de um vapor, partiram a bordo de um pequeno veleiro, e fizeram lenta e enfadonha travessia até São Mateus, colecionando em todos os pontos onde paravam. O Sr. HARTT não se esqueceu de examinar então o litoral, estudando-lhe os fenômenos de elevação, de que colheu provas incontestáveis. De São Mateus os dois viajantes se fizeram transportar ao Rio Doce e subiram o seu curso até 150 quilômetros da foz, parando na primeira cachoeira. Descendo até Linhares, exploraram o rio e lagoa de Juparanan e regressaram a São Mateus. Atingiram então o rio Mucurí, que subiram até Santa Clara, atravessando HARTT o rio Peruipe, para visitar a colônia Leopoldina. De Santa Clara partiram HARTT, COPELAND e SCHIEBER, que conhecia perfeitamente toda essa região, dirigindo-se para Filadélfia, na província de Minas Gerais. De Filadélfia seguiram por terra para Calhau, no rio Arassuaí, com um desvio por Alaú até Alto dos Bois para o estudo do *drift* e estrutura geológica das chapadas. Depois de visitar Minas Novas e estudar as suas minas de ouro, desceu HARTT o Jequitinhonha até ao mar, numa extensão de 580 Kms. reunindo-se a COPELAND em Canavieiras. Subiram juntos o Rio Pardo até às suas primeiras quedas, pescando e fazendo observações geológicas em todo o percurso.

Visitaram Belmonte e desceram para o Sul até Porto Seguro. Aí e em vários outros pontos do litoral fez HARTT estudo atento dos recifes. As suas pesquisas sobre essas muralhas submarinas, que constituem um traço tão notável do litoral brasileiro do Atlântico, são extremamente interessantes, nenhum outro geólogo tendo feito das mesmas estudo tão minucioso. Ele supõe que tais recifes são formados pela solidificação dos quebra-mares das praias; a parte inferior, cimentada pela cal dissolvida das conchas, permanece intacta, enquanto a parte superior é levada pelas vagas durante as tempestades. Estudou HARTT os recifes litorâneos em Santa Cruz e Porto Seguro, certificando-se de que os mesmos se prolongam para o sul até aos Abrolhos. Da Baía voltaram ao Rio de Janeiro, de onde partiram para os Estados Unidos, depois da chegada de AGASSIZ.

A outra turma era dirigida por ORESTES SAINT JOHN, tendo partido do Rio de Janeiro a 9 de junho de 1865, sendo seus auxiliares ALLEN, WARD e SCEVA. Os dois primeiros deviam atingir o litoral pelo vale do São Francisco e do Paraíba e SCEVA devia demorar-se alguns dias em Lagoa Santa para colecionar fósseis. Chegados a Juiz de Fora, atravessaram a Mantiqueira, passando por Barbacena, Lagoa Dourada e Prados, transpuzeram o rio Carandaí e o Paraopeba, continuando a sua rota até Lagoa Santa e Sete Lagoas. SCEVA voltou de Lagoa Santa para o Rio de Janeiro... sem os fósseis. WARD separou-se dos outros expedicionários em Barbacena, dirigindo-se para o Tocantins por Ouro-Preto e Diamantina, conforme já referimos. Em Januária separaram-se ALLEN e ORESTES SAINT JOHN. Êste desceu o São Francisco até à Vila da Barra e daí proseguiu por terra até alcançar o alto Parnaíba, descendo êste rio até Terezina, de onde seguiu para Caxias e, pelo Itapicurú, chegou a S. Luiz a 8 de janeiro de 1866. Diz AGASSIZ dêsse seu jovem au-

xiliar: “Ele fez levantamentos geológicos muito esmerados dos pontos em que isso foi possível, e o modo por que apresenta os resultados das suas observações prova ter apreendido as relações gerais que existem entre os traços mais salientes da estrutura geológica das regiões percorridas”.

Este território quasi inexplorado e tão rico em indagações seduziu HARTT, que voltou ao Brasil em 1870 como chefe da expedição MORGAN, acompanhado pelo botânico PRENTIS, seu colega de Universidade, e mais 11 estudantes, entre os quais êsses dois grandes amigos do Brasil, a cujos problemas geológicos se dedicaram com entranhado amor e inexcedível dedicação: — ORVILLE DERBY e JOÃO CASPER BRANNER.

O primeiro, na mais amarga das desilusões dos nossos governantes, que sempre sentiram o mais completo desprezo pela ciência pura e pelos que a ela se dedicam, cortou tragicamente o fio da sua prestante vida de pesquisador, toda devotada ao Brasil (16). O outro mais cauto, preferiu ficar vivendo num país civilizado, como professor da Universidade de Stanford, embora fôsse sempre o mesmo

(16) De ORVILLE DERBY escreve EUSEBIO DE OLIVEIRA. (do qual também, diz GLYCON DE PAIVA, “tanto labôr e tanto mérito não impediram que nos derradeiros anos de sua gestão encontrasse como Jesus o seu Jardim das Oliveiras):

“Ele era um trabalhador infatigável, mas o nosso meio não comportava um técnico de sua estirpe. Dêle se pôde dizer que foi um homem de ciência esmagado pelo peso alvar da burocracia. Esse famoso Ministério da Agricultura, que ainda está como uma montanha de papelório asfixiando as aptidões científicas e convertendo o problema da terra, o problema máximo do Brasil, num incidente administrativo suscetível de solução por circulares, portarias e avisos, foi o aparelho de tortura que conduziu ORVILLE DERBY ao suicídio”.

amigo da natureza do Brasil, escrevendo no prefácio do seu *Resumo de Geologia*:

“Os dados representados no mapa e expostos no texto são agora publicados pela *Sociedade Geológica da América*, principalmente como uma contribuição para o conhecimento da geologia da América; mas, por minha parte, o faço na intenção de servir ao povo brasileiro com o qual tenho convivido tantos anos, com o qual tanto simpatizo, e pelo bem estar do qual me acho profundamente interessado. Constitue um dos maiores prazeres da minha vida o haver podido contribuir desta maneira para o conhecimento da geologia do país onde principiei minha carreira profissional”.

A expedição MORGAN visitou o Brasil durante as férias escolares de 1870. Chegados ao Pará, o Dr. ABEL GRAÇA, governador da Província, pôs à disposição dos expedicionários o vapor *Jurupense*. Sobem os naturalistas o Tocantins até Trocará e cachoeira de Guaíba; visitam depois o baixo Ningú e o canal Aquiriú. Sobem o Tapajós até Itaituba (onde pela primeira vez se registram fósseis característicos do Carbonífero). De volta ao Pará os botânicos PRENTIS e PESSER embarcam para o sul a estudar a flora da Baía; ORVILLE DERBY e WILMOT são encarregados de examinar, sob o ponto de vista geológico, a costa entre a embocadura do Amazonas e Recife; HARTT segue para Monte-Alegre a encontrar-se com SMITH (que mais tarde chefiaria uma expedição científica ao interior de Mato-Grosso), STAUNTON e COMSTOCK o de nome tão familiar a todos os entomólogos.

Havia apenas três anos que o General COUTO DE MAGALHÃES, governador da província de Mato-Grosso encarregara o capitão BENEDITO JOSÉ DA SILVA FRANÇA de fazer o reconhecimento dos rios Tocantins e Araguaia, para o estudo da possibilidade de sua navegação por vapores.

Resultou dessas duas primeiras expedições nas quais tomou parte como auxiliar (THAYER) e chefe (MORGAN) o belo livro de HARTT *Geografia Física e Geologia do Brasil*, que êle dedica a LUIS AGASSIZ (17).

Passa-se apenas um ano e, aproveitando novamente as suas férias universitárias, volta CARLOS HARTT ao Brasil, desta feita acompanhado apenas por ORVILLE DERBY, com a intenção de completar e corrigir alguns dados da viagem anterior, visitando os dois notáveis geólogos Santarém, Taperinha, a serra do Ererê e Itaítuba. Adoecendo HARTT, visita DERBY, sozinho, Óbidos e a ilha de Marajó. O material faunístico colhido nessa expedição é estudado por vários especialistas americanos, encarregando-se SMITH dos crustáceos, COMSTOCK e MEAD dos insetos, NEWCOMB dos Moluscos, e RATHBUN dos Braquiópodes e moluscos fósseis (18), tendo DERBY publicado

---

(17) "Ao professor LUIZ AGASSIZ, Diretor da Expedição Thayer:

Presado Senhor:

Tenho a honra de oferecer-lhe o presente volume da Geografia Física e Geologia do Brasil, como um resumo dos resultados científicos de minhas explorações como auxiliar da Expedição Thayer, bem como os de uma segunda expedição particular — continuação natural da primeira — feita para prosseguir nas investigações que fora obrigado a deixar inacabadas.

Aproveito esta oportunidade para tornar pública a minha grande dívida para com o Sr., pelo interesse tomado em meus estudos científicos, pelas suas advertências e conselhos sábios e constantes e por mil provas de bondade recebidas".

(18) Ao descrever os trilobites de Ererê e Maccurú (Estado do Pará) diz CLARKE: "A fauna fossil do distrito do Ererê foi estudada primeiro pelo professor HARTT e seus auxiliares nas expedições feitas no Amazonas em 1870 e 1871. A geologia geral da região foi descrita pelo professor HARTT, acompanhada de uma memória sobre os Braquiópodes fósseis pelo professor RICHARD RATHBUN, na qual um número considerável de espécies novas são devidas às notas manuscritas de HARTT".

no Boletim da Universidade de Cornell uma monografia sôbre os Braquiópodes do Carbonífero de Itaítuba.

Quanto aos resultados geológicos da expedição, escreve ORVILLE DERBY: "O que se sabia então da geologia dêste vale do baixo Amazonas era a presença do granito (referida por vários viajantes) nas cachoeiras dos tributários de cada lado, e a do terreno Cretáceo, determinado por AGASSIZ, baseado em coleções feitas por CHANDLESS no rio Purús. A primeira expedição do professor HARTT deu em resultado a descoberta do terreno Devoniano no lado Norte, e do Carbonífero do lado Sul, ambos ricamente fossilíferos. Na segunda expedição procurou completar as coleções de fósseis dêstes dois terrenos, descobrindo também o Carbonífero no lado do Norte; examinar os taboleiros terciários de Almerim e os restos arqueológicos da ilha de Marajó e das terras pretas das visinhanças de Santarém. Os resultados foram publicados em diversos artigos preliminares nos jornais científicos americanos, sendo os fósseis devonianos descritos pelo professor HARTT em associação com o Sr. RICHARD RATHBUN, e uma parte dos carboníferos por DERBY, que tinha acompanhado as duas excursões. A comunicação de fósseis colecionados por CHANDLESS no rio Maueassú e pelo professor ORTON no rio Pichís, no Perú oriental, deu ocasião de estender os limites da bacia carbonífera do Pará quasi até ao Madeira, e de determinar a existência de uma outra com a mesma fauna na região do alto Ucayale. Em traços gerais, os resultados das duas expedições amazônicas foram a refutação da teoria do professor AGASSIZ sôbre a glaciação daquele vale e a determinação dos elementos principais da sua verdadeira história geológica com muitos e importantes detalhes sôbre diversos dos mais importantes terrenos que entram na sua composição".

As conchas fósseis coligidas por CHANDLESS foram estudadas e descritas por WOODWARD em um pequeno tra-

balho, tendo T. A. CONRAD nesse mesmo ano de 1871 publicado duas memórias sôbre as conchas fósseis do Alto Amazonas.

Já nos referimos à exploração geográfica de LIAIS no rio das Velhas e Alto São Francisco. Não é muito lisongeira, porém, a opinião de DERBY sôbre o valor do astrônomo francês como geólogo, escrevendo a seu respeito:

“Em 1872 o diretor do Observatório Nacional, Dr. EMANUEL LIAIS, publicou uma grande obra, tendo 299 páginas, denominadas *Géologie*, que são de difícil caracterização. A maior parte pode ser considerada como a memória de PISSIS diluída e piorada; e o que deve ser atribuído a observações próprias é dado de modo tão vago que é impossível precisar os pontos para uma verificação”. Diz mais DERBY que, “fazendo o mesmo trajeto em centenas de léguas, procurou com todo empenho fixar os pontos em que o Sr. LIAIS registrava observações que pareciam de certa importância e só o conseguiu em um único onde, por exceção e talvez por descuido, o lugar foi designado com precisão. Alí teve a prova palpável da sua nulidade suspeitada como observador geológico e paleontológico, encontrando as massas de origem puramente mineral que na referida obra figuram como fósseis, dando base para a classificação geológica dos terrenos”.

Em 1874 mais uma vez viaja HARTT para o Brasil, de onde nunca mais tornaria à sua pátria. O ano de 1875 é marcado *albo lapide* nos anais da geologia brasileira, pois então se registam dois acontecimentos capitais para o seu desenvolvimento em bases realmente científicas: a criação da Escola de Minas de Ouro Preto e a da Comissão Geológica do Império do Brasil que, apesar de sua vida efêmera, pelo imenso atrazo em que se achava o nosso país em matéria científica, foi o germe de onde brotaria mais tarde o eficiente, o criterioso Serviço Geológico e Mine-

ralógico, a cuja frente tivemos três verdadeiros e legítimos sábios.

O Ministro JOSÉ FERNANDES DA COSTA PEREIRA convida HARTT para estudar a geologia do Brasil e o projeto apresentado pelo sábio professor americano é realmente notável: estudar a geologia do Império, sua paleozoologia e paleobotânica, fazer o estudo minucioso das minas e químico das rochas; determinar as altitudes e variações meteorológicas, o caráter e extensão das matas, campos e terras férteis, agricultura, animais úteis e prejudiciais, recifes de madréporas, arqueologia e etnologia. Era um programa digno de um vasto Império como o Brasil, mas muito acima dos pigmeus das cumiadas políticas, de maneiras que o projeto HARTT ficou sem realização. Talvez que no seu centenário...

Pelo Aviso de 30 de abril de 1875 era creada a *Comissão Geológica do Império do Brasil*, chamando HARTT para auxiliares a quatro dos seus ex-discípulos e aos dois engenheiros brasileiros PACHECO JORDÃO e FRANCISCO JOSÉ DE FREITAS. Organiza o espírito prático e dinâmico do diretor a primeira expedição e a 10 de junho do ano seguinte desembarcam os geólogos em Pernambuco, indo estabelecer o seu centro de pesquisas em Maria Farinha. HARTT explora o Jaguarão, Muribeca e Santo Agostinho, enquanto BRANNER examina a ilha de Santo Aleixo e o rio Formoso, penetrando mais tarde no São Francisco, até à cachoeira de Paulo Afonso. Chamado pelo Governo, veio HARTT ao Rio organizar a Exposição Nacional. Mas os trabalhos dessa que podemos chamar segunda expedição brasileira, embora constituída em sua maioria por estrangeiros, não cessaram: DERBY e BRANNER estudaram os arredores da cidade do Salvador e o estado do Sergipe, seguindo depois BRANNER a explorar a ilha Fernando de Noronha; DERBY e FREITAS seguiram para o Pará, tendo explorado a ilha de Marajó, o rio Maecurú, as serras de

Machirá e Tajurí e o rio Trombetas (19); RATHBUN e WAGENER levantaram uma planta da região de Porto Seguro e visitaram o pequeno arquipélago dos Abrolhos; depois seguiu WAGENER para Tubarão e outros pontos de Santa Catarina e Paraná e MILLS para o Rio Grande do Sul (20). Foram assim, em pouco mais de um semestre, estudadas as províncias do Espírito Santo, Baía, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Pará, Amazonas, parte de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Em 1877 reuniu-se a comissão na Côrte para encetar os trabalhos de gabinete e classificação de cêrca de quinhentas mil amostras, mas a 11 de maio de 1877 o *esclarecido* Conselheiro TOMÁS JOSÉ COELHO DE ALMEIDA mandou suspender, por *motivos de economia*, a partir de primeiro de julho, todos os trabalhos científicos, recolhendo-se o material coligido no Museu Nacional. Já havia trinta e uma memórias prontas para serem publicadas. Subindo o Ministério SINIMBÚ tentou HARTT salvar o precioso tesouro do seu ingente trabalho e das honestas pesquisas dos seus auxiliares, mas nem sequer conseguiu ser recebido pelo Ministro, morrendo de febre amarela no

---

(19) Muitos dos trabalhos da *Comissão Geológica do Brasil* ficaram inéditos. Os trilobites do Erêrê, do Maecurú e do Curuá, colhidos por ORVILLE DERBY, F. JOSÉ DE FREITAS e H. H. SMITH foram descritos em 1895 por CLARKE, que em 1899 publicou uma segunda memória sobre a fauna siluriana do rio Trombetas, de fosseis coligidos pelos dois primeiros geólogos acima citados. No segundo volume do *Boletim do Museu Paraense* publicou ORVILLE DERBY cinco pequenos *Trabalhos restantes inéditos da Comissão Geológica do Brasil*.

(20) Os estudos geológicos feitos por essa expedição foram resumidos por HERBERT SMITH em 1883 e 1884 e os trabalhos de MILLIS só vieram a lume em 1902, todos em revistas dos Estados Unidos.

dia 18 de março de 1878, deixando um grande vácuo nesse primeiro púgilo de sábios desinteressados.

Mas deixava HARTT um continuador digno do seu nome na pessoa do seu companheiro desde a primeira expedição MORGAN, o sábio ORVILLE DERBY que sempre considerou, modestamente e cheio de gratidão, as suas próprias pesquisas como um reflexo da obra de HARTT.

Como geólogo da expedição MILNOR ROBERTS ao Rio das Velhas e ao São Francisco, faz ORVILLE DERBY minucioso estudo da geologia do Vale do Rio São Francisco "dividido em duas partes por um sistema de cachoeiras, começando pela de Itaparica logo abaixo de Jatobá, e estendendo-se até ao porto de Piranhas". Na parte baixa encontrou "uma quantidade extraordinária de madeira silicificada", dentes de répteis e de tubarões e escamas de peixes do gênero *Lepidotus*. E' interessante o seu estudo do "célebre serrote do Bom Jesus da Lapa, composto de camadas maciças e horizontalmente estratificadas de calcáreo amorfo azulado; a superfície levanta-se em forma de tecto e acha-se gasta pelo tempo de uma maneira exquisita, apresentando milhares de pequenas e delgadas tôrres piramidais, com faces côncavas, que fazem lembrar a ornamentação da catedral de Milão; a extremidade que faz frente para o rio é talhada a pique numa magnífica escarpa que, ornada em cima pelas tôrres, é excessivamente pitoresca e dá um aspecto imponente à entrada da gruta; esta não corresponde ao magnífico exterior, sendo pequena, baixa e feia, sem alguma coisa de notável, exceto o rico altar e a milagrosa imagem do santo". Perto da entrada encontrou DERBY corais fósseis dos gêneros *Favosites* e *Chaetetes*. Os seus estudos sôbre a geologia do alto São Francisco são ainda hoje lidos com proveito.

Em 1886 o Conselheiro JOÃO ALFREDO CORREIA DE OLIVEIRA, presidente da província de São Paulo, confiou

a DERBY o levantamento topográfico e geológico dessa província, comissão na qual teve como auxiliares os provecos geólogos GONZAGA DE CAMPOS e FRANCISCO PAULO DE OLIVEIRA e o petrógrafo EUGENIO HUSSAK (19).

Em 1887 JOSÉ CARLOS DE CARVALHO segue para a Baía, para o transporte do Bendegó (21).

---

(21) Escreve ORVILLE DERBY: "O Sr. CARLOS DE CARVALHO interessou-se pelo meteorito, influenciado pelas informações do seu primo, o Dr. VICENTE DE CARVALHO, que tinha feito a exploração e, com a sua experiência do transporte de grandes pesos, adquirida no serviço naval da guerra do Paraguai, imaginou um plano segundo o qual acreditou que podia ser efetuada a remoção. Levando o assunto a atenção da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, nas sessões de 27 de maio e 3 de junho de 1887, o Sr. CARVALHO propoz que a sociedade promovesse o transporte do meteorito para o Museu Nacional, e ofereceu-se a tomar conta pessoalmente da operação e da subscrição para levantar os fundos necessários. Por moção do presidente da sociedade, o Marquês de Paranaguá, esta proposta foi unanimemente aceita. Tão bem sucedido foi o Sr. Carvalho em comunicar o seu entusiasmo a outros, que na sessão seguinte, 17 de junho, ele poud anunciar á sociedade que o Barão de Guai tinha generosamente oferecido toda a quantia necessária e que o Ministro da Agricultura Conselheiro RODRIGO AUGUSTO DA SILVA, tinha prometido a cooperação cordial de Governo em tudo que não envolvesse dispêndio direto do dinheiro, para o que não havia fundos disponíveis, o Bendegó foi transportado para o Rio pelo Comandante JOSÉ CARLOS DE CARVALHO e pelos Drs. VICENTE JOSÉ DE CARVALHO e HUMBERTO SARAIVA ANTUNES. O Bendegó já era conhecido desde o século XVIII, citando DERBY estes versos, copiados em 1782:

Na infancia de minha vó  
 Uma medonha faisca  
 Fez no espaço uma risca  
 E caiu no Bendegó.  
 O estampido e o pó  
 Retumbou, quiz sufocar  
 E indo a este lugar  
 Grande concurso de gente  
 Achava-se ainda quente  
*Aquela pedra Quilá.*

Na expedição CRULS para demarcação no Planalto Central da área da futura Capital Federal era HUSSAK o geólogo, tendo publicado no relatório da mesma importantes notas sobre a mineralogia e estrutura geológica de Goiás.

Nesse mesmo ano de 1892 foi creada a *Comissão Geográfica e Geológica de Minas Gerais*, sob a direção de AUGUSTO DE ABREU LACERDA, serviço que se manteve até

Com a maior segurança  
Deus a poz neste lugar.  
Ninguém a pôde abalar  
Nem dar-lhe certa mudança.  
É porque tem *circunstança*  
Com esta certeza vá  
Que nesta terra não há.  
Só se fôr a Virgem Pura.  
Tem ciência e está segura  
Aquela pedra *Quilá*.

Defunto capitão-mór  
Bernardo Carvalho Cunha  
Neste tempo se dispunha  
Trazê-la do Bendegó.  
Achou-a firme qual nó.  
Como ainda hoje está.  
Os carros e bois levou  
Com a sua companhia.  
Não trouxe, como devia,  
Aquela pedra *Quilá*.

E depois que ele morreu  
Inda veio um viandante  
Pra ver se era diamante  
Porém não a conheceu.  
O malho nela bateu.  
"Esta pedra não é má".  
Porém nenhum geito dá.  
No mesmo dia voltou  
Porém intacta ficou  
Aquela pedra *Quilá*.

ao mês de outubro de 1898, tendo nesses seis anos feito várias explorações e preparado um mapa geológico, que não chegou a ser publicado. Aquela chama científica que fôra acêsa por GORCEIX, "indicando aos alunos da Escola de Minas verdadeiras expedições geológicas e fazendo publicar as suas memórias na mais autorizada revista científica do Brasil, êsses *Arquivos do Museu Nacional* (22), apagava-se na República pelo mesmo motivo que extinguiu as atividades da Comissão Geológica do Império.

Continuavam, porém, os estudos da Comissão Geológica de São Paulo, cujas monografias têm a assiná-las não mais "os *aw* ensarilhados, os *yy* sibilantes, o estalar dos *kk* e o ranger enervado dos *rr*" mas os nomes bem brasileiros dos PACHECO (sôbre os fósseis de Baurú), GONZAGA DE CAMPOS (sôbre o Tietê), FRANCISCO DE PAULO OLIVEIRA (a geologia do Paranapanema).

No Govêrno AFONSO PENA, sendo Ministro da Indústria e Viação MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA, o ano de 1907 é de novo assinalado, na história da geologia brasileira, com outro *alvo seixo* dos romanos: determina-se que "as comissões de exploração de linhas de penetração, férreas e telegráficas se façam acompanhar de

---

(22) Prefaciando os *Estudos geológicos e mineralógicos sobre algumas localidades da Província de Minas Gerais pelos alunos engenheiros da Escola de Minas de Ouro Preto* escreve H. GORCEIX no volume III dos Arquivos do Museu Nacional (1878): "Certamente não são perfeitas as produções com que se estréam aqueles jovens engenheiros, mas tais quais são elas, julgo-as dignas da atenção de quantos se interessam pela prosperidade do Brasil, e acreditam comigo que na exploração das riquezas minerais, tão prodigalizadas pela natureza á província de Minas Gerais, poderão oferecer-se ao país novos recursos, que lhe permitam realizar os grandes cometimentos empreendidos. O trabalho dos Srs. DUPRÉ e CORREIA DA COSTA abrange uma limitadíssima região; é pouco extenso, mas ambos compenetraram-se da verdade máxima: "pouco e bom vale muito".

naturalistas; é creado o *Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil*, que em 1938 passa a uma simples *Divisão de Geologia e Mineralogia*.

A comissão SCHNOOR, que ia estudar o traçado de continuação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, leva consigo o geólogo MIGUEL ARROJADO LISBÔA. A 8 de agosto de 1907 deixam os expedicionários Baurú, alcançando Avanhandava a 18. Daí parte da comissão desce o Tietê até Itapura, seguindo ARROJADO LISBÔA por terra, chegando a Itapura no dia 5 de setembro, continuando para Campo Grande, onde chega a 28 de outubro, e a 2 de novembro parte a fazer o reconhecimento geológico da chamada Serra de Maracajú e da bacia do Paraguai até Corumbá, de onde regressa para o Rio. A geologia da zona entre Baurú e Itapura fôra feita por GONZAGA DE CAMPOS em 1905. ARROJADO LISBÔA escreve sôbre a geologia do Oeste de São Paulo uma memória de 172 páginas e as suas pesquisas são quasi totalmente confirmadas posteriormente, aceitas as séries *Jacadigo* e *Bodoquena* por êle creadas.

Graças ao *Shaler Memorial Fund* (23) vem ao Brasil, especialmente para explorar os conglomerados permianos da região de São Paulo para o Sul, a expedição científica de WOODWARTH, WARD e HAYNES, que partiu de Nova York a 20 de junho de 1908 a bordo do *Voltaire*, desembarcando no Rio de Janeiro a 8 de julho. Aquí chegados, nomeou ORVILLE DERBY para servir como *intérprete, guia e amigo* o jovem geólogo EUSÉBIO PAULO DE OLIVEIRA, de cujas interessantes e sábias pesquisas se

---

(23) Foi SHALER emerito professor da Universidade de Harvard, devendo-se-lhe a descoberta da glaciação de fins do Paleozoico. Os seus ex-alunos, querendo perpetuar a sua memória fizeram uma subscrição para constituir um fundo de pesquisas geológicas na América, principalmente as destinadas a provar a base das descobertas de SHALER. Para ele concorreram mais de 700 alunos.

serviu WOODWARTH, prestando ao seu colega brasileiro a homenagem do seu reconhecimento (24). Antes de partir para a sua missão visita o geólogo americano o vale do Piabanha em companhia de ARROJADO LISBÔA. No dia 23 de julho estão em São Paulo e ao seguir para o sul assinala que "o excelente mapa topográfico desta porção do Estado feita por HORÁCIO WILLIAMS e começada pela Comissão Geológica e Geográfica de São Paulo, sob a direção de DERBY tornaram possível seguir a estrada inteligentemente e interpretar as linhas gerais de erosões do distrito". Visitam Faxina, Itararé, Ponta Grossa, Rio Negro e Lages, voltando daí à Porto União no Iguassú.

Assim resume WOODWARTH os seus trabalhos, publicados em 1912, aproveitando ainda os dados particularmente fornecidos por EUSÉBIO DE OLIVEIRA em 1911:

"As formações que entram na estrutura desta parte do Brasil podem ser agrupadas nos seguintes terrenos: 1 — o Pre-Devoniano ou séries ígnea e metamórfica da costa, incluindo a região da Serra do Mar, geralmente classificada como Arqueano; 2 — o Devoniano, incluindo a vertente de arenito da Serra das Furnas e as camadas fossilíferas de Ponta Grossa no Estado do Paraná; 3 —

---

(24) Escreve WOODWARTH: "A generosa conduta deste joven geólogo, pondo livremente á minha disposição os resultados das suas observações sobre a distribuição das séries e autorizando-me a examinar sua coleção de rochas e fosseis, me enchem de gratidão e lhe devo muitos dos fatos apresentados neste relatório". Páginas adiante transcreve a carta que EUSEBIO DE OLIVEIRA lhe escreveu em 13 de dezembro de 1911, dando a seguir a sua tradução para o inglês: "Estou aqui prosseguindo os meus trabalhos e como sei que as suas observações no Brasil não estão publicadas, aproveito esta para lhe dar algumas indicações sobre a idade dos conglomerados glaciais. Parece-me não haver dúvida de que o conglomerado é Carbonífero médio ou Permiano. Os insetos aparecem não só nas camadas marinhas como nas que se acham logo abaixo do carvão".

os leitos Permianos, incluindo conglomerados, camadas de tilitos, assim como arenitos e a camada de carvão do sul; 4 — arenitos triassicos e traps; êstes últimos formando as escarpas conhecidas como Serra Geral e seus equivalentes allhures; 5 — os depósitos terciários d'água doce e ao longo da costa; 6 — os depósitos recentes, ao longo do litoral, atualmente levemente elevados”.

Termina fazendo o estudo geomorfológico do sul do Brasil, lembrando que desde 1820 JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA e MARTIN FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em sua *Viagem mineralógica a Santos* já haviam “descrito corretamente e reconhecido o estado de decomposição das rochas do Brasil”.

Creada a Inspectoria de Obras contra as Sêcas é a sua direção entregue a ARROJADO LISBÔA, que lhe dá o cunho de uma legítima expedição científica. São geólogos dessa comissão HORÁCIO WILLIAMS e RODERIC GRANDALL, e mais tarde H. L. SMALL e RALPH H. SOPER. Os dois primeiros estiveram até 1910, tendo publicado interessantes mapas geológicos da região, sendo o Rio Grande do Norte e Paraíba mais cuidadosamente estudados por SOPER (25).

E' também de 1907 a expedição WHITE, para estudar o carvão brasileiro do sul do Brasil e da qual faziam parte I. C. e DAVID WHITE e EUSÉBIO DE OLIVEIRA, trabalhos que se acham referidos no copioso relatório do chefe da

---

(25) Em uma das suas notáveis Monografias do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil a Dra. CARLOTA JOAQUINA MAURY, estudando o Cretaceo de Paraíba do Norte se refere mais especialmente aos trabalhos do geólogo brasileiro LUCIANO DE MORAIS e aos estudos petrográficos de DJALMA GUIMARÃES legítimo sábio que a injustiça burocrática teve a habilidade, para desgraça da nossa tão pobre ciencia, de tirar do seu laboratório. Era mais um que os assaltantes das posições rendosas afastavam do seu caminho. Era preciso que aquele que GLYCON DE PAIVA chama o nosso primeiro petrógrafo não fizesse sombra aos pigmeus.

expedição, I. C. WHITE, tendo DAVID WHITE descrito a flora de *Glossopteris*.

Em 1914, como já vimos, segue EUSÉBIO DE OLIVEIRA como geólogo da expedição RONDON-ROOSEVELT. Resumindo o esboço geológico do Estado de Mato-Grosso, escreve êle:

“Este quadro abrange não só as minhas observações pessoais, como as dos geólogos que me precederam. Difere do quadro de LISBÔA pelo acréscimo de novas séries sedimentares bem caracterizadas; pelo deslocamento dos folhelhos de Sepotuba que, outrora considerados como predevonianos, são agora colocados no permiano; e pela identificação definitiva dos arenitos de Aquidauna e do rio Monjolo com os arenitos de Santa Maria da Bôca do Monte e de Baurú, respectivamente”.

E GLYCON DE PAIVA assim resume a importância dos estudos geológicos desta expedição: “O principal resultado do notável relatório desta viagem foi: — A conclusão a tirar dos estudos da bacia do Paraguai brasileiro é que ela faz parte do continente de Gondwana que SUESS idealizou”. — Como resultado de suas observações cria uma unidade estratigráfica para enriquecer a desfalcada coluna geológica de então: *o arenito dos Parecís*”.

Vem depois a longa série de missões científicas do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil (entre as quais a expedição ao Tocantins-Araguaia de OTON LEONARDOS em 1938). O que foi o Serviço Geológico e Mineralógico dizem eloquentemente as suas dezenas de notáveis monografias e podemos terminar com as apreciações que dos seus três diretores fazem EUSÉBIO DE OLIVEIRA e GLYCON DE PAIVAS

“DERBY dedicou-se especialmente aos conhecimentos geológicos e paleontológicos do país. Na parte econômica continuou os estudos do carvão de pedra e jazidas de

ferro e também de algumas outras riquezas minerais, particularmente do ouro e a gênese do diamante.

“Na administração GONZAGA DE CAMPOS os estudos de natureza econômica predominaram sobre os científicos. As questões abordadas com mais cuidado foram: carvão de pedra, ferro e petróleo, e logo depois: o manganês, a fabricação do cimento, a fixação do azoto atmosférico e quedas d'água.

“Para o carvão e o petróleo foi iniciado um serviço sistemático de sondagem em vários pontos do país, com o intuito de melhor conhecimento das bacias carboníferas e melhor orientação nas pesquisas do petróleo. As questões de siderurgia foram muito discutidas”.

“EUSÉBIO DE OLIVEIRA começou a administração aos 40 anos, depois de ter sido um geólogo de campo, seguro em suas observações e fiel nas descrições. Foi um especialista em geologia de carvão glacial e muito influenciou nas diretrizes para a lavra deste combustível. Criou em 1915 o impulso inicial para as pesquisas oficiais do petróleo.

“Como administrador prosseguiu em parte o programa de GONZAGA DE CAMPOS, ampliando-o em certos setores, mas impulsionando o corpo técnico sob o seu comando para o clima científico da época de DERBY.

“O traço principal de sua gestão foi a feição nacional que imprimiu ao *Geológico*, criando a primeira escola brasileira de geologia e o seu primeiro petrógrafo”.

PARTE II

---

A VIDA

A FLORA — A FAUNA — O HOMEM

## CAPITULO V

### EXPEDIÇÕES BOTANICAS

O interesse imediato que apresentava a exploração das essências, mais ou menos preciosas, a descoberta de um sem número de plantas inteiramente desconhecidas no Velho Mundo e de cujas propriedades terapêuticas se diziam maravilhas, com os seus bálsamos sem par; a existência de frutos perfumados e saborosos; as possibilidades de culturas remuneradoras, todo esse conjunto de maravilhas e seduções faz com que logo os primeiros cronistas mostrem o estranho e prodigioso desta flora original, tão diversa da que lhes era familiar. Nesse ponto é mais feliz a aurora da nossa botânica que a da nossa zoologia: diante de vegetais tão diferentes dos seus conhecidos, não se atrevem os primeiros viajantes a aplicar-lhes os mesmos nomes das plantas das suas terras, ao contrário do que fizeram com os animais, que foram denominados segundo uma semelhança mais ou menos vaga.

E' mesmo a parte botânica a que mais avulta nos *Tratados* dos cronistas quinhentistas, desde HANS STADEN e ANCHIIETA até FRANCISCO SOARES, FERNÃO CARDIM e GABRIEL SOARES DE SOUSA. A mandioca, a sapucaia, a batata doce, o milho, o cajú, a sensitiva impressionam a quasi todos, como já tive ocasião de estudar, embora mui resumidamente, em minha *Biologia no Brasil*. FRANCISCO SOARES é o autor do *Tratado de algumas coisas notáveis do Brasil e de alguns costumes no Brasil* no qual estuda aquelas "ervas de que Dioscórides não teve conhecimento nem fez menção alguma".

Muitos dêsses preciosos cronistas do primeiro século de nossa vida foram, por vêzes, sacrificados por seus anotadores (1) embora em grau muito menor que na parte referente à zoologia, como adiante veremos.

Deixando, porém, de parte as achegas dos cronistas, a primeira expedição científica para estudar deliberadamente a nossa flora é a que veio por determinação do príncipe JOÃO MAURÍCIO DE NASSAU.

Contemporânea da mesma, embora com finalidades diferentes, é a expedição PEDRO TEIXEIRA, da qual foi cronista o jesuita CRISTOBAL DE ACUÑA, a quem a Audiência de Quito determinava "ter particular cuidado em descrever com a maior clareza possível a distância de léguas, povoações de índios, rios e paragens particulares" observados na viagem de descida do Amazonas (2). Cinco

---

(1) Apenas quero dar um exemplo. Em FERNÃO CARDIM lê-se o seguinte: "*Erva que dorme*. Esta erva se dá cá na primavera e parece-se com os maios de Portugal, e assim como eles se murcha e dorme em se pondo o sol, e em nascendo torna a abrir e mostrar a sua formosura. O cheiro é algum tanto fartum. Também há outra árvore que dorme da mesma maneira, e dá umas flôres graciosas, mas não cheiram muito". A simples leitura destes dois períodos nos mostra tratar-se de uma leguminosa, provavelmente uma *Cassia*, dessas que o povo chama mata-pasto ou fedegoso. BARNOSA RODRIGUES cita mesmo uma espécie (*Cassia bicapsularis*), do Norte do Brasil, que tem os nomes vulgares de *dormideira* ou *caa-quira*. Um anotador de CARDIM, certamente impressionado pela designação, escreve: "Erva que dorme, *dormideira*, papoula, da família das Papaveráceas (*Papaver somniferum*). A papoula espontânea no Brasil e na primavera!!!...".

(2) Assim dizia a *Cláusula da Provisão Real dada pela Audiência de Quito, em nome de Sua Magestade*: "E vos recomendo e rogo, senhor Padre Cristobal de Acuña que, em cumprimento do provido por meu presidente e Ouvidores, e na conformidade da nomeação feita em primeiro lugar por vosso Prelado e do que em sua petição vem declarado, que, tendo sido entregue esta minha carta, por parte do meu Fiscal, tomeis conhecimento do que nela se contém, e a guardeis, cumprais e executeis; e em seu cumprimento partais desta minha Côrte com o vosso dito companheiro,

capítulos dêsse interessante *Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas* são dedicados à flora, falando-nos da mandioca (3) (N.º XXII), das suas frutas (pinhas, goiabas, abios, castanhas, bananas (4), dos azeites de andiroba e copaíba (N.º XXX) e das muitas outras plantas “que poderiam descrever um segundo DIOSCÓRIDES e terceiro PLÍNIO e todos teriam bem que fazer para averiguar as suas propriedades, e mais das madeiras próprias para navios (XXXI) e dos quatro gêneros de coisas proveitosas (XXXII) a que já nos referimos.

JOÃO MAURÍCIO DE NASSAU SIEGEN era sobrinho de GUILHERME, o Taciturno, príncipe de Orange. Nascido em 1604, recebeu excelente educação, tendo frequentado, quasi uma criança, as Universidades de Basiléa e de Genebra. Aos 24 anos já era Coronel e da sua carreira mi-

---

para a dita província do Pará, em companhia do Capitão Pedro Teixeira, e mais gente de milícia que com ele vai, tendo, como haveis de ter, particular cuidado em descrever com a maior clareza que vos fôr possível, a distância de léguas, povoações de Índios, rios e paragens particulares que há desde o primeiro ponto de embarques até à dita Cidade e porto do Pará; informando-vos com a maior clareza que puderdes, de tudo isso, para dar notícia cabal, como testemunha de vista, ao meu Real Conselho das Índias”.

(3) Embora já muito se tenha escrito a respeito da mandioca, pareceu-nos curioso este trecho de ACUÑA: “Colhem os índios a iuca, que são umas raízes, das quais se faz o caçabe (pão ordinário de todas aquelas costas do Brasil) e cavando umas novas covas ou córtes profundos, as enterram neles, deixando-os muito bem tapados durante todo o tempo que duram as enchentes, passadas as quais arrancam as raízes e as beneficiam para seu sustento sem que por isso percam um ponto do seu valor”.

(4) São da biografia escrita por CRISTIANO MARCGRAVE estas palavras: “Anno ergo 1638 post Christum natum, cum ipsis Calendis Januariis Europa sotvit, et duorum mensium spatio, ut ipse ad singulos dies annotavit, in suo itinerario, trajicit ac pervenit in Brasiliam, statimque vix clapso mense, ex quo appulerat, interest, obsidioni ac oppugnationi maxime ibidem Lusitanorum Urbis S. Salvador dictae: ubi mox duobus maximis periculis defunctus est”.

litar nos diz FABIUS, em seu livro *João Maurício, o Brasileiro*:

“JOÃO MAURÍCIO foi um bom soldado, um homem vigorosamente desenvolvido, calmo e jovial. Revelava grande interesse e aguda intuição em matéria de arte e de ciência.

Foi êsse “grande interesse em matéria de arte e de ciência” que o levou a cercar-se de artistas e a procurar verdadeiros sábios que o acompanhassem quando, em 1636, o Diretório Geral da Companhia das Índias Ocidentais o nomeou Governador do Brasil.

A projetada frota de trinta e duas naus que devia conduzir o príncipe JOÃO MAURÍCIO para Pernambuco cedo se viu reduzida, no orçamento da Companhia, a pouco mais da têrça parte, sendo-lhe concedidos apenas doze navios, mas mesmo êsses se aprontavam com desesperadora lentidão. E escreve HERMANN WAETJEN:

“Com isso a paciência de JOÃO MAURÍCIO, em quem ardia o desejo insofrido de logo entrar em ação, acabou por exgotar-se e êle, com os quatro primeiros navios prontos para a navegação ao Brasil, deixou a Nova Diepe em 25 de outubro de 1636. O resto da esquadra devia segui-lo o mais breve possível. Em sua viagem para o Recife vinham na companhia do Príncipe o pastor FRANCISCO PLANTE, o médico e naturalista GUILHERME PISO, de Leiden, o astrônomo alemão JORGE MARCGRAF e os irmãos POST (o arquiteto PIETER POST e o pintor FRANZ POST). Ventos desfavoráveis retardaram a viagem dos quatro veleiros. Foram forçados, durante semanas, a aguardar em Portsmouth, a mudança do tempo. E assim foi que só em 23 de janeiro de 1637 chegou JOÃO MAURÍCIO ao Recife”.

E' menos exata esta informação do escritor flamengo a respeito da primeira missão científica mandada por go-

vêrno europeu ao Novo Mundo. JULIANO MOREIRA, a quem devemos o melhor estudo até hoje publicado sôbre PISO e MARCGRAVE, escreve a êsse respeito, depois de salientar que a NASSAU deve o Brasil a vinda de uma plêiade de homens do mais evidente valor, entre os quais, merecendo especial referência, PIES e MARCGRAVE:

“O primeiro foi o arquiatra do príncipe, não desde o comêço de sua expedição, como erroneamente o afirmam quasi todos os seus biógrafos. Nas actas das reuniões da Comissão dos XIX da Companhia das Índias Ocidentais durante o ano de 1636 não figura o nome de W. PIES, pela simples razão de que não foi êle quem acompanhara o conde na travessia do Atlântico. Veio, sim, WILLEM VAN MILAENEN, médico desconhecido, que logo faleceu ao chegar ao Brasil. Em carta datada de 25 de agosto de 1637 o conselho administrativo em Pernambuco pedia que lhe fôsse enviado, o mais breve possível, um outro médico *hábil e experimentado*. Em consequência disso, foi nomeado para vir ao Brasil o Dr. W. PIES. Sabemos hoje ao certo a data da saída de Holanda de GEORGE MARCGRAVE, mas não há certeza sôbre a de PIES”.

Talvez tivessem vindo juntos, fazendo-se acompanhar PISO, chefe dessa primeira expedição científica (astronômica, zoológica, botânica, etnográfica e médica) de GEORGE MARCGRAVE e HENDRICH CRALITZ, *Germanos, medicinae et matheseos candidatos*, no dizer de BARLEUS, sendo que o segundo faleceu antes de aportar a terras brasileiras. E' mais provável que tivesse vindo PISO diretamente para Recife, nas suas funções de médico do Príncipe, pedidas com tanta urgência, enquanto MARCGRAVE, partindo da Holanda no dia primeiro de Janeiro de 1638, chegava a S. Salvador após dois meses de viagem “*ut ipse ad singulas dies annotavit*”, segundo refere o seu irmão.

Aquí chegado, enfermou gravemente MARCGRAVE, demorando-se na Baía por mais de dois meses, pois é ainda

da cidade do Salvador que escreve a JOÃO MAURÍCIO a sua primeira carta neste delicioso português: "*Sinhora, aqui tim V. M. alguãs regras trasadas di minha mão, as quaes estão para testemunhar nossa arrivada e para fazer sabir que eu estão continuadamente criado de V. M. G. Marcyraf di Liebstad Alemão. Esc. em arryal diante da villa S. Salvador na Bahia de todos os Santos em Brasil, 15 di Mayo MDCXXXIIX.*"

Dá-nos WILLELM PIES (cujo nome, segundo o costume da época, êle latinizara em PISO na publicação das suas obras) o primeiro tratado de medicina tropical, com o seu *De Medicina brasiliensi*, no qual lança as bases da nossa farmacologia, estudando as propriedades terapêuticas das plantas autóctones e, pela primeira vez, aparecem reunidos num mesmo capítulo os nossos animais peçonhentos, entre os quais *ocupam as serpentes o primeiro lugar* (5).

Nasceu PIES em Leiden em 1611, filho de um músico alemão, tendo feito os seus estudos médicos primeiro na gloriosa cidade do seu nascimento e depois em Caen, na Normândia, onde se doutorou aos 22 anos. Tendo regressado com o conde de NASSAU para a Europa, inscreveu-se de novo, em 1645, na lista dos estudantes da Universidade de Leiden, estabelecendo-se mais tarde (1648) em Amsterdam, onde constituiu família, "tornando-se um dos clínicos de maior renome na cidade e muito procurado para conferências à cabeceira dos doentes, como se infere,

---

(5) Escreve JULIANO MOREIRA: "A ele (PIES) e a MARCGRAVE deve-se por certo a primeira noção de que pelos dentes da cobra vem o veneno ofídico ao lugar mordido". Muito antes de PIES já os Jesuitas tinham perfeita noção do fato, como no-lo informa SERAFIM LEITE: "E digamos de passo que SOARES, ANCHIETA e CARDIM descrevem, um século antes de REDL, a séde dental do veneno ofídico. A peçonha (da jararaca) vem das gengivas e corre por um rego que o dente tem, como eu vi", diz FRANCISCO SOARES".

entre outras coisas, do fato de ser êle citado muitas vêzes na curiosíssima obra médica do notável cirurgião holandês JOB JANSSON VAN MEKREN”.

Em vida de JOÃO DE LAET publicou PIES o seu *Tra-tado de Medicina Brasileira* no mesmo *in-folio* em que o grande amigo de MARCGRAVE fazia imprimir o seu notável livro póstumo (1648). Em 1658 resolveu PIES publicar uma nova edição da sua obra, então com o título: *De India utriusque re naturali et medica*. Diz com sobrada razão JULIANO MOREIRA: “Comparada à primeira é evidente a diferença, nem sempre em proveito da segunda. Queixa-se êle, aliás, de que a outra, tendo sido feita durante a sua ausência, por JOHN DE LAET, saíra com incorreções. Ao contrário disso, melhor seria que não houvesse êle modificado o plano da obra, suprimindo, como fez, todo o livro de MARCGRAVE e incorporando aos seus capítulos o que só a êste pertencia, citando-lhe apenas o nome. Daí a increpação de plágio de que o acusaram HALLER e o irmão de MARCGRAVE, o Dr. CRISTIANO MARCGRAVE, no prefácio de sua *Opera medica*, a que se refere LINNEU, ao descrever a *Pisonia* (gênero de plantas da família das Nictagináceas) nos seguintes termos: “*Pisonia est arbor nimis horrida. Horrida certe memoria viri si vera, quoe Marcgratio affinis objicit, Pisono, quod Pisonus omnia sua a Marcgratio post mortem habuerit*”.

Nasceu JORGE MARCGRAVE no dia 10 de setembro de 1610 em Liebstadt, de uma família de professores. Em menino estudou com o pai o latim e o grego, mostrando grande talento para a música e o desenho. Em 1627 deixava para sempre a sua cidade natal, sendo o seu destino nunca tornar a ver as terras uma vez visitadas, numa vida toda dedicada ao estudo e às pesquisas científicas e que ia terminar prematuramente em Angola, quando, nessa região africana conquistada para a Holanda, continuava as observações iniciadas no Brasil. Estudou MARCGRAVE

em dez Universidades alemãs, sendo discípulo do botânico SIMON PAULLI, em Rostock, e do astrônomo LORENZ VON EICHHSTADT em Stettin.

Depois de viajar pelo norte da Alemanha e pela Dinamarca veio MARCGRAVE para Leiden onde, durante dois anos, passou os dias herborizando e estudando botânica com ADOLFO VORRTIS e as noites na torre do observatório astronômico da Universidade, recebendo as lições de JACOB GOLIUS. Sua cultura era muito superior à de PIES, que o invejava e não perdia a oportunidade de lembrar-lhe que era seu superior hierárquico, chamando-o *meus domesticus* (16).

Quando da vinda de JOÃO MAURÍCIO DE NASSAU, a sedução da terra incógnita produziu sobre MARCGRAVE imensa influência: as narrativas dos que chegavam do Novo Mundo, o desejo de estudar os astros do hemisfério sul, a possibilidade de riquíssima colheita de plantas e animais, enchem-no de indescritível entusiasmo (70) e vai pedir a proteção e valimento de JOÃO DE LAET para realizar o seu sonho, movendo ceus e terra, aproveitando todas as oportunidades.

Chegado ao Recife faz MARCGRAVE erigir o primeiro observatório astronômico que conheceu o Novo Mun-

(6) Diz com humorismo levemente irônico JULIANO MOREIRA: "Tendo-me habituado a procurar, para aproveitá-lo, nos insanos, o que lhes escapa ao sossego das faculdades mentais, não costumo levar em maior conta o mal do que o bem das ações humanas. Por isso sempre achei exagero nas referidas críticas a W. PIES, porque apesar das divergências que tivera com JORGE MARCGRAVE, sempre a ele se refereria nos melhores termos (*doctissimum et diligentissimum*, etc.)".

(7) "Magno flagrabat desiderio contemplandi sidera australia et prae omnibus Mercurium: Sciebat segetem rerum naturalium et inde haud parvas laudis messes, stare in America. Omnem itaque movet lapidem, omnem captat occasionem adveniendi Americam", escreve seu irmão e biógrafo.

do, onde noites a fio, durante os anos de sua permanência no Brasil, observou o céu austral, base para essa *Progyrnastica mathematica americana* da qual, infelizmente, parece ter-se perdido a maior parte (8).

Correspondendo por certo aos elevados intuitos com que JOÃO MAURÍCIO DE NASSAU o havia feito vir ao Brasil e ao mesmo tempo realizando o seu grande sonho de

(8) A esse respeito escreve o preclaro JULIANO MOREIRA: "A primeira parte seria sobre astronomia, contendo uma revista de todas as estrelas vistas do hemisfério sul entre o trópico de Cancer e o polo antártico, muitas observações originais sobre os planetas e eclipses do sol e da lua; novas vistas sobre Venus e Mercurio baseadas em observações especiais; uma nova teoria das refrações e paralaxes estabelecendo a maior obliquidade da eclíptica e finalmente dados sobre as manchas do sol mas também sobre os outros fenômenos astronômicos.

"A segunda seção do livro seria geográfica e geodésica, contendo uma teoria sobre longitudes e maneira de computá-las, procurando demonstrar as verdadeiras dimensões da terra e desvendando erros de geógrafos e coevos.

"A terceira seção seria baseada nas duas precedentes e consistiria das tábuas astronômicas por ele denominadas *tabula Mauritiij astronomia*.

"Estes manuscritos não foram publicados na opinião de DE GRANE, de DANIEL VEEGENS e DRIESEN, os melhores biógrafos do Conde JOÃO MAURÍCIO DE NASSAU, porque escritos em caracteres secretos não foram jamais convenientemente decifrados. Inconteste é que eles foram enviados a GOLIUS, astrônomo de Leyden e antigo mestre de MARCGRAVE, que por certo não os publicou por lhe ter sido impossível decifrá-los.

Entretanto o célebre astrônomo francês LALANDE diz na segunda edição de sua *Astronomia*: "J'ai aussi trouvé dans les manuscrits de M. de L'Isle la notice de beaucoup d'observations de M. de la Hire et de plusieurs autres astronomes, observations qui n'ont point été publiés: tesles sont celles que Margrave fit en 1639 et 1640 dans l'isle de Vaaz au Brésil, qui sont au depôt; mais l'original est resté à Cadix, avec les manuscrits de Louville et beaucoup d'autres que M. Godin y avait emportés et que l'on croit être entre les mains de D. Antonio de Ulloa".

naturalista enamorado desta Natureza nova e exuberante, prepara MARCGRAVE a primeira expedição zoológica e botânica que palmilhou solo brasileiro. Naturalista — um só, mas de que imenso valor e de que inexgotavel entusiasmo!

Acompanhavam-no o major MANSFELD e um pequeno contingente de tropa, não para a tristíssima missão de guerra mas para a luminosa, a bendita pesquisa científica. Foram exploradas as terras do interior do Nordeste brasileiro (que teve assim a glória de ser a primeira porção do Brasil cientificamente estudada), especialmente de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

“Afirma CRISTIANO MARCGRAVE que seu irmão JORGE fizera um diário de suas jornadas pelo interior do país e pelo menos de tres delas, a de 1638, a de 1639 e a de 1640, teve ele minudente noticia, não sabendo o que corraera ao diário dos outros tres e meio anos, isto é, de 1641 a 1644”.

Podese considerar tambem a MARCGRAVE como o nosso primeiro biogeógrafo, pois, como nos conta JULIANO MOREIRA: “É certo tambem que o Conde, para atender a solicitações de MARCGRAVE, fez vir da África e do Pacifico material para confrontar ao encontrado no Brasil, por isso que àquele sábio ocorrera fazer uma espécie de mapa da distribuição geográfica das plantas e dos animais.” (9)

Do interesse de JOÃO MAURÍCIO DE NASSAU pelas coisas de ciência resultou tambem a formação do primei-

---

(9) É admiravel que tenha chegado a Pernambuco uma lhama e aí tenha vivido algum tempo, pois MARCGRAVE nos dá em apêndice da sua História Natural a descrição e uma figura desse curioso animal andino, sendo, aliás, essa a primeira documentação iconográfica sôbre esse ruminante.

ro Jardim Botânico e zoológico do Brasil, em moldes que, passados tres séculos, ainda os nossos governantes não quizeram repetir. No Brasil ninguém tem a oportunidade de conhecer a sua fauna, a não ser que possa ir procura-la nos jardins zoológicos estrangeiros.

Em torno do seu palácio de Vrijburg fez NASSAU preparar um parque onde vicejavam as mais belas plantas, como num "jardim encantado" (no dizer de BARLAEUS) e WAETJEN nos informa: "A secção zoológica era povoada de exemplares escolhidos de animais e pássaros da fauna brasileira; os viveiros foram providos de peixes; e qualquer habitante da Nova Holanda que tinha ocasião de encontrar uma planta rara ou apanhar um animal não visto com freqüência, contribuía com o seu espécimen para o enriquecimento da coleção do Príncipe".

Que imensa tristeza não sente o naturalista ao refletir que dêsse inestimavel tesouro nada ficou, nem essa semente esplêndida do amor pela nossa vida pode frutificar neste país que, por possuir uma das mais opulentas naturezas do mundo, tem demonstrado o maior desprezo pela mesma, destruindo flora e fauna rápida e completamente. Quando teremos um êmulo de MAURÍCIO DE NASSAU, a dizer-se, cheio de ufania, discípulo de um MARCGRAVE?

Os principais frutos da expedição científica holandêsa ao Brasil são assim resumidas por GUDGER:

1 — Manuscritos astronômicos e matemáticos de MARCGRAVE (ao qual poderíamos acrescentar o *Tractatus topographicus et metcorologicus*);

2 — Grandes coleções de história natural;

3 — Manuscritos de PIES e MARCGRAVE sobre história natural e medicina;

4 — Duas coleções de figuras de plantas e animais brasileiros, uma a óleo e outra em aquarela.

As coleções de História Natural, que LIECHTENSTEIN considera como "as mais ricas que um navio jamais tenha transportado", foram conservadas em parte no museu privado de NASSAU (a quem se devem possivelmente algumas das pinturas a óleo, feitas do natural), em parte distribuídas por duas Universidades e vários museus particulares, entre os quais o de SEBAS. Eram tão ricas e variadas, que um século não seria suficiente para o seu estudo completo, tendo sido todo esse abundantíssimo material coligido, em sua maior parte, pelo próprio MARCGRAVE, que cuidadosamente etiquetara todas as peças por ele colhidas. Mais tarde viu o astrônomo SAMUEL KECHLIUS em Harlem uma caixa com quatro mil insetos do Brasil, todos por ele estudados.

A *Historia rerum naturalium Brasiliae* foi publicada quatro anos depois da morte de MARCGRAVE, graças aos cuidados de JOÃO DE LAET, no mesmo *in-folio* que o tratado *De Medicina Brasiliae* de autoria de PIES.

O trabalho de coordenação dos manuscritos de MARCGRAVE foi tarefa das mais penosas e só a amizade e dedicação do seu protetor, o Prefeito da Companhia das Índias, tornariam possível levá-la a cabo de maneira satisfatória. Estavam quasi todos escritos em caracteres secretos (circunstância que, na opinião de DE CRANE, DANIEL VEEGENS e DRIESEN, impediram a publicação da parte astronômica da sua *Progymnastica mathematica americana*, nunca convenientemente decifrada) e não raro sem ordem. Não era JOÃO DE LAET um naturalista e aí estavam essas folhas soltas, cada animal, descrito em uma folha separada e não numerada, às vezes sem a figura que lhe correspondia e o mesmo acontecia com os vegetais, dos quais os ramos, os frutos, as flôres eram tratados separadamente, ao acaso das observações, e que, se o não surpreendesse improvisa morte, seriam mais tarde coligidas em Holanda, nessa grande obra projetada,

cuja dedicatória (e provavelmente as primeiras laudas) já redigira em Pernambuco, dizendo da sua gratidão pelo preclaro Príncipe JOÃO MAURÍCIO DE NASSAU.

A História Natural do Brasil de MARCGRAVE compreende 303 páginas, ilustradas com 429 estampas grosseiras e está dividida em oito livros a saber: *das ervas*, no qual se descrevem 149 espécies, 86 devidamente figuradas; *dos arbustos e plantas frutíferas*, com 48 espécies e 39 figuras; *das árvores*, em numero de 104, 75 ilustradas; *dos peixes e crustáceos*, contando 131 espécies com 105 figuras; *das aves*, com 117 espécies, apenas 54 figuradas; *dos mamíferos terrestres* (26 espécies, todas com as respectivas figuras) e *repteis* (19 espécies e sete figuras); *dos insetos*, o livro mais pobre, pois apenas aí se refere a 55 artrópodes terrestres, dos quais 29 com péssimas figuras; *da região e seus habitantes*. As descrições de MARCGRAVE junta JOÃO DE LAET mais de cem notas, quasi todas tiradas do livro de XIMENES sobre as plantas e animais da Nova Espanha (10).

Muitas das espécies de LINNEU são meras e singelas referências às descrições de MARCGRAVE. Trabalhos mais conscienciosos de determinação apareceram no século passado, sendo os animais tratados por LICHTENSTEIN em uma série de memórias (1814-1826) e as plantas por MARTIUS, no sétimo volume dos Anais da Academia da Baviera (1853-1855). Comemorando o tricentenário da chegada de NASSAU a Pernambuco pensou um grupo de trabalhadores entusiastas e desinteressados em fazer a edição nacional da obra de MARCGRAVE, traduzida e anotada pelos tres mais abalizados especialistas de cada

---

(10) Tais notas não são das mais felizes e antes servem para tornar obscuro o texto que para esclarecê-lo e deu lugar a uma série de interpretações errôneas sobre as verdadeiras espécies de MARCGRAVE.

sectôr: ALBERTO JOSÉ DE SAMPAIO para a botânica; OLIVÉRIO PINTO para a zoologia e HELOÍSA ALBERTO TORRES para a etnologia. Então terminados os trabalhos, e em vias de publicação, com um prefácio do erudito AFONSO D'E. TAUNAY.

Uma das referências mais interessantes da obra de MARCGRAVE é a que ele faz aos nomes indígenas de plantas e animais, ao todo quatrocentos e quarenta e tres. Não tem sido muito felizes os anotadores, pelo menos na parte referente à zoologia, comparando amiude os termos de MARCGRAVE e de AZARA, num desconhecimento completo e lamentavel da zoogeografia e da sistemática, tomando como a mesma espécie coisas bem distintas. E não andaram nesse caminho errado só os historiadores que têm sido os nossos mais constantes anotadores de coisas de *história* natural, mas até zoólogos, tidos como de polpa, repetiram esse dislate, mesmo escrevendo em pleno século XX, como MIRANDA RIBEIRO.

A primeira notícia que se tem do preciosíssimo tesouro das pinturas da Exposição NASSAU é dada por JOHANN GOTTLIEB SCHNEIDER em 1876, ao encontrá-las na Biblioteca Real de Berlim, reunidas em dois grandes volumes, sob o título *Icones Rerum Brasiliensium* — todas em folhas numeradas de pergaminho branco e com breves notas em holandês, do próprio punho de JOÃO MAURÍCIO DE NASSAU, compreendendo um total de 34 mamíferos, 102 aves, 55 reptéis 125 peixes, 77 insetos e muitas plantas. Já na biografia do seu ilustre irmão fala CRISTIANO MARCGRAVE de um trabalho em que figuravam em desenhos coloridos os animais ainda não descritos e por ele vistos no Brasil; mas até ao achado de SCHNEIDER não se sabia do paradeiro certo de tais desenhos coloridos (aquarelas ou pinturas a óleo?). A coleção a que se refere SCHNEIDER é a das aquarelas e tem atualmente, na Biblioteca de Berlim o título *Brasilianische Gegen-*

*taende* (*Collectio Rerum Naturalium Brasiliae*) (Libri picturati 36-37). A coleção de pinturas a óleo, bem mais importante, está encadernada em quatro volumes, sob o título *Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae* e compreende 357 peixes 303 aves, 245 "outros animais, dos homens aos insetos" e 555 plantas (com os nomes indígenas de 792 espécies (entre vegetais e animais).

Tais pinturas foram vendidas umas, doadas outras ao eleitor de Brandeburgo FREDERICO GUILHERME, que as confiou ao Dr. CHRISTUS MENZEL, seu médico e valido, para que as puzesse em ordem sistemática, em volumes destinados à Biblioteca de Berlim, trabalho no qual consumiu MENZEL quatro anos, escrevendo um prefácio elucidativo e mandando pôr um título com iluminuras em cada pintura. Muito se tem discutido sobre a autoria dessas aquarelas e pinturas a óleo, atribuindo-se as primeiras, ao menos em parte, ao príncipe de NASSAU, cujos pendores artísticos são bem conhecidos e as pinturas a óleo, pela perfeição do seu acabamento, ao pintor flamengo FRANZ POST (o qual no entretanto sempre foi paisagista) mas não ha dúvida que, senão todas, a imensa maioria dessas aquarelas e desenhos são de JORGE MARGRAVE. Em uma carta escrita em português a LAET, diz ele, entre outras coisas: "Pelo presente temos trezentas mais cincoenta e pouco mais plantas com as letras e o pincel diligentemente debuxados..."; e na dedicatória da grande História Natural do Brasil, obra monumental, que de vez em quando anunciava nas suas cartas a SAMUEL KECHELIUS, diz textualmente que as figuras que aí se encontram foram por ele próprio desenhadas do natural (11).

---

(11) Tais são as palavras da dedicatória do seu livro: "Joanni Mauritio, Nassavi de Comiti, terras et Oceani Brasiliensis Profecto, Quae suis per Brasiliam peregrinationibus indefeso studio

Foi MARCGRAVE considerado, com razão, como o pioneiro da História Natural do Novo Mundo e, como diz CUVIER, "certamente o mais habil, o mais exato, o mais ilustrado de quantos tenham descrito a história natural dos países remotos durante os séculos XVI e XVII".

Passa-se quasi século e meio. Soprava sobre a América do Sul o nefasto vendaval Pombalino que fazia voltar ao deserto e à barbárie zonas tão florescentes e civilizadas no nosso interior. Substitue a POMBAL o ministro MARTINHO DE MELO E CASTRO que, ao menos neste ponto, se mostrou o mais esclarecido dos Governantes que já teve Portugal. Para que a Metrópole pudesse explorar de maneira eficiente e produtiva as suas colônias resolveu o Ministro de D. MARIA I mandar expedições científicas às varias possessões portuguezas, para o estudo das suas riquezas naturais, seu clima, o estado dos vários nucleos de povoações e cultura. Partiram então de Lisboa, quasi ao mesmo tempo, quatro expedições científicas, o maiór numero que já foi organizado em Portugal, nem sabemos de nenhum outro país que de uma só vez tenha enviado tantas, entregando-as a pessoal tão escolhido. De-las se dirigiram tres para a África (uma das quais sob a direção do naturalista brasileiro JOÃO DA SILVA FEIJÓ) (12). Para a expedição ao Brasil ordenou MELO E CAS-

---

*inquisivit, accurate descripsit et quorum icones ad vivum ipse fecit, nomina apud incolas investigavit, et quaedam convenientium imposuit, facultates, quantum fieri potuit, indagavit et in hanc historiam, in omnium naturalis scientiae studiosorum et admiratorum usum digessit, in debitum beneficiorum maximorum ab ipso acceptarum agnitionem et gratiarum actionem devote offert et dedicat GEORGIUS MARCGRAVIUS, de Liebstad".*

(12) Os chefes dessas quatro expedições científicas ou, como se dizia, viagens filosóficas, eram, respectivamente: da que tinha que explorar Moçambique MANUEL GALVÃO DA SILVA; da que ia devassar Angola ANGELO DONATI; para as illas de Cabo Verde

TRO ao Dr. DOMINGOS VASCONCELOS que lhe propuzesse uma pessoa que, aos precisos conhecimentos, juntasse as outras qualidades necessárias para empreender uma viagem filosófica e dela colher os resultados necessários ao conhecimento das riquezas naturais, ainda em grande parte escondidas no seu solo, preenchendo cabalmente as intenções do Governo”.

Brilhava então em Coimbra a *colúcia brasileira* (13), contando-se entre os seus mais lídicos representantes um moço baiano, de 22 anos apenas, doutorado em filosofia e que já aos dezoito anos exercia na Universidade recentemente reformada o cargo de Demonstrador gratuito de

---

seguia JOÃO DA SILVA FEIJÓ, cabendo a ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA o quinhão mais árduo e mais importante, o estudo da Amazônia e Mato-Grosso.

(13) Foi o tempo áureo da Universidade de Coimbra, ilustrada por eméritos professores, alguns dos quais mandados vir das célebres universidades italianas. Apreciados pelos mestres, respeitados ou invejados dos discípulos, destacavam-se os brasileiros, que encontravam gasalho no reitor FRANCISCO DE LEMOS DE FARIA PEREIRA COUTINHO, que, vindo dos tempos de POMBALE era, por seu alto valôr, conservado por MARTINHO DE MELO E CASTRO. E' que esse reitor, como diria MONTEIRO DA ROCHA, “com justiça o Brasil se jacta menos de seu ouro e diamantes que de haver produzido varão tão singular”. Eram também brasileiros os professores de anatomia e cirurgia, JOSÉ CORREIA PICANÇO e de fisiologia JOSÉ FRANCISCO LEAL. Brasileiros, entre os estudantes, para citar somente os que se fizeram conhecidos em ciências naturais ou exatas: JOÃO DA SILVA FEIJÓ, autor de *investigações filosóficas sobre a capitania do Ceará*; DIOGO DE TOLEDO LARA E ORDONHES, cujos ensaios ornitológicos o ilustre AFONSO DE E. TAUNAY publicou em sua Revista do Museu Paulista; ANTONIO PIRES DA SILVA PONTES e FRANCISCO JOSÉ DE LACERDA E ALMEIDA, os astrónomos e geógrafos da terceira comissão de demarcação de limites entre a América portugueza e espanhola; LUIS ANTÔNIO FURTADO DE MENDONÇA, estudioso da flora de Mariana; Fr. JOSÉ DA COSTA AZEVEDO, mineralogista e mais tarde diretor do Museu Nacional; MANUEL FERREIRA DA CÂMARA BETTENCOURT E SÁ,

História Natural, sendo nessa época (1778) auxiliar de DOMINGOS VANDELLI, vindo expressamente de Pádua para professar a História Natural, e tido com justiça como um dos mais competentes e honrados catedráticos da Faculdade de Filosofia. Indicou o sábio professor italiano o seu jovem auxiliar para tão honrosa e árdua missão, sendo essa sugestão de VANDELLI unanimemente homologada pela Congregação da Universidade de Coimbra.

Esse moço, tão cedo escolhido para chefiar uma expedição *filosófica* era ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, nascido na cidade do Salvador em 27 de abril de 1756. Aos 12 anos, concluídos os seus estudos de latim, tomou ordens menores, partindo dois anos mais tarde para Portugal, matriculando-se no primeiro ano do curso de Direito Canônico da Universidade de Coimbra em outubro de 1770, em obediência à vontade paterna, que o destinava à carreira eclesiástica. A reforma da Universidade, realizada em 1772 segundo os planos e sugestões de outro brasileiro, o reitor FRANCISCO DE LEMOS FARIA PEREIRA COUTINHO, para cujo ensino de ciência vinham nomes acatados das famosas Universidades italianas (14), teve decisiva influência no destino de RODRIGUES FERREIRA, que abandonava definitivamente a Teologia, quan-

---

o intendente CÂMARA, fundador da nossa metalurgia; JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA, o político da nossa independência, mas antes o grande mineralogista; MANUEL DE ARRUDA CÂMARA, o maior botânico do Brasil e o seu primeiro americanista; e mais Fr. CONCEIÇÃO VELOSO, JOSÉ MANUEL DE SIQUEIRA, JOSÉ DE SÁ BITTENCOURT ACCIOLI.

(14) Tinham vindo da Itália: DOMINGOS VANDELLI para ensinar História Natural e Química; o piemontês MIGUEL ANTÔNIO CIERA para a cátedra de Astronomia; o veneziano MIGUEL FRANZINI para o ensino de matemáticas; SIMÃO GOULD e LUIS CICHI (que não deu boa conta de si) para cadeiras do curso de cirurgiões; JOÃO ANTÔNIO DOLABELLA, para ensinar Física.

do ainda o não prendiam votos inapelaveis, passando-se para a Faculdade de Filosofia.

Em julho de 1778 dá seu ultimo adeus à porta férrea e pela última vez a *cabra* lhe recorda os seus deveres de Demonstrador. Segue para Lisbôa, a preparar-se para vir à terra do seu berço. Demora-se, contudo, ainda cinco anos na Metrôpole luzitana, como funcionário do Museu da Ajuda. E' aí que delineia o programa dessa *Viagem Filosófica* "para utilidade da pátria e crédito da nação", dizendo que ao trabalho de coleta de material faunístico e florístico "quem uma vez tomou o gosto ao Estudo da Natureza, chama-lo-á divertimento". Desce neste programa às menores minúcias, determinando que nessa região de intenso calor, logo ao amanhecer "tomando cada um o seu lapis e diário, cuidará de ir notando nele, separados uns dos outros, todos os produtos que for encontrando a passo de seus desenvolvimentos. Ervas, árvores, musgos, fungos, gramas, no Reino Vegetal; quadrúpedes aves, peixes, anfíbios, insetos, vermes, no animal; pedras, minas, fósseis nas Lápides, tudo há de ser recolhido, sem outra averiguação mais que a destes produtos, sem outro cuidado que de os recolher, exceto se houver ocasião de fazer sobre eles algumas reflexões".

Embarca RODRIGUES FERREIRA em setembro de 1783 na charrúa *Águia Real e Coração de Jesus*, trazendo em sua companhia os *riscadores* JOSÉ JOAQUIM FREIRE e JOAQUIM CODINA e o jardineiro AGOSTINHO JOAQUIM DO CABO, chegando a Belém a 21 de outubro.

Desde 7 de novembro desse mesmo ano de 1783 até fins de 1784 explora RODRIGUES FERREIRA a ilha de Marajó e as vilas de Alcobaça, Cametá e Pederneiras. Desde o primeiro contacto com a grande ilha amazônica se mostra o cuidado do naturalista, designando vegetais e animais pelos seus nomes locais, num esboço rápido da região visitada;

“Além de outras plantas e árvores comuns a todos estas ilhas, como são aningas, e tabúas, mangues, xiróúbas, mamorixana, cebola-brava, imbaúbas, embira branca, lombrigueira, sumaúma e outras, cujos nomes sistemáticos já em grande parte constam da *Flora guaianense*, e a seu tempo constarão desta do Pará, quando me fôr possível retificar as minhas observações, honram igualmente as suas margens diversas qualidades de palmeiras dispensadoras de uma primavera sempre leda. A verdura nelas e em quasi todas as árvores do país é imortal. Estão em seus ramos os papagaios, os periquitos e alguns saguins, arremedando e contra-fazendo tudo quanto vêem e ouvem ao espectador que os observa. Não faltam nos alagadiços lontras, capivaras e jacarés”.

No lago Ararí encanta-o “a perspectiva mais galante que os olhos humanos podem ver, porque as árvores em redor não são árvores, são viveiros de infinitos jaburús, tijujús, guarases, maguarís e patos”.

Ao Capitão-general D. MARTINHO DE SOUSA ALBUQUERQUE, seu companheiro de travessia de Portugal para a colônia, e a quem por sua vez acompanhara na viagem pelo Tocantins (onde encontra o “anil tão trivial como em Portugal o malvaisco”) dá conta do estado das povoações que visitou, do atrazo da agricultura e decadência da pecuária, quasi repetindo a respeito da cana e do algodão as considerações de ACUÑA.

Em 1785 partiu de Belém para Barcelos e daí, embora com finalidade muito diversa, segue nas pegadas de LACERDA E ALMEIDA. “Em mão o lápis e o caderno”, diz o seu biógrafo CORREA FILHO, “o olhar atento, embarafustou-se pelo Rio Negro, aguas acima, e seus tributários fronterços, o Uaupés, o Içana, o Ixiê, o Dimite, até alcançar o mais alto ponto acessível”. Ao Rio Branco consagrou depois os seus esforços na esteira de SILVA

PONTES, que lhe tinha devassado os manadeios longinquos”.

De volta dessa expedição pelo Rio Negro, trazendo da selva brasílica precioso butim, demora-se em Barcelos quasi tres mêses a fio, a encaixotar o rico tesouro coligido e a redigir as suas interessantes *Participações* (1.<sup>a</sup> a 5.<sup>a</sup>) bem como curtas memórias zoológicas e etnográficas, que esclareciam o significado desse material enviado para Lisboa. Recebia-as lá AVELAR BROTERO, não com aquele espírito de amizade com que as teria visto VANDELLI, mas com certa acrimônia e inveja e deixava deteriorar-se o material, amarelecerem as laudas do moço brasileiro, que preferia o livro virgem da natureza aos velhos alfarrábios de ARISTÓTELES, de PLÍNIO, de ALDROVANDO.

São da segunda metade de 1786 as Participações sobre a exploração do Rio Branco, escritas no forte de São Joaquim e, já de volta, em Barcelos. São dois anos na exploração científica da Capitania do Rio Negro.

Em 23 de agosto de 1787 recebeu ele de PEREIRA CALDAS ordem de seguir para Mato-Grosso a explorar as minas e “recolher tudo o que fosse digno de se mandar ao Real Gabinete de História Natural, conio também todas as mais produções, assim dos rios como das praias, arbustos dagua, conchas, pedras de diferentes cachoeiras e o mais que pudesse descobrir da parte dos rios e igualmente musgos, grama, arbustos, plantas, amostras de madeira e o mais do continente”.

Quatro dias apenas eram passados de recebida essa ordem e já iniciava RODRIGUES FERREIRA a viagem para Cuiabá, alcançando a foz do Madeira a 6 de setembro. Fiel ao programa que se traçara desde Lisboa, procurou ser o mais minucioso possível nas suas observações dos tres reinos, subindo de um e outro lado, até cerca de 25 léguas, o Aripuanan, o Araras, o Mataurá, o Anhangá-

tinin, o Manicoré. A doença de uns, as deserções de muitos outros obrigaram-no, por imposição do comandante das tropas que o acompanhavam, sargento ELIAS JOSÉ, a voltar até à praia de Muirassutuba, de onde, a 9 de novembro, escreveu a PEREIRA CALDAS uma carta dando notícia da situação de penúria em que se achava e solicitando novos índios remeiros. Recebido de Barcelos novo contingente de 30 remadôres, que, embora de má vontade, lhe mandava o Delegado das Demarcações, prosseguiu a sua viagem até à cachoeira de Santo Antônio onde permaneceu tres semanas (8 a 30 de janeiro de 1788) em trabalhos de coleta, conseguindo enviar daí 52 volumes de amostras e 63 desenhos. daquelas, como quasi sempre tem sucedido no Brasil, daria opinião o leigo, considerando-as inúteis por lhe parecerem iguais às coligidas no Rio Negro, sem atentar que essas próprias semelhanças, tanto como as diferenças, seriam da maior valia no estudo da História Natural da região. Enquanto se espaçava a sua correspondência com o irritadiço PEREIRA CALDAS, se amiudavam as cartas com LUIZ DE ALBUQUERQUE, capitão general de Mato-Grosso, que lhe mandara um próprio com uma carta de boas vindas a Santo Antônio, ansioso por travar conhecimentos com o doutor-filósofo e, mais ainda, naturalmente curioso das riquezas que lhe viriam aumentar a sua coleção particular. Subindo o Guaaporé chegou RODRIGUES FERREIRA a Vila Bela a 27 de setembro de 1789.

Escreve CORRÊA FILHO: "Os preparativos de viagem de LUIZ DE ALBUQUERQUE propositadamente retardados, para lhe proporcionarem ensejo de instruir o irmão nos complexos problemas administrativos da Capitania, a esse tempo ainda complicados pelas negaças dos demarcadores espanhóis e por ventura prolongar a convivência com o naturalista, que lhe puzera a ciência à sua disposição; a tal ou qual perturbação causada pela substituição de um

governador atilado e conhecedor das peculiaridades da Capitania, por outro, cujas habilidades estariam condicionadas à confirmação; a convalescença dos que não escaparam ao assalto das sezões, tudo concorreu para deter vários meses a expedição em Vila-Bela, onde ALEXANDRE entrou a esquadriñar com SILVA PONTES, seu discípulo e amigo, a respeito das explorações geográficas, que este ultimara a 4 de janeiro, quando o salteou, ao regressar do sertão dos Parecís, a notícia da dissolução da Comissão Demarcadora”.

Regressando LUIZ DE ALBUQUERQUE para a Metrópole, levou consigo “a mais vasta, a mais escolhida, a mais rica coleção que se pode desejar”, segundo as próprias palavras do seu incansável e douto coletor.

Em Mato Grosso empreendeu RODRIGUES FERREIRA principalmente excursões de carácter mineralógico, como a expedição à Serra do Ouro (fevereiro e março de 1790), à gruta das Onças, recentemente descoberta pelo bandeirante Padre FERNANDO VIEIRA DA SILVA, feita em companhia de MANUEL JOAQUIM LEITE PENTEADO, a quem confessa dever nessa Capitania “uma não pequena parte das coleções naturais”; às lavras cuiabanas; à gruta do Inferno (abril de 1890), magnífica gruta calcárea, com as suas maravilhosas estalactites, portentosa “mesquita subterrânea” que encheria de pasmo quantos a visitassem (15).

---

(15) O estilo de RODRIGUES FERREIRA é, às vezes, um pouco pesado pelas minúcias, mas essa descrição da gruta do Inferno tem alguns trechos de grande beleza literária e, talvez por isso, foi publicada mais de uma vez. Ao chegar ao fundo da gruta, que alcançara escorregando por um talude de 190 palmos de profundidade, pasma diante do espetáculo portentoso, escrevendo depois: “Eis aqui onde a Natureza me tinha preparado o maravilhoso espetáculo que recompensou dignamente tanto o perigo como o meu trabalho; porque olhando à primeira vista, o todo se oferecia depois de distribuídas as luzes em proporcionadas dis-

A 2 de outubro de 1791 empreendeu RODRIGUES FERREIRA a viagem de regresso, descendo o Guaporé, o Madeira e o Amazonas, chegando a Belém em fins desse ano (16).

---

tâncias, representou-se-me uma mesquita subterrânea que, observada por partes, de cada uma delas saltava aos olhos uma diferente perspectiva. A que do fundo daquele grande salão se oferece à vista do espectador, colocado na entrada dele, é de um magnífico e suntuoso teatro, todo ele decorado de curiosíssimas estalactites, umas penduradas da abóbada que constitue o tecto, como outras tantas goteiras ísisiformes, curtas ou compridas, grossas ou delgadas, redondas ou compridas, simplices, bifurcadas, ramosas, verrucosas, tuberosas, etc.; outras alçadas ao pavimento, à maneira de pilares, colunas, colunetas, lisas ou caneladas, pavilhões de campo, etc. e um destes tão grosso, que dois homens não abraçam”.

(16) Vezes sem conta tem sido repetido o *lunce romântico* de RODRIGUES FERREIRA que, segundo a versão de COSTA E SÁ, ao saber que LUIS PEREIRA DA CUNHA gastara todo o dote da filha com as despesas de remessa do material coligido pelo naturalista para Lisboa, se propuzera a pagar a dívida *recebendo-a por mulher*. A fantasia de ROQUETTE PINTO entrevera no lance o desenlace feliz de um longo romance começado quando o Dr. ALEXANDRE fôra hóspede do pai de GERMANA. As pesquisas de CORREA FILHO vêm agora demonstrar que de fato, o mais provável, fosse a previsão de ROQUETTE. Ecreve CORREA FILHO: “Em várias de suas monografias, acabadas anos antes, o nome de LUIS PEREIRA DA CUNHA salteia-nos a cada passo, mais do que outra qualquer pessoa. O desempenho cabal, que dera à incumbência, a despeito do atrazo progressivo da pagadoria lusitana, tornara-o merecedor de rasgados gabos, com que FERREIRA lhe inscreveu o nome entre os abnegados cooperadores do desenvolvimento das ciências naturais. Entre ambos havia, pois, motivos suficientes de aproximação, que facilmente explicaria possível afeição do naturalista à filha do seu admirador prestadio; cujos encantos perceberia aumentados pela valia paterna. Aliás, as dificuldades financeiras do capitão PEREIRA não provinham exclusivamente do custeio dos despachos para Lisboa, a que fôra obrigado, por agradar ao amigo, antes derivavam da multiplicidade de suas indústrias, nem sempre lucrativas”.

Afinal a 15 de outubro de 1792, como reza a carta de FRANCISCO DE SOUSA COTINHO, "em o navio *Príncipe da Beira*, de que é comandante o tenente MANUEL DA SILVA TOMÁS, embarca o Dr. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA com os desenhadores JOSÉ JOAQUIM FREIRE e JOAQUIM JOSÉ CODINA, levando também dois índios capitães das suas povoações, e que acompanharam esta expedição como Preparadores". Tornava assim a Lisboa a expedição científica ao Brasil que se mostra incomparavelmente mais eficiente que as que tinham atestado para Angola e Moçambique (17).

Chegado a Lisboa em janeiro de 1793 foi nomeado, logo a seguir *Oficial da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e dos Domínios Ultramarinos*, sendo uma das suas primeiras tarefas arrolar o que possuía o Real Gabinete de História Natural, do qual é feito Vice-diretor em 1794. Aí passava todo o seu tempo a ordenar o imenso material que as suas mãos haviam coligido na pátria distante e em redigir as inúmeras notas tomadas em sua viagem, escrevendo com carinho e esmero essa malograda *Zoologia Paraense* que seria mais tarde, como butin de guerra, levada para a França na bagagem de GEOFFROY DE SAINT HILAIRE. E centenas de páginas se acumulavam nas suas gavetas, memórias douradas sobre os mais vários assuntos de História Natural, preciosas observações de etnografia, sem que as autoridades lhe dessem meios para a publicação. Já não eram propícios os tempos em Portugal às coisas do saber: desde a desastrosa campanha do Russilhão até à invasão francesa tudo

---

(17) De 2.103 desenhos arrolados em janeiro de 1793 na *Casa do Desenho* do Real Gabinete de História Natural, 1.015 desenhos provinham da expedição do Pará, e apenas 24 da expedição de Angola e 16 da de Moçambique. Os das ilhas de Cabo Verde certo estariam incluídos entre os 1.048 registados como de *várias procedências*.

eram sobressaltos e temôres. E nestes transe e agonias de nada lhe valia a amizade de VANDELLI. Impotente, tendo apenas o protesto da sua imensa tristêza, vê partir para a terra inimiga o melhor e mais precioso do que em tão penosa viagem colecionara e que o olho perspicaz do sábio que presidia a essa pilhagem cuidadosamente separava, não se contentando apenas com as peças a estudar, mas indo até ao confisco dos manuscritos que lhe poupassem canseiras, bastando traduzir e fazer leves emendas para poder assinar e ganhar fama com o labor alheio. (18)

Em 1833, dezoito anos depois da morte de RODRIGUES FERREIRA a Academia Real das Ciências de Lisboa encarregou a MANUEL JOSÉ MARIA DA COSTA E SÁ de “examinar e ordenar os trabalhos pertencentes à viagem ao Brasil, de que os respectivos manuscritos estavam no arquivo do Jardim Botânico”.

Eram 22 maços de manuscritos, um de desenhos e plantas e seis volumes de desenhos e plantas, quasi todos entregues por sua viuva D. GERMANA PEREIRA DE QUEIROZ FERREIRA a FELIX DE AVELAR BROTERO, por ordem do VISCONDE DE SANTARÉM. Foram os 22 maços reduzidos a oito, dois dos quais contendo diversas memórias ou apontamentos sobre objetos botânicos. Acrescenta COSTA E SÁ que “um gravador, vários desenhistas com discípulos se tem mantido por espaço de 50 anos com destino aos trabalhos desta viagem, e que teriam adiantado ou concluído as gravuras que lhes pertenciam, se não fossem as interrupções, que por vêses tiveram, do prin-

---

(18) Foram entregues a GEOFROY DE SAIN-HILAIRE 595 vertebrados, 508 insetos, 468 conchas, o herbário de CONCEIÇÃO VELOSO, o herbário de RODRIGUES FERREIRA, com 1.114 exsiccatas, e mais os manuscritos da *Flora Fluminense*, *Projectura fluminensis*, *Specimen Florae americana meridionalis* e *Lepidopteri projecturae fluminensis* de VELOSO, *Plantas do Pará* e *Zoologia paraense* de RODRIGUES FERREIRA.

cipal fim da sua incumbência; assim mesmo muitas chapas já se acham abertas”.

Mas estas *muitas chapas abertas* nunca foram impressas. Dos desenhos e plantas restam cinco volumes, mandados copiar em aquarela, nos referidos arquivos do Real Jardim Botânico pelo nosso ministro em Portugal ANTÔNIO MENEZES DE VASCONCELOS DRUMOND, aquarelas que atualmente constituem uma das preciosidades da Biblioteca de nosso Museu Nacional, mais quatro volumes de desenhos com plantas, pelos riscadores CODINA e FREIRE, cuidadosamente conservados na Biblioteca Nacional, pertencentes à coleção BENEDITO OTTONI, e tres volumes com desenhos vários, feitos pelos mesmos *riscadores*, também na Biblioteca Nacional. Os volumes de aquarelas do Museu Nacional contêm 1471 desenhos, dos quais 1374 de botânica, 91 de zoologia e 16 de etnografia. Os de botânica são de uma beleza e perfeição admiráveis, demonstrando que os desenhistas eram sobretudo especializados no copiar as plantas; os dos animais são quasi sempre muito imperfeitos, traçados por mão canhestra.

Só muito depois da morte do grande naturalista baiano vieram à luz da publicidade alguns dos seus trabalhos. A *Revista do Instituto Histórico* publicou as memórias da Gruta do Inferno (tomo IV), Gruta das Onças (tomo XII), Diário da Viagem Filosófica (tornos XLVIII e XLIX). Os *Arquivos do Museu Nacional* deram a lume as escritas sobre *O peixe-boi e uso que lhe dão no Estado do Grão Para; Sobre o peixe-Pira-Urucú, Sobre Yurara-Retê e A propósito de uma estampa representando um índio Cambeba*. A *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Baía* nos regalou, em seu volume 6.<sup>o</sup> com as *Observações gerais e particulares sobre a classe dos Mamais*.

Nos códices da Biblioteca Nacional há duas memórias botânicas (sobre madeiras para canoas e sobre palmeiras)

e no catálogo de AVELAR BROTERO figura a notícia de um manuscrito com *Observações feitas nas plantas que se recolheram na Capitania do Rio Negro*, e esse manuscrito *Plantas do Pará*, que ficou em França.

E' curioso assinalar que, sendo RODRIGUES FERREIRA sobretudo um zoólogo, a documentação iconográfica mais abundante seja a florística, quasi 15 vezes superior à faunística. A publicação dessa iconografia é um dever do Governo Brasileiro, embora, muito provavelmente, nada mais de novo exista para as espécies figuradas.

Até principios do século XIX não seriam possíveis expedições científicas estrangeiras ao nosso país, pois a visita de gentes de outras terras, mesmo se inspiradas em fins meramente especulativos, era considerada como "coisa desagradavel aos interesses da Coroa". E por isso, quando HUMBOLDT, em companhia de BOMPLAND, chegou ao Rio Negro, pelo Cassiquiare, o Governo português mandou que o Capitão General do Pará informasse o que pretendia esse *quidam*, esse moço de 30 anos, nobre e rico, a viajar pelas regiões desertas e inhospitaveis da Amazônia.

Era esse ciúme da Metrópole que impedia que a primeira expedição russa, chefiada por ADÃO KRUSENSTEIN, e que tocou os portos brasileiros em 1803, fosse de grande proveito para o conhecimento de nossa natureza. Demoraram-se as corvetas *Nova e Nadiejeda* apenas alguns dias em Santa Catarina, onde o botânico TILESUS e o zoólogo LANGSDORFF fizeram, sob o olhar vigilante de MANUEL CARDOSO CALDEIRA, colheita de material das respectivas especialidades.

Com a vinda de D. JOÃO VI e a consequente abertura dos portos brasileiros às nações amigas começaram, a par das viagens meramente comerciais ou mesmo turísticas de alguns amantes de aventuras, as expedições científicas. Há as que vieram especialmente estudar a nossa

natureza e as que, com fins mais amplos, apenas *arranharam* as nossas costas, levando minguados documentos referentes à flora e à fauna litorâneas. Aqui vamos rapidamente referir os botânicos, deixando os zoólogos para o capítulo seguinte. Antes, porém, algumas palavras sobre essas expedições de circunnavegação que, tocando em nossos portos, aqui colheram algum material que aparece pela primeira vez descrito nos amplos relatórios de tais viagens. Salientemos desde logo que os dados florísticos das expedições do *Beagle* (com DARWIN como seu naturalista) e do *Challenger* (exclusivamente oceanográfica) são inteiramente negativos.

Passados dois anos de Waterloo prepara a Coroa de França uma viagem de circunnavegação, que foi realizada pelas fragatas *L'Uranie* e *La Physicienne*, durante os anos de 1817 a 1820 e na qual os expedicionários, segundo as palavras do relatório de ARAGO, em parecer favorável, "haviam contraído a obrigação, senão de estudar, pelo menos de recolher para os Museus todas as amostras dos tres reinos que lhes parecessem oferecer um interesse qualquer". Demorou-se *L'Uranie* no Rio de Janeiro dois meses (6 de dezembro de 1817 a 29 de janeiro de 1818) e o seu comandante enviou para a França, da escala imediata da corveta, no Cabo da Bôa Esperança, quatro caixas contendo plantas, cerca de duzentos lepidópteros e quinhentos outros insetos do Brasil, resultado das colheitas dos naturalistas QUOY, GAIMARD e GAUDICHAUD. De volta de Nova Gales do Sul, em 15 de fevereiro de 1820, com tempo magnífico, montou a corveta francesa sobre um rochedo da baía da Soledade, naufragando. Aí esteve a expedição até 4 de maio, quando tendo FREYGINET comprado o barco argentino *Mercury*, lhe mudou o nome para *La Physicienne* e nele continuou viagem, chegando de novo ao Rio de Janeiro em 19 de junho, demorando-se aqui até 13 de setembro, quando zarpou para a

França. O material botânico desta expedição foi estudado por GAUDICHAUD.

Segue-se a viagem de *La Coquille*, que apenas tocou em Santa Catarina, a 16 de outubro de 1822 (quando aí chegava a notícia da nossa independência política), tendo estudado antes, de passagem, as ilhotas de Martin Vaz e Trindade, a 6 do mesmo mês e ano. Era seu comandante DUPERREY, que já fizera, como guarda-marinha e segundo-tenente, a viagem de circumnavegação acima referida. Em Santa Catarina demorou-se *La Coquille* de 16 a 30 de outubro, aproveitando os naturalistas para uma proveitosa herborização. A flora criptogâmica foi estudada por BORY DE SAINT VINCENT e a fanerogâmica por ADOLFO BROGNIART.

Das duas seguintes viagens de circumnavegação francesa, tanto a da fragata *La Thétis* com a corveta *L'Espérance*, que estiveram no Rio de Janeiro, sob o comando de BOUGAINVILLE, de princípios de março a 10 de abril de 1826 (escala que o seu comandante diz que de boa vontade passaria em silêncio), como a da corveta *La Favorite*, que, sob o comando do capitão de fragata CIRILO PEDRO TEODORO LAPLACE, de volta da Índia, passou duas semanas no Rio de Janeiro (23 de janeiro a 9 de fevereiro de 1832) nada encontramos de interesse para o estudo da nossa natureza e da sua "*beauté sauvage*". São igualmente muito breves as escalas das corvetas *La Vénus*, de comando de DU PETIT-THOUARS (1 a 16 de fevereiro de 1837) e *La Bonite* (24 de março a 3 de abril de 1836), sob o comando de DE LA SALLE, para que possam ter tido qualquer contribuição digna de registro ao estudo da nossa flora.

No século XIX há a registar sobretudo as expedições em que aparece um só homem, vindo a estudar assunto de sua especialidade; e as que traziam um grupo de

sábios, cada qual encarregado de pesquisas em seus domínios de conhecimentos. Trataremos aqui das organizadas pelos botânicos e dos resultados botânicos das outras.

E' de elementar justiça começarmos pelas viagens de AUGUSTO SAINT-HILAIRE, que entre nós esteve durante seis anos, tendo sempre para a nossa natureza uma frase de entusiasmo e para a nossa gente uma palavra de desculpa ou de simpatia. Discípulo de JUSSIEU, RICHIARD e DES FONTAINES, com os quais se formara no amor e dedicação à *Scientia amabilis*, e tendo sofrido, nos primeiros anos de sua juventude, o influxo da disciplina germânica, chegou SAINT-HILAIRE, ao Rio de Janeiro no dia primeiro de julho de 1816, a bordo da fragata Hermione. Durante os seis anos de estadia em nosso país realizou cinco viagens florísticas, sendo a primeira apenas até às margens do Paraíba do Sul, em 1816. Começou neste mesmo ano outra, mais demorada, pelo sertão de Minas Gerais (chegando até Jequitinhonha e o Alto São Francisco), consumindo dois anos nessa expedição. Em 1818, de volta de Minas, seguiu pelo litoral, num roteiro quasi igual ao do Príncipe de WIED, não indo, porém, além do Rio Doce; depois de curta demora no Rio empreendeu a sua quarta e mais longa exploração, indo até à capital de Goiás, de onde voltou a São Paulo, visitando a seguir o interior do Paraná, o litoral de Santa Catarina e o Rio Grande do Sul, regressando ao Rio por mar (1819-1821). Esperava-o aqui desagradavel surprêsa, que muito o desapontou: o seu herbário, tão cuidadosamente organizado, sofrera dos nossos pequeninos sevandijas um ataque que quasi o inutilizara totalmente. Mêses a fio não faz SAINT-HILAIRE outra coisa senão rever e salvar o que era possivel dessas folhas, nas quais muitas vezes era obrigado a catar florinhas que subsistiam "numa poei-

ra tão fina como rapé”. Para reparar em parte o seu prejuízo, faz a sua quinta e última viagem, por zonas já por ele percorridas, visitando Barbacena, São João Del Rei e São Paulo, embarcando para a França em meados de 1822, levando, além de 16 caixas de plantas perfeitamente acondicionada, mais outras 24, cheias de mamíferos, aves e insetos.

Em sua primeira excursão acompanhavam-no LANGSDORFF, então consul da Rússia no Rio de Janeiro, ANTONIO ILDEFONSO GOIS e PRÉSENT, devendo-se a SAINT-HILAIRE a primeira nota sobre o desequilíbrio mental do naturalista russo.

Nessas viagens que iniciara “cheio de entusiasmo, afinal extinto por perceber a inabilidade das suas esperanças”, estudou SAINT-HILAIRE principalmente a flora dos campos porque, como diz ALBERTO SAMPAIO, “como infatigável herborizador que era, logo verificou ser-lhe impossível o estudo da flora tropical silvestre”.

Nos seus livros encontramos a cada passo o êxtase do botânico, quando não o aturdimento diante do inédito, quasi diríamos da anarquia da nossa flora. Observador perspicaz, foi ele, no dizer de ALBERTO SAMPAIO, “um dos herborizadores mais felizes no estudo do endemismo florístico do Brasil”, observando que nos campos a variedade de espécies era muito maior que a de gêneros, ao contrário do que se passava nas matas. Chamou a atenção para o contraste das nossas formações florísticas, vendo-se lado a lado, sem transição, as catingas de Bom Jardim e as florestas do Jequitinhonha; os campos de Guarapuava e uma cinta de floresta”.

Resultaram do rico material coligido suas tres grandes obras de botânica: *Plantas usuais dos Brasileiros*, obra muito difundida em nosso país, *História das plantas mais notáveis do Brasil e do Paraguai* e *Flora do Brasil*

*Meridional*, fazendo justiça e tecendo encomios ao trabalho dos nossos botânicos ARRUDA CÂMARA, BERNARDINO GOMES e CONCEIÇÃO VELLOSO.

A expedição científica que vinha no séquito real da princesa D. LEOPOLDINA de ÁUSTRIA aqui não chegou reunida. Já o seu embarque tivera logar nos portos de Trieste, de onde partiram as fragatas austríacas *Augusta* e *Austria*, e de Livorno, de onde se fizera à vela a corveta portuguesa *D. João*. Na *Austria* chegaram ao Rio de Janeiro o botânico MIKAN, o paisagista ENDER e os naturalistas bavaros SPIX e MARTIUS. Na *D. João*, vinham o botânico e mineralogista JOÃO EMANUEL POHL, o pintor BUCHBERGER e o botânico italiano JOSÉ RADDI. Como vemos, os naturalistas da expedição científica austríaca eram, em sua maioria, botânicos, e dos mais notáveis do seu tempo.

Muito pequena foi a demora em nosso paí de CRISTIANO JOÃO MIKAN e JOSÉ RADDI, regressando o primeiro para a Áustria em junho de 1818 e RADDI poucos meses mais tarde. MIKAN apenas realizou pequena viagem até Cabo Frio, mas o material coligido lhe foi suficiente para escrever esse *Delectus florae et faunae brasiliensis*, publicado em 1820. RADDI era mais especializado que MIKAN, interessando-se sobretudo pelas Melastomáceas e Piperáceas, sobre as quais publicou interessantes trabalhos. POHL, de quem já falámos no capítulo referente à geologia, esteve no Brasil até abril de 1824, enriquecendo a literatura científica sobre o Brasil com esse magnífico livro *Plantarum Brasiliae Icones*, nos quais as gravuras são de uma beleza e fidelidade inexcedíveis.

As figuras primaciais da expedição austríaca são os dois grandes naturalistas não austríacos, os bavaros SPIX e MARTIUS, companheiros inseparáveis durante quasi todo o tempo em que viajaram pelo Brasil, apenas se isolando

durante algumas semanas na Amazônia. Não sei que melhor crédito à nossa gratidão poderia o Instituto Histórico obter no seu centenário que esta magnífica realização da tradução do que AFONSO DE TAUNAY chamou "a viagem capital de SPIX e MARTIUS".

Começam esta longa e proveitosíssima viagem a oito de dezembro de 1817, dirigindo-se para S. Paulo pela estrada real, chegando à capital bandeirante no último dia dêsse ano; e d'aí seguem por Sorocaba, Jundiá, Atibaia, passando a Minas Gerais onde visitam Vila Rica e continuam em demanda do alto sertão do S. Francisco. No dia 31 de março de 1818 começam a descer o Carinhonha, vêm até Ilhéus e daí seguem para a capital baiana, que alcançam no dia 10 de Novembro. E' curta a sua demora: continuando por terra para Joazeiro, atravessam o alto sertão de Pernambuco e Ceará, indo até S. Luiz do Maranhão, onde embarcam para Belém. A 6 de agosto de 1819 começam a subir o Amazonas; perto de Santarém escapa MARTIUS de morrer afogado. Chegam juntos a Ega, de onde segue SPIX para Tabatinga, voltando à Barra do Rio Negro em 5 de fevereiro de 1820, e MARTIUS para explorar o Japurá, chegando à Barra quasi um mês depois do seu amigo. Partem juntos a visitar os Maués e Mundurucús, e a 15 de junho de 1820 embarcam no *Vulcano*, de regresso para a Europa. Nessa viagem colheu MARTIUS seis mil e quinhentas espécies de plantas, núcleo inicial dessa monumental *Flora brasiliensis*, de cujo programa deu conta na carta em que agradecia ao Instituto Histórico o título de membro honorário. Dizia ele então: "As riquezas vegetais do Império do Brasil são tantas, que talvez não haja um só vegetal conhecido ou util ao homem, cujo representante não se ache entre os inumeráveis que constituem a Flora desse bellissimo país. Considerando nisto, tenho preparado, há muitos anos, uma *Flora médica do Brasil*, a qual breve sairá à luz.

Esta obra formará parte de uma *Flora brasiliensis* geral, que deve tratar de todas as plantas até agora descobertas no Brasil, e que, sob os auspícios de S. M. o Imperador da Áustria, vou publicar com meu amigo o Prof. ENDLICHER, de Viena, ajudado de muitos outros botânicos alemães, franceses e ingleses. Contamos 14 a 15 mil espécies pertencentes a essa Flora". Para êste monumento erguido à nossa flora contribuiu MARTIUS com as monografias sôbre as Amarilidáceas e Anonáceas. A sua monografia das Palmeiras foi depois, na mesma Flora, completada por PROGEL (19).

A expedição LANGSDORFF, financiada pelo Czar ALEXANDRE I da Rússia, começou sob os melhores auspícios, tendo LANGSDORFF, já experimentado em outras expedições científicas (como a primeira expedição russa de KRUSENSTEIN, a viagem com SAINT HILAIRE, sua expedição aos montes Urais), convidado para companheiros cientistas do mais alto valor, tais como o astrônomo russo RUBZOFF, o botânico LUIS RIEDEL, o zoólogo CRISTIANO HASSE, o pintor MAURÍCIO RUGENDAS e o desenhista HÉRCULES FLORENCE (que mais tarde descreveria o malôgro da expedição e a loucura do seu chefe). Desde o começo, porém, um sôpro aziago castigou a expedição:

---

(19) Dos colaboradores da *Flora Brasiliensis* eram da Alemanha BRUDE, BERG, BENJAMIN, CASPARY, CARLOS MEIZ, CARLOS MUELLER, DOELI, ESENBECK, EICHLER, ENGLER, ERESENUM, HANSTEIN, HEGELMAICOS, GRISELBACH, KOENICK, KOEHLNE, KLATT, KUHNE, LAUBACH, MILDE, MIGUEL, PROGEL, ROHRBACH, REICHARDT, SCHMIDT, STURM, SEUBERT, SCHUMANN, SCHNITZIEIN e URBAN; da Austria FENZL, PEYRITECH, PROGEL, REISSEK e SCHENK; da Bélgica MARCIAL e COGNIAUX; da Dinamarca PETERSEN e WARMING; da França BAILLON, DE CANDOLLE, FOURNIER, MICHELL e TULASNE; da Inglaterra BAKER, BENNET, BENTHAM, HOOKER e TYLDEN MASLERS; da Suíssa JOANNES MULLER e MEISSNER; da Tcheco-Slovaquia HACKEL, KRONFELD e WAWRA e da Hungria KANITZ,

HASSE, apaixonando-se por uma moça de Porto Feliz, aí se deixou ficar, vindo a suicidar-se em vista do seu malôgro afetivo; MAURÍCIO RUGENDAS desligou-se da comissão, sendo substituído por AMADO ADRIANO TAUNAY, que morreu afogado no Guaporé. Desde o princípio da expedição dera mostras LANGSDORFF de um certo desequilíbrio, escandalizando a nossa pacata população do interior, ora com exhibições de discutível moralidade, ora com esta-pafúrdias gestões (20). Mas até Cuiabá as coisas segui-

---

(20) Conta o erudito ALFREDO DE CARVALHO: "Logo à saída da expedição de Porto Feliz, em São Paulo, ocorreu um episódio escandaloso, no qual figurou como principal personagem o próprio Langsdorff: acompanhado até ao porto pela melhor gente da localidade e esperado à margem do Tieté pelo vigário, que abençoou, todo paramentado, a expedição embarcada em trinta e duas canoas e batelões, teimou em levar consigo ostensivamente uma moça alemã, de costumes mais que levianos, fazendo-a embarcar antes de todos num escalor em que flutuava à popa a bandeira imperial da Rússia". E linhas adiante: "Tendo aparecido numa extensa praia grande número desses selvícolas (os Apiacás) e no meio deles um com certos distintivos vistosos de *capitão*, julgou o bom do cônsul russo, que também devia envergar o seu grande uniforme e lá foi para terra metido em farda de gala, espadim ao lado, chapéu armado à cabeça e condecorações no peito. Imagine-se a figura no meio daqueles indígenas nus em pêlo, que mostravam fundo pasmo e bestial alegria ao contemplarem tamanha ostentação e esbugalhavam os olhos ante tantos bordados a ouro e brilhantes tetéias. Afinal uma índia perguntou por gestos si aquilo era vestimenta ou a própria pele de tão alto personagem e, melhor informada, pediu para que ele lh'a cedesse por um pouco. Langsdorff, que não resistia aos caprichos do belo sexo, civilizado ou não, imediatamente despiu a farda e a passou à rapariga que de golpe nela se enfiou, passeando muito ufana com o seu singular adorno, enquanto o cônsul ficava em mangas de camisas, mas com calças de galão, espadim e chapéu armado. Nem parou aí a aventura. De repente a índia disparou para o mato, seguida de todos os mais, e o espoliado poz-se a correr como um desesperado atrás de sua veste de gala, na maior e mais grotesca fúria".

ram sem grandes tropeços. Ai o botânico LUIS RIEDEL e ADRIANO TAUNAY partiram a explorar o Diamantino e RUBZOFF e FLORENCE seguiram para Vila Maria, às margens do Paraguai. A 4 de outubro de 1827 estavam de novo reunidos, separando-se definitivamente em fins de novembro, quando RIEDEL e TAUNAY seguiram para Vila Bela. Em 1.º de março de 1828 LANGSDORFF, RUBZOFF e FLORENCE dirigiram-se para Santarém, sendo os dois primeiros atacados pela malária. Chegando ao Tucurisal o estado de LANGSDORFF era de completa insânia, escrevendo FLORENCE: “Nesse lugar foi que se manifestou o estado desastroso em que caiu o Sr. LANGSDORFF, isto é, perda de memória das coisas recentes e completo transtôrno de idéias. Essa perturbação, da qual nunca mais se restabeleceu, obrigou-nos a irmos para o Pará e voltar para o Rio de Janeiro, pondo assim termo a uma viagem, cujo plano, antes dessa desgraça, era vastíssimo, pois devíamos subir o Amazonas, o Rio Negro, o Branco, explorar Caracas e as Guianas e regressar ao Rio de Janeiro, atravessando as províncias orientais do Brasil”. Foram portanto nulos os resultados da expedição russa (21).

A expedição do botânico alemão EDUARDO POEPPIG, começada no Chile no ano de 1827, terminou no Amazonas em abril de 1831. Em abril de 1830 desceu êle o

---

(21) A respeito dos resultados botânicos da expedição LANGSDORFF escreve ALBERTO SAMPAIO: “Rezam as crônicas relativas a essa importante expedição que só LUIS RIEDEL regressou com saúde. A respeito das exsicatas de RIEDEL devo ponderar ainda que a falta de indicação sistemática de Estado no registo das diversas localidades do Brasil em que esse ilustre botânico herborizou, deixa-me em dúvida se foi no Estado de Mato-Grosso que foram por ele colhidas diversas plantas. No que se refere à flora de Mato-Grosso, RIEDEL contribuiu exclusivamente como herborizador, distribuindo abundante material pelos especialistas europeus, especialmente aos incumbidos da elaboração da *Flora Brasiliensis*’.

rio Huallaya, demorando-se aí dez meses. E assim resume o fim da sua viagem: "Decem post menses per Amazonum flumen navigare cepimus, Egam oppidum provinciae brasiliensis Rio Negro magni antecessoris nostri vestigia sequentes a mense Septembris MDCCCXXXI ad proximi anni Aprilem usque habitavimus, bello autem civili atrocissimo coacti per multa discrimina ad litora atlantica aufugimus, tandemque in ipsis fluminis ostiis, ubi novae species haud omnino nobis defuere, florae litoreae observandae mense dicato ad penates reversi sumus".

Do abundante material colhido por PÖEPPIG os fetos foram tratados por GUSTAVO KUNGE, as gramíneas por TRINUIS, as Ciperáceas por SIGISMUNDO KUNTH, as Palmeiras na monografia de MARTIUS e o restante em seu trabalho, em colaboração com ENDLICHER "*Nova Genera ac Species plantarum quas in regno chilensi-peruviano et in terra amazonica annis MDCCCXXVII ad MDCCCXXXII legit* EDUARDUS PÖEPPIG."

Não tinha ainda DARWIN voltado à Inglaterra quando, em 20 de maio de 1836 embarcou o botânico JORGE GARDNER na *Memnon*, com "o espírito excitado pelas miríficas descrições de HUMBOLDT e outros viajantes sôbre a beleza e variedade da natureza das regiões tropicais. Chegando ao Rio em 22 de julho dêsse ano, fez algumas excursões pela Serra dos Órgãos e depois seguiu por mar para o Ceará, desembarcando em Aracatí, voltando ao Rio por terra, através do Piauí, porção oriental de Goiás e Minas Gerais. Em 6 de maio de 1841 embarcou-se na *Gypsey*, tocando no Maranhão, de volta à sua pátria. A êle devemos as primeiras observações sôbre os fungos e a descrição de várias das nossas plantas, feita em pequenas memórias, sem nenhuma monografia da importância da dos outros expedicionários.

Passam-se dois anos. A 17 de junho de 1843 chegou ao Rio de Janeiro a expedição científica chefiada por

CASTELNAU, que partira de Brest, a bordo do *Du Petit Thouars* a 30 de abril. Demoraram-se os expedicionários no Rio de Janeiro durante dois meses, fazendo pequenas excursões pelos arredores, herborizando e colhendo insetos, já se apresentando por êsse tempo os subúrbios do rio pobres em aves, pobreza que se reduziu à miséria nestes cem anos, graças à nossa falta de educação e à incúria dos governos. Escrevia então CASTELNAU: "Si le monde végétal offrait d'abondantes moissons au collecteur, il n'en était pas de même du règne animal, la nombreuse population qui se presse aux environs de Rio de Janeiro a presque entièrement chassé les mammifères, les oiseaux brillants et même les perroquets sont devenus aujourd'hui très rares dans le voisinage immédiat de la ville."

Durante os meses passados no Rio freqüenta assiduamente CASTELNAU a nossa Biblioteca Nacional e bibliotecas particulares, lendo e estudando tudo que se pudesse relacionar com o fim da sua expedição, tendo a sua demora sido mais longa do que esperava, por ter adoecido gravemente. Mas afinal, à meia noite de 12 de outubro, segue por água para porto da Estréla, onde chega às sete e meia da manhã seguinte. Ficam alguns dias em Petrópolis, onde se refaz o chefe da expedição, e daí seguem viagem para Minas, demorando-se em Ouro Preto, Sabará e Pitangui, alcançando as margens do alto S. Francisco em 28 de janeiro de 1844. Seguem sempre o rumo de oeste, chegando em abril a Goiás (que considera como uma das mais belas cidades do Brasil). Descem o Araguaia, sobem o Tocantins e, de novo em Goiás, partem para Cuiabá, onde chegam a 12 de dezembro. Descem o Paraguai até Corumbá, sobem o Arinos e rumam para a Bolívia, chegando a La Paz em 15 de novembro de 1845. Vão daí para a capital do Perú, onde ficam de janeiro a maio de 1846, quando iniciam a viagem de regresso,

partindo de Pebas a 23 de dezembro dêsse ano, descendo o Amazonas: em 6 de fevereiro de 1847 estão em Barra do Rio Negro e em 16 de março em Belém, de onde embarcam para Caiena. No prefácio da longa e, não raro, fastidiosa narrativa da viagem, nos dá CASTELNAU êste esplêndido resumo da expedição:

“Apesar da perda de uma porção notável de nossos documentos, os materiais que ainda temos em mãos são muito consideráveis e consistem em mais de 200 desenhos, representando paisagens e costumes das tribus, cêrca de 400 desenhos zoológicos, esboços numerosíssimos de plantas, principalmente criptógamos, devidos a WEDDELL, num itinerário completo da nossa viagem do Rio a Lima, em cartas dos rios percorridos, etc.

“Depois de termos atravessado a zona das florestas virgens que margeiam o oceano Atlântico, atingimos a dos imensos campos ou planícies apenas cobertas de uma vegetação enfezada, que ocupa quasi todo o centro do continente. Chegados a Goiás, descemos o Araguaia que era quasi desconhecido, e voltámos pelo Tocantins, que logo deixámos, para atravessar imensos desertos, habitados somente pelos canibais Chavantes e pelos Caeiros, ainda mais cruéis; imensa solidão nos separava de Cuiabá, que alcançámos depois de uma penosa marcha de dois meses; nessa capital de Mato-Grosso observámos o singular fenômeno político de uma cidade ativa e comercial, situada a 400 léguas de qualquer porto. Uma excursão para o norte da província central de Mato-Grosso nos permitiu determinarmos a posição das nascentes do Paraguai assim como as do Tapajoz, e pudemos contemplar ao mesmo tempo os braços de dois dos maiores rios do mundo, dos afluentes do Prata e do Amazonas, que saíam a nossos pés, entrelaçando-se, das entranhas da terra. Alí ainda, e como para tornar mais interessante êste ponto curioso e

atrair para êle a atenção do homem, a natureza colocou minas de diamantes, cujo valor é bem pequeno, em comparação com as vantagens que o comércio tirará um dia desta maravilhosa junção das águas. De volta a Cuiabá partimos logo para descer o rio do mesmo nome, depois o de S. Lourenço e enfim o Paraguai até à república de FRANCIA. Excursões ao Gran Chaco, região tão temida dos espanhóis, nos permitiram estudar os cavaleiros selvagens que aí habitam. Subindo o Paraguai, atravessámos os grandes pântanos de Xarayes, inteiramente desconhecidos dos espanhóis, em companhia dos Guatós, raça indiana tão curiosa sob o ponto de vista do tipo físico como sob o do desenvolvimento de suas qualidades morais; atravessámos a cidade empastada de Mato-Grosso e entrámos no país dos Chiquitos, onde pudemos admirar os restos das magníficas missões que os Jesuitas aí haviam estabelecido outrora. O filósofo voltairiano, escrevendo no seio das cidades, pode lançar o sarcasmo do ridículo sobre os missionários virtuosos que, somente com o fim de ser úteis à humanidade, suportam tôdas as privações e arrostam todos os perigos; mas o viajante que é recebido com carinho e amabilidade, numa hospitalidade sem limites aí onde, antes que eles tivessem vindo, só encontraria o selvagem hostil, êsse não pode fazer côro aos remoques dos sábios de gabinete. Não receio dizer que aos missionários se deve a quasi totalidade das descobertas da geografia moderna, porque é bem raro que o mais afoito viajante se possa vangloriar de não ter sido precedido por êstes pioneiros da civilização evangélica: primeiro o padre, depois o naturalista; tais são no deserto, os precusores da raça branca. Nossa descida do Amazonas, numa extensão de cêrca de 800 léguas, foi uma simples viagem de recreio, comparada com os nossos trabalhos passados; os magníficos produtos dêste belo rio nos forneciam objetos constantes de estudos, e as raças caraibas

que lhe habitam as margens juntavam, por seus singulares costumes, novo interesse a nossas pesquisas. Embarcados no Pará em um barco a vapor que o Governo brasileiro puzera à minha disposição, com essa amabilidade a que me habituara durante todo o decorrer de minhas viagens, fomos para Caiena”.

O resultado botânico, apesar dêsses *esboços numerosíssimos de plantas*, é muito pobre, quasi nulo mesmo para o conhecimento de nossa flora, tendo WEDDELL, que era o botânico da expedição, publicado apenas a sua *Chloris andina*, na qual, como se vê pelo título, se preocupa apenas com a flora de altitude (22).

Passam-se doze anos da estadia de CASTELNAU no Pará e 25 da partida de PÖEPPIG quando aí chega o grande botânico inglês RICARDO SPRUCE, no brigue *Britania*, em 12 de julho de 1849, depois de 35 dias de viagem. Realizou o botânico inglês, em sentido inverso, quasi a

---

(22) São ainda de ALBERTO SAMPAIO as seguintes palavras sobre a botânico da expedição CASTELNAU: “Segue-se em 1844-1845 a proveitosa herborização do grande botânico inglês HUGH ALGERNON WEDDELL, discípulo de ADRIANO DE JUSSIEU. Vindo de Goiás, WEDDELL penetrou no Estado de Mato-Grosso na altura e direção de Cuiabá, indo em seguida atravez da Chapada até à serra do Tombador; daqui voltou a Cuiabá e Albuquerque, pelo rio Mondego, até Miranda, de onde retrocedeu ao rio Paraguai que subiu até S. Luis de Cáceres; fazendo de S. Luis centro de pequenas excursões foi a Cuiabá e Poconé, depois aos rios Cabaçal e Vermelho e Porto Bueno, tomou em seguida rumo dos rios Jaurú e Guaporé até Vila Bela, de onde seguiu para a Bolivia, passando por Casal Vasco, em agosto de 1845. WEDDELL é frequentemente citado nos tratados florísticos referentes ao Brasil; em muitas de suas exsiccatas, porém, não ha a indicação exata do local da respectiva colheita no Estado. Sem escrever trabalho especial sobre sua herborização em Mato-Grosso, parcela aliás muito pequena de sua grande viagem pela América do Sul, WEDDELL contribuiu no entretanto enormemente para a fitografia matogrossense, tendo coligido no Estado importante material, no qual encontrou numerosas novas espécies que em grande parte descreveu”.

mesma viagem de POEPPIG. Demorou-se em território brasileiro quasi seis anos, aquí herborizando de julho de 1849 até maio de 1855, passando ainda tempo mais longo nos Andes do Perú e do Equador, voltando à pátria pelo Pacífico, embarcando em Paita a 1.º de março de 1864. Deixou dessa sua longa viagem volumosissimo diário que seu grande amigo WALLACE (de quem adiante falaremos) resumiu em dois interessantissimos tomos, cheios de observações das mais valiosas, quer quanto à botânica propriamente, como sôbre etnografia e sobretudo sôbre a vida social da amazônia nesse meiado do século XIX. Dêsse precioso livro — *Notas de um botânico sôbre o Amazonas* já tivemos occasião de tratar, quando mais particularmente nos ocupámos com as impressões dos Ingleses sôbre o nosso país, e as de SPRUCE foram das mais simpáticas e imparciais. Desta sua longa expedição de herborizador infatigável levou SPRUCE material de estudo para várias gerações. A êle devemos, porém, apenas algumas pequenas memórias publicadas em jornais científicos de seu país.

Há uma expedição ao Amazonas quasi desconhecida, talvez pela confusão de nomes entre o Príncipe MAXIMILIANO DE WIED e o Imperador MAXIMILIANO do México. Esteve êste em nosso país em 1859 e princípios de 1860, vindo em sua companhia o botânico HENRIQUE WANZA, que aquí herborizou, publicando os resultados de suas pesquisas em um pequeno livro — *Botanische Ergebnisse der Reise seiner Majestat des Kaisers von Mexico nach Brasilien* (1859-1860).

Entre a expedição SPRUCE e a viagem de WANZA tivemos a visita da grande expedição científica da fragata austriaca *Novara*, que, sob o comando de WULLERSTORF-ARBAIR fez longo cruzeiro de circumnavegação, que durou de 1857 a 1859. A descrição da viagem é feita pelo Dr. CARLOS VON SCHERGER, sendo naturalistas da expedição

FRAUENFEID e HOCHSTETTER. Foi o Rio de Janeiro o único ponto visitado da costa brasileira, demorando-se a *Novara* em nosso porto de 5 a 31 de julho de 1857, tendo os naturalistas feito apenas uma excursão a Petrópolis. Foram os expedicionários recebidos no Instituto Histórico e na efêmera Palestra Científica. Com uma tão curta permanência e tão pequena zona visitada (e das mais conhecidas) não se podiam esperar brilhantes resultados para o conhecimento da natureza do Brasil. Os referentes à nossa flora são mesmo nulos.

Por êsse tempo (do qual ainda não apresentamos grandes diferenças) vivíamos do reflexo da ciência estrangeira, copiando o que faziam, animando-nos ao calor das suas iniciativas. Era muito natural, portanto, que a passagem pelo Rio de Janeiro de uma expedição científica, o entusiasmo da jovem Palestra Científica, as cerimônias das recepções aos naturalistas que se iam por longínquas terras, levados apenas pelo amor desinteressado da ciência, enchessem de entusiasmo aos nossos estudiosos e chamassem por momentos a atenção dos políticos para as coisas do espírito, contagiando-os nessa febre de julho de 1857. O Instituto Histórico, com o seu grande prestígio (graças a Deus até hoje conservado) e o apôio que lhe dava D. PEDRO II, propôs ao Governo Imperial que fôsem exploradas as províncias menos conhecidas do Império, indicando, muito sabiamente, as províncias do Nordeste, especialmente o Ceará, que vinha de ser assolado por uma dessas periódicas sêcas. Organizou-se desde logo, atendendo a êsse patriótico apêlo do nosso Instituto, uma grande Comissão científica, da qual faziam parte o etnógrafo GONÇALVES DIAS (o nosso grande poeta, apaixonado pelos nossos Índios, aos quais, apesar das suas lentes côm de rosa, sabia compreender), o zoólogo MANUEL FERREIRA LAGOS, adjunto da secção de Zoologia e Anatomia

comparada do Museu Nacional, o botânico FRANCISCO FREIRE ALEMÃO, chefe da secção de botânica do mesmo museu, o geólogo GUILHERME SCHUCHT DE CAPANEMA, chefe da secção de Mineralogia e, como médico, MANUEL FREIRE ALEMÃO. Durante dois anos reuniu a Comissão científica a bibliografia necessária, com um zelo e competência que demonstram bem o alto valor dos expedicionários. Os volumes mais preciosos da Biblioteca do Museu Nacional, que a fazem a mais rica do Brasil em zoologia e botânica, têm todos os carimbo da Comissão científica. Em 1859 partiram os expedicionários para o Ceará. Talvez pela excessiva demora em Fortaleza, houve certos desmandos por parte de alguns dos seus membros. Na Câmara dos Deputados um representante a chamou *Comissão defloradora*, pedindo a sua extinção, e o historiador MELO MORAIS enche de remoques e impropérios os *comissionados das borboletas*. Esta designação dada pelo sizado MELO MORAIS mostra bem qual era nessa metade do século XIX a opinião sobre os naturalistas, mesmo entre os intelectuais: loucos, às vezes inofensivos, que cuidavam de coisas inúteis. Estranhando o estouvamento ou a leviandade de certos dos seus companheiros, “como resignada testemunha de um sem número de aflições e contrariedades”, durante dois anos herboriza FREIRE ALEMÃO no Ceará, tendo colhido cerca de vinte mil amostras de plantas, auxiliado em seu trabalho por seu sobrinho MANUEL, mais interessado na parte médica. Se outro resultado não tivesse a Expedição brasileira, bastaria esse magnífico volume da *Flora Cearense*, publicado por FRANCISCO FREIRE ALEMÃO para compensar os dissabores sofridos. Temos ainda uma longa memória sobre as plantas medicinais, de autoria de MANUEL FREIRE ALEMÃO.

A expedição AGASSIZ não se preocupou com o estudo da nossa flora.

No dia 31 de julho de 1872 chegou ao Rio de Janeiro a missão científica belga, chefiada pelo grande biólogo EDUARDO VAN BENEDEN, tendo como auxiliares WALTHER DE SELYS LONCHAMPS, zoólogo e CAMILO VAN VOLXEM, botânico. Os resultados científicos da expedição foram relatados por seu chefe no volume XXXV do Boletim da Academia Real da Bélgica. Limita-se a missão belga às províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, visitando Petrópolis, Pedra Açú, Teresópolis, Juiz de Fora, Barbacena e S. João d'El-Rei.

Em maio de 1892 o Governo, dando cumprimento ao que determinava a Constituição Federal, mandou chamar o Dr. LUIS CRULS para chefiar a Comissão de exploração do Planalto Central do Brasil e determinar aí a área destinada à futura Capital Federal. A 9 de junho partiu a comissão, levando CRULS como auxiliares aos astrónomos OLIVEIRA LACAILLE e HENRIQUE MORIZE, o geólogo EUGENIO HUSSAK, o botânico ERNESTO ULE e o higienista ANTONIO MARTINS DE AZEVEDO PIMENTEL. Chegada a comissão a Pirenópolis a 1.º de agosto, começaram desde logo os seus trabalhos. De suas pesquisas foram publicados, no referente à flora, uma carta de GLAZIOU ao chefe da expedição, o relatório de ERNESTO ULE e algumas considerações no relatório do higienista AZEVEDO PIMENTEL.

Em fevereiro e março de 1894 e depois em janeiro e fevereiro de 1895 foi em excursão à serra do Itatiaia o subdiretor da secção de Botânica do Museu Nacional ERNESTO ULE que no volume IX dos Arquivos do Museu Nacional dá uma vista do conjunto sobre a flora de altitude dessa região. Em 1902 a mesma serra foi visitada por E. DUSEN que também teve ocasião de falar da sua flora em artigo publicado no volume XIII da mesma publicação.

ANDRÉ FREDERICO REGNELL que, como o dinamarquês GUILHERME LUND, passou no interior do Brasil a maior parte da sua existência, exercendo a clínica em Poços de Caldas, tendo enriquecido, já em vida dera os fundos necessários para que viessem estudar a nossa flora os jovens botânicos suecos GUSTAVO LINDBERG, que aqui esteve de 1854 a 1855; SALOMÃO EBERHARD HENSCHEN, de 1867 a 1869, e CARLOS HJAJMAR MOSEN, de 1873 a 1876. Estas três expedições suecas se limitaram à região do cerrado em Minas Gerais e uma grande parte do material coligido, que está todo no chamado *Herbário Regnelliano* do Museu botânico de Estocolmo, ainda não foi descrito. Por sua morte deixou REGNELL importantíssimo legado para o estudo da botânica e especialmente da flora brasileira. Os primeiros beneficiários foram CARLOS AXEL LINDMANN e GUSTAVO ANDERSON MALME que vieram ao Brasil em 1892, chegando ao Rio de Janeiro em 13 de agosto, constituindo a chamada primeira expedição REGNELL. Pouco depois partiram os dois botânicos para Porto Alegre, demorando-se no Rio Grande do Sul de 6 de janeiro a 14 de fevereiro de 1893, seguindo por terra para Montevideo, de onde seguiram para Mato-Grosso, subindo o Paraguai, o São Lourenço e o Cuiabá até à Capital do Estado, visitando a seguir a serra de São Jerônimo, os campos de Buritizal e Santana da Chapada, continuando daí, por Diamantina, até à serra de Tapira-poa. Vieram pelo rio dos Bugres até Santa Cruz e voltaram para Cuiabá, de onde tornaram ao Rio e daqui para a Suécia. O material coligido por esta primeira expedição Regnell foi estudado por vários especialistas suecos, alemães, franceses (23).

(23) O material coligido pela primeira expedição Regnell foi estudado: por BORGE e BÖHLIN as algas; ROMEIL, BROTHNERUS e STARLECH e JUEL os fungos; MAINE e LYNGE os líquenes; STEPHANI as hepáticas; LINDMANN as ciperáceas e leguminosas; SYLVEN

Precedera de pouco a expedição suéca a expedição inglesa a Mato-Grosso, chefiada por CARLOS WARD, e na qual vinha como botânico SPENCER LE MARCHAND MOORE, quasi com o mesmo itinerário de LINDMANN e MALME. Subiram o Paraguai em fins de 1891, indo como os suecos até Cuiabá e visitando a serra de Chapada, Diamantina e Tapirapoan, mas desceram o Paraguai até São Luís de Cáceres e pelo mesmo rio seguiram para Buenos Aires, onde embarcaram para a Inglaterra.

SPENCER MOORE, em trabalho publicado em 1895, deu o catálogo dos Fanerógamos por êle coligidos, com descrição de várias espécies novas, fazendo ao mesmo tempo o estudo do clima e das formações vegetais matogrossenses da zona percorrida pela expedição, como primeiro trabalho fitográfico, florístico e ecológico do extremo oeste brasileiro.

Em 1897 o diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro JOÃO BARBOSA RODRIGUES visitou extensa zona do oeste de Mato-Grosso, desde o Paraguai até Cuiabá, Chapada e Serra de São Jerônimo, explorando a flora marginal dos rios Paraguai, São Lourenço e Cuiabá e quasi todos os seus afluentes, em percursos variáveis com a importância do afluente e variedade da sua flora. De volta ao Rio de Janeiro publicou logo no ano imediato duas notáveis monografias sôbre os resultados da sua viagem (22).

---

as utriculáriáceas, SKOTTSBERG as malpiguiáceas, FRITSCH as gamopétalas e MALME as xiridáceas, burmaniáceas, umbelíferas, gencianáceas, caparidáceas, miristicáceas, apocináceas, leguminosas, voqui-siáceas, passifloráceas, aristoloquiáceas, caliceráceas, violáceas, vitáceas, ramnáceas, eriocauláceas, compostas e asclepiadáceas. Sobre o material da segunda expedição Regnell escreveram FRIES sobre as anonáceas e MALME sobre as gencianáceas e umbelíferas.

(24) Essas monografias que o juízo insuspeito de PILGER, considera como "preciosas contribuições ao conhecimento da flora de

Na segunda expedição geográfica ao Xingú de HERMAN MEYER, em 1899, seguiram como botânicos o professor ROBERTO PILGER e CRISTIANO TEODORO KOCH. Penetrando no Estado de Mato-Grosso pelo rio Paraguai, internaram-se os botânicos alemães até às nascentes do rio Coliseu, através das cabeceiras dos rios Cuiabá, Parana-tinga, Romuro, Jatobá e Batoví. Os fungos colhidos nessa expedição foram estudados por HENNINGS, as algas por SCHMIDTE e os vegetais vasculares por PILGER, que descreveu um gênero, 43 espécies e 25 variedades novas para a ciência.

Em 1902 e 1903 GUSTAVO ANDERSON MALME, que fizera parte da primeira expedição Regnell, voltou ao Brasil, seguindo o mesmo itinerário da primeira expedição, desta vez para coligir exclusivamente vegetais vasculares, sendo os resultados desta segunda expedição Regnell em parte publicados ao mesmo tempo que os da primeira.

Em 1908 na comissão brasileira de limites GUILLOBEL seguiu como farmacêutico o botânico CESAR DIOGO que, diz A. SAMPAIO, "aproveitando momentos de lazer, coligiu importante material que ofereceu integralmente ao Museu Nacional, tendo herborizado nos vales dos rios Paraguai, Jaurú, Verde e Guaporé e nas margens das Lagoas de Cáceres e Guaira".

---

Mato-Grosso", foram *Plantae matto-grossenses* e *Palmae matto-grossenses*. De BARBOSA RODRIGUES escreve ALBERTO SAMPAIO "Barbosa Rodrigues bateu-se denodadamente contra o errôneo e pouco lisongeiro pressuposto de que em nosso país não eram em seu tempo possíveis os trabalhos de classificação de plantas, pressuposto que se levantava diante do seu demonstrado patriotismo como uma resistente barreira que ele derribou a golpes de talento, de abnegação e de desinteressado esforço". E já antes escrevera HERMANN VON IHERING: "Seus trabalhos e suas descobertas estão definitivamente incorporados aos alicerces do edifício monumental que nos representa a exploração científica do Brasil".

Data desse mesmo ano de 1908 o início das notáveis expedições RONDON, das quais foram botânicos FREDERICO CARLOS HOEHNÉ e J. GERALDO KUHLMANN, ambos brasileiros, apesar dos nomes teutos.

HOEHNÉ foi o botânico das duas primeiras expedições RONDON, de junho de 1908 a novembro de 1909 e de dezembro de 1910 a abril de 1912, seguindo o itinerário a que já fizemos referência (25) e da comissão ROOSEVELT-RONDON de 19 de novembro de 1913 a 23 de janeiro de 1914, tendo subido o rio Paraguai e visitado S. Luis de Cáceres, Porto do Campo, Tapirapuan e Salto da Felicidade.

GERALDO KUHLMANN foi o botânico da terceira expedição RONDON, tendo subido o rio Paraguai até Corumbá, seguindo daí para Coxipó da Ponte, rios São Lourenço, Itiquira, Correntes, Piquirí, vila Coxim, rio Taquari, S. Luis de Cáceres, Tapirapuan, Juruena, Campos Novos, Campos de Comemoração de Floriano, rio Juruena, rio Tapajoz, tendo regressado ao Rio de Janeiro por mar. Acompanhou depois a expedição ao Arinos e Tapajoz em 1914-1915, indo pela Noroeste até Corumbá, daí seguindo para Cuiabá, Coxipó, Chapada, cabeceiras do Arinos, rios Juruena e Tapajoz.

---

(25) Em sua primeira viagem, de junho de 1908 a novembro de 1909 fez HOEHNÉ o seguinte percurso: rio Paraguai, S. Luis de Cáceres, Serra do Amolar, rio Jaurú, Tapirapuan, rio Juruena, rio Tapajóz, rio Agua Verde, rio Papagaio, campos dos Parecis, Juruena, Tapirapuan, S. Luis de Cáceres, rio Paraguai. Na segunda viagem, de dezembro de 1910 a abril de 1912 foi este o seu itinerário: rio Paraguai, Cuiabá, Coxipó da Ponte, nascentes dos rios Aricá e Coxipó, Casa da Pedra, rio Manso, rios S. Lourenço, Piquirí, Correntes e Itiquira até Coxim, rios Coxim e Taquari, Corumbá, S. Luis de Cáceres, rio Sepotuba, rio Juruena, Comemoração de Floriano, Campos Novos, Serra do Norte, córrego do Espirito, Comemoração de Floriano, rio Juruena, rio Tapajóz e Belém.

O rico material coligido por HOEHNE e KUHLMANN foi estudado por êsses dois botânicos e mais por ALBERTO SAMPAIO e CESAR DIOGO, brasileiros, HARMS de Berlim e ALFREDO COGNIAUX, de Bruxelas.

MIGUEL ARROJADO LISBOA deu aos trabalhos da Inspectoria de Obras contra as Sêcas a feição de uma verdadeira expedição científica e já vimos os resultados brilhantes e úteis dos seus geólogos. Para os estudos botânicos foram indicados a princípio ALBERTO LOEFGREN, que publicou umas notas botânicas sôbre o Nordeste, em 1910. Nesse mesmo ano de 1910 veio ao Brasil, comissionado pela Academia de Ciências de Munich, o Dr. LUETZELBURG, principalmente para estudar a flora higrófila. Convidado por ARROJADO LISBOA para substituir a LOEFGREN, dedicou-se LUETZELBURG ao estudo de uma flora inteiramente diversa da que viera observar e, percorrendo todos os estados do Nordeste, condensou em alentada Monografia — *Estudo botânico do Nordeste* — os resultados de suas pesquisas, apresentando a primeira classificação científica das caatingas (26), na qual se vê que os sertanejos, com o seu espírito de observação, singelo e agudo, rivalizam às vêzes com os sábios.

Em 1912 veio ao Amazonas, especialmente para estudar as condições ecológicas da hévea a comissão inglesa de AKERS, RANDLE e LUGONES, tendo por fim dar uma clara e exata descrição dos aspectos característicos do Alto e Baixo Amazonas e seus tributários. AKERS chegou a Belém no dia 8 de agosto de 1912, partindo a 15 do mesmo mês para o rio Mojú. RANDLE e LUGONES chegaram ao

---

(26) Divide LUETZELBURG as caatingas em arbustivas, subdivididas em nove tipos, e arbóreas, com tres; os nove primeiros tipos estão encerrados nas divisões dos sertanejos em caatingas baixa, verdadeira e mestiça, correspondendo a caatinga arbórea do botânico alemão à caatinga alta dos sertanejos.

Pará a 19 de agosto, partindo pouco depois a unir-se com o seu companheiro.

Em 1923 veio ao Brasil uma missão oficial Norte-Americana de Estudos da Bacia do Amazonas, chefiada por W. L. SCHUYZ e trazendo como técnicos o Dr. C. F. MARBURT, especialista em solos, os botânicos CARLOS D. LA RUE e JAMES R. WEIR e o entomólogo E. L. PRIZER. O Ministro da Agricultura, Dr. MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA nomeou para acompanhar a expedição americana o geólogo AVELINO INÁCIO DE OLIVEIRA, como chefe da missão brasileira e o botânico JOÃO GERALDO KUHLMANN, sendo o primeiro encarregado das sondagens geológicas do vale do Amazonas. Estudou a comissão o vale do Madeira, explorando o rio Pacanova e os seus afluentes, rios Beni, Madre de Diós e Abunan, passando daí, por um varadouro, para o rio Acre, descendo para Manáus pelo Purús. No Estado do Pará visitaram o Trombetas, o Tapajoz, o Xingú e o Tocantins. Seguiram de Belém, por mar, para a Baía, onde visitaram a região do Rio das Contas.

Na expedição RONDON à serra de Tumucumac, de setembro de 1928 a janeiro de 1929, seguiu como botânico o professor ALBERTO JOSÉ DE SAMPAIO, do Museu Nacional que em nota prévia de seus estudos nessa expedição escreve:

“O estuário do rio Cuminá apresenta três tipos fitosociológicos, sucessivos: zona florestal ou do sul; zona de charravascal ou intermédia; zona campestre (de serrados claros) ou do norte, na qual há pestanas do rio e de igarapés, buritisais e assaisais. A zona florestal é nitidamente amazônica com suas características de terra firme. Estende-se até quasi o sopé do Morro do Tocantins na margem direita e cessa muito antes na margem esquerda, onde é seguida de chavarrascais, mas prossegue até à serra

de Tumucumac, com variantes florísticas e descontinuidades, como pestana de rio ou mata marginal, por vêzes muito delgada, para depois cobrir tôda essa serra. A zona do charravascal repete zonas idênticas de charravascals de Mato-Grosso. A zona campestre repete também formação florística idêntica à do Planalto Central do Brasil”.

Desde o comêço do século atual, a princípio em companhia de HUBER, tem explorado o vale do Amazonas o botânico ADOLFO DUCKE (27).

---

(27) Permito-me transcrever as palavras de ADOLFO DUCKE, na conferência pronunciada na *Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica*: “Iniciei-me na botânica amazônica no comêço do atual século, quando ao serviço do extinto Dr. JACQUES HUBER, de quem me lembro de ter sido discípulo. Fôra HUBER o primeiro botânico fixado definitivamente na região, podendo empreender estudos que, por exigirem observações longas, estavam além do alcance dos cientistas itinerantes anteriores; a ele devemos não só a classificação de numerosas espécies novas de essências florestais e conhecimento aprofundado de árvores uteis, como ainda os primórdios da fitogeografia da Amazônia no sentido da subdivisão dessa região imensa e de flora só aparentemente homogênia. A atividade de HUBER, como fundador do serviço botânico do Museu Paraense e, mais tarde, diretor do mesmo estabelecimento, fez que os seus estudos tivessem por ponto inicial o Pará, de onde se teriam irradiado pela região se a morte prematura do cientista, em 18 de fevereiro de 1914, não lhes tivesse posto fim. Utilizei os alicerces deixados por HUBER para continuar a exploração botânica da região. Segui-lhe as diretrizes depois de ter, a convite do saudoso diretor PACHECO LEÃO, accito meu atual cargo no Jardim Botânico, e conservei para os estudos nos primeiros dez anos o mesmo ponto de partida, o qual no segundo decênio dos trabalhos, transferi para o Amazonas. Adido ultimamente à Comissão demarcadora das fronteiras do Brasil do setôr oeste, cheguei a conhecer o extremo noroeste daquele Estado, sobre cuja flora magnífica acabo de apresentar um estudo fitogeográfico”.

## CAPITULO VI

### EXPEDIÇÕES ZOOLOGICAS

AQUELA flamante expedição que deixou o Tejo nessa segunda-feira, nove de março de 1500, em busca das terras do ocidente, trazia uma finalidade tãda geográfica, mas a podemos considerar igualmente a primeira expedição zoológica. Era a expedição dos eníguas porque, se tinha como finalidade real buscar a terra que antes, em missão secreta, já lobrigara DUARTE PACHECO, deixou durante séculos em suspenso se a viagem *por êsse mar de longo* tinha sido premeditada ou, como absurdamente durante séculos se acreditou, era fruto do acaso. Expedição dos eníguas para a zoologia, por isso que as primeiras referências à nossa fauna são outros tantos problemas a desafiar a argúcia das exegeses.

No dia 22 de abril de 1500, pela manhã encontram os navegantes "aves a que chamam furabuchos". Quatro dias depois, indo os marinheiros buscar marisco "acharam alguns camarões grossos e curtos, entre os quais vinha um muito grande camarão e muito grosso, que em nenhum tempo o vi tamanho", diz CAMINHA. Do furabucho pode-se apenas dizer que seria um procelariiforme (1).

---

(1) No *Catalogo das aves do Brasil* de OLIVÉRIO PINTO encontramos, correspondendo à designação vulgar de fura-bucho, duas aves do gênero *Pterodroma*: a *P. macroptera macroptera* e *P. arminjoniana*. Talvez fossem estas aves, mas é mais provavel que os marujos portuguezes tivessem visto outro procelariida, que ocorre em todo o Atlântico, o *Puffinus puffinus puffinus*, a que chamam no Rio Grande do Sul de bobo (numa tradução do *fou* dos francêses?), e ao qual já se referem BERNARDIN DE SAINT-

Quanto a esse camarão curto e grosso só há de positivo que não era camarão (2).

Na zoologia dos Cronistas estão misturadas observações de agudo senso crítico e lendas que se formam ao sabor da fantasia. Os anotadores dos escritos zoológicos dos séculos XVI e XVII do Brasil não raro se deixaram impressionar pelo nome comum e, sem que tenham querido ler as descrições, fazem, às vezes, absurdas identificações. Acrescente-se ainda o critério de muitos zoólogos do século passado (e infelizmente alguns deste século XX), querendo à viva força comparar faunas do norte e do sul, nomes de AZARA e MARCGRAVE, contribuindo para emaranhar cada vez mais o novelo dos primeiros conhecimentos faunísticos, traçando um labirinto no qual é impossível encontrar uma saída.

E' óbvio que as narrativas dos cronistas tiveram sempre como escopo os animais *bons de comer*, as feras, os que eram perigosos por suas peçonhas, os de estranho aspecto, sem que pretendessem fazer uma relação sistematizada.

---

PIERRE, COOK e PÉRON, como sendo dos melhores indícios de aproximação de terra, quando aparecem em bandos, tanto que se diz que PILGRIM mandou a DELANE descobrir "aquela terra onde esvoaçam aquelas aves".

(2) Na carta de CAMINHA não está bem claro se os tais camarões foram apanhados na praia do mar ou se na ribeira onde se foram prover de água doce. Neste último caso é bem claro que seriam pitús (*Macrobrachium acanthurus*), de dimensões avantajadas. (Embora mais propriamente lhes parecessem lagostas). Crustáceos marinhos correspondendo às referências vagas do Escrivão, só conhecemos as tamburutacas, uma das quais, a *Lysiosquilla scabricauda* poderia ser esse camarão tão grande "que em nenhum tempo se viu tamanho", como diz CAMINHA. Aliás ainda hoje os pescadores portugueses, tendo em vista esse aspecto que lembra *grosso modo* o do camarão, chamam às tamburutacas *mães do camarão*.

Trinta anos depois de CAMINHA encontramos o primeiro ensaio de descrição de nossos animais, dos quais, como pouco mais tarde escreveria MANUEL DA NOBREGA, "nunca conheceu PLÍNIO nem deles deu notícia". No *Diário da Armada que foi à terra do Brasil em 1530* se refere PERO LOPES DE SOUSA às nossas antas, que "são como potros novos e do parecer deles".

No seu interessante ensaio *Os portugueses no século XVI e a fauna brasílica* escreve o naturalista luso CARLOS FRANÇA: "A noção clara que tinham os portugueses, visitando o Novo Mundo, de que a fauna americana diferia essencialmente da dos outros continentes, que eles anteriormente tinham percorrido, levou-os a serem excessivamente minuciosos na descrição dos animais brasílicos. Por uma feliz coincidência, se é que como tal se pode interpretar, foram precisamente os animais representantes de famílias exclusivamente da América meridional que eles melhor descreveram".

E mostra o mesmo sábio como, mais de dois séculos antes de BUFFON e mais de três antes de SCLATER e WALLACE, já o Padre MANUEL DA NOBREGA chamara a atenção para as diferenças biogeográficas (digamos assim) entre o Brasil e terras de Espanha (3). Devemos a ANTONIO GALVÃO (1563) a primeira descrição, muito mais correta que a de MARCGRAVE, da bolsa marsupial das gambás (4). Impressionavam sobretudo aos jesuítas, que já

---

(3) São das *Cartas do Brasil* estas palavras: "Semelham os montes grandes jardins e pomares que não me lembra ter visto pano de raz tão belo. Nos ditos montes há animais de muitas diversas feituradas, quais nunca conheceu PLÍNIO, nem deles deu notícia, e ervas de diferentes cheiros, muitas e diversas das de Espanha; o que bem mostra a grandeza e beleza do Creador no tamanho, variedade e beleza das creaturas".

(4) Comparem-se este trecho do Jesuíta: "& depois que parem hos filhos, tornam-se a meter por hum buraco que tem

por êsse tempo se destacavam entre os outros viajantes pelo seu grande saber e espírito agudo de observação, os nossos estranhos xenartros: o tamanduá que, “quando acometido pelas outras feras, senta-se e, com os braços levantados, espera o ataque, com um só golpe penetra-lhe as entranhas e mata-as” (5); os tatús “aos quais a natureza armou de coçolete, espaldar, coxete, manoplas e tôdas as peças com que a arte depois aprendeu a armar um homem” (6); a preguiça que se sustenta “de certas folhas de figueira e por isso não pode vir a Portugal porque, como lhe faltam, morre logo”. Longe nos levaria, porém, êsse respigar dos mais sábios dos zoólogos: — aqueles que aprenderam no livro da natureza e não nos alfarrábios copiados de Plínio e de Aristóteles. Em outro

---

junto da natura: neste antrefolho da barriga tem hũa mama cô que hos cria...” e est’outro, muito menos certo, de MARCGRAVE: “Haec bursa ipsa uterus est animalis, nam alium non habent, uti ex sectione illius comperi: in hac semen concipitur & catuli formantur...”

(5) A mesma observação encontramos no poema de D. MARTIN DE MARCO CENTENERA:

“El Yumini que es oso hormiguero  
 A quien non espantara su compostura,  
 Por boca tiene un muy chico agujero,  
 Como un novillo grande y da hechura  
 De eloso aca comun, no es carnicero,  
 Y privale de serlo la angostura  
 De la boca, mas vence al tigre fuerte,  
 Causandole por hambre cruda muerte”.

(6) Ao descrever de modo tão pitoresco os nossos tatús, conclue com espírito e agudeza o padre GASPAR AFONSO: “E se Deus e a natureza não fazem cousa de balde, como ARISTÓTELES diz, bem pudera entrar entre seus problemas este: Por que a Natureza armaria a este animal de tais armas? Ou por que lhe estimaria ou guardaria tanto a vida, para lha segurar tanto nas garras?”

livro (*A zoologia dos Cronistas e os seus anotadores*) mais de largo trataremos do assunto. Lembremos apenas, antes de seguir nosso roteiro, que no Padre GASPAR AFONSO encontramos as primeiras observações sôbre os peixes voadores e ao curioso costume das rémoras (7).

Da expedição PEDRO TEIXEIRA (28 de outubro de 1637 a 3 de março de 1640) merecem referência especial, no livro do Padre CRISTOBAL DE ACUÑA os capítulos XXV a XXVIII, que mostram o atilamento do jesuíta espanhol, nada ficando a dever as suas descrições às do próprio MARCGRAVE. Assim, falando do peixe-boi, "peixe que de tal só tem o nome", nos informa que "é do tamanho de um bezerro de ano e meio e na cabeça, se tivesse chifres e orelhas, não se diferenciaria dele; tem por todo o corpo alguns pêlos, não muito compridos, a modo de cerdas moles, e se move dentro d'água com dois braços curtos, que em forma de pás lhe servem de remos, debaixo dos quais mostra a fêmea os seus peitos, com que nutre com leite os filhos que pare; do couro, que é muito grosso,

---

(7) A respeito dos voadores escreve: "Nestas festas que os peixes vão fazendo às Naus, são grandes figuras os que chamam de voadores, que são de um palmo, maiores ou menores. Não têm mais que duas barbatanas, as quais começando junto à guela vão estendidas, cada uma pelo seu lado, do comprimento do mesmo peixe. E o pior é que, como os peixes grandes, a quem eles fugiam da boca, sabem quão fingidas são aquelas asas, e quão prestes o coitadinho do Icaro ha-de cair sobre as águas, o vão seguindo por baixo com tanta ligeireza e velocidade, como ele vôa por cima, até que derretidas as asas lhe cae a pique na boca".

E sobre a rémora (ou peixe-piolho): "Mas porque como nobres não poderiam por si fazer estes caminhos, encostam-se aos tubarões que lhes vem fazendo os gastos, sustentando-se das suas migalhas, que são muitas e grossas as que de sua mesa sempre vão caindo, por ser larga e mui abastada... É para esse efeito de segurança sua nunca lhes saem das costas contrapostas à boca que vai por baixo".

fazem adargas os guerreiros e tão fortes, que bem curtido, não o atravessa uma bala de arcabuz; só se sustenta da erva que pasce, como se fôsse boi verdadeiro; debaixo d'água sustém pouco o anhérito, e assim, onde quer que ande, levanta a meúde o focinho para cobrar novo alento”.

Observa que as tartarugas, “tão grandes e maiores que rodela de bom tamanho, saem a desovar na praia, occupando-se cada qual em fazer a cova onde pretende deixar os ovos”. E tratando das *caças do monte* acentua que os nossos porcos montezes (que, como durante mais de dois séculos se acreditou, diz “terem o umbigo nas costas”) (8) não são javalis “*os dois gêneros muito diversos*”.

A sua descrição dos efeitos do peixe eléctrico, em um tempo em que nem se sonhava com a electricidade, é realmente digna de ser transcrita:

“Muitos deles (*fala dos peixes*) são de particularísimas propriedades, como é a de um peixe, que os índios chamam peraquê, que é a modo de uma enorme enguia, ou por melhor dizer, como um pequeno congro, o qual tem a propriedade de, enquanto estiver vivo, quando lhe tocam tremem do corpo inteiro enquanto dura o contacto, como se tivessem um calafrio de quartans, cessando tudo no instante em que dele se apartam”. FERNÃO CARDIM observara o mesmo fenómeno com a nossa raia eléctrica ou treme-treme, escrevendo: “*Purá*. Este peixe se parece com arraia: tem tal virtude que quem quer que o toca logo fica tremendo, e tocando-lhe com algum pau, ou com outra qualquer coiza, logo adormece o que lhe põem, e

---

(8) Esta noção do embigo nas costas encontrâmo-la desde GANDAVO até MARCGRAVE e HERRERA. ANTONIO GALVÃO (1563) fala desses porcos “com embigos no espinhaço, que matando-os, se lhe não cortam fede logo”. LERV (1578) não fala de embigo mas de “un pertuis sur le dos par où il souille, respire et prêt vent quand il veut”. E ANTONIO HERRERA (1662) se refere a “porcos que tinham o embigo nas costas, e urinavam por aí”.

enquanto lhe tem o pau posto em cima fica o braço com que toma o pau adormecido e adormentado”. Erradamente RODOLFO GARCIA identifica o purá de CARDIM (que *se parece com arraia*) ao puraquê amazônico (do qual o jesuíta português não teve conhecimento) e que, como muito bem descreve ACUÑA é *a modo de uma enorme enguia ou, por melhor dizer, de um congro*.

E' do decênio seguinte a célebre expedição científica holandesa de PIES e MARCGRAVE, cujo histórico já resumidamente fizemos no capítulo anterior. Entregues a sábias mãos, por certo as anotações da tradução portuguesa da História Natural do Brasil de MARCGRAVE, sairão menos imperfeitas que os comentários até agora vindos a lume pelos nossos zoólogos. E' de lamentar que o escrúpulo piedoso de JOÃO DE LAET (e um pouco a sua ignorância em coisas de ciências naturais) não tivesse escoimado a parte zoológica de tão notável trabalho de algumas lendas e abusões que aí encontram guarida, certamente por as ter encontrado o editor entre as notas esparsas do seu amigo, e incapaz de distinguir o que era a opinião do naturalista, do que não passava de uma achega com que ilustrasse a parte referente a lendas ou dizeres. Daí alguns outros absurdos como êsse do beija-flor, com o bico espetado nos troncos das árvores, imóvel durante seis meses, até que volta a quadra da floração; ou a dêsse lagartinho azul *americim*, estranho *gourmet* que "*Lusitani affirmant cupidum ex fugendi sanguinem ex gravidis mulieribus*".

Na parte zoológica da obra de MARCGRAVE há a descrição de 368 animais brasileiros, sendo 46 mamíferos terrestres, 117 aves, 19 répteis e anfíbios, 131 peixes e crustáceos, e 55 artrópodes terrestres (insetos, miriápodes e aracnídeos). Como já era de prever, a parte referente aos invertebrados tem sido a menos versada pelos comen-

tadores e mesmo os especialistas a deixaram um pouco abandonada. CARLOS MOREIRA, ao publicar o seu Catálogo dos Malacostráceos do Brasil, embora cite de quando em quando a MARCGRAVE, esquece seis das nossas espécies mais comuns, facilmente identificáveis, e às quais atribue MARCGRAVE OS NOMES indígenas de ramaruguaçú (tamburutaca ou mãe do camarão), potiquiquiya (lagosta), potiquiauiya-yiexê (lagostim), guaricurú (camarão do mar), paranacará (paguro) e ciêciêti (tesoura).

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA foi sobretudo um zoólogo. A fauna o seduzia mais que qualquer dos outros reinos da natureza. Sua estréia literária é profligando o "*Abuso da Conchiliologia em Lisboa*", introdução a uma projetada monografia sobre os Vermes, que pretendia chamar *Teologia dos Vermes*. Os seus conhecimentos zoológicos facilitaram o seu estudo da nossa gente, considerando êle o homem, tal como o descreve no primeiro capítulo da sua *Memória sobre os Mamais*, apenas um gênero particular a ser tratado mais desenvolvidamente. A maior cópia dos manuscritos de RODRIGUES FERREIRA é referente à etnografia. De zoologia tem-se conhecimento de 14 trabalhos (dissertações, memórias e observações, como êle as foi denominando), dos quais já foram publicados quatro, sendo que de outros tantos apenas se tem notícia do título, sem que se saiba se estarão perdidos em algum arquivo ou de todo extraviados (9).

---

(9) São os seguintes os trabalhos zoológicos de ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA: *Observações sobre os mamais*, publicadas na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Baía, 1934, Vol. 6.º; *Memória sobre o peixe pira-urucú*, *Memória sobre o peixe boi e do uso que lhe dão no Estado do Grão Pará*, *Memória sobre iurara-retê*, todos publicados no vol. XII dos Arquivos do Museu Nacional, 1903; *Memória sobre tartarugas*, *Memória sobre jacarés*, *Relação dos peixes dos sertões do Pará e Animais da ilha de Marajó*, manuscritos conservados em nossa Biblioteca

As suas *Observações gerais e particulares sobre a Classe dos Mamais*, nos aparecem, agora que a Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Baía integralmente as publicou, obra perfeita para o tempo em que foi redigida. Segue RODRIGUES FERREIRA nessa monografia (pois como tal a devemos considerar) a classificação dos Mamais de RAY e para cada espécie dá o nome lineano (quando já conhecida), a bibliografia consultada e uma descrição sempre muito mais completa que a de LINNEU (ao qual, não raro, faz judiciosas restrições), dando os caracteres da cabeça: — face, olhos, orelhas, nariz, focinho; tronco e assentos; artos e cauda; anatomia interna. Completa essa parte morfológica ou sistemática um curioso estudo dos costumes do animal (tratando com aquela minúcia, que lhe era peculiar, da sua ecologia) e do seu emprego: usos médico, econômico e dietético (10)

E' muito prática a sua classificação dos nossos símios em diurnos e noturnos (estes com uma só espécie), divididos os primeiros em:

a) Barbados, com a cauda longa e convoluta: guariba negro e guarijuba ou guariba amarelo;

b) Barbados com a cauda reta: cuxiús, cuja "disposição do cabelo da cabeça representa um penteado de espertadeira";

---

Nacional; *Dissertação sobre a alvacora, Descrição do peixe arananão, Descrição do raconete, Memória sobre o alicorne do mar*, dos quais não se sabe o paradeiro.

(10) Descreve RODRIGUES FERREIRA 12 macacos, dos quais dá os nomes indígenas e portuguezes (e de vários a designação lineana), mostrando-se perfeitamente ao par da bibliografia, dois morcegos, 14 carneiros, salientando certas diferenças que modernos estudos vieram confirmar na caracterização de espécies, dez unglados, outros tantos roedores, todos os xenartros amazônicos, o peixe boi (do qual dá designação mais correta que muitos autores modernos), o boto e os marsupiais.

c) Imberbes com a cauda longa e convoluta: maricá-ucú ou barrigudo, coatá, caiarara, tapuá;

d) Imberbes com a cauda longa e reta: uaiáá-puçá, çaimiri, mariquiná, turupexuna ou boca preta e saguins.

Tivesse GOELDI lido essas *Observações gerais e particulares* e certamente não escreveria a respeito do naturalista baiano que “de assíduo colecionador deu manifestas provas mas o que deixou de manuscritos seus sobre zoologia e botânica é de pequeno calado científico”. Porque teria verificado o zoólogo suíço que em mais de um ponto a monografia do brasileiro é muito mais correta que o seu livrinho *Mamíferos do Brasil*, no qual se louvam muitos anotadores apressados. Assim quando RODRIGUES FERREIRA dá como designação científica do peixe boi *Trichecus manatus* está perfeitamente certo. Criticava GOELDI um manuscrito redigido um século antes; quanto não havia que reparar se algum zoólogo quizesse esmiuçar agora, menos de cincoenta anos passados da sua publicação, os livros de GOELDI! (11).

Ainda em fins do século XVIII esteve por alguns dias em Santa Catarina a fragata russa *Ruric* de comando de KOTZEBUE, a cujo bordo vinham como naturalistas CHAMISSO, que se celebrizou por seus estudos sobre as salpas, e ESCHSCHOLTZ, seu amigo e colaborador.

---

(11) Em conferência feita no Museu Nacional em 1916 MIRANDA RIBEIRO, depois de recordar que o trabalho de GOELDI sobre a doença do cafeeiro estava errado, continua: “Ora, isso pouco importa; o que nos importa e muito é que fora desse trabalho, no Museu e nos Arquivos o Dr. nada mais publicou. Mas de 1893 a 1894 e por conta da casa Francisco Alves, publicou tres livrinhos de zoologia popular, de divulgação. Os livrinhos do Dr. GOELDI têm, entretanto, os nomes científicos que nós, zoólogos, encontramos nos trabalhos mais antigos de BURMEISTER. E como nesses nomes científicos os referidos autores não empregaram as regras de nomenclatura hoje adotadas, o Dr. GOELDI foi obrigado a uma corrigenda.

Data de 1815 a primeira expedição científica estrangeira, especialmente destinada ao Brasil, por isso que as expedições holandêsa de PIES-MARCGRAVE e portugueza de RODRIGUES FERREIRA não podem ser consideradas como tais, por organizadas pelos dois países para o estudo de colônias suas; eram ao Brasil-Holanda e ao Brasil-Portugal que elas se dirigiam.

Foi muito pequena a contribuição zoológica das expedições das corvetas francêsas, que por aqui passaram entre as expedições do Príncipe MAXIMILIANO DE WIED e do Conde de CASTELNAU. O relatório da parte zoológica da viagem de *L'Uranie* é feita pelos naturalistas e médicos QUOY e GAIMARD, que traçam um primeiro esboço sobre a fauna do Rio de Janeiro e arredores, entusiasmados por este Brasil, cujo "nome lembra tudo o que a natureza possui de mais belo e mais fecundo". A melhor contribuição dos dois zoólogos é no domínio da ictiologia, dando boas estampas de 17 peixes da baía do Rio de Janeiro e dos rios que atravessaram em sua excursão a Friburgo. Das aves dão uma estampa do anum branco, porque "embora esta ave seja muito conhecida, ainda não se tem dela uma boa figura, pois as que MARCGRAVE e WILLUGBY fizeram gravar na madeira são inteiramente desprovidas de qualquer semelhança". Devemo-lhes uma nova espécie de gavião (*Rupornis leucorrhoea*), uma perereca (*Hyla fulva, corpore fulvo, dorso linea longitudinali nigra notato*, da qual não fala MIRANDA RIBEIRO) um bodum (*Gonyleptes acanthopus*) e êsse comunissimo molusco chora-vinagre ou tintureiro (*Aplysia longicauda*), que encontraram em abundância, "sobretudo por baixo do convento dos capuchinhos, perto da enseada da Glória, onde percorrem as pedras na maré baixa".

O relatório zoológico da viagem de *La Coquille* é quasi inteiramente escrito por LÉSSON, que começa cri-

ticando os comandantes das corvetas *L'Uranic* e *La Thétis* por terem entregue essa tarefa aos médicos das respectivas expedições. A sua contribuição ao conhecimento da nossa fauna se resume, à descrição e representação de um pequeno lagarto, o *Laphyrus brasiliensis*, do qual não encontramos referências no Catálogo de AFRANIO AMARAL.

A parte relativa à fauna, da expedição da corveta *La Venus*, só foi publicada em 1855. Os peixes foram descritos por VALENCIENNES (o continuador da obra de CUVIER), as aves por PRÉVOST e DES MURS e os reptéis por DUMÉRIL (que com BIBRON escreveu a grande *Herpetologia*), sem que em qualquer dos tres encontremos um só animal brasileiro, limitando-se os seus estudos faunísticos da América do Sul ao Chile e às ilhas Galapagos. VALENCIENNES lembra mesmo que “o almirante, que fez na campanha de *La Venus* bellissimas coleções zoológicas, só trouxe um pequeno número de peixes, preparados durante uma escala nas ilhas Galapagos. Dos mamíferos trata ISIDORE GHOFFROY DE SAINT-HILAIRE, que escreve um interessante capítulo “sobre os macacos americanos, compondo os generos *Callithrix*, *Saimiri* e *Nyctipithecus*”. E' curiosa e eloquente uma pequena nota ao *Saimiri ustus*: Hab. de Brésil (d'après mon père, qui a rapporté de Portugal le seul individu qui me soit connu)”.

Enquanto passavam assim apressadas as corvetas, tivemos a oportunidade de receber as expedições de MAXIMILIANO DE WIED, de GUILHERME SWAINSON, do botânico SAINT-HILAIRE (que fez igualmente rica colheita etnológica) e da grande expedição científica que acompanhou a imperatriz D. LEOPOLDINA, na qual, além dos barcos SPIX e MARTIUS se destaca pela importantíssima contribuição que as suas coletas trouxeram para o conhecimento da nossa fauna, o austríaco JOÃO NATTERER.

No dia 15 de maio de 1915 embarcou para o Brasil, a bordo do *Janus* o príncipe MAXIMILIANO ALEXANDRE PELIJE DE WIED, chegado ao Rio de Janeiro em fins de julho. No dia 4 de agosto, "depois de fazer em S. Cristovão, pequena aldeia dos arredores do Rio, os preparativos necessários", toma uma falua para a Praia Grande, indo consigo "dois moços alemães, SELLOW e FREYREIS, que conheciam os costumes e línguas do país", e tinham prometido acompanhá-lo ao longo da costa oriental, até Caravelas, ajudando-o em suas pesquisas. FREYREIS era mais que um simples guia, conhecendo bem a botânica e devendo-se a ele a descrição original de algumas plantas referidas por WIED, embora o fruto das herborizações do Príncipe fosse quasi todo entregue a SCHADER, professor em Goettingen.

A narrativa da viagem de MAXIMILIANO DE WIED é, ainda hoje, um encanto para o naturalista, pelo colorido das paisagens, pelas notas quasi sempre benévolas, pelas observações cheias de vida e perspicácia. Seguiu quasi sempre pelo litoral, passando por Saquarema, Maricá, Araruama até Cabo Frio. A 8 de setembro deixou Cabo Frio, passou por Barra de S. João, lagoa Feia, Campos, de onde fez uma pequena excursão a S. Fidelis, para visitar uma aldeia de índios. Continuou por S. João da Barra, Itabapoana, Iritiba e alcançou Vila-Velha do Espírito Santo, seguindo por terra para Caravelas, tendo explorado em caminho o baixo Rio Doce. No Mucuri ficou FREYREIS "com toda a sua gente", prosseguindo o príncipe de WIED com SELLOW a sua viagem para o norte. FREYREIS quasi se perdera nas matas ribeirinhas do rio Alcobaça. Alcançando Caravelas, onde se demoraram quatro semanas à espera do barco *Casqueiro*, vindo do Rio de Janeiro, a 23 de julho de 1816 seguiram os dois pelo litoral até Belmonte, passando por Porto Seguro. O príncipe subiu o rio Belmonte até ao quartel do Salto,

enquanto SELLOW embarcava para a capital baiana. De volta à cidade de Belmonte o príncipe continuou pelo litoral, tendo como companheiro a CARLOS FRAZER, que foi com ele até Ilhéus. Subiu WIED o rio S. Pedro de Alcantara, seguindo pelas florestas e campos gerais até ao arraial da Conquista, ponto extremo de sua viagem, voltando daí para a cidade do Salvador, mas, chegando a Lage, foi preso e conduzido para Nazareth onde passou, como prisioneiro, a semana santa de 1817, até que se verificasse que ele não era *inglês* nem *pernambucano*. No dia 10 de maio de 1817 embarcou MAXIMILIANO DE WIED para a Europa, a bordo da *Princêsa Carlota*, chegando a Lisboa a 2 de julho, depois de dois anos de estadia entre nós.

O livro em que narra a sua viagem é do mais alto interesse bio-geográfico, não esquecendo nunca o príncipe naturalista de referir onde começara a observar este animal ou aquela planta, de confrontar as observações de MARCGRAVE, de HUMBOLDT e de AZARA, corrigindo-as ou confirmando-as. Assim é que, subindo o rio Belmonte, regista que pela primeira vez encontra “a anhumia ou cemichi (*Palamedea cornuta*) que é rara a esta distância da foz do rio”; que no sertão da Baía aparece o sagüi preto e mais para o norte o de orelhas com tufo branco; que “o guará ou lobo habita com os veados as regiões abertas e parece ser comum em toda a superfície da América Meridional desprovida de matas”; que se encontram nos campos gerais “entre as produções novas da natureza a ema e a seriema, seu constante companheiro”; que o zabelê, comum desde o Rio até Belmonte, parece não frequentar a costa marítima d’aí até Ilhéus; que antes ninguém inquietava a ema: — “foi preciso que europeus ávidos chegassem para perturbar-lhe o repouso e atentar contra a sua vida”.

Procura dar sempre uma impressão exata do que viu, neste Brasil que “esteve até agora no grau mais baixo da civilização”, sem censuras descabidas nem excessivos louvores, e quasi sempre as galas da natureza consolam-nos dos contratempos da penosa viagem, pondo o leitor em guarda, porém, contra o exagero de “certos viajantes que não se limitaram a falar do que viram” e de “certos escritores que deram descrições de países nos quais nunca puzeram o pé”. Como aconselha aos outros, ele suporta “tranqüila e alegremente todos os incômodos, aceita as privações e sabe encarar pelo lado favorável todas as contrariedades”; a “variedade das flôres compensava amplamente as pequenas fadigas da viagem” e “o canário e o pintassilgo, dois pássaros brasileiros que melhór cantam, proporcionam aos viajantes algumas distrações”; se o dia é claro, as “florestas são magníficas, mas “quando a escuridão é aumentada pelo tom pardacento do tempo chuvoso, seu aspecto é ainda interessante: milhares de seres, ainda não observados, aparecem então”.

Importantíssimas foram as contribuições do príncipe MAXIMILIANO DE WIED ao conhecimento da nossa fauna, tanto pelo cabedal de informações nelas contidas a respeito dos hábitos, nomes vulgares e lendas sobre as espécies descritas como pelo rigor da descrição dos caracteres morfológicos, pela soma de pormenores biológicos, colhidos dos dados fornecidos pelos naturais ou de suas próprias observações. (12)

Nos quatro alentados volumes de sua *Contribuição à História Natural do Brasil* estuda MAXIMILIANO DE

---

(12) A Viagem do Príncipe MAXIMILIANO DE WIED acaba de ser publicada com um grande número de preciosas notas, escritas desta vez por um zoólogo de renome, que é OLIVÉRIO PINTO. Afinal podemos confiar nas notas, que esclarecem, em vez de deturpar o pensamento do autor.

WIED mais de seiscentas espécies de Vertebrados, dos quais 461 de aves e nas *Ilustrações à História Natural do Brasil* há figuradas cerca de cem.

Em dezembro de 1816 chegou ao Recife WILLIAM SWAINSON, zoólogo inglês, que aí se demorou, preso pelos acontecimentos revolucionários, até junho de 1817, quando deu início à sua exploração zoológica, demandando o S. Francisco, chegando a Penedo em princípios de agosto, embarcando aí para Salvador. Nesta cidade diz ele ter encontrado “os dois naturalistas prussianos SELLOW e FREYREIS “que tinham vindo do Rio de Janeiro em companhia do Príncipe de NEUWIED e haviam ficado na cidade por estar adoentados e para arranjar as coleções”. No interior do sertão baiano, segundo os dizeres da sua carta ao professor JAMESON, fez SWAINSON “imensas coleções em todos os ramos da História Natural, principalmente na ornithologia do interior, que difere tanto em espécies e variedades das aves coligidas na costa pela expedição do Príncipe de WIED”. Teve o zoólogo inglês em mira, segundo as suas próprias palavras; “muito mais examinar a natureza no seu conjunto do que esmiuçar-lhe os pequenos pormenores”. Para Londres enviou 760 peles de aves, mais de vinte mil insetos e mil e duzentas exsiccatas de plantas. Das obras de Swainson são de interesse para o conhecimento da nossa fauna os seus livros *Figuras originaes e descrições de animais novos e Aves do Brasil e do Mexico*. Este último foi publicado de 1835 a 1841, acompanhado de uma esplêndida e hoje raríssima iconografia, com oitenta e tantas belas estampas. Devemos-lhe a descrição de trinta espécies ainda não conhecidas da fauna nordestina, tendo creado os gêneros *Leptoptila* (ao qual pertencem as nossas jurutis) e *Pitangus* (do nosso conhecidíssimo bentevi), que citamos justamente por serem de duas aves muito populares a todo brasileiro.

Na expedição científica que acompanhou a Imperatriz D. LEOPOLDINA eram zoólogos o bavaro JOÃO BATISTA SPIX e o austriaco JOÃO NATTERER.

Foi SPIX o companheiro inseparável de MARTIUS e na alentada narrativa da viagem dos dois notáveis naturalistas, embora assinada por ambos e escrita sempre no plural, as notas referentes à nossa fauna devem ser todas devidas ao alto saber de SPIX, sendo de lamentar que na obra patriótica e louvabilíssima do Instituto Histórico fazendo traduzir essa *Viagem pelo Brasil*, de leitura indispensável por todos os os que se interessam pelo nosso país, não tivesse sido ouvido um zoólogo que lhe modernizasse os nomes latinos dos animais, com as notas que se faziam indispensáveis e tornariam compreensível o texto aos que não fossem especializados nos respectivos grupos faunísticos. Quasi todas as notas referentes à zoologia, feitas pelos revisôres não especializados, são inexatas ou errôneas.

Deve-se exclusivamente a SPIX a narrativa da viagem que ele fez, pelo Solimões, desde Ega até Tabatinga, explorando igualmente os rios Juruá e Jataí, enquanto MARTIUS subia o Japurá, bem como a outra excursão, bem menor, subindo o Rio Negro, desde Barra (o atual Manaus) até à vila de Barcelos, tão evocativa na história das nossas expedições científicas dos tempos coloniais.

Terminando o relato da sua notável expedição, escrevem SPIX e MARTIUS:

“O Brasil, fechado durante séculos consecutivos às investigações dos europeus, oferecia oportunidade de enriquecer com fatos aquelas ciências e, quanto aos meios para atingirmos a esse alvo, não tínhamos escolha. Pareceu-nos mais acertado colecionar, durante a viagem, exemplares, tanto de formações orogênicas, quanto de maravilhas etnográficas e, em particular, de animais e plan-

tas, dar assento, em nosso diário, a descrições e notícias minuciosas, como nos fosse possível, e graças a isso tudo, uma vez de volta à patria, preparar uma exposição científica pormenorizada.

“Os especímenes de História Natural e os de etnografia, por nós colecionados, foram colocados no Museu da Real Academia de Ciências de Munich. O que se obteve de zoologia consiste em 85 espécies de mamíferos, 350 espécies de aves, 130 de anfíbios, 116 de peixes e 2.700 de insetos, sendo desta última classe 1800 coleópteros, 120 ortópteros, 30 neurópteros, 120 himenópteros, 120 lepidópteros, 250 hemipteros e 100 dípteros; há mais 80 espécies de aracnídeos e outras tantas de crustáceos.”

Sôbre essas coleções, bem como sôbre os diários e os desenhos basearam-se as seguintes obras, referentes à nossa fauna:

De autoria de SPIX — *Simiarum et Vespertilionum brasiliensium species novae*;

2 — *Species novae Testudinum et Ranarum*;

3 — *Species novae lacertarum*.

Além disso foram tratados os peixes por AGASSIZ (*Pices, quae collegit et pingenda curavit SPIX*); as serpentes por JOÃO WAGLER (*Testacea, quae collegit et pingenda curavit SPIX*) e os Artrópodes por PERTY no seu precioso *Delectus animalium articulorum*.

JOÃO NATTERER foi companheiro de travessia de POHL, chegando ao Rio de Janeiro às sete horas da noite de 4 de novembro de 1817. De todos os membros dessa grande expedição científica foi o que mais se demorou em nosso país, aqui constituindo família e aqui trabalhando sem descanso durante dezoito anos, neste Brasil “que ele amou como à sua patria, e cuja grandiosa vegetação, variadíssima fauna e incomparavel céu estrelado sem dúvida alguma o teriam outra vez seduzido”, segundo as

palavras singelas e eloquentes de sua filha, aqui nascida, a EMILIO GOELDI.

As viagens de NATTERER podem ser divididas em oito períodos: novembro de 1817 a setembro de 1818, pelos arredores do Rio de Janeiro; outubro de 1818 a fevereiro de 1821 a S. Paulo e Curitiba, donde devia partir para Mato Grosso, quando recebeu ordem do Ministro austríaco para voltar a Ipanema, a encontrar-se com SOCIOR para voltarem juntos para a Europa; de fevereiro de 1821 a setembro de 1822, enquanto esperava a solução do governo do seu país, percorrendo grande parte das províncias de S. Paulo e Rio de Janeiro; de outubro de 1822 a julho de 1829, depois de haver conseguido permissão do governo austríaco para demorar-se no Brasil, por Mato Grosso, onde morreu SOCIOR de "febres de mau caracter" e ele próprio adoeceu gravemente; de julho de 1829 a agosto de 1830, descendo o Guaporé (com demora de alguns dias no Forte Príncipe da Beira) e o Mamoré, residindo em Borba quasi um ano (24/XI/1829 a 25/VIII/1830); de setembro de 1830 a setembro de 1831, subindo o Rio Negro até à cachoeira de Tumuí e visitando alguns dos seus afluentes; de setembro de 1831 a fins de 1832, quando explorou o Rio Branco até ao Tacutú; de 1833 a julho de 1834 em pequenas expedições pelas proximidades de Manaus, chegando ao Pará em setembro de 1834. Pretendia ainda percorrer a costa até Pernambuco, no que foi impedido pela *cabanada*. Esperou ainda um ano inteiro, na esperança de realizar esse propósito, embarcando para a Europa a bordo de um navio de guerra inglês, em 15 de setembro de 1835, só chegando a Viena em agosto do ano imediato. Casou NATTERER em Barcelos com D. MARIA DO REGO e perto de Manaus (então Barra do Rio Negro) nasceu a sua primogênita GERTRUDES.

Suas coleções consistiam de 1729 tubos com vermes, 1024 moluscos, 409 crustáceos, 32.825 insetos, 167 peixes, 1678 anfíbios e reptéis, 12293 aves e 1146 mamíferos. A respeito de seu trabalho incansavel, quasi superior às forças humanas, escreve GOELDI: "Um simples cálculo ensina que, em média, NATTERER preparava quasi duas aves por dia durante a longa estadia de dezoito anos, não excetuando os domingos, dias feriados e períodos onde não houve possibilidade de colecionar e de conservar". De como executava ele tais preparações nos dá bem idéia este depoimento de SAINT-HILAIRE: "Encontrei em Ipanema o sr. NATTERER, o zoólogo da comissão científica que o Imperador da Áustria mandou ao Brasil coligir e estudar as produções deste país. Estava estabelecido há um ano na visinhança das forjas de Ipanema e tinha formado aí imensa coleção de animais. Era impossivel deixar de admirar a beleza de suas aves; não vi uma só que tivesse uma pena colada ou uma gota de sangue". E não era somente a perícia do taxidermista o que havia para louvar: AUGUSTO VON PELZERN, que em seu livro *Zur Ornithologie Brasiliens* descreve as aves coligidas por NATTERER, observa que o seu compatriota "redigiu o seu catálogo manuscrito, dando a cada espécie um número e indicando para um ou mais indivíduos todos os caracteres só apreciaveis no vivo ou no exemplar ainda fresco, tais como sejam a côr da iris, do bico, das pernas e das partes nuas, a fôrma da lingua, o conteúdo do papo e do estômago, notas anatômicas, medidas tomadas no vivo, observações sobre a localidade habitada, distribuição geográfica, canto, etc. "Infelizmente desse inenso e patientíssimo labor, pouco chegou até nós da pena de NATTERER, conhecendo-se apenas uma pequena memória sobre o nosso interessante dipneusta, a piramboia, e outra sobre os nossos jacarés; com WAGLER começara a redigir um tratado dos Mamíferos do Brasil e tinha em adiantado anda-

mento uma Ornitologia, cujos originais se perderam no incêndio de 1848 do Museu de Viena. A outros devemos um pouco mais, tendo sido o resultado do estudo das coleções de NATTERER as monografias de WAGLER sobre os mamíferos, de PELZERN sobre os mamíferos e as aves, de KNERR e HECKEL e de STEINDACHNER sobre os peixes d'água doce, e de DIESING sobre os vermes.

Na expedição CASTELNAU o zoólogo era o próprio chefe da expedição, já de nome feito por seus trabalhos entomológicos, especialmente sobre os Buprestídeos. Era seu auxiliar o preparador EMÍLIO DEVILLE. Mas o abundante material por ele coligido, mesmo o entomológico, foi entregue a outros especialistas, inteiramente absorvido LAPPORTE por seus afazeres de vida consular. Assim a parte referente aos mamíferos do Brasil central (e da Bolívia e Perú) é tratada por PAUL GERVAIS, que também descreve os Miriápodes e Escorpiões; entre os mamíferos, porém, os primatas são estudados por ISIDORE GEOFFROY DE SAINT HILAIRE; das aves cuida O. DES MURS, dos reptéis e anfíbios GUICHE; os insetos e aranhas são descritos por H. LUCAS e os moluscos e zoófitos por HUPE.

A expedição do *Beagle*, como a das corvetas francêsas, não era especialmente destinada ao nosso país. Vinha nela, como naturalista gratuito, CARLOS DARWIN, e a mundial fama que esse rapazinho veio a alcançar mais tarde fez com que essa viagem da corveta inglêsa seja uma das mais exaustivamente conhecidas. O célebre livro *Viagem de um naturalista ao redor do mundo* anda em todas as mãos. Há nesse livro grande número de notas curiosas sobre a nossa fauna, embora em sua maioria já estivessem referidas em outros trabalhos, mas a fama de DARWIN levou a que a ele se atribua originalmente o que com justiça a outros deve ser dado: tal a observação

sobre a luta dos *Pepsis* com as caranguejeiras, que já está em ANCHIETA, e das aranhas sociais (que é de AZARA).

Um ano depois de deixar CASTELNAU o nosso país chegam ao Pará dois grandes zoólogos ingleses — ALFREDO RUSSELL WALLACE e HENRIQUE WALTER BATES, dois moços de pouco mais de vinte anos, cheios do "ardente desejo de visitar uma região tropical e ver com os próprios olhos todas essas maravilhas de que falavam encantados os viajantes, em busca desta terra onde reina um verão sem fim". Aqui chegados a 26 de maio de 1848, trabalham juntos até março de 1850, quando WALLACE sóbe o Rio Negro e BATES explora o Tapajoz e o Alto Amazonas. A demora de WALLACE na Amazonia é apenas de quatro anos, embarcando ele no *Helen* a 12 de julho de 1852, de volta para a sua terra (de onde mais tarde se transferiria para a Índia, preso certamente do feitiço da floresta tropical). O navio em que viajava incendiou-se, perdendo-se toda a rica coleção que WALLACE transportava para o Museu Britânico, e de sua expedição apenas sabemos por essa encantadora *Narrativa de viagens no Amazonas e Rio Negro*, onde há páginas de pura poesia ao lado de observações de grande importância científica.

BATES é mais nosso, aqui vivendo onze anos e por um momento julgando que o rifão paraense sobre o assaí ia ter nele uma confirmação. O seu livro *O Naturalista no Rio Amazonas* é familiar a todos os intelectuais brasileiros. Desde a chegada dos dois naturalistas a Belém até que se separaram em Manaus, o seu livro e o de WALLACE se completam, encontrando-se, porém, em BATES, maior cópia de referências à nossa fauna entomológica e aos costumes dos nossos animais.

Sobem juntos WALLACE e BATES o Tocantins até às suas primeiras cachoeiras; de volta a Belém, WALLACE

e um irmão, recentemente chegado de Inglaterra (com SPRUCE) exploram parte de Marajó, o rio Capim, Monte Alegre e Santarém, chegando a Manaus tres semanas antes de BATES. Este sóbe o Solimões até Ega, demorando-se aí um ano, para voltar a Belém em 1851. Passa seis meses em Santarém e em junho de 1852 sóbe o Tapajoz até Aveiro, "o quartel general da forniga de fogo"; explora também o Cupari, tornando a Santarém em outubro dêsse mesmo ano. Mais dois anos nessa localidade paraense e tres anos e meio em Ega completam a expedição de BATES na Amazônia, embarcando em Belém a 2 de junho de 1859 para Nova York por ser "o roteiro dos Estados Unidos o caminho mais curto e mais agradável para alcançar a Inglaterra.

Dessa expedição dos dois grandes naturalistas ingleses à Amazônia resultaram duas das mais sedutoras hipóteses que arrebataram quasi todos os naturalistas do século passado: o transformismo e o mimetismo. O primeiro defende a transformação lenta das espécies que, de acordo com as condições de ambiente e na luta pela existência, permitiria apenas a persistência do mais apto. Esta célebre doutrina do transformismo, baseada na seleção natural, tendo tido um dos seus mais apaixonados arautos no zoólogo alemão CARLOS HAECKEL, logo avassalou o mundo, desdobrando-se em uma série de doutrinas subsidiárias, das quais a mais famosa é esse *monismo*, que seduziu a Germânia pelo que aí havia de político, de acordo com as idéias imperialistas do momento. O mimetismo, ou imitação mais ou menos perfeita das espécies bem defendidas, adquirida pelas que são muito perseguidas, é assunto dos mais discutidos, enigma da Natureza, para o qual até hoje se procura em vão uma interpretação que satisfaça, sendo negado por muitos.

E devemos ainda acrescentar a estes dois surpreendentes resultados, no domínio da biologia teórica, o re-

sultado não menos brilhante, para o conhecimento da nossa fauna, sobretudo entomológica: — as centenas de milhares de insetos, levados para o Museu Britânico, pertencentes a mais de quatorze mil espécies, das quais mais de metade totalmente desconhecidas naquela época.

Estavam ainda na Amazônia os dois naturalistas ingleses quando aportou no Rio de Janeiro o grande zoólogo teuto GERMAN BURMEISTER, aqui chegado a 12 de setembro de 1850. Depois de curta estadia na Côrte, onde teve o ensejo de conhecer e receber todas as facilidades para a sua missão, dadas pelo joven Imperador, seguiu para Minas Gerais, em busca dessa Lagoa Santa, de que já se falava em Europa. Aí, num lamentavel acidente, fraturou a perna, demorando-se cinco menses em companhia de LUND, de 2 de junho de 1851 até fins do mesmo ano. Voltou então para o Rio de Janeiro, embarcando para a Europa em principios de 1852. Quatro anos mais tarde voltou BURMEISTER para a América do Sul, dirigindo-se desta feita para a República Argentina, onde realizou longa e notavel viagem, compendiada nessa famosa *Viagem ao Prata*. Regressando à Alemanha, foi pouco depois convidado pelo Governo Argentino para dirigir o Museu de Ciências Naturais de Buenos Aires, tendo embarcado definitivamente para esse país amigo em primeiro de julho de 1861. Pouco antes de sua morte veio BURMEISTER ao Rio de Janeiro trazer ao nosso Museu Nacional esqueletos de *Machairodus* e *Milodon*, oferecidos pelo governo do país irmão e aqui superintendendo à montagem dos mesmos. Da sua viagem ao nosso território resultam esse *Compêndio dos animais do Brasil* (um volume de mamíferos e dois de aves, dos quais fartamente se aproveitou EMÍLIO GOELDI) e o lindo volume *Ilustrações para a fauna do Brasil*, com planchas coloridas de mamíferos e anfíbios.

A expedição THAYER, que já vimos ter resultados tão decisivos para o estudo da nossa geologia, era chefiada por um zoólogo de nomeada, o notavel LUIS AGASSIZ que, contando pouco mais de vinte anos, fôra convidado por MARTIUS e SPIX para estudar os peixes brasileiros, por eles coligidos no Brasil e que se achavam no Museu de Munich.

Já vimos que foi o desejo de descansar um pouco dos seus trabalhos da Universidade de Cambridge (Massachusetts) e do respectivo Museu, que levava AGASSIZ a organizar uma expedição científica ao nosso país. Era um sonho, apenas esboçado, ao receber, ainda estudante, aqueles curiosos peixes sul-americanos, que se corporificava ao ver a simpatia manifestada por D. PEDRO II que, sempre tão interessado por todos os empreendimentos científicos no estrangeiro, para esse museu de Cambridge enviara coleções feitas por ordem sua (embora desfalcassem o museu do Rio de Janeiro). Tal sonho se tornara uma brilhante realidade com o generoso auxílio de THAYER.

A expedição de AGASSIZ, como as anteriores, como quasi todas as outras que vieram ao Brasil, quer no Império quer na República, até que o atual Governo poz patrioticamente um paradeiro a esse abuso, teve todas as facilidades dos Poderes Públicos (facilidades quasi sistematicamente negadas aos empreendimentos nacionais) e, de volta, nada, absolutamente nada, deixou ou enviou, para o nosso Museu Nacional.

Partiu AGASSIZ de Nova York no dia primeiro de abril de 1865, trazendo em sua companhia mais dois zoólogos, o malacólogo JOÃO ANTHONY e o ornitólogo JOÃO ALLEN, além do taxidermista JORGE SCEVA e do desenhista JAMES BURCKHARDT, que desenhou todos os peixes do vivo. Nessa manhan, em Virgínia, se travavam os

sangrentos combates da Guerra de secessão (13). Aproveita o chefe da expedição a travessia para fazer uma série de lições de História Natural, tendo especialmente em mira instruir os seus companheiros sobre a norma a seguir durante as explorações, a distribuição dos peixes d'água doce pelos nossos rios, mostrando desde logo o interesse em que a expedição, chegada ao Brasil se dividisse, para que o resultado fosse mais proveitoso, quer teórico, quer prático, e dando algumas notas interessantes sobre a sistemática e modo de coligir (14).

Aquí encontrou AGASSIZ alguns colaboradores espontâneos e entusiastas, entre os quais se refere a NAEGLI, médico, que "apesar das exigências da clientela ainda achava tempo para fazer coleções de material e desenhos de vários especímenes, e TAYLOR "ótimo naturalista que proporcionou a AGASSIZ preciosas coleções, como fez para o mesmo admiráveis aquarelas de peixes e insetos, do natural". Depois de breves excursões a Petrópolis

---

(13) Escreve AGASSIZ: "De repente atraí-nos a atenção uma nuvem fora do comum: o capitão acha que é uma imensa quantidade de fumaça na direção de Petersburg. Será o fumo de uma formidável batalha?". E em nota: "Naquele mesmo dia (2 de abril) foi realizado o último assalto às muralhas de Petersburg, e a sombria nuvem que, quando nos afastávamos das costas da Virgínia, veio escurecer o céu tão puro, provinha sem dúvida da grande quantidade de fumaça das duas linhas inimigas".

(14) Foram assuntos das palestras a bordo feitas por AGASSIZ: O *Gulf-stream*, sua fauna e suas correntes; Como se observa e qual o objeto das explorações científicas nos tempos modernos; Plano das pesquisas geológicas a executar no ponto de vista especial dos fenômenos glaciários; Os estudos embriológicos como guia para o estabelecimento de uma classificação; Importância e necessidade de ser determinada a origem precisa dos especímenes; Os peixes d'água doce do Brasil; Formação e desenvolvimento do ovo; Época de reprodução de alguns animais do Brasil; A teoria das transformações das espécies.

e a Juiz de Fora, parte afinal AGASSIZ para o Amazonas, a bordo do *Cruzeiro do Sul*, tendo recebido do Governo Brasileiro passagens gratuitas para todos os membros da expedição e levando mais, como guia o grande geógrafo e naturalista brasileiro SILVA COUTINHO, que já havia explorado o Madeira e o Purús (15). Já vimos que ORESTES SAINT-JOHN, chefiando a expedição de que faziam parte igualmente o ornitólogo JOÃO ALLEN, o taxidermista SCEVA e um dos alunos auxiliares, TOMÁS WARD, havia seguido por terra, a 9 de junho, seguindo o roteiro que já referimos. Com AGASSIZ e esposa seguiam o major SILVA COUTINHO, o desenhista BURCHARDT, um senhor BOURGET, que o acompanhava "como colecionador e preparador" e dois estudantes HUENEWELL e WILLIAM JAMES, devendo encontrar-se na Baía com DEXTER e o jovem THAYER. Do Museu Nacional... ninguém. As coleções deviam ir todas para o Museu de Cambridge, consoante o interesse do Imperador pelas coisas de ciência.

Na viagem, feita "num navio que não primava pelo asseio", foi, em todos os portos, cumulado de gentilezas, recebendo dos amadores preciosos subsídios para as suas coleções. Dessa travessia a parte mais interessante é a

---

(15) Voltava JOÃO MARTINS DA SILVA COUTINHO de suas explorações ao extremo norte, quando se encontrou com AGASSIZ no Paço Imperial, acedendo em acompanhar o professor americano ao Amazonas. Em uma nota ao livro de sua esposa escreve AGASSIZ: "Nunca uma esperança agradável foi mais plenamente confirmada. Durante onze meses do mais íntimo convívio, cada dia mais me louvei da feliz oportunidade que fez com que nos encontrássemos. Tive no Major COUTINHO um colaborador dos mais preciosos, de atividade e devotamento à ciência infatigáveis, um guia sem igual e um amigo cuja afeição espero conservar para sempre".

página sobre as medusas colhidas no Maranhão (16). No Pará tem a recebê-lo a fidalguia e o entusiasmo de COUTO DE MAGALHÃES e por isso pode AGASSIZ escrever ao Imperador D. PEDRO II de que aí, durante uma semana, encontrara “maior número de espécies do que as que até então tinham sido descritas em toda a bacia do Amazonas”, entre as quais representantes de cinco famílias e 18 gêneros não conhecidos.

No dia 29 de agosto, sábado, começam a subir o rio Amazonas, a bordo do *Icamiaba*. Continua o pasmo de AGASSIZ diante da riqueza faunística da Amazonia, prevendo que a essa sua viagem “trará uma revolução na Ictiologia” (17). Chegados a Tefé, aí fica o chefe da expedição com o desenhista e mais um auxiliar; BOURGET segue para Tabatinga e WILLIAM JAMES e TALISMAN devem dirigir-se primeiro ao rio Içá e depois ao Jutai. Em Tabatinga encontra-se AGASSIZ com “os quatro membros duma comissão científica espanhola, que acabava de realizar na América Central e Meridional uma viagem de alguns anos”, e que era constituída pelos Drs. ALMA-

---

(16) A descrição que dá Mme. AGASSIZ é perfeita e é pena que não tenha sido dado um nome científico. “São realmente admiráveis e inteiramente novas para os nossos naturalistas. Em algumas, o disco apresenta uma faixa pardo-escura que se julgaria ser uma alga marinha e as suas bordas são profundamente lobuladas. Esses lóbulos, em número de 32, são de colorido azul-escuro e muito intenso e formam oito feixes entre os quais ha outros tantos olhos situados junto à borda; os tubos que vão ter a esses órgãos são mais grossos do que os que estão situados no intervalo que os separa; a rede marginal de vasos é admiravelmente fina e delicada. Da boca saem apêndices que formam uma espécie de cortinado branco de franjas serradas com uma profusão de pregas tais como existe em *Aurélia*”.

(17) No entusiasmo das primeiras observações deixou-se AGASSIZ levar ao exagero, depois não confirmado quer pelos que lhe estudaram as coleções, quer pelos outros zoólogos que visitaram a mesma região.

GRO, SPADA, MARTINEZ e ISERN, que depois desceram com a expedição americana até Tefé (18). Nesta pequena cidade amazonense, já célebre pela longa residência de BATES, passa AGASSIZ algum tempo, escrevendo a 22 de setembro uma carta cheia de interessantíssimas observações ao seu colega MILNE EDWARDS, de Paris.

No dia 7 de outubro chegam a Tefé WILLIAM JAMES e TALISMAN que tinham ido aos rios Içá e Jutai, trazendo "coleções preciosíssimas". As remessas destinadas ao Museu de Cambridge enriqueciam-se ainda com as aves caçadas por HUNNEWELL e THAYER, preparadas pelo taxidermista DEXTER e a 22 de outubro de novo embarcam no *Icamiaba*, de regresso, chegando a Manaus dois dias depois, onde os alcança o *Ibicuí* "posto à disposição de AGASSIZ pelo Governo" (19). No domingo 10 de dezembro partem de Manaus para o Madeira, que sobem até Maués, tornando a Manaus. No dia 26 já estão subindo o Rio Negro até Pedreira, ponto extremo da expedição, que d'aí regressa definitivamente, com uma demora de 15 dias em Manaus, pouco mais de mês e meio em Belém (2 de fevereiro a 26 de março de 1866) e uma quinzena no Ceará (2 a 16 de abril), onde a idéia

---

(181) Não nos dá AGASSIZ dados mais precisos dessa expedição científica espanhola, a expedição JIMENEZ DE LA SPADA, de resultados tão notáveis para o conhecimento da fauna Andina.

(19) Enquanto os governadores e particulares por todos os meios e modos auxiliavam a expedição americana, que levaria para alheias terras as ricas coleções oferecidas, a comissão científica brasileira, que se havia preparado de maneira verdadeiramente proba e eficiente, no entusiasmo dos que vão pela primeira vez emprender uma missão de responsabilidade, era no parlamento e na imprensa coberta de ridículo. Se compararmos, entretanto os resultados publicados da Expedição brasileira com os das outras só encontramos o que louvar no esforço e dedicação dos nossos patricios. Comparada com a de AGASSIZ então...

fixa do chefe sobre os fenômenos glaciais, os leva às serras de Aratanha para “certificar-se, por observações diretas que outrora existiram geleiras nas serras dessa província”. Demoram-se no Rio dois meses mais e a 2 de julho embarcam para os Estados Unidos “levando para o lar do hemisfério norte larga provisão de agradáveis recordações e imagens vívidas para enriquecer a vida, d’aí por diante, com o colorido e calor tropicais”.

AGASSIZ, que já se celebrizara pelos seus livros sobre os peixes da expedição bavara e sobre os Peixes fósseis, considerada sua obra capital, nada escreveu, aproveitando aquele riquíssimo material por ele levado para Massachussets, com as 200 aquarelas de BURKHARDT. Quando todo o material coligido para o Museu Nacional era mandado para os Museus estrangeiros, por ordem, muitas vezes directa do Imperador, por aqui não haver ninguém com competência para os estudos zoológicos, vemos que de uma expedição amplamente auxiliada pelos cofres do Governo brasileiro também o material não foi descrito por seu ilustre chefe, de quem diz JORDAN, seu continuador: “Foi o melhor amigo que os estudantes conheceram 20). Uma grande parte do material faunístico levado por AGASSIZ foi estudado por STEINDACHNER, que descreveu cerca de cem espécies novas de peixes brasileiros dessa expedição, e sobretudo pelos ictiólogos CARLOS e ROSA EIGENMANN em trabalhos da mais alta valia.

---

(20) Era AGASSIZ o tipo perfeito de professor: claro, conciso, apaixonado pela ciência que professava e grande amigo dos estudantes. Sabendo fazer discípulos como CHARLES GIRARD, FREDERICO WARD PUTNAM, ALEXANDRE AGASSIZ, SAMUEL GERMAN, SAMUEL SCUDDER e DAVID STAR JORDAN, que escreve palavras cheias de emoção sobre o seu mestre, salientando o valor da sua obra na limitação dos grupos dos Plagióstomos e Ganoides.

E' ainda um reflexo do entusiasmo de AGASSIZ e dos seus companheiros a expedição MORGAN, que esteve no Brasil quatro anos mais tarde, sendo chefiada por HARTT, e à qual já fizemos referência no capítulo das expedições geológicas, convindo aqui lembrar mais uma vez os nomes desses estudantes que foram, mais tarde, dos mais notáveis zoólogos da sua pátria, e que se fizeram autoridades de reconhecido renome nas respectivas especialidades: o carcinólogo S. SMITH, o entomólogo COMSTOCK e o malacólogo NEWCOMB.

Seria uma injustiça, mesmo na parte referente à zoologia, deixarinos de fazer referência à Comissão Científica Brasileira, que já estudámos no capítulo anterior. Foi rico e precioso o material faunístico coligido. Infelizmente, apesar do apodo de *Comissão das borboletas* que lhe deram os nossos críticos fáceis, quasi todo o material entomológico se perdeu pela incúria dos encarregados da sua conservação. As aves, porém, preparadas por FERREIRA LAGOS, são de uma tal perfeição de trabalho, que ainda hoje facilmente se reconhecem das outras coleções do Museu Nacional, só tendo como rivais as coligidas pela ornitóloga EMÍLIA SNETHLAGE.

Apesar da reduzida zona percorrida, toda já muito visitada pelas missões anteriores, teve a expedição VAN BENEDEK, que visitou parte das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais em 1872, alguns resultados dignos de registo para o melhor conhecimento da nossa fauna, sobretudo para as nossas libélulas, descritas em uma série de memórias pelo grande entomólogo SELYS LONGCHAMPS, e para os aracnídeos, coligidos pelo chefe da expedição e descritos nas Memórias de Sábios estrangeiros do Museu de Bruxelas, pelo aracnólogo alemão BERTKAU.

Em 1886 o entomólogo americano HERBERT SMITH fez duas viagens a Mato Grosso, a Guaiabá e Chapada, coligindo abundante material faunístico.

Na expedição científica para a escolha e demarcação da área destinada à futura Capital Federal, chefiada pelo astrônomo LUIS CRULS, não ia nenhum zoólogo, interessando às finalidades da Comissão mais o estudo da flora. O pouco que aparece, no anexo ao Relatório, sobre a fauna da região, são simples nótulas de amador do higienista AZEVEDO PIMENTEL.

Passam-se trinta anos da expedição VAN BENEDEN. Os Governos dos Estados de S. Paulo e do Pará haviam confiado as direções dos seus museus de História Natural a um alemão e a um suíço, ex-funcionários do Museu Nacional, o ilustre zoólogo HERMANN VON IHERING e o Dr. EMÍLIO GOELDI, que adquirira alta reputação em nosso meio com os seus dois livrinhos de vulgarização. Não havia, aliás, muito onde escolher. Os dois zoólogos brasileiros desse mesmo Museu Nacional ensaiavam os seus primeiros passos. Nem CARLOS MOREIRA nem MIRANDA RIBEIRO haviam feito ainda o nome de acatados carcinólogo e ictiólogo que depois com justiça adquiriram, determinando as coleções desse Instituto.

De S. Paulo manda VON IHERING ao naturalista viajante e caçador sr. ERNESTO GARBE, em excursões de colheita de material, à Baía e ao rio Juruá, material que devia ser estudado pelo diretor do Museu e por especialistas estrangeiros, sendo remetido para o exterior, mesmo sem a condição de devolução dos tipos.

O Museu Paraense organizou uma série de expedições científicas, desde o seu primeiro ano de vida, conforme se vê dos relatórios dos seus diretores. Em agosto e setembro de 1896 EMÍLIO GOELDI e HERMANN MEERWARTH exploram o cabo Mogoar. Já neste século temos as expedições de EMÍLIA SNETHLAGE, das quais adiante falaremos, e do entomólogo, hoje botânico de mundial reputação, ADOLFO DUCKE, ao Maranhão e Piauí

em junho e julho de 1906, a Faro e serra dos Parintins em agosto e setembro e ao rio Mapuera em novembro e dezembro desse mesmo ano; e em 1909 uma excursão, pelo baixo Amazonas, em março e nova viagem ao Ceará em abril e maio.

Em 1902 CARLOS MOREIRA e HEMMENDORFF fazem pequena excursão científica às margens do rio Branco (de S. Paulo) e às Agulhas Negras do Itatiaia, na serra da Mantiqueira, coligindo abundante material, que foi estudado depois pelo chefe da expedição, por MIRANDA RIBEIRO e outros zoólogos (21).

Em 1903 o diretor do Museu de Viena, conselheiro FRANZ STEINDACHNER, desejando verificar as observações de NATTERER, organizou uma importante expedição ao Norte do Brasil. A 2 de janeiro de 1903 partiam de Genova, no *Orion*, FRANZ STEINDACHNER e seus auxiliares, o custos do Museu de Sarajevo OTMAR REISER e o assistente A. PENTHER, tendo os dois preparadores JOÃO SANTARIUS e JORGE RADAX embarcado em Trieste, nesse mesmo paquete. A 15 de fevereiro chegam a Recife,

---

(21) São de uma conferência, já citada, de MIRANDA RIBEIRO os seguintes dados: "Todas as excursões do Museu podem ser referidas às seguintes localidades: Pará (Pacova e rio Capim); Espírito Santo e Minas (Rio Doce e Mucuri); Baía (Jacobina); Santa Catarina (litoral); Rio Grande do Sul, Rio e Minas (Itatiaia)". Nenhuma destas excursões foi realizada pelo autor da conferência, sendo, talvez, por isso que não cita o nome dos expedicionários. Essas excursões, começadas na administração LADISLAU NETO, interrompidas no tempo dos Naturalistas-viajantes, foi retomada na administração ROQUETTE PINTO e não teve mais solução de continuidade. Infelizmente as verbas postas à disposição do Museu têm sido insuficientes para expedições científicas maiores. Para a zoologia se contam, de 1920 para cá as de PEIXOTO VELHO ao Caparaó, as de MAY à Baía e ao Pará, de MAY e MÁRIO ROSA ao Rio Doce do Espírito Santo, de LEITÃO DE CARVALHO ao Nordeste e ao Tapirapés.

onde o navio se demora tres dias, aproveitados para uma pequena excursão a Pau d'Alho e duas outras pelos arredores da cidade. Desembarcou a expedição no dia 21 de fevereiro na Baía, onde o Governo procurou auxiliar em tudo a expedição, que foi acrescida do preparador ARTUR WACHSMUND. Como sempre, dessa expedição tão favorecida pelos governos, nada ficou para os nossos museus. De Salvador seguiram para Joazeiro, onde chegaram a 4 de março, demorando-se aí quatro semanas, em excursões pelos arredores e chegando em uma delas até Petrolina, em Pernambuco. A 24 deixam essa "amavel e sempre lembrada Joazeiro", chegando à Barra, na confluencia dos rios Grande e São Francisco, o "melhor ponto em todo o Estado da Baía para estudos ictiológicos", a 28 de março, aí passando quasi um mês. No dia oito de abril REISER, PENTHER e SANTARIUS vão para a fazenda do Serra, de propriedade do Governador do Estado, ficando STEINDACHNER e RADAX em Barra até o dia 14, quando partem a reunir-se aos companheiros, indo juntos para o rio Preto e depois para Santa Rita. Nesta cidade mais uma vez se divide a expedição, seguindo primeiro REISER, PENTHER e SANTARIUS (7 de maio) e dez dias mais tarde STEINDACHNER e RADAX, por terra até Paranaguá, depois a Terezina de onde a 12 de agosto partem para Caxias, aí embarcando no *Itapicurú* para S. Luis.

Na capital maranhense ficam dias e dias a espera de um navio do Lloyd Brasileiro que, como sempre, não tinha dia certo de escala. "A primeiro de setembro", escreve STEINDACHNER, "apareceu afinal o navio tão longamente esperado, e nele chegámos ao Pará a três de setembro".

Como na Baía, como no Piauí e no Maranhão (22) encontra todas as facilidades e o Museu Paraense lhe abre os seus laboratórios.

Em companhia de EMILIO GOELDI, diretor do Museu, do assistente da secção de zoologia, sr. G. HAGMANN e do auxiliar R. SIQUEIRA fazem os zoólogos uma pequena expedição a Cametá. Se os resultados e notas de NATTERER, cujas pegadas foi seguindo a expedição STEINDACHNER, eram completamente confirmados, os sonhos de AGASSIZ se desvaneciam diante de um estudo feito com menos entusiasmo e maior cunho científico. Aliás sobre o naturalista suíço-americano, já haviam escrito os EIGENMAN: "Suas discussões são, contudo, de mais valia como notas de campo ou simples sugestões do que como uma contribuição ao assunto, por isso que êle não consultara as obras dos escritores que o tinham precedido".

Com exceção dos peixes, descritos quasi a seguir, pelo chefe da expedição, o outro riquíssimo material coligido só veio a ser publicado quasi 20 anos mais tarde, tendo LORENZ MUELLER estudado os mamíferos, cuidando especialmente dos morcegos KARL TOLDT; as aves foram estudadas por OTMAR REISER, que caçara 695 aves, sendo 511 outras abatidas pelos seus auxiliares. FREDERICO KATZER estudou as tartarugas e jacarés, fazendo interessantes observações zoogeográficas.

A essa mesma região do Ceará e Pará veio em 1930 uma outra expedição alemã, organizada pela Universidade de Freiburg, especialmente para o estudo da anatomia

---

(22) Não esqueceu STEINDACHNER de citar por extenso os nomes desses anaveis administradores e auxiliares: Severino Vieira, Miguel Calmon du Pin e Almeida, João Silveira (em Joazeiro), Antonio Joaquim da Costa Junior, cuja energia e conhecimento da região tanto facilitaram o transporte das bagagens, Coronel Taciano de Araújo (em Santa Rita), Dr. Raimundo Lustosa Nogueira (em Paranaguá), Coronel José Damasceno Nogueira (em Santa Filomena), Julio Lustosa do Amaral Nogueira (em S. Luis).

dos mamíferos, sendo constituída por HANS BOEKER e PANZER. No Ceará foram até Joazeiro e serra do Araripe, limitando-se no Pará aos arredores de Belém. O material coligido foi estudado por POHLE (mamíferos), PANZER (aves), LORENZ MUELLER (répteis e anfíbios) e AILL (peixes).

Em 1908 começam as expedições RONDON, das quais já tratámos em outro capítulo. Vimos que só na de 1908 a 1910 seguia um zoólogo oficial, mas nem por isso se descuidou o grande chefe da colheita de material faunístico durante as outras expedições, todo êle destinado às coleções do Museu Nacional. Na expedição de 1910 a 1912, segundo dados de MIRANDA RIBEIRO, o material faunístico foi coligido pelos botânicos FRED. CARLOS HOEHNE e irmãos KUHLMANN. Na expedição ROOSEVELT-RONDON foi maior o número de coletores: FRED. CARLOS HOEHNE, ARNALDO BLAKE SANTANA, H. REINISCH, Tenente PIRENEUS DE SOUSA e E. STOLLE e na de 1914-1915 o próprio chefe da expedição Coronel CANDIDO RONDON, e mais o Tenente PIRENEUS DE SOUSA e EMIL STOLLE.

Nestes sete anos as expedições RONDON trouxeram para o Museu Nacional 5.667 animais, assim discriminados:

Expedição RONDON ao Madeira	3.600	especimenes
Expedição 1910-1912 .....	200	"
Expedição RONDON-ROOSEVELT .	408	"
Expedição 1914-1915 .....	1.459	"

Nessa rica colheita foram calcados os trabalhos de MIRANDA RIBEIRO sôbre Mamíferos e Peixes, CARLOS MOREIRA sôbre Crustáceos, ADOLFO LUTZ sôbre mutucas e HERMANN VON IHERING sôbre os Moluscos.

Em 1910 veio uma segunda expedição americana ao Nordeste, chefiada por um dos maiores amigos do Brasil,

o geólogo CASPER BRANNER, que pela primeira vez aqui estivera na expedição MORGAN. Visitaram apenas os estados nordestinos, especialmente Rio Grande do Norte e Ceará, estudando principalmente a geologia da região, tendo coligido também abundante e precioso material faunístico, já todo descrito por especialistas americanos, tendo sobre as aves escrito HELMAYR uma grande monografia, com avultado número de formas peculiares à região, especialmente pássaros, STARKS estudado os peixes, RALPH CHAMBERLIN tratado dos Miriápodes e aracnídeos, sendo os insetos estudados por vários especialistas (REHN para os ortópteros, etc.).

Em 1905, desejando resolver o problema do desenvolvimento embrionário dos marsupiais, cujo interesse fôra despertado pela importante monografia de HILL sobre os marsupiais australianos, resolveu o professor BRESSLAU fazer uma viagem científica à América do Sul, especialmente ao Brasil. Pouco antes, em 1910, viera ao baixo Amazonas pequena expedição alemã, chefiada por LORENZ MUELLER de Munich e nesse mesmo ano de 1913 o professor HANS BLUNTSCHLI de Francfort chefiava outra expedição ao alto Amazonas, iniciada no ano de 1912 com o Dr. BERHARD PEYER. O material zoológico da expedição BLUNTSCHLI é principalmente de origem peruana.

Pretendia BRESSLAU seguir o mesmo rumo dos seus compatriotas, com a intenção de coligir planárias terrestres (lesmas) mas uma carta de EMILIO GOELDI, na qual lhe dizia que "se as planárias não eram de todo ausentes no vale do Amazonas, pelo menos aí seriam muito raras", o fez mudar de programa e dirigir-se para o sul do Brasil.

Partiu BRESSLAU de Hamburgo no paquete *Koenig Friedrich August* no dia 27 de julho de 1913, chegando ao Rio a 22 de agosto, aqui encontrando a HILL, o que

estudara os marsupiais australianos, e SANSON, com os quais fez pequena excursão ao Itatiaia e a S. Paulo, visitando igualmente os três zoólogos a região de Mimoso, no Espírito Santo, e de Gorduras e Morro Velho em Minas Gerais. Trazia BRESSLAU como seu auxiliar a PAULO SCHIRCH, que não mais voltou para a Europa, tendo publicado no Boletim do Museu Nacional e na Revista da Sociedade Brasileira de Ciências interessantes trabalhos sobre a anatomia do *Strophocheilus* e do polvo, e sobre as planárias terrestres coligidas nessa expedição. Em outubro estava BRESSLAU em S. Paulo, seguindo para o sul até Itararé em dezembro. Voltando ao Rio fez com SCHIRCH uma excursão a Teresópolis e outros pontos da serra dos Órgãos. Seguiu para Pernambuco e em julho embarcou para a Europa. Vinte anos depois diria êle, numa conferência feita na Academia Brasileira de Ciências, recordando que aqui já estivera em 1905:

“Fazem exatamente 30 anos que eu, logo depois do meu primeiro trabalho sobre a evolução do aparelho mamário dos gambás, me dirigi pela primeira vez ao Brasil. A surpreendente impressão em mim exercida, já naquela época, por sua maravilhosa terra, deixou no meu íntimo, o ardente desejo de aqui retornar. Mas somente após nove anos consegui realizá-lo, graças à Academia de Ciências de Berlim que me conferiu, em 1913, a missão de estudar no Brasil, durante um ano, a embriologia dos mamíferos marsupiais. Tive, pois, a felicidade de passar neste país de julho de 1913 a julho de 1914; e tudo quanto observei fez-me ainda maior admirador do Brasil. Assim quando no princípio de julho de 1914 parti de Recife, não tinha, em absoluto, a intenção de me despedir para sempre do Brasil; mas sim augurava revê-lo um dia. Esta satisfação experimentei no ano de 1929, quando, pela terceira vez, voltei para prosseguir, em Teresópolis, os

meus estudos há quinze anos encetados" (23). No Nordeste, em 1914, visitou BRESSLAU as regiões de Dois Irmãos, em Pernambuco, e de Penha, na Paraíba do Norte. O material por êle coligido nessa expedição (24) foi abundante e com avultado número de espécies novas, tendo sido estudados os mamíferos por HERMANN POHLE, os anfíbios e répteis por LOREZN MUELLER, os moluscos terrestres por THIELE, os aracnídeos por WERNER (os escorpiões) e ROEWER (os opiliões), e os vermes por HAFFNER (os linguatulídeos), MICHAELSEN (os oligoquetas), JEAN BAER (cestódios dos marsúpias) e FUHRMANN (cestódios das aves e dos répteis). Como se vê êsse material coligido por BRESSLAU foi estudado pelos maiores especialistas de cada grupo.

A Inspetoria de Obras contra as sêcas, cujas expedições científicas para o estudo da geologia e flora do Nordeste, já apreciámos nos capítulos precedentes, porporcionou aos Drs. BELISÁRIO PENNA e ARTUR NEIVA, em 1912, a viagem científica pelo nordeste, sobretudo para o estudo

---

(23) Com a criação da Faculdade de Ciências na Universidade de S. Paulo, foi BRESSLAU o seu primeiro professor de Zoologia. Aqui chegado em 1934, pouco aproveitámos do seu vasto saber e ótimas condições didáticas, pois a 9 de maio de 1935 faleceu repentinamente.

(24) O inventário que nos dá BRESSLAU das colheitas feitas durante a sua expedição de 1914 (das de 1905 e 1929 nunca publicou os relatórios) é o seguinte: quarenta espécies de planárias, das quais tres quartos novas; exemplares de *Temnocephalus brevicornis*; 12 vidros com trematódios de gambás e de répteis; 43 vidros com cestódios; cerca de 40 vidros de nematódios; 30 vidros com acantocéfalos; 13 espécies de oligoquetas, das quais duas novas; 20 vidros com hirudíneos; 6 vidros com moluscos; grande número de miriápodes, aracnídeos e insetos; 25 espécies de peixes; 200 rans, entre as quais tres espécies novas; alguns *Siphonops*; 70 lagartos e 100 cobras; 110 aves, várias peles de mamíferos, e mais de cem vidros com gambás.

das condições sanitárias daquela região brasileira. Era natural que os dois cientistas brasileiros, na parte referente à fauna, tivessem especialmente em mira a colheita de material de interesse médico e parasitológico. Assim trouxeram abundante cópia de protozoários, estudados por MARQUES DA CUNHA, de helmintos, classificados por LAURO TRAVASSOS, de mosquitos e mutucas, dos quais se encarregou ARTUR NEIVA, tendo confiado os ofídios a JOÃO FLORÊNCIO GOMES.

Uma nota interessante foi a verificação da *Tunga penetrans*, o bicho de pé, parasitando a anta, que os autores do relatório da expedição consideram como provável hospedeiro primitivo dessa pulga.

NEIVA e PENA visitaram o sertão da Baía, Ceará e Piauí. Com a visão clara de naturalista, são preciosas as notas de ARTUR NEIVA e a sua apreciação sobre os nossos gatos do mato é das mais justas, como o demonstrou o trabalho publicado, quasi na mesma ocasião que o *Relatório*, por ALLEN, nos Estados Unidos.

Merecem especial referência as viagens científicas da Dra. EMILIA SNETHLAGE que, com o mesmo desassombro feito de heroísmo e de modéstia que demonstrara OLÍMPIA COUDREAU, realizou sôzinha uma série de viagens de exploração zoológica em nosso país. Nascida em 13 de abril de 1868 na Westfalia, veio para o Brasil em 1905, a trabalhar no Museu Paraense e, apenas chegada, partiu a estudar a avifauna do Tapajoz, do Tocantins, do Xingú, sendo a que realizou ao Tapajoz e ao Xingú, em 1909, especialmente notável não só pelos dados zoológicos como etnológicos. Quando o Museu Goeldi, de que fôra diretora, caiu em colapso, veio, a chamado de ROQUETTE PINTO, como contratada para o Museu Nacional. Aqui fez interessante viagem ao baixo Rio Doce, demorando-se alguns meses em modesta vivenda às margens da lagoa

Juparanan, onde ainda encontrámos, entre a gente simples dessa localidade, a lembrança cheia de saudade e de emoção, da *doutora*. Em 1928, escreve ROQUETTE PINTO, "cedendo a suas instâncias, o Museu Nacional deu-lhe o encargo de percorrer grande parte da ilha do Bananal — a ilha cheia de mistério, avultando, ao lado do que obteve em zoologia, as notas etnográficas". Suas numerosas memórias e relatórios científicos ilustram as mais conceituadas revistas do Brasil, Alemanha e Estados Unidos (25).

O Museu Nacional e o Museu Paulista enviaram por mais de uma vez os seus funcionários a coligirem material faunístico em vários pontos do nosso território, sem que se possa falar propriamente de expedições científicas. Merece, contudo, ser citada a expedição do Museu Nacional à ilha da Trindade, da qual BRUNO LOBO e PEIXOTO VELHO trouxeram algum material faunístico, sobretudo de aves, realizada em maio e junho de 1916, da qual fazia parte igualmente LAURO TRAVASSOS (26).

HERMANN LUEDERWALDT e PINTO DA FONSECA, do Museu Paulista, realizaram em 1925, em companhia do

---

(25) As viagens científicas da doutora EMILIA SNETHLAGE, realizadas como funcionária do Museu Goeldi foram as seguintes: ao rio Tapajóz, levando como auxiliar o Sr. João Sá, em dezembro de 1905 e janeiro de 1906; ao Tocantins em maio de 1906; e a terceira, bem mais longa e importante, de maio a outubro de 1909, aos rios Xingú, Iirí, Curuá, Jamauchin e Tapajóz.

(26) De passagem para a Georgia do Sul, em 1912, a expedição do Museu Americano de História Natural demorou-se alguns dias em Trindade, coligindo material, sendo os peixes descritos pelo naturalista ROBERT CUSHMAN MURPHY e as aves por ele em colaboração com JOHN TREADWELL NICHOLS. O material da expedição BRUNO LOBO foi estudado por MIRANDA RIBEIRO (aves e peixes), HERMANN VON IHERING e BOURGUY DE MENDONÇA (moluscos), CARLOS MOREIRA (crustáceos) e LAURO TRAVASSOS (helmintos).

Dr. W. SCHMITT, do Museu de História Natural de Washington, durante os meses de setembro e outubro uma excursão à ilha de S. Sebastião. Tinha por fim WALDO SCHMITT estudar especialmente a fauna carcinológica do sul da América Meridional. O material coligido pela expedição SCHMITT-LUEDERWALDT foi estudado por especialistas do Brasil e América do Norte (27).

Em princípios deste século, como vimos, fôra a Baía visitada pela expedição alemã chefiada por STEINDACHNER, sendo encarregado da parte ornitológica OTMAR REISER. Em 1932 o Museu Paulista mandou a estudar a avifauna do Recôncavo o naturalista Dr. OLIVÉRIO PINTO, tendo como auxiliares WALTER GARBE e CARLOS CAMARGO. O resultado ornitológico foi comunicado por seu chefe ao Congresso Internacional de Zoologia de Lisboa de 1935.

Em 22 de julho de 1936 partiram para o Amazonas os naturalistas OLIVÉRIO PINTO e CARLOS DE CAMARGO, seguindo em agosto para Manacapuru, 55 milhas a oeste de Manaus, em 1924 visitada pelo Sr. SAMUEL KLAGES, que aí colecionara para o Museu Carnegie. Aos poucos dias de estadia em Manacapuru regressou OLIVÉRIO PINTO para S. Paulo. Em 3 de novembro partiu CAMARGO para o alto Rio Negro, demorando-se principalmente em Ta-

---

(27) Em 1920 esses dois funcionários do Museu Paulista tinham estado da ilha dos Alcatrazes, na qual coligiram abundante material, principalmente de insetos (pertencentes a cerca de 200 espécies), sendo as formigas determinadas por SANTSCHI, os dipteros por BEZZI, os ortópteros pelo Prof. REHN, os cóccidas por HEMPEL. Os aracnídios foram descritos por MELLO-LEITÃO e os poliquetas por TREADWELL. O material coligido pela expedição SCHMITT LUEDERWALDT foi determinada por MIRANDA RIBEIRO (anfíbios e peixes), FOREL, EMERY e SANTSCHI (formigas), LUEDERWALDT (os outros insetos), MELLO-LEITÃO (aracnídios), Miss RATHBUN (crustáceos) e pelos naturalistas de Smithsonian Institution (os equinodermas, oligoquetas e poliquetas).

rauacá, à margem direita do baixo Uaupés e em S. Gabriel, à margem esquerda do alto Rio Negro. As aves aí coligidas foram estudadas por OLIVÉRIO PINTO.

Em fins de 1938 êsse mesmo ilustre ornitólogo fez mais uma proveitosa viagem científica a Pernambuco. São do seu relatório, recentemente publicado nos *Arquivos de Zoologia do Estado de S. Paulo*, as seguintes notas sôbre as expedições de FORBES, que aí esteve em 1880 e de KAEMPFER em 1934.

Escreve OLIVÉRIO PINTO: "Investigador dos mais competentes e admiravelmente preparado para a emprêsa, a FORBES devemos o estudo mais completo e autorizado até hoje existente sôbre a ornis de Pernambuco, que explorou nos arredores mesmo de Recife, e depois em numerosas localidades da então província. Os resultados de sua expedição, que se estendera também à zona costeira da Paraíba e obedeceu a todos os requisitos de rigor científico, foram publicados na grande revista ornitológica inglesa *The Ibis*". Depois de FORBES volta-se à situação anterior, sendo bastante poucos os progressos devidos a raros colecionadores. Com efeito, si abstrairmos os exemplares colecionados em 1908 por O. REISER (da expedição STEINDACHNER) em Recife e Petrolina, a literatura ornitológica registra apenas uma coleção feita em S. Lourenço por A. ROBERT e, em data mais recente, a de E. KAEMPFER, cujos resultados, especialmente no que toca a Pernambuco, só muito parcialmente se conhecem, através das publicações de E. NAUMBURG, a quem foi confiado o seu estudo".

A expedição alemã ao Grande Chaco, em 1926, chefiada pelo professor HANS KRIEG, de Munich, embora tenha tido resultados dos mais interessantes para o conhecimento da nossa fauna, não esteve no Brasil, tendo visitado a Bolívia, o Paraguai e norte da Argentina, seguindo

quasi o mesmo itinerário da expedição sueca de 1905, dirigida por NORDENSKIOELD.

Em outubro de 1938 o professor LAURO TRAVASSOS chefia uma grande expedição científica zoológica ao sudoeste de Mato-Grosso, demorando-se alguns dias em Lussanvira, Salobra, Bodoquena e Ilha Sêca. Compunha-se a expedição de 14 técnicos, sendo oito do Instituto Biológico de S. Paulo e um do Serviço de Inquérito às Grandes Endemias (28), entregue o abundante material coligido (mais de quinze mil especimens), ao estudo de doze especialistas brasileiros (29).

Em 1930 vai ao Araguaia a expedição científica francesa, para estudar os Carajás e Caiapós, como adiante veremos. O zoólogo JEAN VELLARD publica curioso estudo sobre a raia de fogo, sobre as piranhas e descreve novas espécies de escorpiões.

---

(28) Era o seguinte o pessoal científico da expedição TRAVASSOS: LAURO TRAVASSOS (chefe), FREDERICO LANE e CARLOS AMADEU DE CAMARGO ANDRADE, do Museu Paulista; PIERRE ARLÉ e ANTENOR LEITÃO DE CARVALHO do Museu Nacional; MANUEL JOAQUIM DE MELO, do Instituto Biológico de S. Paulo; Dra. MARIA VON PAUMGARTEN, do Serviço de Inquérito às grandes endemias; J. F. TEIXEIRA DE FREITAS, HERMAN LENT, EMANUEL DIAS, OTAVIO MANGABEIRA FILHO, R. FERREIRA DE ALMEIDA, MARIO VENTEL, ANTONIO ROCHA NOBRE, como o chefe, pertencentes ao pessoal do Instituto Oswaldo Cruz.

(29) O rico material coligido foi assim distribuído e estudado: Nematódios, Trematódios e Cestódios — LAURO TRAVASSOS, TEIXEIRA DE FREITAS e H. LENT; Dípteros — H. de SOUZA LOPES, os Tabânidas especialmente por OLIVEIRA CASTRO; Apterígotos — R. ARLÉ; Lepidópteros — LAURO TRAVASSOS (os diurnos por FERREIRA DE ALMEIDA e os Esfingidas por OITICICA FILHO); Mantoídes e Aracnídeos — MELLO-LEITÃO; Anfíbios — ANTENOR LEITÃO DE CARVALHO.

Em 1923 viera ao Brasil uma expedição zoológica inglesa, chefiada pelo professor BALFOUR BROWN, da Universidade de Cambridge, encarregado dos estudos de Entomologia geral, e trazendo como auxiliares para o estudo especial e coleta de aracnídeos e dípteros WILLIAM SYER BRISTOWE; para os himenópteros em geral SAUNDERS; para os mamíferos membrácidas e icneumoníidas HANCOCK; para mamíferos e lepidópteros MATTHEWS; e para as aves e coleópteros COTT. Aquí chegados em meados de julho, foi a expedição acompanhada pelo naturalista EDUARDO MAY, do Museu Nacional. De 18 a 31 de julho a expedição fez pequenas excursões pelos arredores do Rio, Niterói e Raiz da Serra de Petrópolis. A primeiro de agosto seguiram para Campos a colher parasitos da cana de açúcar e estudar a fauna higrófila da região. Adoecendo o professor BALFOUR, seguiu este por mar para Buenos Aires e de lá voltou para a Inglaterra, passando a chefia da expedição a WILLIAM BRISTOWE. Voltando ao Rio, seguiram os expedicionários para Minas Gerais, visitando as regiões de Morro Velho, Diamantina e Curralinho, regressando novamente ao Rio, onde se demoraram alguns dias, aproveitados em uma excursão a Teresópolis. BRISTOWE partiu para a Inglaterra e HANCOCK e MATTHEWS seguiram com o Sr. MAY para a Baía, onde visitaram a ilha de Itaparica e os arredores de Salvador, embarcando os dois naturalistas ingleses a bordo do *Andes* para a Grã-Bretanha.

Sobre esta expedição há o relatório de MAY, uma interessantíssima nota de BRISTOWE sobre os costumes dos nossos insetos e a descrição dos opiliões, por MELO-LEITÃO.

HEINRICH SNETHLAGE, que depois se dedicou à etnologia, fez a sua primeira expedição ao Brasil seguindo as pegadas de sua tia EMILIA. Em 14 de julho de 1923 chegou êle a Belém, partindo depois de curta demora,

para S. Luis do Maranhão. Subiu o rio Grajaú até à cidade do mesmo nome, indo de lá para Barra da Corda, descendo o rio Mearim até Pedreiras; continuou por terra para Codó e pelo Itapicurú voltou a S. Luis. Num pequeno navio dirigiu-se para o Ceará, desembarcando em Camocim. No Ceará visitou Sobral, Ipú, subiu a serra de Ibiapaba e alcançando Parnaíba, no Piauí, subiu o rio do mesmo nome até Santa Filomena. Sobre a região percorrida escreveu interessantes notas ecológicas com uma lista das espécies e subespécies de aves das diversas zonas percorridas.

## CAPITULO VII

### EXPEDIÇÕES ETNOLOGICAS

**D**ESPRESADA aquella noção vaga e pouco precisa do *Esmeraldo* a “homens côr de cobre”, é a carta de VAZ CAMINHA o primeiro documento científico sôbre o nosso aborigene e os seus costumes.

Não se estendia, por certo, a incumbência de CABRAL, buscando terras ocidentais dentro da linha do Tratado de Tordesilhas (ou vindo a tomar posse, como por acaso, de terras já descobertas por DUARTE PACHECO, como parece mais curial) até estudar os nossos habitantes primitivos, pois nas cartas e referências secretas que possui a Corôa Portuguesa “não se certifica se esta terra é habitada ou não”, como lembra Mestre JOÃO MENELAU.

Expedição puramente geográfica, sem dúvida. Mas o espírito atilado do escrivão das feitorias da Índia se sentia seduzido pelo insólito daqueles homens nús, pela estranheza dos seus hábitos e se apressa em dar conta ao seu soberano do que observara, buscando tornar, quanto possível, interessante e amena a sua narrativa, predispondo-o à receber, benévolo, o pedido em favor do turbulento genro degredado.

Já vimos, no comêço dêste livro, os períodos de interesse geográfico. Não são menos curiosos os que se relacionam propriamente com a nossa gente. Dos dois mancebos *tomados* na noite de 24 de abril de 1500 por AFONSO LOPES, diz CAMINHA:

“A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam

nús, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita a modo de roque-de-xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magôa, nem lhes põe estôrvo no falar nem no comer e beehr.

“Os cabelos deles são corredios. E andam tosquiados, de tosquia alta antes do que sôbre-pente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da covinha, de fonte a fonte, na parte de trás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave amarela, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena por pena, com uma confecção branda como cera (mas não era cera) de maneira tal que a cabeleira era mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia minguia mais lavagem para a levantar...

“E estiraram-se de costas, na alcatifa, a dormir, sem procurarem encobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas; e as cabeleiras delas estavam bem rapadas e feitas”.

Adiante, ao referir-se aos que viu na praia no dia seguinte (25 de abril):

“Dos que ali andavam, muitos — quasi a maior parte — traziam aqueles bicos de osso nos beijos. E alguns que andavam sem eles, traziam os beijos furados e nos buracos traziam uns *espelhos* de pau, que pareciam espelhos de borracha. E andavam lá outros, quartejados de côres, a saber metade deles da sua própria côr, e metade de tintura preta, um tanto azulada; e outros quartejados

d'escaques. Ali andavam entre eles tres ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos mui pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.

“Esse que o agasalhou (*ao degradedo Afonso Ribeiro*) era já de idade, e andava por galantaria, cheio de penas, pegadas pelo corpo, que parecia seteado como S. Sebastião. Outros traziam carapuças de penas amarelas, e outros de vermelhas; e outros de verdes. E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo para cima, daquela tintura, e certo era tão bem feita e tão redonda e sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições, envergonhara, por não terem as suas como ela. Nenhum deles era fanado, mas todos assim como nós.

“Ali verieis galantes, pintados de preto e vermelho, e quartejados, assim pelos corpos como pelas pernas que, certo, assim pareciam bem. Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres novas, que assim nuas não pareciam mal. Entre elas andava una, com uma coxa, do Joelho até ao quadril e à nadeга, toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto de sua côr natural. Outra trazia os joelhos com as curvas assim tinta, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência descobertas. Também andava lá outra mulher nova, com um menino ou menina, atada com um pano (não sei de que) aos peitos, de modo que não se lhe viam senão as perninhas. Mas nas pernas da mãe e no resto não havia pano algum.

“Alguns traziam uns ouriços verdes das árvores, que na côr queriam parecer castanheiros, embora fôsem muito mais pequenos. E estavam cheios de uns grãos pequeninos, vermelhos que, esmagando-se entre os dedos, se des-

faziam na tinta muito vermelha de que andavam tingidos (1). É quanto mais se molhavam tanto mais vermelhos ficavam. Todos andavam rapados até por cima das orelhas, assim mesmo de sobrancelhas e pestanas. Trazem todos as testas, de fonte a fonte, tintas da tintura preta, que parece uma fita preta da largura de dois dedos.

“... Uma povoação em que haveria nove ou dez casas, as quais diziam que eram tão compridas, cada uma, como esta nau capitânea. E eram de madeira, e das ilhargas de tábuas e cobertas de palha, de razoavel altura; e tôdas de um só espaço, sem repartição alguma, tinham dentro muitos esteios; e de esteio a esteio uma rede atada com cabos em cada esteio, altas, em que dormiam. E de baixo, para se aquentarem, faziam os seus fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, uma numa extremidade, e outra na oposta.

“Não tem coisa que de ferro seja, e cortam sua madeira e paus com pedras feitas como cunhas, metidas em um pau entre duas talas, mui bem atadas e por tal maneira que andam fortes. Esta gente é boa e de boa simplicidade.

“Eles não lavram nem criam. Nem há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao viver do homem. E não comem senão dêste inhame, de que aqui há muito, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si deitam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos”.

---

(1) É esta uma descrição muito boa das cápsulas do urucú (*Bixa orellana*), permitindo reconhecer a planta logo à primeira vista e dando aos reinos uma idéia muito exata do aspecto do fruto e das suas sementes. O papel do urucú era, como o demonstrou experimentalmente ALVARO OSORIO DE ALMEIDA, proteger a pele dos raios solares e não simples galantaria.

Eis, num estilo singelo e despretençioso, algumas magníficas páginas de etnografia, e por isso não resistimos à tentação de as transcrever.

Com os dois degredados que aquí ficaram e os dois grumetes fugidos começou o caldeamento de sangue. FERNANDES FIGUEIRA, em inspirados versos, imaginando o primeiro amplexo da índia virgem e de Afonso Ribeiro, um dos degredados, escreve:

“Pátria, nasceste alí; pátria, que sem receio,  
ao humano sofrer darás consolação.  
Tu só na Terra, como essa virgem de outróra,  
às vítimas do mundo abrirás o teu seio,  
— terra da promessa! —” (2)

---

(2) Imagina FERNANDES FIGUEIRA o pasmo e a desolação de Afonso Ribeiro ao se ver sósinho no seio dessa natureza estranha e o terror diante da noite que se aproxima:

“A noite já descia a montanha, no instante  
em que um som imprevisto e muito baixo escuta,  
como se lhe roçasse o ouvido a humana voz.  
Olha diante, fareja, a solidão perscruta,  
volve o rosto, e lobriga ao lado palpitante,  
nua, uma índia a sós.

Nua, somente envolta em compridos cabelos,  
refulgente de vida e rija de saúde,  
na inocência feliz da beleza pagã...  
Fala, mas quem lhe pode os gritos entendê-los?  
Vê-se apenas que canta o ardor da juventude  
na pele brônzea e sã.

E ela no entanto diz: “Sou aquela, estrangeiro,  
que te segue e te quer. Vamos! sou tua escrava  
Por ti abandonei a taba dos irmãos.  
Vamos. Da selva densa eu conheço o roteiro...  
Ai, não temas comigo a sussuarana brava...  
Ai, demo-nos as mãos”.

Mas é bem possível que antes, naquelas folganças de que fala o escrivão, a índia formosa “que às mulheres de Europa envergonhara por não terem as suas feições tão graciosas” e o luso afoito já se tivessem unido. Porque daqueles mil e tantos homens só os frades e o caipitão-mór teriam olhos castos para as índias nuas: os religiosos — por obediência a um voto sagrado; o Capitão, mais que pela eminência do seu cargo, pela debilidade provocada por antigos e pertinazes acessos de quartã e que, mau grado seu, o faziam desmerecer dêsse avô FERNÃO CABRAL, “metedor d'alvoroços entre moças de pandeiro e soalheiro e dos galantes dado por espelho neste mundo”.

AMÉRICO VESPUCCI e DIAZ DE SOLIS foram menos felizes em seus contactos com os índios: nem os Potiguaras, nem os Charruas eram a “gente bôa e de bela simplicidade” que CAMINHIA observara, e que os nossos românticos de meados do século passado quizeram generalizar.

Já por mais de uma vez repetimos que não cabem nestas páginas as observações dos cronistas que, aliás, no domínio da etnografia, são muito mais precisos que para a zoologia ou a botânica. Ao *homo homini lupus* do brocardo latino poderíamos acrescentar que desde sempre o homem tem sido (e continua a ser) a maior sedução para os estudos humanos, pois apesar da máxima de PLATÃO e das incessantes indagações feitas em mil e um setores, permanece êle *êsse desconhecido*, como bem o define CARREL.

Na fuga de ORELLANA, que êle soube cavilosamente transformar em epopéia, as principais referências do seu cronista são para êsses pagãos que habitavam nas margens e ilhas do grande rio que os levava para o Oceano, desde êsses Encabelados, sôbre os quais tão dilatadamente discorre CARVAJAL, até à “boa terra e senhorio das Amazonas”, da qual guardou perene recordação na cicatriz de um flechaço.

As crônicas de HANS STADEN, LERY, GANDAVO, THÉVET são subsídios de valôr para o conhecimento das tribus com os quais estiveram em contacto, embora, e nem podia deixar de assim ser, generalizem aos *brasis*, o que observaram em pequeno e restrito núcleo. Mais preciosas são, sem dúvida, as *cartas e tratados* dos Jesuítas e, sobretudo, esse inestimável documento da língua, que era a "geral, começando arriba do Rio do Maranhão e correndo por todo o distrito da Coroa de Portugal até ao Paraguai e outras províncias sujeitas à Coroa de Castela", como escreveu PERO RODRIGUES. Desde os estudos do padre JOÃO DE APILCUETA NAVARRO, da famosa e utilíssima *Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil* de JOSÉ DE ANCHIETA e da sua digna irmã *Arte da Língua Brasilica* (3) do P. LUIZ FIGUEIRA até o Vocabulário do P. LEONARDO DO VALE, sempre se preocuparam os nossos catequistas máximos com o perfeito conhecimento da língua, procurando entrar em mais íntimo contacto com o pensamento dos seus catecúmenos.

Escreve SERAFIM LEITE: "A tal unidade de língua, que concorreu, sem dúvida, para a unidade brasileira, recebeu dos Jesuítas extraordinário vigôr, pela feição cul-

---

(3) Escreve o P. SERAFIM LEITE; sobre a *Arte de Gramática*, que se imprimiu em Coimbra em 1595: "É a primeira gramática publicada na língua tupi-guarani, monumento de inapreciável valor linguístico e filológico, glória da Companhia no Brasil, o fato que deu a ANCHIETA maior renome". É o instrumento principal, diz PERO RODRIGUES, de que se ajudam os nossos padres e irmãos, que se ocupam na conversão da gentildade, que há por toda a costa do Brasil. Esta língua é a geral, começando arriba do rio do Maranhão e correndo por todo o distrito da Coroa de Portugal até ao Paraguai e outras províncias sujeitas à Coroa de Castela. Aqui entram os Petiguares até Pernambuco, os Tupinambás da Baía, os Tupinauins e Tumiminós da Capitania do Espírito Santo, e os Tamoios do Rio de Janeiro, e muitas outras nações, a quem serve a mesma língua com pouca mudança de palavras".

ta, que lhe deram, fixando por escrito as suas formas gramaticais e vocabulares (4).

Se quizéssemos, porém, examinar os cronistas, iríamos muito além dos limites que nos são permitidos. *Ne sutor ultra crepidam*. As preciosíssimas e eruditas notas de RODOLFO GARCIA aos dois livros de CARDIM — *Do Princípio e origem dos Índios do Brasil e Informação do P. Cristovão Gouveia às Partes do Brasil* dão uma idéa exata das contribuições etnológicas dos cronistas quinhentistas.

E' ainda a um Jesuita, o P. CRISTOBAL DE ACUÑA, que devemos esse delicioso *Novo Descobrimento do Rio das Amazonas*, relatando a volta da expedição PEDRO TEIXEIRA ao Pará, depois de ter subido pelo grande rio até Quito. Na ida deixara PEDRO TEIXEIRA na província dos Encabelados o grosso do seu exército, sob o comando de PEDRO DA COSTA FAVELA e PEDRO BAYON, "pessoas que bem mostraram nesta ocasião o valor com que durante tantos anos haviam exercitado a milícia, e a fidelidade com que obedeciam às ordens dos seus superiores, pois a pé quedo esperaram onze meses, sem nunca intentar outra coisa, apesar de ser a terra doentia, os mantimentos nenhuns, senão os que buscavam com as armas, e esses tão minguados que apenas parece podiam ser suficientes para conservá-los com vida".

Na crônica da viagem de regresso, dividida em 83 números, a partir do XXII quasi não há um só que não

---

(4) BARBOSA RODRIGUES, ao relatar as suas viagens entre os índios amazônicos escreve: "No Amazonas, todas as tribus, que ainda existem, com dialetos muito diversos e que foram missionadas, falam a lingua geral. Os Mundurucús, Maués, Tucanos, Deçanas, Ticunas, Arauaques, Paraquís, etc., todos falam a Língua Geral, que aprenderam. Ainda ouvi uma ladainha e oração em Língua Geral, recitadas por Paraquís, que teem um dialeto muito especial".

esteja repleto de notas interessantes sobre os índios: as suas bebidas, a sua agricultura, os modos de pescar e caçar, as armas, comércio e ferramentas, informando desde logo, a respeito das incontáveis tribus: "Todo este Novo Mundo (chamemo-lo assim) é habitado de bárbaros de distintas províncias e Nações, das quais posso dar fé, chamando-as por seus nomes, e assinalando as suas situações, umas de vista, outras por informações dos Índios que nelas haviam estado; passam de cento e cinquenta, todas de línguas diferentes (5) tão dilatadas e povoadas de moradores as que vimos por todo este caminho".

A todos achou o padre ACUÑA "de boa disposição, bem encarados, de côr não tostada como os do Brasil, mansos e de natural dócil".

A partir da província dos Encabelados, "em contínuas guerras com as nações circunvizinhas (Senhos, Bacabas, Temas, Chufias e Rumos) e tendo por sua frente quatro outras nações", e da província das Águas, de cabeça "que mais parece mitra de bispo mal formada que cabeça de pessoa", vem o jesuíta espanhol desfiando o nome das várias nações de que teve conhecimento ou com

---

(5) Refere ACUÑA mais de 120 tribus diferentes, ou nações, e comenta: "São tão seguidas estas Nações, que dos últimos povoados de umas, em muitas delas, se ouvem lavrar os paus nas outras, sem que tamanha vizinhança os obriquem a fazerem as pazes, conservando perpetuamente contínuas guerras, em que cada dia se matam e se cativam inúmeras almas; desaguadeiro ordinário de tanta multidão, sem o qual já não caberiam naquela terra. Mas embora entre si se mostrem belicosos e de brios, nenhum tem para com os Espanhois, como se observou em toda a viagem, na qual nunca o bárbaro se atreveu a usar contra os nossos de outra defesa sinão a de que estão sempre prevenidos os covardes: a fuga que tem muito à mão, por navegar em umas embarcações tão leves que, encostando à terra, as carregam nos ombros, e arrojando-se com elas a um lago, dos muitos que tem o Río, deixam burlado a qualquer inimigo que com a sua embarcação não possa fazer outro tanto".

as quais esteve em contacto, citando a localização de mais de cem, muitas das quais não mais foram identificadas. Ao falar de povos fantásticos, como esses "gigantes de 16 palmos de altura", desses Guayazís, "tão pequenos como criancinhas de peito" ou desses mutayús, "de pés para trás, de modo que quem os não conhecendo, quizesse seguir as suas pegadas, caminharia sempre na direção contrária a eles", não esquece de ponderar que dos mesmos "lhe deram notícias", o mesmo acontecendo com as amazonas, a respeito das quais adverte: "Só lanço mão do que ouvi com os meus ouvidos e com cuidado averigui desde que puzemos pé neste Rio, no qual não há geralmente coisa mais comum, e que ninguém ignora, que se dizer que nele habitam estas mulheres, dando sinais tão particulares, que concordando todas as informações umas com as outras, não é crível que uma mentira se pudesse ter enraizado em tantas línguas e tantas nações, com tantos visos de verdade". (6)

---

(6) Vinte anos depois da viagem de ACUÑA, na Crônica da *Companhia de Jesus no Estado do Brasil* escreve o P. SIMÃO DE VASCONCELOS: "Diziam que entre as nações sobreditas moravam algumas monstruosas. Uma é de anãos, de estatura tão pequena, que parecem afronta aos homens: — chamados Guaiiazís. Outra é de casta de gente, que nasce com os pés às avessas de maneira que quem houver de seguir seu caminho ha de andar ao revés do que vão mostrando as pisadas; chamam-se Matuiús. Outra é de homens gigantes, de 16 palmos de alto, adornados de pedaços de ouro por beijos e narizes, e aos quais todos os outros pagam respeito; teem por nome Curinqueás. Finalmente que há outra nação de mulheres, também monstruosas no modo de viver (são as que chamamos Amazonas, de que tomou o nome o rio) porque são guerreiras que vivem por si só sem comércio de homens; vivem entre grandes montanhas; são mulheres de valor conhecido". E ainda no fim do século XVIII, nas suas *Observações gerais e particulares da classe dos Mamais* perguntava ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA: "Será certo que entre as muitas nações de gentios, que habitam no Juruá, confluente do rio dos Solimões, existe a

A expedição científica holandêsa, como vimos, é, quasi contemporânea da de PEDRO TEIXEIRA. Todos os estudos antropológicos e etnográficos foram feitos exclusivamente por MARCGRAVE. Na *História rerum naturalium Brasiliae* é de sua autoria o capítulo *De statura et habitu corporis Brasiliensium et de actate et moribus* e, mais tarde, publicando o *De Indiae utriusque re naturali et medica* deixa PIES (que lhe roubara neste livro todas as descrições referentes à fauna e à flora brasileiras) como sendo da pena de MARCGRAVE o interessante *Comentario sobre a índole e lingua dos brasileiros e chilenos*.

As observações do douto naturalista de Liepstadt se referem naturalmente aos índios do Nordêste, com os quais estivera em contacto. Pelo próprio enunciado dos capítulos que tratam da nossa gente, tanto na *História Natural*, como no *Comentário*, se vê que aí se reúnem dados antropológicos e etnográficos, a respeito desses homens “de estatura mean, robustos e espadaúdos, bem feitos, de olhos negros, nariz afilado, boca larga, cabelos negros e corridos, de barba rala ou nula” e dessas mulheres “baixas, bem dispostas, de fórmãs não deselegantes, como as pretas, robustas e parindo facilmente”. E, diz ele, “é admiravel como preservam os filhos das doenças, nunca os envolvendo em ligas ou faixas; para robustecê-los, atam-lhes as pernas com certas tiras que chamam *tapacura*”.

A expedição portugûesa de ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA é de fins do século XVIII havendo no doutor-filósofo a estofa de um grande etnógrafo, deixando-nos, nos minuciosos relatórios e *participações* das suas viagens, principalmente nessa pela Capitania do Rio Negro, no

---

dos Cauanás, espécie de pigmeus, de estatura tão curta, que não passam de cinco palmos? Será certo, que a dos Uginas, do mesmo rio, consta de Tapuias caudatos?”

juízo doutíssimo de ROQUETTE PINTO, “páginas admiráveis sobre a sociedade indígena”. Na exposição etnográfica do Museu Nacional ha, nas zonas visitadas por ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, como justa homenagem ao seu atilamento de observador, as cópias das melhores aquarelas inéditas da obra do nosso malogrado patricio. Fora o sem número de notas que se encontram esparsas no *Diário da Viagem filosófica*, na *Participação do Rio Negro*, na *Relação circunstanciada do Rio Madeira* e na *Miscelânea de observações filosóficas*, deixou RODRIGUES FERREIRA dezoito memórias sobre os índios com os quais esteve em contacto, (7) suas indústrias, máscaras e ma-

---

(7) Começando a parte descritiva das suas *Observações*, escreve RODRIGUES FERREIRA:

“System. Nat. Genus” ..	HOMO
Paraensibus .....	ABAMIRA
Lusitanis .....	HOMEM
Species Ia .....	SAPIENS
Varietas a .....	AMERICANUS

Trata o nosso Naturalista primeiramente dos *Monstruosos por Artificio*:

(a) Cambeba ou Omagua, com a cabeça chata, em figura de mitra;

(b) Uerequena ou Orelhudo, com as extremidades das orelhas rasgadas, e distendidas até aos ombros;

(c) Miranha, com as ventas exteriormente furadas;

(d) Turás e Caripunas do Rio Madeira, com um furo na cartilagem, que interiormente divide as ventas;

(e) Gamela, com o labio inferior rasgado circularmente e distendido por uma rodela de madeira, ficando orlada com o labio, em forma de gamela. Com os lábios e orelhas furadas há muitas nações de gentios;

(f) Turupexunas ou Bocapreta, com a face mascarada de cinza das folhas da palmeira pupunheira;

(g) Mauá, com o ventre espartilhado, e cingido entre cascas das árvores;

locas, além dos dados antropológicos (aliás de somenos valia) das *Observações sobre os Mamais* (8).

A expedição do príncipe MAXIMILIANO DE WIED não tinha em mira o exame dos nossos aborígenes mas no relato de sua viagem há um grande número de dados interessantes, como contribuição à etnografia do E. Santo e Baía. Não se descuidou o príncipe naturalista de colecionar o que pudesse interessar ao conhecimento anatômico dos nossos aborígenes, e como então a antropologia se fazia sobretudo sobre o crânio, levou consigo uma caveira de botocudo que foi descrita nas *Decadus Craniorum* de BLUMENBACH.

Era SAINT HILAIRE grande botânico mas, dentro da sua visão unilateral, às vezes um pouco ingênuo. Sobre a sua contribuição como etnólogo escreve ROQUETTE PINTO: "A. DE SAINT HILAIRE, no começo do século XIX, achou os *Botocudos* mui semelhantes aos chins, embora os mongóis, segundo lhe parecia, tivessem a face mais achatada e mais larga. SAINT HILAIRE presumia reali-

---

(h) Tucuria; as mulheres com a clitoris castrada.

*Monstruosos por natureza:*

(i) Catauixi ou Purupurú, com as mãos e os pés malhados de branco.

(8) Deixou ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA Memórias sobre os índios Cambébas, Caripunás, Catauixi, Espanhois, Guaná, Guaicurús, Joianas, Jurupixunas, Maués, Miranhas e Uerequenas. E mais sobre as cuias que fazem as índias de Vila de Monte Alegre; sobre as salvas e outros utensílios curiosos, que fazem de palhinhas as índias das vilas de Santarém; sobre a louça que fazem as índias do Rio Negro; sobre o isqueiro ou caixa de guardar a isca para o fogo e sobre os lizos das canas e dos caniços; sobre os instrumentos de que usam os gentios para tomarem tabaco de Paricá; sobre as máscaras e farças que fazem para os seus bailes os índios Jurupixunas; sobre os gentios Muras, que voluntariamente desceram para as povoações dos rios Negro, Solimões, Amazonas e Madeira, sobre as malocas dos Curutús.

zar comparação bem apurada examinando, em Cabo-Frio, lado a lado, tres chinêses e alguns índios”.

A longa estadia em nosso país do sábio dinamarquês PEDRO GUILHERME LUND, motivada pelo estado dos seus pulmões como pelo interesse que nasceu da sua primeira visita à fazenda *Porteirinha*, do seu compatriota CLAUSSEN, não pode ser estudada entre as expedições científicas, não cabendo aqui a análise do que foi essa série de excavações e achados que levaram a estabelecer-se a *raça de Lagôa Santa*.

Houve na realidade uma expedição científica dinamarquês, que tocou de passagem em nosso país, mas da qual os resultados são, no que diz respeito ao conhecimento da nossa natureza e da nossa gente, completamente negativos. Quero referir-me à expedição da corveta *Galatêa* que, partindo de Copenhague em junho de 1846, esteve de passagem no Rio de Janeiro em princípios de 1847, e da qual fazia parte o zoólogo REINHARDT, indicado por LUND como sendo a pessoa em condições de estudar o rico material paleontológico por ele remetido ao rei CRISTIANO VIII, das grutas calcáreas de Minas Gerais.

ALCIDES D'ORBIGNY veio à América do Sul, contratado pelo Governo argentino. Esteve no Rio de Janeiro de 24 de setembro de 1826 a meados de outubro desse mesmo ano. Passou em Montevideo por ocasião da guerra Cisplatina, tendo aí estado alguns dias na prisão e depois de livre, encontrado grandes dificuldades em conseguir salvo-conduto para transferir-se para Buenos Aires. Tal impecilho vinha de que as autoridades brasileiras estavam escarmentadas com o logro que pouco antes lhes passara um suposto *naturalista*. Desse azedume pela demora e pelo vexame da prisão resultam as páginas menos amáveis possíveis para com o povo brasileiro, sendo de alívio e desafogo as suas palavras ao encontrar-se afinal

na Argentina (com a qual não é, aliás, dos mais benevolentes em seus conceitos). Sua primeira viagem nesse país foi à Patagônia. De volta a Buenos Aires, logo partiu para o Norte, subindo o rio da Prata e Paraguai. Atravessou o Chaco argentino e boliviano, subiu os Andes e regressou para a Europa por Valparaíso, onde embarcou a 3 de setembro de 1833. Tendo estudado mais particularmente os Guaranís e índios incio-civilizados das missões bolivianas, esteve também em contacto com alguns índios do extremo oeste de Mato Grosso. Tendo penetrado em nosso território na altura do forte Príncipe da Beira, à margem do Guaporé, subiu por esse rio até Vila Bela, regressando pelo mesmo caminho fluvial para a Bolívia.

Sobre o valor, para o Brasil, dessa expedição, escreve ROQUETTE PINTO: "D'ORBIGNY teria sido o fundador da antropologia indígena sul-americana si houvesse podido estudar mais tipos naturais. Quasi um século depois da publicação do seu *Homem Americano*, os cientistas, no mundo inteiro, interessam-se novamente por aquelas questões de *fisiologia antropológica*, tão claramente expostas por ele em 1839.

"Longe de querer isolar os tipos, como fizeram alguns modernos, pela exclusiva consideração das fórmulas cranianas, D'ORBIGNY compreendeu que as relações do meio não se limitam assim; e passou revista em todos os detalhes da organização, verificando até que ponto elles poderiam ser ligados às condições ambientes.

"Sejam quais forem as falhas da sistemática etnológica que se lhe possam increpar, o critério a que se apoiou e o modo por que realizou o estudo antropológico dos índios sul-americanos, dão-lhe direito a ser considerado daquela honrosa maneira. Infelizmente o material colhido por D'ORBIGNY foi pequeno. Sua *raça brasileiro-*

*guaraní* sofreu dessa escassez. Nessa divisão não reconheceu as diferentes nuances, nem conseguiu marcar o caminho de sua antropogenia, conforme fez para outras; não distinguiu sub-tipos.”

E mostra o nosso grande antropólogo como muitos de nossos índios, e tomou como exemplo um Borôro, não se encaixam naquele esquema geral da “côr amarelada, estatura mediana, fronte pouco saliente, olhos oblíquos, levantados no angulo externo”.

Muito mais rica em resultados, pelo critério do observador e por seu grande amor ao Brasil, foi a expedição de SPINX e MARTIUS. Toda a obra etnográfica e antropológica é de MARTIUS, o grande sábio católico da Baviera e aí estão, ainda hoje consultadas a cada passo, as suas duas obras capitais neste domínio de que estamos agora tratando: *Beitraege zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas* e *Glossarium linguarum Brasiliensium*, sendo a primeira “de valôr tão desigual mas sempre interessante”.

Para que bem se aquilate do que para nós representa a expedição bavara basta ler este expressivo e eloquente período de ROQUETTE PINTO: “Caminhai um pouco pelo Brasil, estudai-lhe a terra, as plantas, os animais, a gente... encontrareis a cada passo com as doiradas pepitas que o velho MARTIUS atirou à nossa estrada”.

Todos os que vieram depois a estudar o homem brasileiro dele se valeram, para corrigir certas minúcias ou lhe aproveitaram as pepitas para cinzelar as joias das modernas interpretações.

Cuidando especialmente da parte referente à antropologia, diz o mesmo autor na *Rondonia*: “Na sua raça americana distinguiu dois tipos, que se podem pôr em chave do seguinte modo:

“1.º tipo: — Fórmulas grosseiras, pequeno porte, face larga, fronte deprimida e fugitiva, olhos oblíquos, mala-

res salientes, nariz deprimido, maxilar inferior fortemente desenvolvido. Lembra o tipo mongol.

“2.º tipo: — Talhe alto, esbelto, fronte alta, arqueada, olhos horizontais e rasgados, nariz saliente, muitas vezes aquilino; *fórmãs nobres* das regiões inferiores da face. Lembra o tipo caucásico.”

“A cor da pele e a qualidade dos cabelos, MARTIUS não as discriminou em cada tipo. E andou bem.”

Da expedição científica brasileira o etnógrafo era GONÇALVES DIAS. O seu alto renome como poeta, considerado mesmo por muitos como o poeta máximo da nossa gente, fez com que esquecessem injustamente o lugar que toca ao etnógrafo. Se o seu índio tem muito de romântico, émulo do pele vermelha de FENIMORE COOPER, é isto uma criação de poeta, mas, mesmo nessas fantasias, se vê o conhecimento de nossa gente, adquirido mais que na velha literatura dos cronistas, à sua disposição, no contacto com o nosso homem. Sua demora no Ceará com os outros companheiros de expedição foi pequena, seguindo pouco depois para a Amazõnia, onde teve a oportunidade de fazer mais seguras observações etnográficas.

COUTO DE MAGALHÃES que, como presidente de Mato Grosso, organizara em 1867 uma expedição científica para reconhecimento dos rios Tocantins e Araguaia, entregue à chefia do capitão BENEDITO JOSÉ DA SILVA FRANÇA, apenas se vê livre dos encargos políticos, volta à sua faina de sertanista etnógrafo, evitando ler o que se escrevera sobre os nossos índios “porque, tendo diante de si o grande livro da natureza, não desejava percorrer-lhe as páginas com opiniões preconcebidas e formadas no gabinete. Do autor do *Selvagem* disse com sobeja razão o VISCONDE DE TAUNAY: “Como LUND ele não tinha o temperamento de um paleontólogo para longas contemplações ante os crânios e as ossadas dos selvagens, medindo-lhes

a compasso e esquadro as dimensões e os ângulos; faleciam-lhe também a compleição científica e a profundidade de MARTIUS para o estudo de sua estrutura fisiológica. Sem a disciplina mental de um naturalista, ele deixou, todavia, em suas obras o cunho de um observador perspicaz dos fenômenos da vida de relação das tribus selvagens”.

Do fruto das suas observações pessoais distinguiu ele em nossos índios dois tipos antropológicos: o tipo *abaína*, primitivo, constituído por uma raça “côr de cobre tirando para o escuro (côr de chocolate), estatura ordinariamente acima da mediana, cabelos sempre duros, o malar e a órbita salientes; e o tipo *abajú*, formado por duas raças mestiças, de côr amarela, tirando para a de canela, estatura mediana e, às vezes, abaixo disso, cabelos muitas vezes finos e anelados, menos pronunciadas as saliências das órbitas e do malar, pés e mãos de uma delicadeza que faria o desespero dos mais elegantes da raça branca”.

Que melhór crítica podia almejar esse antropólogo amador, do que o juízo feito meio século mais tarde por um ROQUETTE PINTO: “Apesar de pouco preciso em relação às minúcias, o autor do *Schwagem* apanhou com acerto modalidades morfológicas dos índios do Brasil. Ao contrário do que me parecera até 1909, tenho podido observar notáveis especializações nos tipos brasileiros; essas variantes, devo dizê-lo, ajustam-se bem às que foram separadas pelas observações de MAGALHÃES, mau grado o empirismo com que as realizou”.

No domínio meramente etnológico são preciosas as fábulas por ele recolhidas e que vem enriquecer o nosso folk-lore, dando-lhes uma feição literária que as faz ler ainda hoje com facilidade e deleite (9).

---

(9) Reunindo especialmente as lendas do jabutí, com as quais fórma uma espécie de ciclo, escreve COUTO DE MAGALHÃES: “Na coleção que se segue, além do sentido simbólico que as lendas possam ter, assunto esse que não trato de investigar,

Expedição científica brasileira, injustamente esquecida, é a que realizou, por determinação do Governo Imperial, o grande botânico JOÃO BARBOSA RODRIGUES no vale do Amazonas, de 1871 a 1884, com pequenas interrupções, depois de ter, por mandato do mesmo Governo, visitado os estados do Nordeste em 1869. Desse nosso botânico e etnógrafo escreveu HERMANN VON IHERING, sempre tão avaro de elogios: "BARBOSA RODRIGUES é, sem dúvida, a figura mais proeminente entre os naturalistas que nasceram no Brasil. Comparavel ao seu grande colega MARTIUS, occupou-se com igual successo de botânica, de etnografia e de arqueologia do país".

De 1871 a 1874 explorou BARBOSA RODRIGUES os rios Capim, Tapajoz, Trombetas, Jamundá, Urubú, Jatapú, Madeiras, estudando treze subtipos de indios que habitam nas suas margens, limitando-se, infelizmente, a mensurações de indivíduos do sexo masculino. (10).

"Todavia", escreve ROQUETTE PINTO, "as anotações descritivas que lhe ficámos devendo, têm maior valor. BARBOSA RODRIGUES começa pondo em destaque, como critério diferencial importante, as proporções entre o tronco e os membros, nos indivíduos das raças negra e americana:

---

porque me faltam ainda estudos de comparação, é muito claro o pensamento de educar a inteligência do selvagem por meio da fábula ou parábola, método geralmente seguido por todos os povos primitivos. A coleção das lendas do jabuti compõe-se de dez pequenos episódios. Todos eles foram imaginados com o fim de fazer entrar no pensamento do selvagem a crença na supremacia da inteligência sobre a força física".

(10) Mediu BARBOSA RODRIGUES os Conibó do rio Ucaiale, Ticuna do Tocantins, Miranha do Japurá, Cauixaná do Solimões, Arara do Madeira, Mundurucú do Tapajóz, Maué do Maués, Pariqui do Iatapú, Aruaque do Uatumã, Mura do Urubú. Tembê do Capim, Omagua de Olivença e Purí do Mucurí.

“Em geral o nosso índio, diz ele, é de estatura baixa, tronco grosso e largo, pescoço e membros curtos”. As diferenças sexuais lhe pareceram mediocres, quanto à morfologia externa do corpo.

“As mulheres em geral, todas teem um aspecto varonil, isto é, na estrutura do tronco e dos membros, são muito aproximadas ao sexo masculino, a ponto de, pelas costas, confundirem-se os sexos; contudo em algumas tribus variam na estatura”.

Seus escritos antropológicos estão quasi todos na Revista da Exposição Antropológica do Brasil, de 1882, notável empreendimento científico que devemos ao esforço de LADISLAU NETO.

Nas suas viagens coligiu BARBOSA RODRIGUES minuciosas informações sobre as tribus de indígenas que visitou, sendo auxiliado nesse contacto com os selvícolas pela figura heroica, cheia de abnegação e de bondade de sua esposa, D. CONSTANÇA BARBOSA RODRIGUES. A ela se deve o muito que ele conseguiu com a catequese e aldeação dos *crichanans*.

“De valor especial”, diz VON IHERING, “são as suas comunicações sobre antigüidades da Amazônia”, tendo percorrido uma zona muito extensa. A lingüística lhe deve essa grande e importante *Poranduba Amazonense*.

As vezes, porém, ele se deixou embalar pelos sonhos do seu entusiasmo e o poeta das *Veladas Noturnas* aparece nos trabalhos científicos, tal como succedeu ao tratar desses misteriosos muraquitans, em cujo estudo deu livre curso à sua fantasia.

Era BARBOSA RODRIGUES um entusiasta da nossa gente e, no prefácio dessa preciosa *Mbaé kaá* escreve: “Foi o seu suor que regou a terra; foi a sua mão forte que amparou os passos dos descobridores, e abriu-lhes o caminho para a prosperidade; entretanto disto nos esquecemos para condenar a sua geração. Mas, si ele foge ante o

sibilo da locomotiva, si no seio dos sertões se oculta, vai, contudo, deixando atrás de si, como marcos perenes, as vozes de sua língua, que perdurarão, lembrando sempre que ele foi o senhor, e que nenhum poder riscará a influência da sua inteligência na flora sul-americana. O tupí, com suas hordas ou tribus, é galho com ramos do tronco donde saiu o mesmo karani, também com a sua ramalhada. Esse tronco formava uma nação, cujo nome, si o tinha, perdeu-se na noite dos séculos; mas foi formado da união de várias hostes, que se mesclaram no combate das miracemas, que constituíram as suas raízes”.

Da sua viagem ao sul do Brasil, realizada como chefe da Comissão Geológica do Império do Brasil, no ano de 1877 trouxe HARTT, de cujas expedições pelo Brasil já tratámos páginas atrás, dezoito crânios humanos, recolhidos nos sambaquis, crânios esses que foram estudados por LACERDA, que sobre eles calcou a sua descrição do *Homem dos sambaquis*, com caracteres somáticos apresentando as maiores analogias morfológicas cranianas com os botocudos, tendo um descaimento frontal ainda mais pronunciada e uma face ainda mais rebatida. HARTT demonstrou-se igualmente um sagaz etnógrafo, tendo publicado sobre os índios que visitou uma série de notas interessantíssimas (11).

---

(11) Em 1871 examinou CARLOS FREDERICO HARTT o sambaqui de Santarém, ao mesmo tempo que J. B. STEERE, da Universidade de Michigan. A propósito dos sambaquis de conchas fluviais refere a exploração anterior de FERREIRA PENA, executada no baixo Tocantins, tendo esse mesmo arqueólogo nosso explorado os sambaquis entre Salinas e Bragança. No Volume VI dos Arquivos do Museu Nacional publicou HARTT uma série de *Contribuições para a etnologia do Vale do Amazonas*, nas quais se destacam os estudos arqueológicos feitos em Pacoval, e a descrição dessa maravilhosa cerâmica marajoara, fazendo uma síntese do fabrico de louça entre os selvagens; o estudo dos Mundurucú (citando uma expedição exploradora WILKES) e esse

SCHREINER, naturalista viajante do Museu Nacional (o iniciador de MIRANDA RIBEIRO no estudo da ictiologia) fizera, quasi pela mesma época, uma excursão científica ao Rio Doce, de onde trouxe 16 crânios de Naque-nanques, crânios aos quais apenas faz breves referências RODRIGUES PEIXOTO em seu trabalho sobre os Botocudos, prometendo sobre os mesmos uma monografia, que nunca foi publicada e que ignoramos mesmo se deixou em manuscrito.

Citemos, ainda de passagem, a expedição do príncipe ADALBERTO DA PRÚSSIA que, mais como simples turista, visitou o baixo Amazonas e o Xingú, mas cujas notas sobre os Jurunas (estudados por ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA em uma de suas *Memórias*) ganham em ser conhecidas. O seu caderno de apontamentos de viagem "não é um livro científico no sentido estrito da palavra; contém, no entretanto, observações e vistas da natureza e dos costumes que refletem uma apreciação viva e exata das cenas que o príncipe presenciou, um esboço amavel das zonas que percorreu".

Em 1862 esteve também no Xingú a expedição do italiano BOSSI, mal preparado para tais empreendimentos, e que redundou, no dizer de CARLOS VON DEN STEINEN, num trágico fiasco.

Poderíamos dizer que ainda repercutia na Côrte do Rio de Janeiro o éco da Exposição Antropológica (se fosse possível haver no Brasil de ontem... e no de hoje... um eco para os empreendimentos científicos), quando,

---

curioso ensaio sobre a mitologia dos índios do Amazonas, com a transcrição de uma série de lendas, em estilo muito mais ameno que o de COUTO MAGALHÃES. No primeiro volume dos mesmos Arquivos já publicara HARTT dois estudos sobre algumas tangas de barro cosido dos antigos indigenas de Marajó e de objetos de pedra.

em setembro de 1883, de volta das ilhas da Geórgia meridional o navio *Mave* desembarcou em La Plata os irmãos VON DEN STEINEN e OTO KLAUSS. Demoraram-se os sábios alemães na Argentina cinco meses. Em meados de 1884 partiram de Buenos Aires, chegando a Assunção no dia 20 de março. Dois dias depois, a bordo do *Rápido* continuaram a sua viagem, Paraguai acima, até Corumbá, de onde seguiram para Cuiabá a bordo do *Caxipo*. Aí, nessa "idílica cidade em meio 'o sertão'", ficaram quasi dois meses. Não é que não estivessem ansiosos os expedicionários por levar a cabo a sua missão, mas aos seus desejos lhes respondiam sempre: *O Xingú não foge*, e eles eram obrigados a esperar. Na verdade essa demora era em parte devida ao propósito do nosso Governo de cercar os sábios alemães de todas as garantias, enviando a proteger essa primeira expedição ao Xingú os capitães ANTÔNIO TUPY FERREIRA CALDAS e FRANCISCO DE PAULA CASTRO, com um contingente de 25 praças.

De Cuiabá ganharam os expedicionários a região dos Bacairís do Rio Novo e depois o Paranatinga e o Batovi, entrando no Xingú, que foi descido até ao Amazonas. Dos dois irmãos VON DEN STEINEN, Guilherme era desenhista e Carlos etnólogo e geógrafo, cabendo a essa expedição a prioridade da exploração do Xingú, cujas coordenadas foram determinadas por seu companheiro de expedição, o astrônomo OTO KLAUSS. Voltou a expedição pelo Rio de Janeiro, onde, a 20 de dezembro de 1884, num jantar no clube Germânia, recordaram com saudade e humor as tribus visitadas, os Bacairís, Custenari, Trunari, Suiá, Manitsauá, Juruna e Carajá, comemorando-as num cardápio que começa por uma *sopa a Katu-hekatú* e termina por um *Tahaha-atahahá* gelado. (12)

---

(12) Eis o curioso *ménu* desse jantar:

Huitres

Potage printanière à la Katu-Hekatu

“O que fez CARLOS VON DEN STEINEN, diz ROQUETTE PINTO, ao lamentar a sua perda, “foi mais do que uma simples viagem e mais do que interessantes descobertas. Com elementos ali conseguidos ele refundiu completamente as bases da nossa etnografia indígena”.

E PAULO EHRENREICH, seu companheiro na segunda expedição, comenta: “A primeira exploração do rio Xingú (13), último tributário do Amazonas e, entretanto, pouco conhecido, trouxe também para a etnologia bellos resultados.

“Nessa ocasião o mundo científico ficou sabendo que no centro da América Meridional existe uma população autóctone, até hoje inteiramente impoluta da influência europeia, e que representa o homem americano no seu esta-

Garope Xingu, sauce Bakairi  
 Filet de boeuf à la Suyá  
 Aspic de foie gras à la mode Custenau  
 Supreme de Volaille sauce Manitsauá

Punch Caxiri

Dinde volière à la Yuruna  
 Asperges Indiennes à la mode Trumai  
 Saint Honoré à la vanille Caraja

Tahaha atatahá glacée.

(13) Escreve a esse respeito ROQUETTE PINTO: “Na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro procurou alguém, creio que foi Pimenta Bueno, em 88, contestar a von den Steinen a prioridade da exploração do Xingú. Valia-se, para isso, de um antigo mapa publicado, se bem me recordo, em 1802, por Caetano Pinto de Miranda Montenegro, carta em que as principais curvas do rio estavam esboçadas. A verdade, porém, é que aconteceu no caso do Xingú o mesmo que na maioria dos encontros geográficos em nossa terra. O caboclo descobre mas não sabe escrever os documentos do que encontrou... É como se não tivesse descoberto. Ecos remotos das suas investigações atingem, às vezes, os eruditos, quando muito”.

do precolombiano (14), quando não conhecia nem o uso dos metais, nem as plantas e animais domésticos, introduzidos do velho mundo, para quem, enfim, o próprio cão é um ser inteiramente desconhecido”.

“Acresce ainda, como fato importante, que não são tribus isoladas que se conservaram neste estado prehistórico, mas representantes de grande número dos principais povos indígenas do Brasil; o que deu em resultado poder-se estabelecer uma classificação nova destas nações assim como determinar-lhes o berço ou núcleo de irradiação e as linhas que a mesma seguiu.”

Os resultados dessa primeira expedição ao Xingú foram reunidos no admirável livro de CARLOS VON DEN STEINEN *Através do Brasil Central*.

Tres anos mais tarde chegou ao Rio de Janeiro a segunda expedição alemã ao Xingú, constituída pelos Drs. GUILHERME e CARLOS VON DEN STEINEN, PAULO EHRENREICH e PEDRO VOGEL. Demoraram-se os expedicionários na capital do Império um par de meses, estudando no Museu Nacional e na Biblioteca Nacional. Afinal partiram do Rio de Janeiro no dia 20 de fevereiro de 1887, tendo o Governo Imperial designado o tenente LUIS PERROT para acompanhar a expedição. Dirigiram-se para o sul, visitando os sambaquis de Santa Catarina e daí seguiram para Buenos Aires, visitando na República Argentina o nascente Museu de La Plata, já tornado célebre por sua magnífica coleção de fósseis, não chegando cá

---

(14) São ainda de ROQUETTE PINTO, no epicédio de VON DEN STEINEN, estas palavras: “A surpresa do mundo, em 1884, quando teve noticia de que ainda havia, na América do Sul, homens na *idade da pedra*, homens, escreveu von den Steinen, nas condições em que foram encontrados os índios pelos descobridores da América, tal surpresa, só em 1907 se renovou, quando Rondon arrancou para a serra do Norte e desencantou outros primitivos ainda no mesmo estado”.

fora o rumor da rivalidade desses dois grandes sábios que foram AMEGHINO e MORENO.

A 17 de junho embarcaram a bordo do navio brasileiro *Paraná*, que partia para Assunção, onde chegaram a 28 do mesmo mês, continuando a sua viagem sem tardança, no mesmo barco, tocando em Corumbá a 4 de julho e descendo em Cuiabá no dia onze. Aí ficaram tres semanas.

“A expedição deixou Cuiabá a 28 de julho de 1887”, escreve PAULO EHRENREICH, “transpoz o Paranatinga no lugar da aldeia dos Bacairí mansos no dia 21 de agosto; passou em direção de léste o rio Batoví um pouco acima do lugar de embarque da primeira expedição e se encontrou no dia primeiro de setembro, na bacia de um novo afluente do Xingú, até então desconhecido, e que não podia ser outra coisa sinão o almejado Kuliseu. Pela margem esquerda deste rio descemos durante seis dias, quando chegámos a um lugar, onde espessa mata e terreno muito acidentado nos impossibilitou de proseguirmos.”

CARLOS VON DEN STEINEN desceu o rio com dois companheiros, alcançando, ao cabo de dois dias, a primeira aldeia dos Bacairí bravos, ficando EHRENREICH e VOGEL a explorar os arredores, visitando ao todo 11 povoações, pertencentes a sete tribus diferentes. A 30 de outubro, devido às ehuvas e precário estado de saúde de alguns expedicionários, começaram a viagem de regresso, visitando pela última vez as aldeias, estando no acampamento do Kuliseu a 15 de novembro. Escreve então EHRENREICH:

“Os piores dias decorreram entre 2 e 14 de dezembro; estávamos então sem mantimentos, vivendo do escasso produto da caça e em anciosa dúvida sobre a sorte dos nossos dois companheiros PERROT e JANUÁRIO, os quais, tendo-se perdido no mato, só por um acaso muito feliz encontraram a nossa caravana na margem do Para-

natinga. No dia de S. Silvestre chegámos enfim, sãos e salvos, a Cuiabá, depois de termos percorrido, durante cinco meses, uma das regiões mais agrestes e menos conhecidas da América Meridional”.

Os resultados ântropo-etnológicos desta segunda expedição estão reunidos no lindo livro — *Entre os Naturais do Brasil Central* (15), cujos capítulos sobre os Parecí e Boroto foram traduzidos respectivamente por CARLOS LOUREIRO e BASILIO DE MAGALHÃIS, e a parte referente aos Bacairí bem resumida na narração de PAULO EHRENREICH, traduzida por ALEXANDRE HUMEL. (16)

Em maio de 1888 dissolveu-se a segunda expedição ao Xingú, regressando CARLOS VON DEN STEINEN para a Alemanha, guardando na alma, dessas paisagens dominadoras, “quadros que o tempo não conseguiu desmaiar”.

---

(15) Sobre o valor de VON DEN STEINEN eis a opinião acima de qualquer suspeita do probo e, às vezes, rispido CAPISTRANO DE ABREU: “Ao mesmo tempo que aparecia o livro do Dr. Steinen sobre a lingua, estava aqui um Bacairí trazido do Paranatinga pelo Dr. Oscar Miranda, quando realizou sua tão tormentosa viagem rio abaixo até ao Amazonas. Com o mesmo índio pude quem escreveu estas linhas estudar o livro do sábio alemão vocabulo por vocabulo, e não acha palavras bastantes para exprimir a admiração que lhe causou o exato da transcrição fonética, a agudeza com que foi apurado tudo quanto nos materiais colhidos havia de aproveitavel. Se, em um país que blasona de essencialmente agricola, fosse permitida a comparação, poder-se-ia dizer que seu engenho, como uma das moendas gigantescas hoje em uso, esgotou todo o caldo de cana, deixando apenas o bagoço”.

(16) Distingue EHRENREICH entre os Bacairis dois tipos principais: “O primeiro, distinguindo-se por um prognatismo muito pronunciado, cuja impressão é ainda mais acentuada pelo queixo muito recentrante; além disso tem o nariz longo e arcado e cabelo ondulado, quasi crespo e fino, ao mesmo tempo, o que na raça americana me parece mais comum do que ordinariamente se supõe. O segundo mostra feições quasi caucásicas, tendo o prognatismo pouco pronunciado, o nariz mais curto e mais direito”.

Propuzera o chefe da segunda expedição do Xingú, ao seu companheiro PAULO EHRENREICH, demorar-se ainda durante algum tempo no Brasil, descendo o Araguaia e o Tocantins até Belém.

“Uma visita às tribus que habitam as margens daquele imenso rio”, escreve EHRENREICH, “parecia-nos de muita importância para a solução de diversos problemas relativos à etnologia da vasta região central do Brasil, problemas estes que se nos tinham antolhado durante a nossa viagem. Aceitei esta incumbência com a perspectiva de ver realizado um antigo desejo meu, o de estudar bem um dos maiores rios da bacia amazônica”.

Partiu Ehrenreich de Cuiabá a 17 de maio de 1888, palmilhando, a princípio, até ao posto militar de Sangradouro, mais ou menos a estrada da expedição CASTELNAU, seguindo pelo chapadão, “em sua grandiosa monotonia imponente como um oceano sem praias”, atingindo o rio das Garças a primeiro de junho, descortinando afinal o vale do Araguaia a 7 do mesmo mês. Chegou no dia 16 a Rio Bonito, aí descansando uma semana. De Torres do Rio Bonito, “com sua série de gigantescas formações de grés, semelhantes a castelos em ruínas e denteadas como as dolomitas do Tirol”, patiu para a capital de Goiás, atravessando a imponente mata, antes percorrida e minuciosamente descrita por SAINT-HILAIRE, POHL e CASTELNAU, chegando a 10 de julho a Goiás, da qual mais tarde confessaria “ardentíssimas saudades”. No dia 21 de agosto embarcou ele no vaporzinho que fora levado por COUTO DE MAGALHÃES, num “trabalho hercúleo”, tendo aproveitado os 15 dias passados em Leopoldina a estudar os Caiapó mansos. Carregado de rico material etnológico, e dando graças a Deus por “deixar a embarcação com a pele intacta” desceu em Santa Maria no dia primeiro de setembro, lembrando com admiração a SEBASTIÃO DE FREITAS, comandante do vapor, “homem de delicado tino e de al-

truismo pouco comum, que soubera grangear as simpatias dos indígenas que o consideravam como seu verdadeiro protetor”.

Em sua viagem, “todas as vezes que o podia fazer, ia à noite pousar em alguma aldeia, podendo então, ao clarão das fogueiras, gozar as impressões a um tempo estranhas e atraentes que proporcionavam o aspecto da vida familiar e dos usos domésticos destes inofensivos filhos da natureza”.

Partiu EHRENREICH de Santa Maria a 12 de setembro, achando-se afinal no dia 17 defronte da primeira grande aldeia dos Carajá independentes ou Chambioá, tão diferentes dos pacíficos Carajá, que observara nas margens do Araguaia. A situação desses bugres era incontestavelmente melhor que a dos brancos seus vizinhos. (17). Demorou-se entre eles uma semana, voltando no mesmo batelão que o levara, e em Mocajuba “envergando outra vez a fatiota e mais atributos do burguês”, tomou o vapor para Belém, aí chegando no dia de finados.

Então, “no limiar do Mediterrâneo Sul-Americano, o Príncipe entre os sistemas fluviais do mundo”, segundo as suas próprias palavras, “assalta-o o desejo de conhecer, ainda que em rápida excursão, esta região tão extraordinária, tão ricamente abençoada”.

No dia 28 de novembro embarca no *Esperança* com destino ao Amazonas, subindo o Purús até Lábrea, em

---

(17) Em certa aldeia dos Carajás encontrou EHRENREICH “até ervilhas, que os índios tinham recebido do Pará e plantado, coisa de que não se lembrara nenhum colono brasileiro. Em geral é de supôr que estes selvagens pouco ou mesmo nada tenham que aprender com os representantes da civilização nesta região de Goiás. Pensar em catequese ficará escusado por enquanto, por isso que os índios vivem em condições incontestavelmente melhores do que os brancos, seus vizinhos”.

rápida observação dos índios Paumarí, Jamandí e Iou-rina.

Com o fruto das suas observações pessoais e ao mesmo tempo procurando compendiar o que até esse momento se conhecia sobre os nossos aborígenes, como antropologia, publicou EHRENREICH em 1897 o seu livro — *Estudos antropológicos sobre os Primitivos Habitantes do Brasil*, livro que ROQUETTE PINTO considera “verdadeiro tratado clássico” do assunto e que merece do autor da *Rondônia* dilatado resumo.

Antes da primeira expedição alemã ao Xingú, estivera em Mato Grosso durante quatro anos, e aí se encontrava quando CARLOS VON DEN STEINEN passou por Cuiabá pela primeira vez, o entomólogo americano HERBERT SMITH. Ele, que há mais de sessenta anos mostrara a importância da biogeografia, chamando-a a mais bela das ciências, veio pela primeira vez ao Brasil com HARTT em 1870. De 1879 a 1877 fez parte da Comissão Geológica do Brasil. Com a infeliz extinção desse serviço científico, foi HERBERT SMITH comissionado pelo *Scribners Monthly* para fazer explorações no Brasil, tendo realizado uma viagem ao Pará e outra no Rio de Janeiro em 1871.

Em maio de 1881 veio HERBERT SMITH pela última vez ao Brasil. Depois de passar alguns meses no Pará, dirigiu-se para o sul, demorando-se dez dias em Pernambuco e seis meses no Rio de Janeiro. Daqui embarcou para o Rio Grande do Sul, onde esteve outros seis meses, passando a Montevidéo e por linha fluvial ganhando Mato Grosso, onde viveu quatro anos, explorando o extremo oeste, especialmente a região de Chapada. A princípio trabalhou como geólogo, mas logo se sentiu seduzido pela zoologia e, mais que isso, pela distribuição geográfica dos animais. Por isso mesmo os dados zoogeográficos e eco-

lógicos do material por ele coligido são sempre muito precisos. Sua coleção zoológica é uma das mais ricas que já se tem feito em Mato Grosso: dez mil insetos, outras tantas aves, 450 mamíferos, muitos reptéis e anfíbios e abundante material etnológico. Nada, porém, escreveu HERBERT SMITH sobre antropologia ou etnografia.

Em 1896 o Dr. HERMANN MEYER, autôr de minucioso e interessante estudo dos arcos e flechas do Brasil, distribuindo-os em uma classificação ainda hoje aceita (18), organizou uma terceira expedição alemã ao Xingú, completando a comitiva os Drs CARLOS HAUKE, os irmãos CARLOS, AFONSO e ANTÔNIO DHEIN e ALFREDO SCHREINER funcionários do Museu Nacional. No aldeamento dos Bacairí do rio Paranatinga passou a expedição algum tempo, visitando depois outras aldeias do mesmo povo, ape-

---

(18) Nos índios brasileiros distingue HERMANN MEYER cinco tipos de arco: o *peruano* de secção quadrangular (que RAIMUNDO LOPES encontrou entre os Urubús ou Tupis do Gurupi) e quasi sempre de madeira negra; o *brasileiro-setentrional*, de secção semicircular e de madeira vermelho-escura; o *da Guiana* de secção parabólica, cavado em goteira na face anterior, de madeira pardo-escura; o *do Chaco*, de secção circular e madeira vermelha; e o *brasileiro-oriental*, grupo heterogênio, compreendendo desde o arco liso, cilíndrico até o enleiado de cipó dos Bororos. Para a emplumação das flechas distingue ele sete tipos: a) *brasileira-oriental ou Tupi-Gê*, de penas inteiras, presas com fibras, e base revestida de escassa penugem; b) *da Guiana*, com uma pena fendida ao meio, as duas porções presas à haste por anéis de fibras, passados em diferentes pontos e na base um fragmento de madeira com um entalhe; c) *do Xingú*, com duas meias penas presas por fios que atravessam a haste da flecha; d) *dos Araras*, ainda com duas meias penas presas por anéis e na base um segmento revestido de fios; e) *Maué*, com duas penas inteiras, presas no ápice e na base, e na base da flecha um pedaço de madeira dura, entalhado; f) *peruana (com fibras)* muito semelhante ao primeiro tipo e exclusiva do Ucaiale; g) *peruana (com resina)* com penas fendidas longitudinalmente, amarradas em hélice e mantidas por fios e resina preta.

nas completando as observações anteriores, restolhando na colheita de VON DEN STEINEN.

Em 1895 haviam começado as explorações geográficas de HENRIQUE e OLÍMPIA COUDREAU, comissionados pelo Governo do Pará, inspiradas ao Governador LAURO SODRÉ por seu secretário JOSÉ VERÍSSIMO, apaixonado pelas coisas referentes à Amazônia e ciente do bem que faz ao progresso de um país ou de uma região o seu estudo científico.

No primeiro relatório, referente à viagem ao Tapajoz (28/VII/1895 a 7/I/1896) faz HENRIQUE COUDREAU interessantes observações sobre os Mundurucú, confrontando os seus dados com os trabalhos de GONÇALVES TOCANTINS e BARBOSA RODRIGUES. Em sua segunda viagem, feita ao Xingú (30/V a 26/X/1896) visitaram os dois COUDREAU os Assuiní, Piba, Juruna, Achipajé, Arara, Curinaíá, Arara bravos, Carajá. Lembra H. COUDREAU, em seu livro dessa viagem, como ainda era mal conhecida a região, exclamando: "O mistério que cerca as tribus de índios do interior por acaso começa a dissipar-se: que sabemos dos Assurini ou Veados, dos Achipaié, dos Curuaié?". Apenas de volta a Belém, tornaram a partir para o Tocantins e Araguaia (31/XII/1896 a 23/V/1897) aproveitando os dados do padre GIL VILANOVA à região dos Caiapós paraenses. Visitaram então os Apinagé, Gradaú, Carajá, Tapirapé e Caiapó. Em sua viagem ao Cuminá (20/IV a 7/IX/1900), depois da morte do esposo, nos deu OLÍMPIA COUDREAU algumas notas interessantes sobre os Pianocotó.

As expedições científicas para o estudo dos nossos selvícolas, durante o presente século, se sucedem quasi todos os anos. Não são mais aquelas curtas estadias de semanas, dos que vinham desbravar um terreno totalmente desconhecido, e se podiam contentar com os dados que

aqueles breves contactos lhes forneciam. Os roteiros estavam conhecidos e, por isso mesmo, os que vinham de longínquas terras traziam um programa bem estabelecido: — verificar as observações dos seus antecessores, corrigilas ou dilatá-las — e tal desígnio exigia uma demora mais longa para um exame mais meticoloso, a necessidade de uma comunhão mais íntima com esses homens de uma cultura diferente, almas que, como as actínias, só se expandem completamente na agua tranqüila e mansa de uma confiança absoluta e sem receios.

Predominam ainda os alemães: KOCH GRUENBERG, MAX SCHMIDT, KISSENBERTH, FRITZ KRAUSE, HEINRICH SNETHILAGE e esse curiosíssimo KURT NIMUENDAJU, que associou ao seu nome teuto o apelido que lhe impuzeram os Guarani, seus amigos, diríamos quasi seus irmãos. Mas aparecem nomes inglêses — DESMON HOLDRIDGE, BLOOMSON, LANGE — francêses — METRAUX, VELLARD — e também brasileiros — RONDON, ROQUETTE PINTO, CARLOS ESTEVAM DE OLIVEIRA, RAIMUNDO LOPES, SILVIO FROIS DE ABREU.

Já não se vem mais em busca de um desconhecido, a descobrir novas tribus ou desvendar povos não suspeitados. Por isso mesmo é enorme a surpresa do mundo sábio quando um RONDON consegue, em pleno século XX, desencantar um povo primitivo, totalmente ignorado pelos etnólogos do século passado. Já não há mais lugar para os romances, acentuando o P. MARIE H. TAPIE, ao escrever sobre esses Carajá e Caiapó “tendo como roupa um raio de sol, sem nenhuma idéia da nossa civilização e da nossa ciência, sem mesmo saberem contar até vinte”, mas “julgando-se muito superiores a nós porque, na imensidade dessas regiões tão remotas e tão desertas, nunca precisam de nós enquanto a cada passo somos obrigados a recorrer à sua força e à sua habilidade”, que não está fazendo literatura mas revelando uma fotografia.

Em princípio de 1903 o Museu Real de Etnologia de Berlim resolveu mandar ao Amazonas o Dr. KOCH GRUENBERG que para aqui partiu em abril desse mesmo ano, chegando a Belém no dia 23 de maio, seguindo quasi sem tardança para Manaus. A 27 de junho deixou KOCH GRUENBERG a capital amazonense, subindo o Rio Negro, chegando a 25 de julho a S. Felipe. Durante quasi dois anos viajou o etnólogo alemão pelo extremo noroeste brasileiro. De S. Gabriel subiu o rio Içana até Tumui e o Aiari. Daí seguiu por terra para o rio Uaupés e o alto Cayari. Percorreu a serra e rio Curicuriaí, o rio Tiquiê até ao lago Urubú e a cachoeira Parí. Varou por terra para o Apaporis, que desceu até ao Japurá. Daí voltou ele ao Uaupés, por onde encetou a sua viagem de regresso, embarcando novamente para a Alemanha em meio de 1905. Nessa estadia de quasi dois anos entre os índios dessa região, estudou pacientemente os Huhutení, Suisí, Cururucuará, Tucano, Macú, Uitotô e Pianacotô-Umauá, sobre os quais publicou uma série de trabalhos de antropologia e etnografia, reunidos e resumidos em seu belo livro *Dois anos entre os índios do Brasil* (19).

Seis anos depois o mesmo KOCH GRUENBERG voltou à Amazônia, chegando a Manaus a 27 de maio de 1911. Desta vez vinha em missão do Instituto Baessler de Berlim e, subindo o Rio Negro, passou para o Rio Branco em demanda da Guiana Inglesa. Dos afluentes do Rio

---

(19) Foram estes os trabalhos que precederam o seu livro (do qual depois deu um ótimo resumo, para leitores menos especializados): *Origens da arte na Floresta virgem*; *Tipos índios do vale do Amazonas*; *Desenhos rupestres sul-americanos*; *Os Macú*; *Os Índios Uiotos*; *Os Pianakoto*; *O ramo índio do alto rio Negro e do Japurá e sua afinidades linguísticas*; *As danças de máscaras do alto rio Negro e Japurá*; *Caça e armas dos índios brasileiros*; *A casa dos índios brasileiros*; *Trabalhos femininos dos Índios brasileiros*.

Branco explorou o Tacutú até Aleluia e dilatado trecho do Urariqüera. De Aleluia seguiu por terra até à Serra do Barco, subindo a serra de Roraima. Daí, pela vertente guianense, desceu para o Orinoco, voltando pela Guiana Inglesa para a Europa, em 1913. Sobre esta viagem escreveu uma grande obra em 5 volumes, *Do Roraima ao Orinoco*, com o estudo das tribus visitadas. Repousa GRUENBERG nessa região que tanto amou e tão bem conhecia.

Além de riquíssimo material etnológico por ele colecionado e que serviu de base para as suas obras e memórias, coligiu KOCH GRUENBERG igualmente, embora não fosse esse o fim das suas expedições, uma esplêndida coleção de borboletas, que foram descritas por H. FRUSTORFER, muitas exsicatas de plantas amazônicas, estudadas especialmente pelo Prof. ROBERTO PILZER e amostras de rochas, entregues a CRANER. Na viagem ao Içana, Aporis e alto Japurá, reuniu KOCH GRUENBERG notas e vocabulários de quarenta línguas e dialetos em parte desconhecidos.

Entre essas duas expedições ao extremo norte, tivemos a visita de duas outras alemãs: a de FRITZ KRAUSE ao Araguaia e a de MAX SCHMIDT ao Jaurú e Juruena. A *moda* do Xingú, para os sábios alemães (20) estendia-se de um e outro lado por esse Brasil Central de onde RONDON acabava de desencantar os índios da Serra do Norte.

---

(20) Escrevendo sobre VON DEN STEINEN, diz ROQUETE PINTO: "A primeira geração do século XIX entusiasmou-se pelas viagens à Amazônia; a segunda dedicou-se ao Polo Norte; a seguinte devassou a África Central. O resto da América do Sul esperava que se reatassem, no seu ambiente, as pesquisas da ciência. A Sul América principiou a ser *moda*, acrescentou VON DEN STEINEN. E nós outros poderíamos dizer agora, que, principalmente o Xingú — passou a ser *moda* para os sábios alemães..."

FRITZ KRAUSE partiu para o Brasil a bordo do *Cap. Frio* a 29 de janeiro de 1908, chefiando a expedição enviada pela Universidade de Leipzig. Chegando ao Rio de Janeiro em 7 de fevereiro de 1909, seguiu para S. Paulo, em outras condições de conforto que não tinham conhecido os seus antecessores. Era a velocidade da linha férrea que o levava à capital bandeirante e d'aí para Uberaba. Dessa grande cidade de Minas, que lembra em seu livro *Nas Regiões Desertas do Brasil*, ser conhecida como *Princesa do Sertão*, seguiu a cavalo para Araguaí, Goiás (pela qual não teve o mesmo entusiasmo que EIRENREICH) e Leopoldina, descendo depois o Araguaia até Conceição. Dos afluentes do Araguaia explorou apenas o Tapirapé, em cujas margens vivia um dos povos que ele trazia como missão estudar.

Demorou-se FRITZ KRAUSE lá, nessas *solidões brasileiras*, quasi um ano, estudando os Carajá, Savagé, Caia-pó e Tapirapé. Na volta de Conceição fez ele uma pequena derivante por Capelinha e Trindade a d'aí por Pouso Alto e Caldas Novas. A 7 de fevereiro de 1909 chegou de novo à Alemanha, dando por finda a sua missão, relatada nesse livro condensado e de leitura às vezes pesada, mas com um sem número de observações do mais alto valor etnológico *In den Wildnissen Brasiliens*. Ao descrever a sua excursão, descendo o Araguaia, lembra, com justiça e simpatia, todos os seus antecessores, desde as primeiras explorações de ANTÔNIO PIRES DE CAMPOS em 1718 e DIOGO PINTO DA GAIA em 1720 até às do casal COUDREAU, que "nada trouxeram de novo aos conhecimentos etnográficos da região". E lembra os contactos e dados de MIGUEL DE ARRUDA E SÁ no aldeamento dos Carajá, em 1786; TOMÁS DE SOUZA VILA REAL visitando os Sambicá e Tapirapé em 1792; CASTELNAU, em 1844 sobre os Carajá; COUTO DE MAGALHÃIS, em 1863,

com os seus estudos sobre os Chambioá, Carajá e Javaé; SPINOLA em 1879, visitando os Carajá e finalmente PAULO EHRENREICH, em 1888, conforme já vimos linhas atrás.

Como as várias expedições etnológicas se entrelaçam, preferimos, no sucinto histórico das deste século XX, tratar separadamente, segundo a nacionalidade dos expedicionários, em vez do critério cronológico que até aqui vínhamos seguindo.

Em 1910, atraído pela mesma sedução do planalto central e da região do extremo oeste, estive em Mato Grosso MAX SCHMIDT, estudando os Parecí-Kabisí. Dezesseis anos mais tarde voltou ao Brasil, chegando ao Rio de Janeiro pelo *Werra* a 11 de setembro de 1926. Com a acolhida cordial e quente do Museu Nacional, aqui se demorou até o dia 21 de outubro, quando partiu para Mato Grosso, via S. Paulo. Em 1910 seguira ele o caminho mais seguido, o roteiro que lhe era indicado pelas expedições alemãs anteriores: subir o Paraguai até Corumbá e d'aí, segundo o itinerário a seguir, continuar pelo mesmo rio acima ou entrar pelo Cuiabá até à Capital do Estado. Chegado a Cuiabá, seguiu MAX SCHMIDT a estrada das linhas Telegráficas, alcançando o Juruena, onde se demorou entre os Cabixí das cabeceiras desse rio e do Jaurú, que desceu em sua viagem de regresso.

Em 1926, depois desse mês e meio passado no Rio de Janeiro, pela Estrada de Ferro seguiu para Cuiabá, ficando quasi dois anos em Mato Grosso. Dirigiu-se primeiro para os rios Paranatinga e Vermelho e a 24 de março de 1927 alcançou a primeira aldeia dos Caiabís, entre os quais viveu algum tempo. Voltando a Cuiabá, partiu em companhia de funcionários do Serviço de Proteção aos Índios para Utiariti, perto dessa linda cachoeira que RONDON, num lance cheio de bondade, compreensão e roman-

tismo assim denominara em sua primeira expedição (21). No posto de Utiariti, onde os índios viviam a sua vida, sob as vistas protetoras do *Serviço*, estudou ele os costumes dos Parecí. Rumou depois para o sul, fixando nova estadia mais demorada no posto Humaitá do mesmo Serviço, estudando os Umotina ou Barbados. Terminou a sua missão com a sua permanência em Barranco Vermelho, às margens do rio Pedro II, na convivência dos Guató. Pelo Rio de Janeiro voltou para a Alemanha, onde chegou em agosto de 1928.

Os tres etnólogos, cujas expedições acabámos de referir, são as figuras máximas da Alemanha neste século. Há, porém, os *poetas menores*: KISSENBERTH, que nos visitou em 1917 (22), HEINRICH SNETHLAGE, FELIX SPEISER, o suíço alemão HEINRICH HINTERMANN.

H. SNETHLAGE, que em 1923 visitara os Canelas, esteve nos anos de 1932 e 1933 no alto Guaporé. HEINRICH HINTERMANN veio ao Brasil comissionado pela Universidade de Zurich, em 1924. O seu livro *No País das Serpentes* é mais um livro de turista, mas contém alguns dados interessantes sobre os Bacairí e Meinaco, que visitou nos postos do Serviço de Proteção aos Índios. Contentava-se, porém, como alhures dissera CAPISTRANO DE ABREU, "com o bagaço"; o caldo já tinha sido aproveitado por seus antecessores.

---

(21) Eis como ROQUETE PINTO nos conta na *Rondonia* esse lance: "Na expedição de 1909, chegando ao rio, viram os exploradores numa arvore, ao lado do salto, uma dessas avezinhas. Para a coleção destinada ao Museu Nacional foi alvejada; mas antes que o tiro partisse, o indio *Talciri*, Matias, influente chefe, e guia da coluna, pediu fosse poupado o utiariti, protestando que, se o matassem, não poderiam ser felizes, nunca mais, porque daquela especie provinham os Parecis. O gavião não morreu. RONDON, em homenagem á crença dos seus auxiliares, deu o nome de Utiariti ao salto do rio Papagaio. E foi feliz..."

(22) KISSENBERTH esteve no Maranhão e no Araguaia.

A 10 de junho de 1924 embarcaram em Liverpool, a bordo do navio *Aidan* da Booth Line, FELIX SPEISER e ARNOLD DEUBER com destino à Amazônia, seduzidos pelos conselhos de KOCH GRUENBERG e pelo que haviam lido da viagem de KURT NIEMUENDAJU aos Aparai em 1913. No mesmo navio vinham THEODOR KOCH GRUENBERG e seu auxiliar HERMANN DENGLEER que se vinham reunir em Belém à expedição Americana de HAMILTON RICE ao Orinoco.

Chegados ao Pará a 28 de junho, poucos dias depois seguiram KOCH GRUENBERG e DENGLEER para Manaus. Em Belém encontrou-se SPEISER com o senador JOSÉ JÚLIO DE ANDRADE, que possuía uma grande propriedade, *Arumanduba*, entre as embocaduras dos rios Jarí e Parú, no baixo Amazonas, quasi fronteira à foz do Xingú. Depois de mês e meio de demora em Belém, partiram SPEISER e DEUBER para *Arumanduba* no pequeno *gaiola Almeirim*. Subiram depois, em *montaria*, o Parú até Tucano e aí se demoraram, vivendo entre os índios Apairí até dezembro de 1924. No seu livro *À sombra da Floresta Virgem Brasileira* conta FELIX SPEISER a sua viagem e as observações feitas no seu viver com os Apairí, e em pequeno artigo, anexo, dá o Dr. ARNOLD DEUBER uma nota sobre a música e os instrumentos musicais da mesma tribu. Em dezembro voltaram para *Arumanduba*, onde chegou a notícia da morte de KOCH GRUENBERG, no Rio Branco, vitimado pela malária. Pouco depois voltaram para a Europa (23).

---

(23) Morreu KOCH GRUENBERG logo no começo dessa sua terceira viagem à Amazônia. "Nele", escreve SEIFERT, "perdi eu um verdadeiro amigo, e defensor. O seu corpo descança nessa terra que ele amou com todas as forças de sua grande alma, no meio desses campos que ele honrou, dedicando-lhe o seu grande labor de sábio, e onde ele realizou uma das maiores viagens científicas na América do Sul".

A expedição etnográfica russa é resumida por ALBERTO CHILDE nas seguintes palavras: "Em 1914 um grupo de 5 jovens sábios russos organizou nos modelos das viagens científicas de estudantes, uma expedição à América do Sul. Os preciosos resultados foram expostos a 13 de maio de 1916 na Sociedade Imperial Russa de Geografia numa conferência, na qual tres deles comunicaram as suas observações: C. I. D. STRELNIKOF sobre os índios Kaaihvá (Guaranís da bacia do Paraguai, Alto Paraná, etc.); F. A. FIELSTRUP sobre os Cadiuvú, de Mato Grosso e HENRIQUE HENRICOVITCH MANIZER sobre os Guaranís e Kaingang de S. Paulo e os Botocudos de Minas Gerais e Espírito Santo.

"MANIZER publicou, além disso, um relatório, que leu nas sessões da Sociedade Imperial Russa de Antropologia de Petrogrado, da qual fazia parte. Ele visitou dois núcleos de botocudos: o primeiro é o Posto Oficial de Pancas (a 50 quilômetros de Colatina) e o segundo uma aldeia já abandonada, às margens do rio Doce, perto da fazenda Lajão. As coleções foram repartidas entre o prof. AMBROSETTI de Buenos Aires, o Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Museu da Academia Imperial de Ciências de Petrogrado".

O artigo-relatório de MANIZER foi traduzido para o francês e publicado nos Arquivos do Museu Nacional por ALBERTO CHILDE. As observações mais interessantes são as referentes aos Crenak, "grupo mais puro e que melhor se conservou" (24).

---

(24) Transcrevemos de ALBERTO CHILDE dois períodos que nos parecem dos mais interessantes: para não tirar-lhes o sabor, deixamo-lo na língua em que fez CHILDE o resumo do relatório do joven etnólogo russo: "Mr. Manizer ayant demandé á un personnage du groupe, le capitaine Mouni de lui expliquer la différence entre les deus *gouvems* (gouvernements): celui de la forêt et celui de Ridianer, Mouni répondut que le second est grand, le premier

Recentemente (1934) a Revista Brasileira de Música publicou interessante artigo de MANIZER sobre a música e os instrumentos musicais dos Cadiveú, Tereno, Taiá, Caingang, Guaranís e Botocudos, tribus visitadas pela expedição russa em sua viagem à América do Sul.

Em 1894 um outro russo, JÚLIO KOSLOWSKI era naturalista viajante do Museu de La Plata, encarregado especialmente da coleta de material zoológico, dedicando-se à herpetologia, tendo anteriormente descrito as rans da expedição organizada pelo diretor do Museu, Dr. FRANCISCO MORENO e bem assim descrito uma lagartixa, da família Gecônidas, por ele apanhada em Descalvado, Mato Grosso (e da qual não nos fala AFRANIO AMARAL em seu catálogo). Em fins de 1893, encontrando-se nos arredores da cidade de Mato Grosso, julgou "interessante fazer uma viagem à região da chamada lagoa dos Xarais, habitada pelos Guatô, para lá tendo seguido a 10 de janeiro de 1894. Como a época fosse imprópria para coletas faunísticas, limitou-se a estudar esses índios, entre os

---

petit, le second est habillé, le premier nu, le second mange du riz, le premier meurt de faim, etc. Socialistes innés, on voit que pour eux le gouvernement c'est ce qui est désirable, "l'assiette au... riz". (CHILDE escreveu em 1919).

"Les Krenaks vivent sur un territoire qu'ils regardent comme leur propriété inviolable. Le droit naturel est chez eux très développé, et leurs territoires sont séparés de ceux des autres groupes voisins par des limites naturelles, collines ou montagnes, qu'ils respectent dans leurs chasses, au point de ne pas même accepter, quand localisés au Poste de Pancas, les produits de chasse, tués à coups de fusil sur ce territoire, qu'ils ne considèrent pas comme le leur. A' Pancas, il y a pour le moins des représentants de quatre groupes, mais seulement les *Minia-jirunas*, habitants primitifs de cette région, vint à la chasse; les autres: *Gout-Kralis*, *Nark-rékés*, *Nak-Samouks*, chassent rarement et préfèrent la pêche. Tous cependant, regardent encore comme leur patrie la région qu'ils ont quitté pour venir ici, et conservent l'espoir fervent d'y retourner un jour".

quais permaneceu três semanas, publicando depois um trabalho com esse título. Em fins do mesmo ano, voltando a Mato Grosso, à região do Descalvado, estudou então os Bororo.

Citemos, ainda, de passagem, uma viagem feita com outros intuitos, pelo negociante J. BACH, a Miranda, aí estando em contacto com os Tereno. Em 1898, antes de partir novamente para o norte de Mato-Grosso deixou algumas notas que foram publicadas nos Anais da Sociedade Científica Argentina em 1916. Nunca mais se teve notícias de BACH, que não voltou dessa segunda viagem.

Embora HERBERT BALDUS e CURT NIEMUENDAJU UNKEL sejam alemães, estão de tal maneira radicados entre nós que das suas expedições científicas trataremos no grupo brasileiro.

Mercecem uma citação especial a obra catequista dos padres salesianos e dominicanos, os quais teem feito uma série de interessantíssimos estudos etnológicos. Os Salesianos fizeram as suas missões entre os Bororo orientais, sendo dignos de menção os trabalhos do Pe. A. COLBACCHINI, publicados em 1915 e 1925 e as teses de ALFREDO TROMBETTI e de ANTÔNIO TONELLI sobre os Bororo-Oarári. As missões dominicanas estão situadas entre os Caia-pó e Carajá, com uma série de observações etnográficas sobre estas duas tribus publicadas no jornal *Cayapós e Carajás* e os interessantes livros de LUIS PALHA.

Nesse grupo italiano não devemos esquecer os estudos de ERMANO STRADELLI, realizados entre as tribus amazônicas, estudos principalmente de carater linguístico.

As expedições RONDON começaram em 1906, quando ele executou a construção da rede telegráfica ligando o Araguaia a Cuiabá, estendendo-se d'aí por diante, através dos pantanais, até S. Luiz de Cáceres, Corumbá, Coimbra, Miranda, Porto-Murtinho e Bela-Vista. Foi nessa ocasião que esse grande Brasileiro fez as suas primeiras ob-

servações etnológicas. Já nos referimos aos itinerários e finalidades das várias expedições RONDON, cabendo aqui breves referências aos resultados dos estudos etnológicos feitos pelo inclito chefe e seus auxiliares, não só na Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas como no benemérito Serviço de Protecção aos Índios.

Na expedição de 1907 teve ocasião CANDIDO RONDON de estudar os Índios Parecí, vivendo "por grupos isolados, familiares, com um chefe temporal (Amure) e um espiritual (*Uturity*)", e divididos "em tres ramos: o dos Uaimaré, filhos de Sacalo e Zalóia; o dos Caxiniti, filhos de Zaulorê; e o dos Cozarine, filhos de Camagô, o grande".

Na expedição de 1908 observou ele os Nhambiquara, que a princípio receberam os expedicionários como inimigos e por um triz não caiu RONDON, vítima desse ataque inicial (25). Em princípios de setembro se estabeleceram os primeiros contactos mais cordiais com essa tribo, até então desconhecida. Mas ainda em 1910 voltaram os índios a atacar o pessoal da Comissão Rondon, entremeiadas essas manifestações hostis com relações mais ou menos amistosas, de modo a permitir a colheita de um pequeno vocabulário dessa gente estranha.

---

(25) Eis como RONDON nos conta o lance: "No dia 22 saímos do acampamento de Saueuiná em demanda do Juruena, devendo eu de passagem ir pelo trilho dos índios á aldeia cuja proximidade se revelava pela frequencia de pegadas recentes.. Eramos quatro e marchavamos em fila: o da frente ia armado de Winchester, em seguida eu, com a minha Remington, de caça, em terceiro lugar o tenente LYRA e por fim o fotógrafo LEDUC, ambos com pistolas Colt.. Ainda não havíamos feito um quilômetro e vejo de relance um vulto, como de passarinho que cruzasse o meu caminho, na altura dos olhos e bem próximo. Acompanhei-o com a vista, á direita e então compreendi. A choupa de uma flecha, cuja ponta se cravara no solo arenoso, alí estava vibrando.

A 22 de julho de 1912 partiu ROQUETTE PINTO para Mato-Grosso, a estudar nesse "reino encantado de coisas novas e recortado de ásperas veredas", a gente da Serra do Norte. Seguiu o roteiro até então mais seguido. Naquele tempo, o brasileiro que quizesse ir da Capital do seu país a Mato-Grosso tinha que fazer uma estirada caminhada, passando por terras estranhas, embora de irmãos, navegar daqui a Montevidéo, onde se trasladava para um naviozinho fluvial que subia o Prata, o Paraná, o Paraguai, tocava em Assunção e afinal penetrava de novo em território brasileiro.

Saiu ROQUETTE PINTO de Montevidéo no *Ladario*, "velho vaporzinho conhecido e malsinado, ronceiro e pachorrento", contando mais de vinte anos de navegação, o que é quasi a decrepitude, e chegou à foz do rio Apa ao entardecer de 7 de agosto. Em Corumbá transbordou para o *Etrúria*, que o levou a S. Luis de Cáceres em pitoresca viagem de mais de uma semana, e aí, sem mais tardança, pondo o material na prancha *Esperança* (nome de bom agouro para a sua maravilhosa e insatisfeita curiosidade de etnólogo de menos de trinta anos), seguiu por terra para Tapirapuan, continuando ao longo do Sipotuba até Porto dos Bugres e d'aí, através do sapezal, pela estrada aberta pela comissão Rondon, alcançou Tapirapuan.

De Tapirapuan, chegadas as bagagens, continuou a viagem para o salto da Felicidade e sempre pela mesma estrada, alcançou o Chapadão dos Parecís, "mar de areia desolador, grande mancha de deserto". Em Aldeia Queimada, Utiariti e Timalatá examinou os Parecí ou Arití (26) dos grupos Kozarini e Kaxinití do rio Verde e das

---

(26) "Parecí não é nome nacional", escreve ROQUETTE PINTO "a si mesmo eles se denominam *Arití* e só usam daquele apelativo quando estão conosco. A tribo acha-se dividida em gru-

cabeceiras do Juba, do Cabaçal, do Jaurú e do Guaporé. Na *Rondonia* (27) tão justamente apreciada e celebrada, dá ROQUETTE PINTO o resultado das suas observações de antropólogo e etnógrafo.

“Sempre cruzando chapadões arenosos, onde a seriem grita e o éco não responde, as tucuras toldam o ar, dificultando o caminhar dos cargueiros e as mamangabas ferram a torto e a direito, atravessámos as cabeceiras do rio Verde, do Iliocê, do Sacre ou Timalatiá, tributários da margem direita do Juruena”, escreve ele no seu agradável estilo. Percorreu assim as 56 léguas que separam Tapirapuan do Juruena (28). Depois... “o caminho era a picada da linha, subindo e descendo, galgando as montanhas que se estendem para o Norte, coleando pelos vales como enorme serpente”. Era a procura, sempre baldada, desses índios desconhecidos, de que lhe mostrara RONDON algumas peças etnográficas: em Uaicoacorê, Juruena, Juina nenhum aparecia, até que afinal... “alta noite, numa colina, à beira da linha, próximo do Ribeirão 20 de Setembro se avista uma fogueira ao longe. Eram eles”.

---

pos. que falam a mesma lingua e tem hábitos. As informações que hoje possuímos acerca desta nação, precisam bem a existência de tres núcleos aritis: Uaimarés, Caxinnitis e Kozarinis”.

(27) Inaugurando as conferencias do Museu Nacional em 1915 propoz ROQUETTE PINTO que, a semelhança do que se fizera em Africa com a Rodésia, se designasse a zona compreendida entre os rios Juruena e Madeira *Rondonia*, eternizando, num preito de justiça, o nome do seu grande, abnegado e benemérito desbravador.

(28) Os trechos de Tapirapuan a Juruena são os seguintes: Tapirapuan-Barreiro (2 léguas), Barreiro-Salto (2 leguas), Aldeia Queimada (8 leguas), Rio Verde (4 leguas), Iliocê (4 leguas), Timalatiá (1 legua), Sauê-uiná (4 leguas), Buriti (4 leguas), Buritizinho (meia legua), Agua-Quente (4 leguas), Mutum (4 leguas), Barracãozinho (3 leguas), Uaicoacorê (2 leguas), Barrinha (2 leguas), Varzea comprida (2 leguas), Gralhão (2 leguas), Mata das Aldeias (3 leguas), Jruena (4 leguas).

Foi no dia imediato, no pouso do rio Primavera que começaram os seus trabalhos sobre os Nhambiquara da Serra do Norte, trabalhos que continuaram com proveito maior em Campos Novos e em Tres Buritis (29), onde "era preciso aproveitar todos os momentos, não perder uma só oportunidade de realizar qualquer observação, de dia ou de noite," examinando índios dos grupos Cocosú Anunzê, Tagnani e Tavitê. Em outubro, principiando a época das chuvas, voltou para o Rio de Janeiro, trazendo para o Museu Nacional grande coleção etnográfica, única, absolutamente inédita, e para a nossa literatura esse magnífico livro que demonstrava que "um moço brasileiro" podia realizar a mesma façanha pacífica, o mesmo labor científico que os mais famosos etnólogos de além-mar.

PIRENEUS DE SOUSA, a quem mais de uma vez já nos referimos no decorrer destas páginas, e que foi um dos mais entusiastas auxiliares de RONDON, publicou algumas interessantes *Notas sobre os costumes dos índios Nhambiquaras*, que êle diz "registadas sobre a perna e aos bocados, aquí e alí, conforme a oportunidade, em Campos

---

(29) Escreve ROQUETTE PINTO: Armámos ao relento nossas redes... para não dormir.

"Dormir, excitado por aquele quadro de mágica, desenrolado à meia-noite? Dormir naquela noite inesquecível em que a sorte me tinha feito surpreender, vivo e ativo, o *homem da idade da pedra*, recluso no coração do Brasil, a mim que acabava de chegar da Europa e estava ainda com o cérebro cheio do que a terra possui de requintado, na diferenciação evolutiva da humanidade!

"Que gente é essa, que fala idioma tão diferente das linguas conhecidas, tão diferente das linguas conhecidas, tão diferente da lingua dos seus mais próximos vizinhos; que tem costumes tão estranhos aos que vivem perto; que não conhece os objetos essenciais da vida dos seus companheiros do sertão? De onde veio? Por onde passou, que não deixou rastros? Quando chegou àquelas matas, onde vive há tanto tempo? Que ligações tem com os outros filhos do Brasil?"

Novos, na Serra do Norte, de setembro de 1911 a fevereiro de 1912, onde pode observar os grupos Anonzê, Cocosú, Uainedezê, Xaodí e Taiopa.

Em 1926 SILVIO FROIS DE ABREU esteve nos aldeamentos dos Nacnanuc, à margem do rio Pancas, perto da encosta da serra dos Aimorés; e dos Crenac, em Minas Gerais, entre Resplendor e Lajão, à margem esquerda do rio Doce, dando notas etnográficas sobre estes últimos, que já encontrou profundamente modificados, comparando com o que dissera MANIZER a seu respeito.

Sendo presidente do Estado de Pernambuco o Dr. ESTACIO COIMBRA, uma pequena expedição, constituída pelo Dr. ANTONIO ESTIGARRIBIA, do Serviço dos Índios, RAFAEL XAVIER delegado do Governo do Estado e MARIO MELO, visitou os Carnijó de Águas Belas, no sudoeste de Pernambuco, tendo MARIO MELO tomado algumas notas sobre estes índios em vias de extinção, que foram depois, em estadia muito mais demorada e proveitosa, visitados por CARLOS ESTEVAM DE OLIVEIRA. As observações de MARIO MELO foram publicadas no Vol. XVI da Revista do Museu Paulista. Os estudos de CARLOS ESTEVAM DE OLIVEIRA estão ainda inéditos, tendo êle feito no Museu Nacional uma conferência sobre êsses índios, com os quais passou quasi seis meses em 1937.

RAIMUNDO LOPES, que já realizara estudos arqueológicos no lago Cajari, "pertencente ao rosário de lagoas do Pindaré e do seu afluente o Maracú", sobre os quais fez em 1923 uma conferência descrevendo essa *Civilização lacustre do Brasil*, foi enviado pelo Museu Nacional, em 1930, ao Gurupí, onde se demorou três meses, estudando os Índios Urubú, entre os quais encontrou o arco de secção quadrangular (peruano) junto com a flecha de emplumação costurada do Xingú.

Referência especial merecem as expedições científicas de KURT NIMUENDAJU UNKEL, que é hoje um dos me-

lhores conhecedores dos nossos Índios. Ao publicar o seu primeiro trabalho, em 1914, no *Zeitschrift fuer Ethnologie* escreve êle: “Eu aprendi o Guarani no Oeste do Estado de S. Paulo, onde os conheci, tendo vivido com um dos seus, durante dois anos, com pequenas interrupções, na sua aldeia de Batalha. Em 1906 fui aceito e integrado na tribu e recebi o meu nome índio. Nos anos seguintes estive a maior parte de meu tempo entre os Kaingang (Coroados), Ofaiê (Chavantes) e Cháne (Terenas), só casualmente vendo os Guarani. Em 1911 entrei para o Serviço de Proteção aos Índios, tendo então percorrido as diferentes tribus do Estado de S. Paulo e visitado igualmente as do sul de Mato-Grosso, às margens do Santa Bárbara até 1913”. A sua maior demora, como vemos, foi entre os Guaranis do ramo Apapocuva. Estudou depois os dialetos dos Índios do rio Ararandera, dos Tembê do rio Acará Pequeno e Turioara do Acará Grande, no Estado do Pará.

Em 1914 esteve NIMUENDAJU entre os Crezé do baixo Mearim, os Timbiras do Gurupí e os Canelas do rio Corda.

Os Parintintins eram até 1920 quasi desconhecidos. “Tirando E. MATEUS e SEVERIANO DA FONSECA, diz NIEMUENDAJU, “nenhum autor dos que viajaram no Madeira lhes dedicam mais de algumas linhas”. Êle próprio confessa que, ao partir para estudar êsses selvícolas deles apenas sabia o nome, a localização e “a péssima fama”. A 4 de fevereiro de 1922 partiu do porto de Mura-Pirahá, no baixo Maia, fazendo o levantamento expedito dêsse rio, voltando a 31 de março a estabelecer-se aí definitivamente. A custa de paciência e de tenacidade, em lances de verdadeiro heroísmo, como só se vê parêllas nos catequistas, conseguiu aos poucos vencer pela mansidão a hostilidade dêsses índios, pondo-se em contacto com os

mesmos, estudando-lhes costumes e linguagem e trazendo afinal ao conhecimento do mundo científico não algumas linhas mas alentadas páginas escritas naquele estilo simples e encantador que torna agradável a leitura das suas expedições mesmo aos leitores leigos. Há mais de dez anos vive KURT NIMUENDAJU, com alguns intervalos passados em Belém, entre os Canelas, Apalaí, Apinagé e Cherente, sendo o maior conhecedor dos Gês setentrionais, tendo remetido para o Museu Nacional importantíssimo material etnográfico e minuciosos relatórios.

HERBERT BALDUS fez três expedições científicas em 1933 aos Kaingang de Palmas e aos Guaiáqui; em 1934 aos Bororo de Merurí e Sangradouro e aos Tereno e em 1935 aos Bororo do Torí-Parú, Carajá e Tapirapé.

As viagens de 1933 e 1934 foram subvencionadas pela *Notgemeinschaft der Deutschen Wissenschaft* de Berlim e as de 1935 pelo Dr. SAMUEL RIBEIRO de São Paulo, por intermédio do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. Publicados os resultados das suas observações em revistas alemãs e na Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo, foram depois condensados no seu livro *Ensaio de Etnologia Brasileira*, no qual trata do culto dos mortos entre os Kaingang de Palmas, posição social da mulher entre os Bororo orientais, grupos de comer e de trabalho dos Tapirapé e mitologia dos Carajá e Tereno.

Ora em companhia de CANDIDO MARIANO RONDON, ora como médico das comissões de Fronteira dos setores Norte e Oeste, realizou BRAULINO DE CARVALHO uma série de interessantes observações etnográficas, mostrando-se sob o profissional da medicina o etnólogo de vocação. Como médico da Comissão de Limites do Brasil com o Perú teve êle ocasião de estudar os Cachinaua do rio Embira, os Poianaua do rio Môa, os Curinas do alto Gregório, afluente do Juruá, os Coronaua das nascentes do

Curanja e divisor de águas entre o Embira e o Purús, os Marinauas, Jaminauas, Xaranauas e Tutxinauas e mais os índios do Javari (Maius, Capanauas, Marubiús e Remos) (30) recolhendo pequenos vocabulários dos vários dialetos dessas tribus da nação dos Nauas.

São ainda dêste comêço de século XX as expedições científicas americanas, geralmente subvencionadas pelas grandes instituições científicas dos Estados Unidos. Duas vêzes nos visitou HAMILTON RICE, tendo estado entre os Urubús antes de RAIMUNDO LOPES e em 1924 chefiando a grande expedição científica ao Orinoco, na qual perdeu a vida KOCH GRUENBERG, especialmente convidado para fazer parte da mesma.

Em 1925 veio LANGE à Amazônia, tendo estudado as tribus ribeirinhas do Javari

WILLIAM CURTIS FARABEE, apenas nomeado encarregado de etnologia do Museu de Filadélfia organizou uma expedição científica ao norte do Brasil e Guiana inglesa, em 1913, tendo chegado a Belém em 23 de junho dêsse ano, demorando-se alguns dias nessa capital, bem acolhido pelo governador Enéas Martins e pelo pessoal do Museu Goeldi, então sob a chefia de HUBER, e em vésperas dêsse longo colapso que trouxe a inanição demorada

---

(30) Sobre os Índios do Javari (depois visitados por Lange) dá BRAULINO DE CARVALHO o seguinte resumo: "Quatro são as tribus que habitam a bacia do Javari: os Maiú, os Capanaua, os Marubiú e os Remo. No rio Coruçá e baixo Javari vivem os Maiú, que se estendem ao Galvez, Tapiche e Rio Branco, afluentes do Ucaiale. Os Capanaua residem no Igarapé dos Lobos e à margem direita do Javari, desde a fóz do Galvez até Lontananza. O Jaquirana serve de habitat aos Marubiús. Os Remo, que tiveram até época não muito remota um grande aldeamento no Batã, tributário da margem direita do Jaquirana, estão hoje reduzidos a um pequeno núcleo em Contas e algumas familias nas terras que separam os Javari do Ipixuna".

dêsse instituto. Era auxiliar imediato de FARABEE, o seu companheiro da Universidade de Filadélfia FRANKLIN H. CHURCH. Fizeram ambos excavações arqueológicas na ilha de Marajó em alguns cemitérios índios. Depois seguiram para Manáus, continuando para as Guianas nas pegadas de KOCH GRUENBERG: Rio Negro, Rio Branco, Urariquera. Em 7 de outubro de 1913 estavam eles em Boa Vista, estudando durante a sua permanência no rio Branco alguns representantes dos índios Azumará, Porokotô e Zapara. A sua descida para o mar Caribe foi cheia de peripécias, sentindo-se êle quasi no dever de contar por miúdo o que lhe ocorrera porque, como escreve a um amigo, "sabia que sôbre êle corriam umas tantas histórias em Belém". Esteve FARABEE igualmente no Purús, onde se pôs em contacto com os índios Yahus e no Tapajoz, onde teve a oportunidade de estudar os índios Mundurucú e Paikipiranga. Só em 1916 voltou a expedição americana à Filadélfia. Nove anos mais tarde partiu novamente FARABEE para a Amazônia, desta vez como chefe da expedição científica ao Perú, tendo subido o Amazonas até Pebas. Nessa expedição encontrou W. C. FARABEE a morte, em plena mocidade e produção científica.

Em 1931 veio outra expedição científica americana ao Brasil, dirigindo-se desta feita a Mato-Grosso. Como as de FARABEE, vinha também sob os auspícios do Museu da Universidade de Filadélfia e da Academia de Ciências Naturais da mesma cidade, chefiada pelo grande entomólogo JAMES A. REHN. Chegados ao Rio, fizeram primeiro uma pequena excursão ao vale do Rio Doce e norte do Espírito Santo, especialmente para colheita de material entomológico. Contando já com as facilidades do conforto moderno, tendo à sua disposição até aviões, dirigiram-se para Mato-Grosso, demorando-se sobretudo naquela região já visitada por HERBERT SMITH. O etnógrafo da expedição era VINCENT PETRULLO, que visitou os Bororo oci-

dentais de Campanha e os Bororo orientais do vale do S. Lourenço, realizando, além disso, uma viagem às cabeceiras do Xingú, onde esteve em relações com os Bacairí, Mehinacú, Aura ou Vaura, Trumai, Iavalapití, Camaiura, Tsuva, Kuikutl ou Cuicurú, Kalalpahú e Navarate. No relatório dessa sua expedição diz PETRULLO que até essa ocasião não se tinha nenhuma notícia dos Truvá e que os Kalapalú, Kuikutl e Navarete nunca tinham sido descritos, embora tivessem sido visitados pela primeira vez em 1920, pelo major RAMIRO NORONHA.

Em 1935 esteve no Araguaia a expedição francesa LEVI STRAUSS e JEAN VELLARD.

Em 1938 seguiu em viagem de estudos científicos o Sr. BUELL H. QUAIN, jovem etnólogo, que se demorou três meses do ano de 1938 entre os Trumai do Xingú e todo o ano de 1939 e parte do de 1940 entre os Crahô do Tocantins, já tendo enviado para o Museu Nacional uma série de notas da mais alta importância, que deixou inéditas, por seu trágico fim quando entre os Urubús do Maranhão.

# INDICE ONOMASTICO

ABREU (Capistrano) 42, 44, 45, 53, 322, .....	333	ALMEIDA SERRA (Ricardo Fran- co) 89, 90, 91, 99, 100, 101, .....	121
ABREU (Silvio Frois) .....	342	ALPOIM (José Fernando Pin- to) .....	79
ACEVEDO (Eduardo) .....	107	ALTAMIRANO .....	77
ACIOLI (José de Sá Bitten- court) .....	214	ALVARES (Bastião) .....	148
ACUÑA (Cristobal) 59, 102, 112, 113, 115, 117, 118, 155, 198, 216, 254, ....	303	ALVARES (Gonçalo) .....	42
ADALBERTO DA PRÚSSIA .....	317	ALVEAR (Diego) 82, .....	87
AFONSO (Gaspar) .....	253	ALVES (Rubens Nelson) ....	97
AGASSIZ (Alexandre) .....	279	AMARAL (Afrânio) 261, ...	336
AGASSIZ (Luis) 145, 146, 173 180, 241, 267, 274, 279	284	AMARANTE (Plácido) .....	150
AGUIAR (Braz Dias) 70, 106, 109, 131, .....	133	AMAZONAS (Lourenço de Araújo) .....	125
AGUIRRE (Juan Francisco) 82, .....	86	AMBROSETTI .....	335
AGUIRRE (Lope) 114, .....	155	AMEGHINO .....	
AHL .....	285	ANCHIETA (José) 32, 197, 202, 211, .....	302
AKERS .....	247	ANDONAEGUI .....	89
ALBORNOZ (João Teixeira) ..	69	ANDRADE (Antônio Veiga) ..	79
ALBUQUERQUE (Afonso) 45, 46, .....	54	ANDRADE (Carlos Amadeu de Canayo) .....	107
ALBUQUERQUE (Francisco) ..	45	ANDRADA E SILVA (José Boni- fácio) 160, 191, .....	214
ALBUQUERQUE (Luis) 137, 218, .....	219	ANDREA (Francisco José Soa- res) 84, .....	107
ALBUQUERQUE (Martinho de Sousa) .....	214	ANTHONY (João) .....	274
ALCOFORADO (Manuel de Cas- tro) .....	48	ANTUNES (Humberto Saraiva) .....	186
ALDROVANDO .....	215	ARAGO .....	225
ALINCOURT (Luis) .....	174	ARGUEDAS (Francisco) .....	79
ALLEN (João) 176, 177, 274, 276, .....	289	ARLÉ (Pierre) .....	293
ALLPORT (S.) .....	174	ARROJADO LISBOA (Miguel) 189, 190, 191, .....	246
ALMADA Manuel da Gama Lobo) .....	121	ARRUDA CÂMARA (Manuel) 214, .....	229
ALMADA (Aires) .....	59	ARRUDA E SÁ (Miguel) .....	331
ALMAGRO .....	278	ARTIEDA André) .....	117
ALMEIDA (Luis de Brito) ..	148	ATAÍDE (Diogo) .....	26
ALMEIDA (Candido Xavier) .	86	ATAÍDE (Vasco) 26, ..S....	28
ALMEIDA (Ferreira) .....	293	AVILA Marciano de Oliveira .	136
ALMEIDA (José Inácio) .....	76	AZAMBUJA (João Afonso) ..	13
ALMEIDA (Miguel Calmon du Pin) 188, .....	248	AZARA (Felix) 82, 86, 210, 263, .....	271
		AZEVEDO (João da Costa) 94, 95, .....	122

AZEVEDO (João de Sousa) ..	121
AZEVEDO (Taumaturgo) .....	95
AZEVEDO (Manuel) .....	15

## B

BACH (João) .....	337
BADARIOTTI .....	136
BAER (Jean) .....	288
BALÃO (Antônio) .....	47
BALVIAM (Adolfo) 97, .....	135
BARATA (Francisco José Rodrigues) .....	104
BARBOSA (Diogo) .....	42
BARBOSA (Gonçalo Gil) .....	27
BARBOSA (Manuel Gomes) ..	67
BARBOSA RODRIGUES (João) 121, 147, 244, 245, 303, 314, ..	327
BALDUS (Herbert) 337, .....	344
BARLAEUS 201, .....	207
BARREDA .....	78
BASILIO DA GAMA (José) ...	78
BATES (Henrique Walter) ..	271
BAUZA (Francisco) 56, 75, ..	83
BECCARIO .....	18
BECK (Matias) .....	157
BEHRING (Francisco) .....	136
BELLEGARDE (Pedro de Alcantara) 84, .....	107
BENEDEN (Eduardo) 241, ...	280
BERREDO (Bernardo Pereira) 93, 98, .....	120
BERTKAN .....	280
DEVILAQUA (Clóvis) .....	61
BEZZI (Mario) .....	291
BIANCO (Andrea) .....	18
BIBRON .....	261
BILAC (Olavo) .....	64
BISAGUDO (Pero Vaz) .....	18
BETTENCOURT E SÁ (Manuel da Câmara) 160, .....	213
BLACKE (Guilherme) .....	96
BLOOMSON .....	347
BLUMENBACH .....	308
BLUNTSCHLI (Hans) .....	291
BOAVENTURA (Manuel) .....	145
BOBADELA (Conde de) 70, 74, 75, .....	76
BOECKER (Hans) .....	285
BOHLIN .....	243
BOMPLAND 103, .....	224
BONDO (Martin) .....	86
BORGE .....	243
BOSSI .....	317
BOTAFOGO (Gabriel de Sousa Pereira) .....	85
BOUBE .....	160

BOUGAINVILLE .....	226
BOURGET .....	276
BRAGA (Custodio de Sena) .	136
BRANDÃO (Manuel) .....	120
BRANNER (João Gasper) 157, 161, 163, 165, 170, 178, ..	291
BRASIL (Temistocles Pais de Sousa) .....	106
BRESSLAU (Ernesto) 286, ...	288
BRIENA (Domingos) .....	115
BRISTOWE (William Syer) ..	294
BROGNIART (Adolfo) 167, ...	266
BROTHERO (Felix de Avelar) 217, 222, .....	224
BROTHERUS .....	243
BROWN (Balfour) .....	294
BROWN (Barrington) .....	128
BUCHBERGER .....	229
BUEIANO (Pedro) .....	129
BOURGUY DE MENDONÇA (Hermito) .....	230
BUFFON .....	252
BURCAN (Jean) .....	50
BURMEISTER (Herman) ....	273
BURTON (Ricardo) .....	150
BURCKHARDT (James) 274, ..	279

## C

CABALLERO Y LASTRE (Daniel)	129
CABO (Agostinho Joaquim) .	215
CABRAL (Pedro Alvares) 22, 27, .....	42
CABRAL (Sacadura) .....	48
CABRAL DA CÂMARA (Sebastião Xavier) .....	84
CARRERA (José Maria) ....	85
CADAMOSTO 16, .....	36
CAJAZEIRA (José) .....	140
CALDAS (João Pereira) 88, ...	93
CALDEIRA (Manuel Cardoso) .	224
CAMETA (João) .....	125
CANINHA (Pero Vaz) 28, 35, ..	296
CAMÕES (Luís) 45, .....	50
CAMARGO (Carlos) .....	291
CAMPOS (Antonio Pires) ...	331
CAMPOS (Cicero) .....	139
CANÉRIO 41, .....	43
CANTINO 41, 42, 43, .....	58
CAPANEMA (Guilherme Schuch) 171, .....	238
CAPASSI (Domingos) .....	68
CARDIM (Fernão) 197, 198, 202, .....	255
CARDOSO (Alexandre) .....	76

CARDOSO DE MENEZES (Francisco Antônio) .....	76	COELHO DE SOUSA (João) ..	148
CARNEIRO DE CAMPOS (Frederico) .....	107	COETUGAR (Yvon) .....	50
CARRASCO (Francisco) 94, ..	134	COGNIAUX (Alfredo) .....	247
CARVAJAL (Gaspar) 113, 120,	131	COIMBRA (Fr. Henrique) ...	28
CARVALHO (Alfredo) .....	232	COIMBRA (Estácio) .....	342
CARVALHO (Carlos Martins) .	31	COIMBACCHINI (A.) .....	337
CARVALHO (João Braulino) 97, .....	344	COLT .....	294
CARVALHO (José Carlos) ....	186	COMSTOCK (John Henry) 179, 180, .....	280
CARVALHO (Francisco Coelho) 114		CONDAMINE (Carlos Maria) 98, 117, .....	118
CARVALHO (José Simões) .....	102	CONRAD (F. A.) .....	182
CARVALHO (Antenor Leitão) .	282	COOK .....	251
CARVALHO (Vicente) .....	186	COOPER (Fenimore) .....	312
CARVALHO (Odilon Borges) .	97	COPELAND .....	176
CASAL (Aires) 28, 42, .....	125	CORREA (Vergilio) 216, 218, .	219
CASTRO (Alvaro Mendes Castro) .....	66	CORREIA (Aires) .....	27
CASTRO (Francisco de Paula) 126, .....	138	CORREIA (Gaspar) .....	41
CASTELNAU (Francisco) 146, 148, 168, 170, 172, 334, 238, 260, .....	331	CORREIA DE OLIVEIRA (João Alfredo) .....	185
CAVALCANTI (Antônio Pujucan) .....	110	CORSALI (Andrea) .....	36
CAVALCANTI (Paulino) .....	170	CORTEZÃO (Jaime) 20, .....	24
CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE (A.) .....	152	COSA (Juan de la) .....	23
CENTENERA (Martin de Marco) .....	251	COSSO (Francisco) .....	52
CERQUEIRA (Dionisio de Castro) .....	87	COSSO (Pero) .....	52
CERVINO (Pedro) .....	86	COSTA (Julião) .....	149
CEVALLOS 78, .....	79	COSTA AZEVEDO (José) 94, 95, 106, 133, 134, .....	213
CHAMBERLIN (Ralph) .....	291	COSTA E SÁ (Manuel José Maria) 220, .....	222
CHANDLESS (Guilherme) 121, 124, 126, 127, 128, ....	181	COSTA PEREIRA (José Fernandes) .....	183
CHAMISSO .....	259	COSTA PINHEIRO (Manuel Teófilo) .....	138
CHARNECA (Afonso Pires) ..	26	COUTINHO (Gago) .....	48
CHERMONT (Teodósio Constantino) 121, .....	133	COUTINHO (Francisco de Sousa) .....	221
CHERRY .....	142	COUTINHO (João Martins da Silva) 126, 128, .....	173
CHICHON (Conde de) .....	116	COUDREAU (Henrique) 123, 143-147, .....	327
CHILDE (Alberto) .....	335	COUDREAU (Olimpia) 144, 147, 289, .....	327
CHURCH (Franklin) .....	346	COUTO (José Vieira) .....	159
CICCHI (Luis) .....	214	COUTO DE MAGALHÃES 146, 179, .....	312
CIERA (Miguel Antonio) 77, .	214	CRALITZ (Hendrich) .....	201
CLARAZ (G.) .....	176	CRANDALL (Roderic) .....	203
CLARKE .....	180	CRANE .....	208
CLAUSSEN (Pedro) 166. ....	168	CRANER .....	330
CODINA (Joaquim) 215, ....	221	CREMONENSE (Francisco) ...	39
COELHO (Gonçalo) 42, 44, .	45	CRÉVAUX (J.) .....	123
COELHO (João) .....	52	CRISTO (Manuel Pacheco) .	79
COELHO DE ALMEIDA (Tomás José) .....	184	CRULS (Gastão) 123, .....	147
		CRULS (Luís) 95, 96, 135, 146, 187, .....	241

CUNHA (Euclides) 98, 119, 124, 125-.....	128
CUNHA (Luis) .....	66
CUNHA GOMES (Augusto) 95, .....	128
CUNHA MATOS (Raimundo Jo- sé) 146, .....	172
CUNHA (Tristão) 46, 47, ..	48
CUVIER (Jorge) .....	212

## D

DANIEL (João) .....	12
DANTAS (Pedro Ribeiro) ...	131
DANTE 35, .....	36
DARWIN (Carlos) 167, ....	210
DELANE .....	251
DENGLER (Hermann) .....	334
DERBY (Orville) 150, 158, 160, 161, 170- .....	188
DESPONTAINES .....	227
DEUBER (Arnold) .....	334
DES MURS .....	261
DEVILLE (Emilio) 171, ....	270
DEXTER 43, 276, .....	278
DHEIN (Carlos, Afonso e An- tonio) .....	326
DIAS (Bartolomeu) .....	26
DIAS (Carlos Malheiros) 17, 31, 34, 37, 42, .....	44
DIESING .....	268
DINADERAS (Geraldo) .....	97
DIOGO (Cesar) 245, .....	247
DODT (Gustavo) .....	153
DOET (van) .....	33
DOLABELLA (João Antonio) .	214
DONATTI (Angelo) .....	212
DOURADO (Fernão Vaz) 43, 48, .....	53
DOZY E GOEZE .....	12
DRIESEN 205, .....	208
DRUMMOND (A. Menezes de Vasconcellos) .....	223
DUARTE PACHECO 21, 22, 27, 281	293
DUCKE (Adolfo) 249, .....	281
DULANTO (Frederico Diaz) .	131
DUMÉRIL .....	261
DUPERREY 54, .....	226
DURÁN (Tomás) .....	58
DUSEN (Etmur) .....	242

## E

EANES (Gil) .....	16
ECHAVARRIA (João) .....	76

EDRISI .....	12
EHRENREICH (Paulo) 319- 325, .....	332
EICHSTADT (Lorenz) .....	204
EIGENMAN (Carlos) 279, ....	284
EIGENMAN (Rosa) 279, ....	284
EMPOLI (João) .....	54
EMERY .....	291
ENCISO .....	58
ENDLICHER 231, .....	234
ENÉAS GALVÃO (Rufino) ...	107
ENCARNAÇÃO (Manuel Urbano)	125
ESCHSCHOLTZ .....	257
VAN ERVEN (João) .....	172
ESCHWEGE (Guilherme) 160, 161, 164, 170, .....	171
ESCOBAR (Pero) .....	28
ESTIGARRIBIA (Antonio) ...	342
EUCLIDES DA CUNHA 98, 119, 124- .....	128

## F

FABIUS .....	200
FADER .....	82
FALTADA 29, 41, .....	44
FARABEE (William Curtis) .	385
FALLEIRO .....	58
FARIA (Antão Gonçalves) ...	151
FARIA (João Barbosa) .....	147
FAVELA (Pedro da Costa) 116, 303	303
FERNANDES (André) .....	74
FERNANDES FIGUEIRA (Antônio)	300
FERREIRA (Francisco) .....	98
FERREIRA (Germano Pereira de Queiroz) .....	222
FERREIRA (João Alves) .....	85
FERREIRA CALDAS (Antônio Tu- pi) .....	318
FERREIRA PENA (Domingos Soares) 122, .....	316
FERREIRA DA SILVA (Antônio Alves) 95, 96, 124, ....	131
FERRER (Jaime) .....	60
FERRER (Rafael) .....	115
FEIJÓ (João da Silva) 212, 213	213
FIALA (Anthony) 142, .....	143
FIGUEIRA (Luis) .....	302
FIELSTRUP (F. A.) .....	300
FLORENCE (Hercules) 131, ..	233
FLORES (Manuel Antônio) ..	77
FLORES (Venancio) .....	107
FLORIDA BLANCA .....	82
FOETTERLE (Francisco) .....	169
FONSECA (Leopoldo Nery) 85, 108	108
FONSECA (José Felix) .....	85



HARMS .....	247
HARRISSE .....	58
KARTT (Carlos Frederico) 145, 173-182, 280, .....	316
HASSE (Cristiano) .....	231
HAUKE (Carlos) .....	326
HECKEL .....	270
HEIMREICHEN (Vergilio) 168, 169	169
HELMAYR .....	281
HEMMENDORFF .....	282
HEMPEL .....	291
HENCKE .....	125
HENNINGS .....	245
HENRIQUEZ (Henrique) ....	59
HENSCHEN (Salomão Eber- hardt) .....	243
HERCKMANN (Elias) .....	157
HERRERA (Alonso) .....	49
HERRERA (Antônio) .....	255
HEUSSER (J. C.) .....	176
HILL .....	289
HINTERMANN (Heinrich) ...	333
HOCHSTETTER .....	239
HOEHNE (Carlos Frederico) 137, 142, 246, .....	285
HOLDRIDGE (Desmon) .....	248
HOMEM (Diogo) .....	53
HOONHOLTZ (Luis von) 94, 95, .....	134
HORTMANN (Nicolas) .....	98
HUBER (Jacques) .....	249
HUENNEWELL .....	276
HUMBOLDT (Alexandre) 103.	
HUMEL (Alexandre) .....	322
HUPE .....	270
HUSSAK (Eugênio) 152, 186, 187, .....	242
HUXELLES (Marquês de) ...	66

## I

IHERING (Hermann) 103, 245, 281, 285, 290 .....	314
IMBELLONI (José) .....	35
ISPIZUA .....	40
ISERN .....	278
ITURRIAGA (José) .....	133

## J

JACQUES (Cristovam) .....	50
JAMES (William) 145, ....	276
JAMESON .....	265
JANET (Jean) .....	50
JIMENEZ (Juan Batista) ....	131

JIMENEZ (Artur) .....	131
JORGE (Gideon Morris) 66, 156	156
JORDAN (David Star) .....	279
JORDÃO (Pacheco) .....	183
JOSÉ (Elias) .....	218
JUEL .....	243
JULIAN (Juan Batista) .....	93
JUSSIEU (Adriano) 227, ....	338

## K

KAEMPFER .....	292
KAYSERL (Conrad) .....	109
KATZER (Frederico) 145, ...	284
KECHELIUS (Samuel) 207. ...	211
KELLER (Francisco) .....	153
KELLER (José) .....	153
KEYMIS (Lawrence) .....	53
KISSENDERTH 328, .....	333
KLAYES (Samuel) .....	291
KLAUS (Oto) .....	317
KNERR .....	270
KOCH (Cristiano Teodoro) ..	245
KOCH GRUENBERG 328, 329, 330, .....	334
KOSLOWSKI (Julio) .....	336
KOTZBUE .....	259
KRAUS (Carlos) .....	150
KRAUSE (Fritz) 328, 330, ...	331
KRIEG (Hans) .....	292
KRUSENSTEIN (Adão) 224, ...	231
KUHLMANN (João Geraldo) 246, 248, .....	285
KUNTH (Sigismundo) .....	234
KUNZEL (Gustavo) .....	234

## L

LABRE (Antônio Pereira) 122, 127	127
LABARTE (Henrique) .....	131
LACAILLE (Julião Oliveira) 151, .....	242
LACERDA (Augusto de Abreu)	187
LACERDA (João Batista) ....	316
LACERDA e Almeida (Francis- co) 89, 90, 98, 213, ....	221
LAET (João) 203, 208, ....	256
LAGOS (Manuel Ferreira) 240, 280	280
LALANDE .....	205
LANE (Frederico) .....	293
LANGE .....	345
LANGEREN .....	53
LANGSDORFF 168, 224, 228, 231, .....	233

LAPLACE (Cirilo Pedro Teodoro) .....	226	MACHADO (Luis Fagundes) .	68
LAPORTE (José Francisco) 146,		MACHIN (Roberto) .....	15
148, 168, 170, 172, 234,		MAGALHÃES (Amilcar) 142, .	143
238, 260, .....	331	MAGALHÃES (Basilio) .....	322
LARA E FARIA (José Custodio) .....	86	MAGALHÃES (Fernão) .....	56
LEAL (Francisco José) .....	213	MAINE .....	243
LEIGH (Charles) .....	53	MALDONADO (José Vilamayor) 114	
LEITE (Diogo) 50, .....	53	MALDONADO (Rodrigo) .....	59
LEITE (Serafim) 62, 63, 202,	302	MALMO (Gustavo Andersen)	
LEITE (Duarte) 23, 43, ....	52	243, 244, .....	245
LEITÃO DA CUNHA (Nuno) .	28	MANIZER (Henrique) .....	335
LEITÃO DE CARVALHO (Antenor) 282, .....	293	MANSFIELD .....	206
LEMOES (Gaspar) 26, 36, ....	41	MARBUT .....	248
LENT (Hermann) .....	293	MARCGRAVE (Cristiano) 193,	
LEONARDOS (Oton) .....	192	203, 205, .....	210
LEPE (Diogo) .....	22	MARCGRAVE (Jorge) 153, 200,	
LERY 255, .....	302	201, 203, 204, 256, 263,	306
LESSON .....	260	MARDEL (João Batista) .....	93
LIAIS (Emanuel) 149, .....	182	MARQUES DA CUNHA (Aristides) .....	289
LIDSTONE (Guilherme) .....	128	MARRON (Juan Norberto) ...	79
LICHTENSTEIN 208, .....	209	MARTINEZ FUENTES (José) .	278
LIMA (Manuel Felix) .....	293	MARTINS (Estevam) .....	17
LIMA FIGUEIREDO 94, .....	95	MARTINS (Francisco) .....	47
LINDBERG (Gustavo) .....	243	MARTINS (João Mendes) ....	145
LINDMANN (Carlos Axel) .	243	MARTINS (Oliveira) 11, 13,	
LINNEU (Carlos) 203, 209, ..	258	14, 15, .....	16
LIMA (José) 36, 47, 48 ...	52	MARTIUS (Carlos Frederico)	
LISLE (Guilherme) .....	124	149, 160, 162, 164, 175,	
LIZUR (Pablo) .....	85	209, 229-231, 266, .....	311
LLONA (Ricardo) .....	131	MATTHEWS .....	294
LOBATO (Carlos Acioly) ...	133	MAURY (Carlota Joaquina) .	191
LOBO (Bruno) .....	290	MAWE (João) .....	159
LOEFGREN (Alberto) .....	247	MAXWELL (John) .....	62
LOPES (Afonso) .....	296	MAY (Eduardo) 282, .....	294
LOPES (Raimundo) 326, ....	342	MEDINA (Toribio) .....	113
LOPES ARAUJO (Francisco Xavier) 105, .....	108	MEERWARTH (Hermann) ....	281
LOPEZ (Roberto) 87, .....	130	MEKREN (Job Janson) .....	203
LOUBEIRO (Carlos) .....	322	MELO (Mario) .....	342
LUCAS (H.) .....	270	MELO E CASTRO (Martinho)	
LUETZELBURG .....	247	101, .....	212
LUGONES .....	247	MEAD (John) .....	180
LUEDERWALDT (Hermann) ..	288	MELO-MORAIS .....	241
LUIZ (Lazaro) 48, .....	53	MELO NUNES (Manuel Luis)	105
LUND (Pedro Guilherme) 168,		MENDES DE MORAIS (Belchior) .....	93
169, 243, 273, .....	309	MENDIZABAL (Inácio) .....	76
LUTZ (Adolfo) .....	285	MENDONÇA (Belarmino) ....	135
LYNDEN (Baron) .....	109	MENDONÇA (Hermilo Bourguy) .....	230
LYNGE .....	243	MENDONÇA (Lopes) 25, ....	29
		MENDOZA (Alonso Vellez) ..	22
		MENZEL (Cristiano) .....	211
		MESNAGER (Nicolau) .....	66
		MEYER (Hermann) 245, ....	326
		MICHAELIS (Carolina) .....	28
		MICHAELSEN (W.) .....	288

## M

MACEDO SOARES (José Carlos)	
19, 55, 62, 63, .....	96

MIKAN (Cristiano João) ..	229
MILHAN Y MARAVAL (Francisco) .....	79
MILLER (Leo) .....	142
MILLS .....	184
MILAEENEN (Willem) .....	201
MILNE EDWARDS .....	278
MIRANDA (João Correia) ...	122
MIRANDA (Oscar) .....	122
MIRANDA (Simão) .....	26
MONTALBOLDO .....	26
MONTOYA (Ruiz) .....	103
MOORE (Spencer Le Marchand) .....	244
MORAIS (Eduardo José) ...	149
MORAIS (Luciano) .....	191
MOREIRA (Carlos) 257, 281, 282, 285, .....	290
MOREIRA (Juliano) 201, 202, 203, 205, .....	206
MORELLI (Benedito) .....	47
MORGAN 145, 178, 179, ....	280
MORIZE (Henrique) 152, ..	242
MORSING (H.) .....	122
MOSEN (Carlos Hjalmar) ..	243
MOURA TAVARES (Antonio Romilim) 90, 105, 133, ....	137
MUELLER (Lorenz) 284, 285, 286, .....	287
MURPHY (Roberto Cushman)	290
DESMURS 261, .....	270

## N

NAEGELI .....	275
NATTERER (João) 261, 266-270, 282, .....	284
NASSAU (João Mauricio) 156, 198, 199, 205- .....	210
NAVARRO (João de Apilcueta)	302
NAUMBURG .....	292
NEGREIROS (André Vidal) ..	68
NEIVA (Artur) 288, .....	289
NERY DA FONSECA (Leopoldo)	84
NETO (Ladislau de Sousa) 149, 150, 282, .....	315
NEWCOMB 180, .....	280
NICHOLS (John Treadwell) ..	290
NICOLINO DE SOUSA (José) ..	122
NIMUENDAJU (Kurt) 303, 337, 343	343
NÓBREGA (Manuel) 62, ....	252
NOGUEIRA DA GAMA (Manuel José) .....	131
NORONHA (Fernão) 38, 44, ..	47
NORONHA (Garcia) .....	48

NORONHA (José Monteiro) ..	68
NORONHA (Raimundo) .....	113
NORONHA (Ramiro) .....	347
NOVA (João) 41, 42, .....	53
NOVAIS (Francisco) .....	42
NUNO MANUEL .....	42

## O

OJEDA (Alonso) .....	22
OLFERS .....	165
OLIVEIRA (Avelino Inácio) 68, 170, .....	248
OLIVEIRA (Bento Rodrigues) .	114
OLIVEIRA (Carlos Estevam) .	342
OLIVEIRA (Eusebio Paulo) 142, 143, 170, 189, .....	192
OLIVEIRA Francisco Paula) .	186
OLIVEIRA CASTRO (Gustavo) .	293
OLIVEIRA LIMA .....	92
OLIVEIRA MARTINS 11, 13, 14, 15, .....	16
ORBIGNY (Alcides) 167, 170, 309	309
ORDONHES (Diogo de Toledo Lara) .....	213
ORELLANA (Francisco) 119, 155, ....	301
ORSUA (Pedro) 114, 119, ..	155
ORTIZ (Diogo) .....	25
ORTON (James) 113, 122, 125, .....	181
OSERY (E.) .....	171
OSORIO DE ALMEIDA (Alvaro)	299
OTONI (Benedito) .....	223
OVALVIDE (Andrés) .....	86

## P

PACHECO (Alonso) 76, .....	77
PACHECO (Manuel Ferreira) .	102
PACHECO LEÃO .....	249
PAIS (Gonçalo) .....	120
PAIS (Simão Ferreira) 26, 42, .....	46
PAIS LEME (Detim) .....	170
PAIS LEME (Fernão Dias) ..	64
PAIS UCHUTIS .....	69
PAIVA (Glycon) .....	189
PALACIOS João) .....	114
PALHA (Luis) .....	33
PALHETA (Francisco Melo) 68, .....	121
PANIGAI (Bartolomeu) .....	76
PANZER .....	285
PARENTE (Bento Maciel) ...	114

PASQUAGLIO (Piero) 41, ....	44	PLANT (Francisco) 174, ....	200
PAULA CASTRO (Francisco)		PLINIO .....	217
126, .....	318	POEPPIG (Eduardo) 233, ...	238
PAULLI (Simon) .....	204	POHL (João Emanuel) 162,	
PAUMGARTEN (Maria) .....	293	164, 165, 171, 229, ....	267
PAZ SOLDAN (Manuel Ray-		POHLE (Hermann) 285, ....	287
naud) 94, 95, .....	134	POMBAL (Marquez) 80, ....	212
PAZOS (Inácio) .....	85	POST (Pieter) .....	200
PEIXOTO (Eduardo) .....	54	PRÉSENT .....	228
PEIXOTO (Rodrigues) .....	317	PRENTIS 178, .....	179
PEIXOTO VELHO (Pedro Pinto)		PRZEWOODOWSKI (André) ....	173
282, .....	290	PUTMANN (Frederico Ward)	279
PELZERN (Augusto) 269, ...	270		
PENA (Afonso) .....	136	Q	
PENA (Belisário) .....	288	QUAIN (Buell) .....	347
PENTEADO (Manuel Joaquim		QUOY 225, .....	260
Leite) .....	219		
PENTHER (A.) .....	282	R	
PEREIRA (Diogo Fernandes) .	45	RADAX (Jorge) .....	282
PEREIRA CALDAS (João) 99,		RADDI (José) .....	229
121, 217, .....	218	RAELEGH (Walter) .....	53
PEREIRA DA CUNHA (Luis) ..	220	RANDLE .....	247
PEREIRA COUTINHO (Francis-		RATH (Carlos) .....	172
co) 213, .....	215	RATHBUN (Maria) .....	291
PEREZ (Francisco Cebrero) .	97	RATHBUN (Richard) 180, 181,	184
PERIGOT .....	172	RAY .....	258
PÉRON .....	251	REDI .....	202
PERROT (Luis) .....	320	REGNELL (André Frederico)	243
PERTY .....	267	REINHARDT .....	309
PESSEK .....	179	REINISCH (Henrique) 142,	
PETIT THOUARS .....	226	143, .....	285
PETRULLO (Vicente) .....	346	REIN (James) .....	291
PEYER (Berhard) .....	291	REIS (Tomás) .....	197
PICANÇO (José Correia) ....	213	REISER (Otmar) 282, ....	291
PISO (Guilherme) 200, 201, .	256	REQUENA (Francisco) 121, ..	133
PILGER (Roberto) 244, ....	247	REZENDE (Garcia) .....	20
PILGRIM .....	251	RIBEIRO (Alipio) 139, 210,	
PILZER (Roberto) .....	230	259, 260, .....	281
PIMENTEL (Antonio de Aze-		RIBEIRO (Diogo) 52, ....	58
vedo) .....	242	RIBEIRO (João) .....	29
PINA (Simão) .....	26	RIBEIRO (José Antonio) ...	102
PINA (Vasco Anes) .....	26	RIBEIRO (Samuel) .....	334
PINK (Julius) .....	122	RIBEIRO DA SILVA (João) ...	134
PINTO (João Soares) .....	134	RIBEIRO DE SAMPAIO (Fran-	
PINTO (Oliverio de Oliveira)		cisco) .....	134
30, 210, 264, .....	291	RIBEIRO (Duarte da Ponte) .	173
PINTO DA FONSECA (José) ..	290	RIBEIRO DE ANDRADA (Martim	
PIRENEUS DE SOUSA (Antonio)		Francisco) .....	191
1939, 285, .....	341	RICE (Hamilton) 334, ....	345
PIRES (Luis) .....	26	RICHARD .....	227
PINZON (Vicente Yañez) 22,		RIEDEL (Luis) 168, 231, ..	233
52, .....	110	RIO BRANCO 68, 69, 88, ....	129
PISANI (Domenego) 22, ....	29		
PISSIS (A.) 168, 170, ....	182		
PITHON (Bento) .....	77		
PIZARRO (Gonçalo) .....	113		

ROBERT (A.) .....	292	SANSON .....	285
ROBERTS (Guilherme Milnor)		SANTANA (Arnaldo Blake)	
150, .....	185	142, .....	285
ROCHA (Monteiro) .....	263	SANTANA (Lauriodo) 142, ..	143
ROCHA (Alphonse) .....	136	SANTAREM (Visconde) .....	220
RODRIGUES (Pero) .....	302	SANTARIUS (João) .....	282
RODRIGUES FERREIRA (Alexandre)		SANTSCHI .....	291
102, 212, 214-224, .....	259	SÃO LEOPOLDO .....	76
RODRIGUES PEREIRA (Renato)		SAUNDERS .....	294
94, .....	106	SCEVA (Jorge) 177, 274, ..	276
RODRIGUEZ (Manuel) .....	117	SCHANER 189, .....	262
ROIZ DE SÁ (João) .....	26	SCHERGER (Carlos) .....	239
ROMELL .....	243	SCHIEBER .....	176
RONDINELLI .....	37	SCHIRCH (Paulo) .....	287
RONDON (Candido Mariano)		SCHMIDT (Max) 328, 330, ..	332
91, 136, 142, 147, .....	327	SCHMIDT (Waldo) .....	291
ROOSEVELT (Kermit) .....	142	SCHMIDT .....	245
ROOSEVELT (Teodoro) .....	142	SCHNEIDER (Johan Gottlieb) .	210
ROQUETTE PINTO 139, 142, ..		SCHNOOR .....	189
220, 282, 289, 307, 308, ..		SCHOMBURGK (Ricardo) 105, ..	147
309, 310, 313, .....	329	SCHREINER (Carlos) 315, ..	326
RORIZ (Fernão) .....	17	SCHUEVS (W. L.) .....	248
ROS (Baltazar Garcia) .....	67	SCLATER .....	252
ROSA (Mário) .....	282	SCUDDER (Samuel) .....	279
RUBZOFF 229, .....	231	SEBAS .....	206
LA RUE (Carlos) .....	244	SELYS LONGCHAMPS (Walter)	
RUGENDAS (Maurício) .....	231	241, .....	280
		SELLOW (Franz) 165, 166, ..	167
		SEOANI (Guilherme) .....	129
		SERRA (Ricardo Franco de Almeida)	
		89 .....	89
		SERRANO (Jonatas) 47, .....	91
		SIGAUD (J. F.) .....	171
		SILVA (Aires Gomes) .....	26
		SILVA (Manuel Galvão) .....	212
		SILVA COUTINHO (João Martins)	
		276 .....	276
		SILVA PONTES (Antonio Pires)	
		89, 99, 101, .....	124
		SILVA SALGADO (Serafim) ..	125
		SIMON (Eugênio) .....	103
		SIQUEIRA (José Manuel) ..	214
		SIQUEIRA (Pedro da Costa) .	64
		SIQUEIRA (R.) .....	284
		SISTENA .....	105
		SKOTTSKY .....	243
		SMILL (H. L.) .....	191
		SMITH (Herbert) 179, 180, ..	325
		280, .....	325
		SMITH (S.) .....	280
		SNETHLAGE (Emilia) 280, 281, ..	289
		SNETHLAGE (Henrique) 294, ..	333
		328, .....	333
		SOARES (Francisco) 197, .....	202
		SOARES (Diogo) .....	68

## S

SÁ E FARIA (José Gustavo)	
77, 79, .....	81
SABOIA (J.) .....	120
SADOCK DE FREITAS (Amaury)	
95, .....	97
SAINTE-JOHN (Orestes) 175-	
177, .....	276
SAINTE-HILAIRE (Augusto), 227, ..	
228, 231, 261, .....	308
SAINTE-HILAIRE (Geoffroy) ..	221
SAINTE-HILAIRE (Isidoro Geoffroy)	
261, .....	270
SAINTE-PIERRE (Bernardin) ..	250
SAINTE-VINCENT (Bory) .....	226
SALDANHA (Antonio) .....	45
SALGADO (Serafim da Silva)	
130 .....	130
SAMPAIO (Alberto) 147, 208, ..	
228, 233, 237, 245, .....	250
SAMPAIO (Francisco Xavier)	
68, .....	98
SAMPAIO (Teodoro) 150, .....	170
SANDE (João) .....	53
SANKA (Miguel) .....	140

SOARES DE SOUSA (Gabriel)		TEIVE (Fernando da Costa	
148, 154, .....	156	Ataide) 93, .....	105
SOARES PINTO (João) 95, ..	134	TELES (Antonio Pires) .....	122
SODERINI (Pietro) .....	39	TELES (Tomás da Silva) ...	74
SOIDO (Antonio Claudio) ...	108	THAYER (Nataniel) 174, ...	274
SOLIS (João Dias) 46, 48,		THIELE .....	288
100, .....	301	THÉVET .....	302
SOLDAN (Paz) .....	125	TILESIUS .....	222
SOLEDADE (Ferando) .....	142	TOCANTINS (Gonçalves) 122,	
SOPER (Ralph) .....	191	145, .....	327
SOTOMAIOR (Antonio Alvares)	86	TOLDI (Carlos) .....	284
SOUSA (Bernardino) 46, ....	50	TOLEDO (André) .....	114
SOUSA (João) 51, .....	59	TONELI (Antonio) .....	337
SOUSA (Francisco) 148, ....	149	TORRES (Heloisa Alberto)..	210
SOUSA (Martim Afonso) ...	50	TOSCANELLI .....	17
SOUSA (Pero Lopes) 51, ...	252	TOURNEMOUCHE (Mathurin) .	50
SOUSA (Rui) .....	59	TOVAR (Sancho) .....	26
SOUSA BRASIL (Temistocles		TRAVASSOS (Lauro) 289.....	293
País) 106, .....	109	TRADWELL .....	291
SOUSA COUTINHO (Francisco)	80	TRINUIS .....	234
SOUSA LOPES (Hugo) .....	293	TROMBETTI (Alfredo).....	337
SPEISER (Felix) 333, .....	334		
SPINOLA .....	332	U	
SPIX (João Batista) 149, 160,		ULE (Ernesto) 152,.....	242
162, 229-231, 266, 267,	311	ULLOA (Antonio) .....	57
SPRUCE (Ricardo) 238, 239,	272		
STADEN (Hans) 197, .....	302	V	
STARLICH .....	243	VAL DE LIRIOS 74, 75 76.....	78
STARKS .....	291	VALENCIENNES .....	261
STAUNTON .....	179	VALE (Leonardo) .....	302
STEERE (J. B.) .....	316	VALLÉE (E. J. C.) .....	146
STEINDACHNER (Franz) 270,		VARRANDA (Atanásio) .....	77
279, 282-284, .....	291	VARELLA Y ULLOA (José) ..	82
STEIN (Carlos) 122, 136,		VANDELLI (Domingos) 214,	
145, 317- .....	322	216, .....	222
STRADELLI (Ermanno) .....	337	VARNHAGEN (Adolfo) 17, 42,	
STOLLE (Emil) .....	285	43, 45, 58, 148, .....	151
STRAUSS (Levi) .....	349	VARNHAGEN (Frederico Gui-	
STRINIKOFF .....	335	therme) .....	160
SUESS .....	192	VASCONCELOS (Carolina Mi-	
SWAINSON (Guilherme) 261,	265	chaelis) .....	28
SYLVEN .....	243	VASCONCELOS (João Mendes)	56
		VASCONCELOS (Simão) .....	305
T		VASCONCELOS (Domingos) ...	213
TANAJURA .....	139	VASCO DA GAMA .....	21
TAPIE (Pierre Marie) .....	328	VEEGENS (Daniel) 205, ...	208
TAUNAY (Amado Adriano) .	233	VEERE (Jacob) .....	66
TAUNAY (Afonso) 210, 213,	230	VEIGA (Pedro Vaz) .....	45
TAUNAY (Visconde) .....	312	VEIGA CARBAL 67, .....	83
TAVARES (Antonio Rapozo) .	64	VELHO (Bartolomeu) .....	53
TAYLOR .....	273	VELHO (Gonçalo) .....	16
TEIXEIRA (Duarte) .....	69	VELOSO (Conceição) 214,	
TEIXEIRA (Pedro) 93, 115,		222, .....	229
116, 198, .....	303	VELLARD (Jean) .....	293

VESPUCCI (Americo) 23, 27,	
VERTIZ (Juan José) .....	85
36, 39, 41, 42, 44...	301
VERISSIMO (José) 45, .....	327
VESPUCIO (João) .....	58
VIEIRA DA SILVA (Fernando)	219
VILALOBOS (Vicente dos	
Reis) .....	114
VILANOVA (Gil) 146, .....	327
VILARDEBÓ (Teodoro) .....	173
VILA REAL (Tomás de Sousa)	331
VILHENA (Melo) .....	139
VINET (Fernão) .....	42
VOGEL (Pedro) .....	320
VORRTIS (Adolfo) .....	204
VOLXEM (Camilo) .....	241

## W

WACHSMUND (Artur) .....	283
WAETZEN (Herman) 156,	
200, .....	270
WAGENER .....	184
WALCKENAER .....	82
WALLACE (Alfredo Russell)	
238, 252, .....	291
WALLIS .....	126
WANZA (Henrique) .....	239
WARD (Carlos) 177, 189,...	244
WATERTON (Carlos) .....	103
WEBER .....	161
WEDDELL (Hughes Algermon)	
171, 285, .....	237
WEIR (James) .....	248

WEISS 165, 166, .....	167
WELLS (James) .....	150
WERNER 163, .....	288
WHITE (David) .....	191
WIED (Maximiliano) 149, 165,	
239, 260, 261, 262, 263,	264
WILKENS DE MATOS .....	121
WILKS .....	316
WILLIAMS (Horácio) 190,	191
WILLUGBY .....	260
WILMOT .....	179
WINGE (Herluff) .....	169
WOODROFE (Artur) .....	132
WOODWARTH .....	189
WULLERSTORFF-AIRBAIR .....	239

## X

XIMENES .....	209
---------------	-----

## Y

YRIARTE .....	88
YTURRIAGA (José) .....	104

## Z

ZAHN .....	142
ZARCO (João Gonçalves) ...	15
ZAVALA (Francisco Bruno)..	77

★ *Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, rua dos Gusmões, 639, em novembro de 1941.*